

AILTON FERNANDO S. DE OLIVEIRA
MARCELO DE CASTRO HAIACHI

FUTEBOL

&

SEUS
CONTEXTOS





FUTEBOL & SEUS CONTEXTOS

AILTON FERNANDO S. DE OLIVEIRA
MARCELO DE CASTRO HAIACHI

 **TRIBO DA
ILHA**
EDITORA

Florianópolis, 2023

GOVERNO FEDERAL

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Luiz Inacio Lula da Silva

Ministro de Estado do Esporte
André Fufuca

Secretário Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor - SNFDT
José Luis Ferrarezi

MINISTÉRIO DO
ESPORTE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Reitor

Prof.Dr. Valter Juviniانو de Santana Filho

Vice-Reitor

Prof.Dr. Rosalvo Ferreira Santos

CENTRO DE CIENCIAS BIOLOGICA E DA SAÚDE - CCBS

Diretor

Prof. Dr. Adriano Antunes de Souza Araújo

Vice Diretor

Profª Dr. Valeria Maria Prado Barreto

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - DEF

Chefe

Prof. Dr. Marcos Bezerra de Almeida

Vice Chefe

Prof. Dr. Hamilcar Silveira Dantas Junior



Núcleo do Programa Academia & Futebol da UFS



INSTITUIÇÕES PARCEIRAS
Prefeitura Municipal de São Cristóvão
Prefeitura Municipal de Aracaju
Esporte Clube Delrey

Coordenador

Prof Dr. Ailton Fernando Santana de Oliveira - SCENARIOS/UFS

Coordenador Adjunto

Prof. Dr. Marcelo de Castro Haiachi - GPEOP/UFS

Professor Responsável

Prof. Esp. Marcelo Santos - SCENARIOS/UFS

Pesquisadores

Prof. Dr. Afranio de Andrade Bastos - NUPAFISE/UFS

Prof Dr. Cristiano Mezarroba

Prof. Dr. Randeantony da Conceição do Nascimento - SCENARIOS/UFS

Prof. Dr. Robélius di Bortoli - LADEC/UFS

Alunos Bolsistas e Voluntários

Andre Leon Lemos Pereira
Bruna Eduarda Santos Freitas
Clara Suzana Santana
Gabriel Jeronimo Santana
José Urquiza Neto
Marcos Lima Barbosa
Melquisedeque Correia Prata
Rafaela Santos Machado
Rayane de Aquino Nascimento
Rodolfo Fontes de Oliveira Filho
Tatiana da Silva Alcântara

Professores Voluntários

Alfredo de Oliveira Silva
Magno Bispo dos Santos
Pablo Rodrigo Santos Pinto

Conselho Editorial

Prof. Dr. Afranio de Andrade Bastos – UFS / BRA
Prof. Dr. Ailton Fernando Santana de Oliveira – UFS/BRA
Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppol Filho – UFRGS / BRA
Prof. Dr. Antonio Mussino – UNIROMA / ITA
Prof. Dr. Julio Brugnara Melo – PUC / CHI
Prof. Dr. Lamartine Pereira Da Costa – UERJ / BRA
Prof. Dr. Marcelo de Castro Haiachi – UFS / BRA
Prof. Dr. Robélius di Bortoli – UFS / BRA
Profa. Dra. Roberta Santos Kumakura – UFS / BRA
Prof. Dr. Vinícius Denardin Cardoso – UERR / BRA

Equipe de Revisão

Coordenação: Prof. Dra. Roberta Santos Kumakura – UFS / BRA

Revisores

Edijan Santos de Gois, José Ywgne Vieira do Nascimento, Larissa Gandarela Soares de Farias Rios Neves, Pedro Machado Menezes, Thiago Silva Sales (Discentes do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Sergipe).

NORMAS DE SUBMISSÃO DOS TRABALHOS

Todos os capítulos submetidos foram avaliados por ao menos dois revisores com experiência e competência profissional na respectiva área do trabalho e que emitiram parecer fundamentado, os quais serão utilizados pelos Organizadores para decidir sobre a aceitação do mesmo. Os critérios de avaliação dos artigos incluem: originalidade, contribuição para corpo de conhecimento da área, adequação metodológica, clareza e atualidade. Os capítulos aceitos para publicação poderão sofrer revisões editoriais para facilitar sua clareza e entendimento sem alterar seu conteúdo. Os artigos foram entregues no final de setembro de 2023.

Os capítulos desse livro são frutos das pesquisas desenvolvidas em diversos grupos, sendo de responsabilidade dos autores, não tendo os organizadores, nem a editora nenhuma responsabilidade sobre o conteúdo dos mesmos.

Este livro ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita da editora. Este livro segue as normas do acordo ortográfico da língua portuguesa de 1090, adotado no Brasil em 2009.

FUTEBOL & SEUS CONTEXTOS

1ª Edição

© Copyright by **Ailton Fernando Santana de Oliveira e Marcelo de Castro Haiachi**

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Rita Motta - Ed. Tribo da Ilha

F996 Futebol & seus contextos / Ailton Fernando S. de Oliveira, Marcelo de Castro Haiachi (organizadores). – 1. ed. – Florianópolis: Tribo da Ilha, 2023.

272 p. : il., graf. tabs.

ISBN: 978-65-86602-51-7

Inclui referências

1. Futebol – Brasil – História. 2. Futebol juvenil – Treinamento.
 3. Comunicação de massa e esportes. 4. Nacionalismo. 5. Futebol feminino.
 6. Racismo. 7. Discriminação nos esportes. 8. Futebol – Estudo e ensino.
- I. Oliveira, Ailton Fernando Santana de. II. Haiachi, Marcelo de Castro.

CDU: 796.33

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. É proibida a reprodução parcial ou integral desta obra, por quaisquer meios de difusão, inclusive pela internet, sem prévia autorização dos autores.



EDITORIA TRIBO DA ILHA
Rod. Virgílio Várzea, 1991 – S. Grande
Florianópolis-SC – CEP 88032-001
Fone: (48) 99122-3860
editoratribodailha@gmail.com
www.editoratribo.blogspot.com

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
---------------------	-----------

PREFÁCIO	13
-----------------	-----------

SEÇÃO 1

A CIÊNCIA DO ESPORTE NA COPA FIFA DE 1970	15
--	-----------

Ana Miragaya

Lamartine DaCosta

GESTÃO METODOLÓGICA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE JOVENS FUTEBOLISTAS	44
---	-----------

Vanessa Menezes Menegassi

Matheus de Oliveira Jaime

Bruna Felix Apoloni

Nicolau Melo de Souza

Vinicius Azevedo de Souza

PREPARANDO O CAMINHO DA EXCELÊNCIA: ORGANIZAÇÃO E PLANEJAMENTO DO TREINO NA PRÉ-TEMPORADA DO FUTEBOL DE ALTO RENDIMENTO	68
--	-----------

Antonio Carlos Gomes

Michael Douglas Celestino Bispo

Ronaldo Lins Meira

Estélio Henrique Martin Dantas

O FUTEBOL BRASILEIRO E O PAPEL DAS MÍDIAS SOCIAIS COMO ESTRATÉGIA DE CONSUMO: O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO	83
--	-----------

Silvestre Cirilo dos Santos Neto

Rômulo Meira Reis

Ary José Rocco Júnior – Usp

José Vicente Ambrósio

Virgílio Franceschi Neto

SEÇÃO 2

ALÉM DO CAMPO: O MUNDO DO FUTEBOL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	100
---	------------

Mário Antônio de Moura Simim

Francisco de Oliveira Dantas

O PAPEL SOCIAL DO FUTEBOL FEMININO NA UNIVERSIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	106
<i>Marcos Lima Barbosa</i>	
<i>Mabliny Thuany Gonzaga Santos</i>	
<i>Tatiana da Silva Alcântara</i>	
<i>Thayse Natacha Gomes</i>	
<i>Ailton Fernando Santana de Oliveira</i>	

PERCEÇÃO DOS ADOLESCENTES DO PROJETO ACADEMIA & FUTEBOL ACERCA DO FUTEBOL FEMININO	115
<i>Tatiana da Silva Alcântara</i>	
<i>Mabliny Thuany</i>	
<i>Marcos Lima Barbosa</i>	
<i>Douglas Vieira</i>	
<i>Thayse Natacha Gomes</i>	
<i>Ailton Fernando Santana de Oliveira</i>	

DESAFIOS DO FUTEBOL DE MULHERES EM RONDÔNIA	123
<i>Danúbia Daniela de Lima</i>	
<i>Iranira Geminiano de Melo</i>	
<i>Xênia de Castro Barbosa</i>	

RACISMO NO FUTEBOL: ABRE-SE UMA AGENDA DE PESQUISAS	138
<i>Beatriz de França Alves</i>	
<i>Cristiano Mezzaroba</i>	
<i>Daniel Machado da Conceição</i>	

SEÇÃO 3

FUTEBOL NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: O QUE SE ENSINA? O QUE SE APRENDE?	149
<i>David Romão Teixeira</i>	
<i>José Arlen Beltrão</i>	
<i>Murilo Moraes de Oliveira</i>	

O ENSINO E TREINO DO FUTEBOL POR MEIO DE JOGOS: REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	172
<i>Raul Victor Fernandes da Costa</i>	
<i>Gabriel Vighini Garozzi</i>	
<i>Rodrigo Azevedo Leitão</i>	
<i>Prospero Paoli</i>	
<i>Otávio Guimarães Tavares da Silva</i>	
<i>Rodrigo Aquino</i>	

INFLUÊNCIA DE DIFERENTES TAREFAS MOTORAS SOBRE ASPECTOS FÍSICOS E COGNITIVOS DE ATLETAS DE FUTEBOL E FUTSAL: UM ESTUDO PILOTO 196

*Leandro Henrique Albuquerque Brandão
Tiago Augusto Nunes Ribeiro
Wesclay José de Andrade Santos
Newton Benites Carvalho Lima
Ramon Bruno Travassos
Pablo Rodrigo Santos Pinto*

SEÇÃO 4

COMPARAÇÃO DOS GOLS REALIZADOS EM CINCO CAMPEONATOS CONTINENTAIS DE FUTEBOL 212

*Ian Bianchini Veiga
João Eduardo P. S. Junior
Júlia Barreira*

ANÁLISE DA CARREIRA ESPORTIVA E LESÃO DO LIGAMENTO CRUZADO ANTERIOR DE ATLETAS DE FUTSAL 226

*Ben Hur Soares
Adriano Pasqualotti
Rudy José Nodari Junior
Estélio Henrique Martins Dantas*

FUTEBOL 3 TEMPOS EM UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO EM PORTO ALEGRE, BRASIL 256

*Marcel Bica de Souza
Alberto Reinaldo Reppold Filho*



APRESENTAÇÃO

A nova realidade social contemporânea se caracteriza pelo desenvolvimento imerso em constantes transformações que vem acontecendo nos diferentes campos da atuação humana, como no tecnológico, na produção econômica, na cultura, na sociabilidade, na política, com reflexos imediatos no dia-a-dia das pessoas. Essas transformações são incontestáveis também no campo esportivo, em seus diversos aspectos, físico, psíquico e social.

Hoje, as diversidades de práticas esportivas, aqui trataremos do futebol, ganha um caráter hegemônico o que provoca, em relação aos meios de comunicação de massa um aspecto dominador e único. Torna um fenômeno esportivo, social e cultural relevante no mundo e em especial no Brasil. Movimenta milhões de pessoas, vultosos recursos financeiros e torna-se um desejo para muitos.

Assim, fomentar debates, conhecer suas práticas, simbolismos, valores e cultura, seu movimento e desenvolvimento, a partir de uma *práxis* como e sobre o futebol é condição *sine qua nom* para o esclarecimento acerca dos bens da cultura corporal. Especialmente em um *lócus* de promoção do saber como é a universidade.

Nesses termos, entendendo que o esforço de reduzir as desigualdades em suas diversas faces não ocorre de forma isolada, o Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (DEF/UFS) historicamente, no campo da pesquisa, ensino e extensão tem buscado parcerias com instituições que visem a promoção, inclusão e qualificação dos diversos atores sociais (professores, técnicos, atletas, estudantes, cidadãos). Assim, no ano de 2020 a Universidade Federal de Sergipe – UFS, através do Departamento e Educação Física – DEF, implantou um núcleo do Programa Academia & Futebol em convênio com o Ministério do Esporte através da Secretaria Nacional de Futebol e da Defesa dos Direitos do Torcedor e as Prefeituras de São Cristóvão e Aracaju, atendendo a 220 alunos de ambos os sexos, de escolas públicas municipais com e sem deficiência, localizadas em comunidade social e economicamente vulneráveis.

O Programa é desenvolvido em três pilares: Intervenção promovendo vivência dessas modalidades, contemplando os aspectos conceituais, procedimentais e atitudinais; a Pesquisa fomentando a produção científica sobre o futebol, nos aspectos, técnicos, táticos e sociais como violência no futebol; e Cursos e Evento Científico realizando cursos e eventos científicos com o objetivo de: qualificar, formar e ampliar o conhecimento técnico e científico sobre áreas e temas importante na atualidade para formação dos alunos, pais profissionais que trabalham na gestão e outras áreas do futebol.

Nesses termos, tendo como metodologia a gestão do conhecimento, é que nasce o livro Futebol & seus Contextos, com o objetivo de reunir informações relevantes que possam ser compartilhadas com os interessados e profissionais da área do futebol.

Prof Dr. Ailton Fernando Santana de Oliveira
Coordenador do Academia & Futebol DEF/UFS



PREFÁCIO

Eu nasci num bairro pobre, no bairro de Cavalcante, município do Rio de Janeiro, éramos doze filhos. Cinco casas depois da minha começava o morro do sereno.

A vida em comunidade não é nada fácil, recebemos um carimbo e a sociedade te diz fique aí e te darei algumas migalhas para que você não nos incomode. Essa discriminação sempre foi um motivo de aborrecimento e contraditoriamente de energia para mim.

Eu me recusava a aceitar o que me diziam, seu destino estava traçado, aceite-o. Me tornei um rebelde, mas ao contrário dos sem causa, eu tinha uma causa, rejeitar fortemente o carimbo que me colocaram ao nascer naquela localidade e sair e conhecer o mundo.

Santa rebeldia, eu crescia, jogava bola na rua e estudava. De alguma forma decidi dizer não a todos os rótulos que me colocavam. Tenho 1,67 e isso era visto com desdém pelos amigos e treinadores. Graças a essa rebeldia com causa, conheci 84 países, morei em sete deles, e, em 20 cidades e municípios diferentes.

Não são somente as mulheres que são discriminadas, os homens também, entretanto, elas serão mais ainda, especialmente se tiverem nascido em condições como a minha.

Nas décadas de 50-60-70-80, falar e ou promover ação que visasse diminuir ou acabar com qualquer tipo de discriminação era uma utopia. Quantos amigos perdi por esta falta de cuidados dos professores e educadores com a desigualdade de gênero, raça e social. Eles, alguns, se tornaram bandidos e perdidos na vida, foram presos, se suicidaram ou ainda vivem mendigando o pão de cada dia.

Essa minha rebeldia me fez decidir ser o educador, professor e técnico que nunca tive. Hoje, quando vejo um trabalho como futebol em três tempos, que compõem um dos capítulos deste livro, fico pensando se eu não seria, hoje, muito melhor do que sou e quantos amigos não estariam em diferentes condições de vida.

Quando vejo a universidade adentrar os meios esportivos, vejo que valeu a pena ser chamado de professor pardal tantas vezes pelos “doutores da mídia”.

Sempre achei e falei que a prática e a teoria deveriam andar coladas como irmãs siamesas. A prática sem teoria é a repetição de algo que vivenciamos e copiamos. A teoria sem a prática não passa de uma tentativa. As duas têm tudo para acelerar os processos de construção, manutenção e evolução de práticas e de praticantes.

Neste livro você que é somente prático achará uma bússola para ser mais eficiente em seus processos e você que é somente teórico encontrará ciência colocada em prática.

Vários segmentos ligados aos esportes como futebol e futsal serão abordados de forma comprovada e com testemunhos pertinentes.

Neste livro quando se aborda como elaborar um planejamento de atividades, você constata uma afirmação de um professor que tive na universidade federal do Rio de Janeiro, no meu curso de técnico de futebol, Prof. Célio Cidade na cadeira de futebol e planejamento de esporte do alto rendimento. “o japonês leva cinco meses planejando e em um mês executa o que pretende. O brasileiro faz em cinco dias o planejamento e leva anos para executar”.

Ele nos estimulava e cobrava um planejamento detalhado e embasado cientificamente.

Não somente leia o livro, mas anote, esse processo de ler e anotar traz mais aprendizado e fixação dos conteúdos.

Desejo a todos uma ótima leitura e parabênz aos organizadores e autores pela iniciativa.

Ciência e prática no futebol e nos esportes devem caminhar sempre juntos.

Viva com fair play.

Renê Simões

Prof Ed. Física e Técnico de Futebol



A CIÊNCIA DO ESPORTE NA COPA FIFA DE 1970

*Ana Miragaya^{1,3}
Lamartine DaCosta^{2,3}*

RESUMO

A história começou na década de 1950 com o desenvolvimento do Treinamento Intervalado na Alemanha, que é trazido para o Brasil por um treinador de atletismo e um fisiologista do exercício. Assim, novas descobertas são feitas a partir do efeito das altas temperaturas da cidade do Rio de Janeiro na formação de atletas de esportes militares nas pistas de atletismo da Escola de Educação Física do Exército, na Urca e logo em seguida para estudos inovadores de treinamento esportivo em altitude, com rica coleta de dados, quantificação e análise estatística. Com diversos trabalhos publicados na área, de renome nacional e internacional, tendo sido observador dos Jogos Olímpicos do México em 1968, o professor e cientista do esporte, Lamartine DaCosta, foi chamado pelo técnico da seleção brasileira de 1970, João Saldanha, para contribuir com a preparação dos jogadores para a Copa do Mundo nas altitudes do México. Desafio aceito em uma churrascaria no Rio de Janeiro, com planejamento feito em guardanapo de papel, e esquema montado para ser levado adiante pelos preparadores físicos da delegação brasileira à Cidade do México. Apesar da saída de João Saldanha do cargo de treinador, sendo substituído por Mário Zagallo, o planejamento baseado na Ciência do Desporto foi realizado com todas as indicações e recomendações que faziam parte do plano estratégico para lidar com os treinos e competições em altitude. A ciência se juntou ao talento dos atletas, que cumpriram rigorosamente as recomendações científicas e que trouxeram definitivamente a Copa Jules Rimet para o Brasil.

LA CIENCIA DEL DEPORTE EN LA COPA FIFA 1970

RESUMEN

La historia comenzó en la década de 1950 con el desarrollo del Entrenamiento por Intervalos en Alemania, que fue traído a Brasil por un entrenador de atletismo y un fisiólogo del ejercicio. Así, se realizan nuevos descubrimientos a partir del efecto de las altas temperaturas en la ciudad de Río de Janeiro en el entrenamiento de deportistas militares en las pistas de atletismo de la Escuela de Educación Física del Ejército, en Urca y poco después para estudios innovadores del entrenamiento deportivo. ... en altitud, con una rica recopilación de datos, cuantificación y análisis estadístico. Con varios trabajos publicados en el área, de renombre nacional e internacional, habiendo sido observador de los Juegos Olímpicos de México en 1968, el profesor y científico deportivo Lamartine DaCosta, fue llamado por el entrenador de la selección brasileña de 1970, João Saldanha, para contribuir con la preparación de los jugadores para el Mundial en las alturas de México. Reto aceptado en un asador de Río de Janeiro, con una planificación hecha en una servilleta de papel y un plan creado para ser ejecutado por los

¹ Universidade Estácio de Sá

² Universidade Estadual do Rio de Janeiro

³ Grupo de Estudos Olímpicos

preparadores físicos de la delegación brasileña en la Ciudad de México. A pesar de la salida de João Saldanha como entrenador, siendo reemplazado por Mário Zagallo, la planificación basada en Ciencias del Deporte fue realizada con todas las indicaciones y recomendaciones que formaban parte del plan estratégico para afrontar los entrenamientos y competiciones en altura. La ciencia se unió al talento de los atletas, que cumplieron estrictamente las recomendaciones científicas y trajeron definitivamente la Copa Jules Rimet a Brasil.

THE SCIENCE OF SPORT IN THE 1970 FIFA WORLD CUP

ABSTRACT

The success the Brazilian soccer team had in 1970 began in the 1950s with the development of the Interval Training method in Germany, which was brought to Brazil by an athletics coach and an exercise physiologist. Later on, new discoveries were made taking into consideration the effect of the high temperatures of the city of Rio de Janeiro on the training of military sports athletes on the athletics tracks of the Army Physical Education School, in Urca, and soon after that innovative studies of sports training at altitude were developed, with rich data collection, quantification of results and statistical analysis. With several papers published in the area, nationally and internationally known, having been an observer of the Olympic Games in Mexico in 1968, the professor and scientist of the sport, Lamartine DaCosta, was called by the coach of the Brazilian national team of 1970, João Saldanha, to contribute to the preparation of players for the World Cup in the altitudes of Mexico. Challenge accepted in a steakhouse in Rio de Janeiro, with planning made on a paper napkin, and scheme set up to be carried forward by the physical trainers of the Brazilian delegation to Mexico City. Despite the departure of João Saldanha from the position of coach, being replaced by Mário Zagallo, the planning based on Sports Science was carried out with all indications and recommendations that were part of the strategic plan to deal with training and competition at altitude. Science joined the talent of athletes, who strictly complied with scientific recommendations and who definitively brought the Jules Rimet Cup to Brazil.

INTRODUÇÃO

Quando se fala em mitos, segundo a literatura especializada, geralmente nos vêm à cabeça crenças comuns, estórias, narrativas sem fundamento científico ou objetivo. Os mitos podem estar relacionados à cultura de um povo e se utilizam de simbologia, podendo ter como objetivo a explicação de fatos que a ciência ainda não explica ou não explicava. E é justamente nessa área, mitos x ciência, que se situa o início de nosso texto, relacionando mito e ciência nos acontecimentos que marcaram a conquista da Copa do Mundo de Futebol FIFA de 1970 no México, quando o time do Brasil se sagrou tricampeão mundial de futebol masculino.

Nosso objetivo é recuperar do passado, fatos históricos, lições que sejam úteis para o Brasil atual. Trata-se, portanto, de um resgate da Copa Jules Rimet de 1970 de futebol, da qual o Brasil foi vencedor e cujos impactos marcaram gerações nos últimos cinquenta anos com repercussões até hoje. Além da vitória marcante nesta competição, no esporte mais importante do país, as discussões trazem à luz crenças que dominavam o futebol há cinco décadas, ou seja, mitos construídos, mas ainda sem as explicações conclusivas da ciência.

Partiram dessas tradições as dificuldades iniciais da preparação dos atletas brasileiros para os jogos nas alturas elevadas do México, país-sede da Copa de 1970. Entretanto, foram adotados ao longo da preparação, para vencer a altitude, protocolos científicos nunca antes vistos no futebol brasileiro. Como resultado,

conflitos de interesse se sucederam às inovações científicas aliadas a novos procedimentos de gestão do futebol. Inovações e decisões políticas surgiram em meio à preparação para as competições, e até lideradas pelo próprio Presidente da República da época, num enredo então pouco conhecido do público.

A Copa de Futebol de 1970 no México recebeu a Seleção Brasileira que vinha em estado de crise, porém os notáveis craques, as “feras do Saldanha”, que a formavam acabaram por aderir às rígidas exigências científicas e esta combinação de talentos com a ciência no futebol brasileiro, estranha até então, trouxe a vitória, desde sempre comemorada por todos nós.

Vamos entender como o Brasil conseguiu a sonhada conquista do tricampeonato de futebol da FIFA (*Fédération Internationale de Football Association* – Federação Internacional de Futebol) e a posse definitiva da Taça Jules Rimet.

A TRADIÇÃO INVENTADA

A Copa de 1970 ocorreu de 31 de maio a 21 de junho com partidas realizadas nas cidades de Guadalajara, León, Cidade do México, Puebla e Toluca. Dezesseis times nacionais foram qualificados para participar desta edição do campeonato, sendo nove do continente europeu (União Soviética, Bélgica, Itália, Suécia, Inglaterra, Romênia, Tchecoslováquia, Alemanha Ocidental e Bulgária) cinco das Américas (México, El Salvador, Uruguai, Brasil e Peru); um da Ásia (Israel) e um da África (Marrocos). Pelo sorteio o Brasil ficou no grupo de Guadalajara, juntamente com Romênia, Tchecoslováquia e, a campeã de 1966, a Inglaterra.

Foram jogos emocionantes com equipes muito fortes, como a da Itália e a da Alemanha Ocidental. Isso sem falar no time do Brasil, que para descontar o resultado ruim na Copa de 1966, quando foi eliminado logo na primeira fase, havia montado uma seleção repleta de craques como Pelé, Jairzinho, Tostão, Rivellino, Gérson, Clodoaldo, Piazza e Carlos Alberto Torres. A Seleção Brasileira venceu todos os jogos das eliminatórias e da Copa e foi considerada a mais eficiente de todos os tempos.

Brasil e Itália foram os protagonistas da final dessa Copa. O Brasil já havia mandado o Uruguai e o Peru para casa e a Itália havia despachado Alemanha Ocidental e México, sede da Copa. O Estádio Azteca na Cidade do México foi o palco dessa partida memorável em 21 de junho de 1970, quando a Seleção Brasileira derrotou a Itália com uma goleada de 4 a 1, depois de empate de 1 a 1 ao final do primeiro tempo, frente a um público de 108.000 pessoas no local e 90 milhões de brasileiros acompanhando pela televisão ou pelo rádio o brilhantismo do time do Brasil.

Além da empolgante vitória do Brasil, essa edição da Copa do Mundo da FIFA tornou-se inesquecível por alguns lances geniais do nosso Atleta do Século XX, Pelé, que não terminaram em gol, mas demonstraram seu futebol-arte. Um deles foi uma cabeçada de Pelé rumo ao gol, que foi defendida pelo goleiro inglês, Gordon Banks, que foi chamada de a “Defesa do Século”.

Outro lance sensacional foi o chute de antes do meio-de-campo contra o goleiro Viktor da Tchecoslováquia, que ficou conhecido como “O Gol que o Pelé

não Fez”. O 4 x 1 poderia ter sido 5 x1, pois Pelé ao ver o goleiro adiantado e a bola limpa à sua frente no círculo central, tentou um chute por cobertura, mas a bola passou rente à trave esquerda, tirando um “fino”.

Também não podemos nos esquecer do “drible de corpo”, contra o goleiro uruguaio Mazurkiewicz. Pelé deixou a bola passar por um lado do goleiro, pegou do outro lado e chutou cruzado. A bola foi para fora porque Pelé estava sem ângulo. Foi um lance tão genial que um relatório técnico da FIFA o explicou como um movimento executado de forma audaciosa, requerendo imensa habilidade, tempo, julgamento, velocidade e agilidade.

A conquista da Copa de 1970 consolidou o Brasil como o país do futebol, que era uma crença baseada no talento do jogador brasileiro, sua criatividade, sua arte de dissimular, sua elegância no jogar, como descreveu o antropólogo Roberto DaMatta (1982). Havia então um mito construído inicialmente por intelectuais nacionalistas ou engajados com a valorização da cultura brasileira. O exemplo mais destacado desse mito foi por Gilberto Freyre (1900-1987), sociólogo brasileiro, que em 1938, no *Diário de Pernambuco*, de acordo com Helal e Mostaro (2018), cunhou a denominação de “futebol mulato” para o que se praticava no Brasil. Freyre realçou e tornou históricas suas definições do jogador brasileiro de futebol: criatividade, espontaneidade e malícia.

Essa elaboração a respeito do futebol ocorreu na Era Vargas (ditadura de 1930-1945), e o exemplo de Gilberto Freyre não é isolado. Havia outros. Na realidade, criou-se uma ideologia de brasilidade durante esse período, que realçou muito o aspecto cultural e, de certa forma, provocou a adesão em massa dos intelectuais brasileiros. O futebol, portanto, era uma espécie de alegria do improviso e dos dribles.

Freyre cunhou outras expressões, como, por exemplo, “Brasil futebol-arte”. Inclusive, uma das primeiras vezes em que citou essa denominação, ele contrapôs o futebol-arte ao futebol científico dos europeus, dito claramente nos seus escritos. Já em 1947, o jornalista esportivo Mário Filho (1908-1966) fez incursões na sociologia e escreveu um livro famoso, “O Negro no Futebol Brasileiro”, com introdução escrita justamente por Gilberto Freyre. Em resumo, estamos diante de uma “tradição inventada”, que é algo definido pela sociologia dos nossos dias como norma de comportamento criada que se perpetua através da repetição, segundo o historiador Eric Hobsbawm (2012), e já há algum tempo bastante usada para interpretar situações do tipo que encontramos no futebol.

Ronaldo Helal, sociólogo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e prestigiado intérprete do futebol brasileiro, chama de nacionalismo cíclico o que ocorreria de quatro em quatro anos no Brasil, a partir de 1958, ano em que a Seleção Brasileira se sagrou campeã de sua primeira Copa FIFA. Helal viu o futebol como elemento de patriotismo que mobilizava e unificava o país a cada quatro anos.

Em paralelo, precisamos adicionar a essas circunstâncias que a mídia sempre reforçou a mitologia do futebol brasileiro. Então, havia uma ponte, uma conexão entre o que os intelectuais desenvolveram, seus conceitos, suas tradições inventadas e a mídia, que sempre reforçou essa mitologia.

PROTAGONISTAS DA TRADIÇÃO INVENTADA

Ao falar de mitologia do futebol brasileiro e do futebol-arte, temos que mencionar Garrincha (Manoel Francisco dos Santos, 1933-1983) e Pelé (Edson Arantes do Nascimento, 1940-2022), jogadores de maior destaque nas Copas de 1958 e 1962, sempre reforçados pela mídia, que acompanhava a trajetória, naquela época, vitoriosa, dos dois ídolos do futebol.

O Mané Garrincha ficou famoso por seus dribles desconcertantes. Foi considerado por muitos como o melhor ponta direita e o mais habilidoso driblador da história do futebol por conta de suas características físicas e seu jeito único com a bola. Na realidade, Garrincha era portador de vários problemas congênitos, como o estrabismo, desequilíbrio pélvico, sua perna direita era seis centímetros mais curta que a esquerda, seu joelho direito era valgo e o esquerdo era varo. Essas duas últimas características lhe renderam o apelido de “O Anjo de Pernas Tortas”. Ele foi o principal jogador brasileiro da Copa de 1962, depois que Pelé se contundiu, e se transformou no melhor jogador daquela Seleção Brasileira. Ele foi o primeiro a conquistar a Bola de Ouro (troféu de melhor jogador da competição), a Chuteira de Ouro (melhor artilheiro), pois havia marcado quatro gols e dado assistência para mais dois, além do troféu da Copa do Mundo. A Copa de 1962 também ficou conhecida como “A Copa do Garrincha”. Tornou-se figura lendária, o que reforçava ainda mais o chamado futebol-arte do Brasil.

Pelé, em especial, foi presença fundamental na seleção de 1970, a de maior renome desde sempre e amplamente reconhecida em termos internacionais. Eleito o “Atleta do Século XX”, jogador de destreza e visão de espaço excepcionais, constituiu a culminância do futebol-arte brasileiro, Pelé encantou o planeta com seu futebol eletrizante.

Segundo Miragaya e colaboradores, no Atlas do Esporte no Brasil, de 2005, Pelé é o único jogador a sagrar-se três vezes Campeão Mundial, o maior artilheiro da Seleção Brasileira de todos os tempos com 95 gols em 115 partidas. No mundial de 1958, na Suécia, com apenas 17 anos, Pelé se transformou no jogador mais jovem a ganhar uma Copa do Mundo: marcou dois gols na grande final contra os donos da casa, que a Seleção Brasileira derrotou por 5 a 2. Em toda a sua carreira, Pelé conquistou 59 títulos sendo que 31 de caráter oficial.

Ainda de acordo com os mesmos autores, no Atlas do Esporte no Brasil (2005), Pelé foi o atleta completo em seu treinamento: era o primeiro a chegar e o último a sair do campo, mas nunca foi unânime em nenhuma determinada habilidade física ligada ao futebol. Muito pelo contrário, ele foi incontestavelmente o único jogador de futebol que reunia em si todas as habilidades necessárias ao desempenho de excelência nesse esporte, pois chutava com qualquer pé, cabeceava, lançava, batia faltas, escanteios, efetuava a marcação. Isso tudo somado a uma fantástica explosão muscular, agilidade, velocidade, e visão periférica superior à dos humanos “normais” que, associada ao seu famoso golpe de vista, tornava seus olhos em “olhos de lince”. Seu domínio de bola e passes perfeitos são até hoje estudados e apreciados. Pelé construiu sua própria história e também se tornou uma lenda.

Juntos, Pelé e Garrincha, esportistas inigualáveis e excepcionais jogadores de futebol que se encontraram em duas Copas do Mundo de Futebol, consolidaram a mitologia do futebol brasileiro e contribuíram para o chamado “futebol-arte” corroborando para a tradição inventada. Esta poderia até ser uma inovação em termos de ficção, mas a realidade da ciência já havia batido às portas do treinamento esportivo havia várias décadas e estava chegando ao futebol (Tubino e DaCosta, 2005; Miragaya, 2005).

A CIÊNCIA ENTRA EM CAMPO

Em plena era do futebol-arte, chegamos à Copa de 1970 com um desafio até então nunca enfrentado pela Seleção Brasileira de futebol: participar de competições acima dos 2.000m de altitude. Que problemas poderiam enfrentar? Como lidar com a conseqüente redução de mobilidade dos jogadores naquela altitude?

As limitações impostas pelas terras altas do México já tinham sido antes enfrentadas por 81 atletas brasileiros de diversos esportes que tinham participado dos Jogos Olímpicos de 1968 na Cidade do México, a 2.240 metros do nível do mar. Eram muitos os desafios que talvez a cultura da criatividade, das lendas do futebol e da dita “malandragem” do jogador de futebol brasileiro talvez não fossem dar conta. Elas se contrapunham à disciplina, à rotina de treinamento intenso e muitas vezes aborrecido e monótono. Será que o futebol-arte brasileiro com suas lendas e jogadores criativos iriam trazer a Jules Rimet definitivamente para o Brasil? Será que daria certo?

Os desafios de 1968 tiveram um cientista brasileiro, Lamartine Pereira DaCosta, oficial militar da Marinha do Brasil e professor de Educação Física formado na Escola de Educação Física do Exército, estudioso do clima e da altitude, que havia publicado dois livros em 1967 com protocolos científicos para adaptações da performance atlética aos altiplanos do México.

O primeiro livro, “A Atividade Desportiva nos Climas Tropicais e uma Solução Experimental: o *Altitude Training*”, mostrava as descobertas que eram resultado do aperfeiçoamento de conhecimento de base que vinha de outros países que já desenvolviam experiências científicas nessa área e os achados de Lamartine em suas experiências de campo com atletas militares. O avanço dos procedimentos adotados nas pesquisas reportadas no mencionado livro foi devido ao auxílio de um computador na área do esporte já naquela época. Foi a primeira vez que um pesquisador brasileiro utilizou um computador para processar dados empíricos coletados em experiências de campo. A máquina, de grande porte, pertencente ao Ministério da Marinha para experiências, foi cedida a ele para processar os dados que haviam sido obtidos e que seriam analisados e comparados com os registros climáticos diários, apoiando análises estatísticas.

O segundo livro sobre pesquisas em altitude, também publicado por Lamartine Pereira DaCosta, apresentou sugestões para a aclimação e treinamento de atletas brasileiros de diferentes esportes e modalidades visando os Jogos Olímpicos do México, que ocorreriam no ano seguinte, uma vez que o Brasil enviaria 81 atletas. O livro, “Planejamento México”, foi chancelado pela então Divisão de Educação Física-DEF do Ministério de Educação e Cultura (MEC), que também

financiou a viagem e a estadia de Lamartine DaCosta no México, quando ele integrou o grupo de cientistas observadores internacionais das condições de desempenhos atléticos em altitudes elevadas. O “Planejamento México” se fez na realidade e preliminarmente na medida em que houve adequação e ajustamento do protocolo de *Altitude Training* para atender as necessidades de aclimação e contextualização dos atletas brasileiros à altitude da cidade do México. Isso incluiu também uma série de ajustes com relação às competições em grandes altitudes no sentido de prevenir consequências da progressiva queda de pressão parcial de oxigênio no desempenho esportivo, de acordo com Marcos Santoro, no Atlas do Esporte no Brasil (2005).

De acordo com Lamartine DaCosta, as pesquisas sobre altitude foram desenvolvidas a partir de seus estudos sobre a influência da temperatura ambiental no treinamento de atletas militares e também na competição esportiva, especialmente com relação ao *interval training*.

No final da década de 1950, enquanto cursava a Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), Lamartine DaCosta teve como mentor o professor Jayr Jordão Ramos (1907-1980), oficial do exército e professor da EsEFEx, que na época era um dos balizadores dos rumos da Educação Física no Brasil. Assim que foi nomeado em 1935 como instrutor da EsEFEx, depois de ter recebido menção honrosa enquanto aluno, o prof. Jayr Ramos foi transferido para o curso da Escola Superior de Educação Física de Joinville-Le-Pont, na França, o que lhe deu oportunidades para atuar em novas áreas da Educação Física. Assim o prof. Jayr Ramos ao retornar ao Brasil, e a partir dos anos de 1940, se tornou nome importante na Educação Física, com publicação de várias obras, e posteriormente também na temática da Ciência do Esporte, área emergente no Brasil dos anos 1950 e 1960 (Toponimiainsulana, 2020).

Jayr Jordão Ramos afirmava, a partir de seus estudos, que atletas brasileiros que tinham a corrida como sua área de competição principal sempre apresentavam baixo rendimento devido às altas temperaturas no Brasil, por ser um país tropical. Muitas vezes, em seus treinamentos, os atletas deveriam fazer 40 tiros de 200m em alta temperatura, o que levava a resultados aquém do que se poderia desejar para competições.

Como o prof. Jayr Ramos, Lamartine DaCosta também tinha como interesse principal a Ciência do Esporte, especialmente depois que Woldemar Gerschler e Herbert Reidell, cientistas alemães, desenvolvedores do *Interval Training*, palestraram na Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), na Urca, em 1959. Diferentemente de Jayr Ramos, Lamartine DaCosta nunca foi professor da EsEFEx, tanto é que depois de se formar por lá, ele retornou à Marinha, sua origem, para ser, em seguida, mobilizado para a reativação do CEM (Centro de Esportes da Marinha), local onde ele conseguiu todos os meios das pesquisas que realizou, entre 1961-1965, convidado pela profa. Maria Lenk, que deu início aos trabalhos no CEM (DACOSTA, 2021).

Lamartine DaCosta, então, a partir de 1961, em vista do que lhe havia sido exposto em termos da nascente Ciência do Esporte, se concentrou nos estudos sobre temperatura no meio ambiente tropical, especialmente após a competição

internacional de Pentatlo Militar (tiro, natação utilitária com obstáculos, corrida através do campo, lançamento de granadas e corrida em pista de obstáculos) que havia ocorrido em 1960, no Rio de Janeiro. Era preciso descobrir novas formas de lidar com o problema da temperatura ambiente. Na época, Lamartine DaCosta treinava atletas militares que competiam em campeonatos nacionais e internacionais. Era necessário abaixar a temperatura ambiente durante os treinamentos para que se atingissem melhores resultados nas repetições de esforço no *Interval Training*. Mas como fazer isso? Lamartine pensou em alterar os locais de treinamento já a partir de 1961. Quem sabe teria mais sucesso? Lembrou-se da floresta da Tijuca e começou a levar os atletas para o alto das elevações naquele local porque nas subidas a temperatura era mais amena. Com isso, os atletas começaram a responder melhor, a fazer tiros mais longos durante seu treinamento no nível do mar, a ficar mais satisfeitos com seu progresso e a comentar que começavam a ter mais sucesso na altitude do que nas pistas junto ao mar, como aquelas da EsEFEx, na Urca.

Da Tijuca, os atletas militares foram para as Agulhas Negras, em Resende, onde a altitude chegava quase a 2.000 metros. Naquele estágio, Lamartine DaCosta se concentrava na área quantitativa e foi justamente no período de 1961 a 1963 que a influência da temperatura no exercício foi quantificada. A partir daí foi concluído que o uso da altitude beneficiaria os atletas em seu treinamento quanto às temperaturas, ou seja, a altitude seria um fator para contornar o problema da temperatura do meio ambiente nos treinos à medida que quanto mais alto o trajeto, mais baixa a temperatura. Foi também demonstrado nesses estudos que quando os atletas desciam da altitude eles ganhavam um “plus” para suas competições ao nível do mar, já que tinham aumento no número dos glóbulos vermelhos como resultado da adaptação do organismo à altitude, aumentando com isso a capacidade de transportar o oxigênio no sangue, melhorando sua performance aeróbica. Todos esses estudos foram quantificados e os trabalhos publicados naquele período. Surgia então o protocolo *Altitude Training*, posteriormente transformado em livro, conforme já mencionado.

Com os resultados positivos dessas experiências, Lamartine DaCosta buscou informações a partir da Sociedade Internacional de Biometeorologia (*International Society of Biometeorology*), com sede na Holanda. Esta entidade lidava com o clima de uma forma geral.

Lamartine DaCosta teve então acesso à literatura científica relacionada ao clima e à altitude e também aos grandes cientistas que pesquisavam na área da Biometeorologia na época. Lamartine tornou-se um dos primeiros cientistas latino-americanos a pesquisar o tema da Biometeorologia e nela o primeiro a focalizar as Atividades Físicas, sendo que seu livro *Altitude Training*, publicado em 1967, continha praticamente a literatura daquele tempo sobre o assunto. Ele mantinha correspondência e contatos com os cientistas internacionais que faziam pesquisas nessa área, sendo também o primeiro professor de Educação Física do Brasil a pertencer a uma sociedade científica internacional, já que havia sido convidado a integrar os quadros da entidade a partir de suas publicações inicialmente em português e, posteriormente, em inglês.

Por seu trabalho atualizado e bem documentado, Lamartine DaCosta recebeu um prêmio honorífico do Conselho Internacional do Esporte Militar – CISM, que reconheceu por votação dos seus 36 países filiados o valor de seu trabalho.

TREINAMENTO NA ALTITUDE

Em termos de inovação, a constatação de maior significado prático consistiu no manejo da altitude para melhorar a performance. Isso havia dado origem ao protocolo *Altitude Training*, publicado no já mencionado livro “A Atividade Desportiva nos Climas Tropicais e uma Solução Experimental: o *Altitude Training*”, que havia superado o entendimento da altitude como um fator negativo para atividade física.

Esse método, desenvolvido por Lamartine DaCosta, sobre o efeito do calor e da irradiação solar no desempenho de atletas, em determinadas horas do dia, observava como as temperaturas variavam de acordo com as altitudes quando os participantes do treinamento faziam exercícios físicos em montanhas do Rio de Janeiro e de Resende. É importante mencionar que o professor Lamartine DaCosta implementou o *Altitude Training* no treinamento de 10 atletas da equipe nacional de Pentatlo Militar na década de 1960, que se tornaram campeões mundiais por equipe em 1965, na Holanda, com seis atletas do grupo experimental do *Altitude Training*. Eles venceram a prova de cross-country de 8 km, resultado jamais alcançado em provas internacionais de longa distância por atletas brasileiros. Essa era, na prática, a comprovação da eficácia e do sucesso do novo método de treinamento, inovação na época.

É essencial lembrar que ao longo do período de pesquisa científica de campo conduzida por Lamartine DaCosta, entre 1961 e 1963, verificou-se, estatisticamente, que “o gradiente altitude tinha mais efeito sobre a qualidade física da resistência do que a temperatura, em condições opostas: ao passo que a elevação da temperatura reduzia, a subida gradual da altitude aumentava a resistência dos atletas a posteriori” (Santoro, 2005). Essa foi a origem do método científico desenvolvido, que veio então a explorar a melhoria progressiva da resistência por meio de repetições de esforços em altitudes variadas. *Altitude Training* é uma expressão em inglês que quer dizer treinamento na altitude. O nome foi escolhido seguindo padrões da época, especialmente, visando a publicações científicas internacionais da nova metodologia. Isso aconteceu, logo em seguida, com os resultados dos estudos publicados em revistas científicas e livros no Brasil e no exterior.

Com a vitória do time brasileiro de Pentatlo Militar na Holanda, em 1965, Lamartine DaCosta elaborou um manual do protocolo desenvolvido em língua inglesa a partir de suas pesquisas científicas com os atletas militares e o enviou à Academia do Conselho Internacional do Esporte Militar (*Académie du Conseil International du Sport Militaire – ACISM*), com sede na Bélgica, que publicou em brochura sobre o *Altitude Training* em 1967 (Dacosta, 2016). É relevante mencionar que a referida instituição, fundada em 1957, tinha bastante interesse no assunto e havia inclusive publicado estudos e pesquisas sobre a altitude, em

1965, em sua revista, *Sport International* nº 26, considerando a realização dos Jogos Olímpicos do México em 1968 (Dacosta, 2016)

Lamartine DaCosta continuou seus estudos e, em 1967, publicou o livro “Planejamento México”. Essa obra consistia na prática do *Altitude Training* com os ajustes necessários à adaptação do atleta brasileiro à nova situação de aclimação e de competição em altitude no México, uma importante inovação para a época.

É importante observar que o conhecimento científico desenvolvido no Brasil com relação ao esforço físico em altitudes foi o ponto de sustentação para solucionar o problema a ser enfrentado pelos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos do México, em 1968, e dois anos depois, também, dos jogadores na Copa do Mundo de 1970, contornando dessa forma as crenças de invencibilidade dos craques brasileiros, então, dominante no futebol-arte e na criatividade dos ditos craques da época.

O livro “Planejamento México”, que não foi comercializado, representou tanto para a nascente Ciência do Esporte, que logo após seu lançamento, serviu como uma das bases para o curso Ciência do Treinamento Desportivo, com duração de um mês no Ministério da Educação, sede do Rio de Janeiro. O autor, Lamartine DaCosta, contribuiu com aulas e palestras sobre o assunto. Exemplares do livro principal de base – “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo” (1968) – foram distribuídos a todos os alunos da turma, que compreendia representantes de todas as faculdades de Educação Física do Brasil (em 1967, totalizavam 30 entidades), alunos da própria EsEFEx, além de outros professores, como, por exemplo, o professor de Educação Física e capitão do Exército, Cláudio Coutinho, que viria a ser, mais tarde, preparador físico da Seleção Brasileira na Copa de 1970. Já se observa aí o início da conexão da ciência com a futura preparação para a Copa do Mundo.

O objetivo desse curso foi justamente apresentar o treinamento esportivo dentro de uma dimensão científica, defasada em nosso país, e introduzi-lo como disciplina a ser oferecida nas faculdades de Educação Física, uma vez que havia um descompasso entre o que era praticado no Brasil e o que ocorria no exterior, conforme relato do professor Lamartine DaCosta, que mantinha correspondência e contatos pessoais com cientistas de centros mais avançados em outros países.

O livro “Planejamento México” continuou a brilhar em 1968, pelo suporte que deu aos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos do México, estampado em notícias veiculadas nos jornais e revistas. Com isso, Lamartine DaCosta, que já havia tido em 1967, publicação pela ACISM, foi convidado dessa vez a fazer parte dessa organização transnacional, que tinha como objetivo o intercâmbio entre pesquisadores do esporte, militares e civis. A ACISM também promovia cursos e congressos em vários países, na época, focando no treinamento esportivo. Ela congregava estudiosos e pesquisadores do esporte na área científica internacional, como o médico cardiologista Kenneth Cooper, naquela data, major da Força Aérea americana. Em 1968, com participantes de 28 países, houve um simpósio da ACISM na França, no qual Kenneth Cooper participou com o trabalho “*The Military Methods of Physical and Sports Training*” (“Os Métodos Militares de

Treinamento Físico e Esportivo”), que apresentou sua pesquisa científica com oficiais da Força Aérea dos Estados Unidos (Dacosta, 2016).

Como Lamartine DaCosta, Kenneth Cooper também estudou o efeito do exercício no corpo humano durante a década de 1960, observando o processo do treinamento esportivo como ciência. Cooper desenvolveu um teste simples para verificar o nível de condicionamento físico de membros da Força Aérea americana, o famoso “teste de Cooper”, que consistiu originalmente na distância máxima corrida por um indivíduo durante 12 minutos, que se correlacionava, naquele período, com o conceito existente de $VO_2\text{máx}$. Cooper foi pioneiro em apreçoar os benefícios do exercício aeróbico para manutenção e melhora da saúde e do sistema cardiovascular, publicados em seu livro “*Aerobics*”, lançado também em 1968.

Enquanto o “*Altitude Training*” de Lamartine DaCosta foi proposto como treinamento das capacidades físicas em nível superior à altitude do local da competição visando à aquisição de *endurance* por meio da redução da pressão parcial de oxigênio, o chamado “*One Program of Physical Conditioning*” (“Um programa de Condicionamento Físico”), de Kenneth Cooper, se apoiou nos treinamentos de longa duração e no respectivo acompanhamento das reações individuais por meio de um teste padronizado, que foi posteriormente utilizado na preparação física dos jogadores da Seleção Brasileira.

O Relatório Oficial da FIFA (1972) mostra com bastante clareza a inovação e a cientificidade da metodologia utilizada pelos treinadores brasileiros, todos profissionais de Educação Física: Cláudio Coutinho (1939-1981), Admildo Chirol (1934 – 1998) e Carlos Alberto Parreira (1943). Coutinho foi quem trouxe e adotou o método Cooper para o treinamento dos jogadores. Ele media tudo, consumo de oxigênio, adaptações físicas dos jogadores à altitude e ao calor, força, resistência, e muito mais. Os atletas iriam fazer mais treino físico de longa distância, colocando a preparação física com um dos pontos altos daquele time, o melhor da competição, ganhando os jogos sempre no segundo tempo.

O ALGORITMO

Baseado na ciência e dando continuidade aos seus estudos e à sua proposta de inserir o treinamento esportivo dentro de uma abordagem científica e incluí-lo como disciplina nas faculdades de Educação Física, em julho de 1968, o professor Lamartine DaCosta publicou o livro técnico coletivo, intitulado “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo”. Essa obra, além de ser uma inovação para a época, foi essencial para o desenvolvimento da Ciência do Esporte no Brasil, e até hoje é referenciada por profissionais e pesquisadores do esporte. A publicação seria um passo fundamental para o treinamento esportivo alcançar o status de prática científica no país.

A determinação do professor Lamartine DaCosta estava respaldada em suas pesquisas científicas, publicações nacionais e internacionais, inclusive com o seu pioneirismo como primeiro autor brasileiro a publicar em língua inglesa. Essa obra inovadora, primeiro livro coletivo da Educação Física a ser organizado no Brasil, com 351 páginas e 23 capítulos, “seguiu com rigor os padrões de elaboração de

trabalhos científicos – identificação nominal de fontes em confronto com as contribuições práticas e teóricas do autor do texto – algo ainda raro entre os profissionais e acadêmicos da área de conhecimento em questão” (DACOSTA, 2021). A publicação integrava pela primeira vez médicos (5) e professores de Educação Física (4).

O livro se referia às seguintes áreas e campos de atuação:

- a. Informação Físio-cinesiológica básica, com os pesquisadores Dr. Maurício Rocha (1917-2011), na época regente de Fisiologia Aplicada da Escola Nacional de Educação Física e Desportos; Dr. José Fracarolli, professor adjunto de Cinesiologia Aplicada da Escola Nacional de Educação Física e Desportos.
- b. Metodologia da Força, com o Dr. Luiz dos Santos, fisiatra do Hospital Barata Ribeiro e a profa. Maria Lenk (1915-2007), diretora da Escola Nacional de Educação Física e Desportos; Metodologia de Resistência e Endurance, com o professor de Educação Física Lamartine DaCosta; Metodologia da Velocidade, com o prof. Mario Ribeiro Cantarino Filho (1931-2012) da Escola de Educação Física do Espírito Santo.
- c. Controle do treinamento, com o Dr. José Rizzo Pinto, do Fluminense F. C. do Rio de Janeiro e Seleção de Futebol Amador da CBD; Preparação Psicológica, com o prof. Athaide Ribeiro, da Sociedade Internacional de Psicologia Desportiva e psicólogo do ISOP; Alimentação do atleta, com o prof. Marcelo Benjamin de Viveiros, Diretor do Grupo “Força e Saúde”.

Como se observa, a distribuição de temas foi capaz de atender tanto às abordagens de base da Fisiologia do Esforço (nomenclatura da época) como aos procedimentos metodológicos do treinamento físico-esportivo. Por seu turno, a escolha dos nove autores deveria seguir o critério de experiência prática em campo de modo a representar uma produção nacional diante de referências e não “cópias” do exterior. Em outras palavras, a proposta de organização do novo livro inseria-se claramente no ideário de renovação do esporte brasileiro” (DACOSTA, 2021).

Essa obra apresentou pela primeira vez um algoritmo que pudesse trazer solução para problemas do treinamento esportivo, apresentando uma determinada sequência de raciocínios, instruções ou operações para que objetivos fossem alcançados, como, por exemplo, produzir planos de trabalho para treinadores.

Esse algoritmo incluía unidades básicas e também desenvolvimento integrado: apresentação, definições e generalidades (histórico e evolução, fundamentos, escolas e métodos) princípios fundamentais (carga, intervalo e progressão; individualidade do treinamento); qualidades físicas essenciais (resistência-endurance, velocidade, coordenação, descontração, força); informação fisio-cinesiológica básica (sistema cardiorrespiratório, sistema nervoso, cinesio-fisiologia muscular e o fenômeno da fadiga); metodologia do treinamento (obtenção da resistência-endurance, aperfeiçoamento da velocidade, melhoria da coordenação descontração, obtenção da força); planejamento e condução (programação do treinamento, controle do treinamento, preparação psicológica, alimentação do atleta) (Dacosta, 1968).

O grupo de autores era, na realidade, formado por experimentadores práticos que teorizaram sobre as Atividades Físicas de modo pioneiro e que se tornaram ícones da Ciência do Esporte posteriormente. A menção desse livro coletivo de 1968 com respeito à renovação da Ciência do Esporte deve-se ao fato de que a sistematização do treinamento esportivo influenciou, com intermediação de Lamartine DaCosta, o treinamento físico dos jogadores da Seleção Brasileira de 1970, ou seja, inovação com base em ciência.

Com isso verifica-se justamente a credibilidade alcançada pela nascente Ciência do Esporte na Educação Física, no treinamento esportivo de atletas e também na iniciativa de se implementar disciplina científica no currículo das faculdades de Educação Física de modo a fazer com que a ciência avançasse e beneficiasse futuros profissionais, colocando-os no mesmo nível que os dos centros internacionais mais avançados, permitindo pesquisas e aprimorando os conhecimentos. Nessas circunstâncias, foi natural a aproximação dos responsáveis pela Seleção Brasileira de futebol de 1970, no Brasil, para com esse especialista, Lamartine DaCosta, já possuidor de renome internacional.

Esta base de apoio para a Seleção Brasileira foi mobilizada pelo então treinador de futebol, João Saldanha, uma vez que Lamartine DaCosta, considerado como um pesquisador da área da Biometeorologia, já lidava com o treinamento físico em altitudes, desde 1961. Nove anos antes da Copa de 1970, portanto, já se buscavam soluções para a melhoria de performance em regiões de clima tropical, encontrando-se finalmente resultados positivos ao se manejar com o fator altitude em ambientes quentes e úmidos.

O objetivo principal do cientista do esporte Lamartine DaCosta com suas descobertas científicas no campo do treinamento esportivo, e suas consequentes publicações, foi melhorar a capacidade física dos atletas em geral, mas terminou por renovar o futebol brasileiro, ao impor bases científicas às novas formas de treinamento físico. Até então, o empirismo, o casuísmo e o mito da superioridade atlética do jogador brasileiro em sua preparação física prevaleciam no esporte mais popular do país, conforme realçou Marcos Santoro (2005).

CIÊNCIA E TRADIÇÃO: LAMARTINE DACOSTA E JOÃO SALDANHA

Em seu texto “Operação México – 70”, publicado pelo Jornal do Brasil em 22 de abril de 1983, rememorando a Copa de 1970, João Saldanha, sabendo do valor da ciência e sua vital importância para o Mundial da FIFA no México, na pressa para encontrar o especialista de renome internacional e com conhecimento em treinamento na altitude, relata sua procura por Lamartine DaCosta, a quem ele chamava de “Coronel Lamarino”, conforme ele havia ouvido falar. Segue abaixo o trecho:

Havia um homem, especialista, que tinha estudado bem o negócio. Era um tal de Coronel Lamarino. Então começamos a procurá-lo. Telefone pra todos os lados. Nada. Ninguém sabia do homem. Cheguei a duvidar que existisse. Mas isto não era possível. Escrevera um livro sobre o assunto. Excelente, que se chama “Treinamento na Altitude”. Eu tinha o livro,

pombas! Mas amanhã descobriremos nosso pequeno erro. (Fonte: João Saldanha: “Operação México – 70”, *Jornal do Brasil-RJ*, 22/04/1983)

O sentido de colaboração da Ciência do Esporte com a seleção de 1970 aconteceu no final de 1969, com uma aliança do treinador da seleção, João Saldanha (1917-1990), com Lamartine DaCosta, visando o apoio científico ao preparo físico dos jogadores para o enfrentamento das altitudes mexicanas.

João Alves Jobim Saldanha havia atuado como jogador de futebol pelo Botafogo e se tornou mais tarde, depois de cursar jornalismo, um destacado nome na imprensa do futebol, tornando-se cronista bastante conhecido e frequente nas páginas dos jornais e em várias rádios. Era jornalista independente, um dos mais destacados e relevantes da crônica esportiva brasileira. Foi técnico de futebol do Botafogo e levou o time à conquista do campeonato carioca de 1957. Posteriormente, no início de 1969, foi contratado pela então CBD (Comissão Brasileira de Desportos) como o novo treinador da Seleção Brasileira, apesar de sua pouca experiência. Como o time do Brasil havia sido eliminado logo no início da Copa de 1966, Saldanha tentou resolver o alegado problema de falta de um time-base formando um time com jogadores do Botafogo e do Santos, os melhores times daquela temporada.

Conforme relata o jornalista Renato Prado, no jornal *O Globo*, em 1999, em sua crônica, “No Tri, Brasil faz a melhor campanha de todas as Copas”, João Saldanha demonstra surpresa ao ser ele mesmo convocado:

Foi, ao menos para o Brasil, a Copa 1970 foi a primeira Copa do Mundo transmitida ao vivo pela televisão e a última em preto em branco. Nunca, porém, uma seleção verde e amarela brilhou tanto ou apresentou futebol tão colorido. Depois do monumental fiasco de 1966, na Inglaterra – quando os bicampeões do Mundo acabaram eliminados na primeira fase do Mundial, após duas vergonhosas surras diante da Hungria e de Portugal – só mesmo um time de feras para recuperar o prestígio e a autoestima de nosso futebol. E foi exatamente isso o que fez João Saldanha, à época o jornalista esportivo mais famoso do país. Surpreendentemente convocado pela CBD para dirigir o *scratch* canarinho nas eliminatórias de 1969, ele aceitou o desafio com apenas uma palavra: “Topo!” E em sua primeira entrevista coletiva foi logo colocando as garras de fora. “Que canarinhos, que nada! Comigo serão 22 feras em campo”. (Fonte: “No Tri, Brasil faz a melhor campanha de todas as Copas”, Renato Prado, *O Globo*, 25/11/1999, p. 25.)

O resultado dessa convocação surpresa chegou rápido com a classificação do Brasil para a Copa de 1970, vencendo as seis partidas das eliminatórias. Como ele havia dito que somente iria convocar “feras”, logo a expressão “as feras do Saldanha” passou a ser bastante utilizada. Na realidade, Saldanha contava com o futebol-arte de seus jogadores. A ciência ainda não havia entrado em campo.

O contato entre Lamartine DaCosta e João Saldanha foi promovido por Cláudio Coutinho (1939-1981), um dos auxiliares de Saldanha convocados para a preparação física, e que havia participado do curso sobre treinamento esportivo oferecido em 1968, representando a EsEFEx no curso da DEF MEC em 1968

realizado no Rio de Janeiro com os autores do livro ‘Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo’.

Cláudio Pêcego de Moraes Coutinho, capitão do exército, formou-se em Educação Física pela Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) em 1965, onde ficou vários anos trabalhando como instrutor de futebol e vôlei, já que havia sido tricampeão carioca de vôlei entre 1959 e 1961. Estudioso e dedicado, fluente em cinco idiomas, em 1968, foi selecionado para representar a EsEFEx num congresso da ACISM em Fontainebleau – França, onde conheceu o Dr. Kenneth Cooper. Dessa nova amizade surgiu o convite para Claudio Coutinho estagiar por um ano na NASA, onde o Dr. Cooper trabalhava num novo método de avaliação e preparação física. Coutinho retornou de lá para integrar, como preparador físico, a comissão técnica do time do Brasil que iria ao México.

Como autor, Coutinho tinha contribuído para o livro de 1969 (“XIX Olimpíada México 68 – Aspectos Técnicos Evolutivos”, L. Da Costa – Ed, COB – DEF/MEC) sobre os Jogos Olímpicos do ano anterior, relatando sobre o treinamento físico da equipe brasileira de voleibol. A aliança no caso foi de juntar a ciência e a tradição, pois João Saldanha incorporava os saberes do futebol do Brasil, tendo se tornado famoso como jornalista dedicado ao esporte preferido dos brasileiros. Mas, embora com todo o seu futebol-arte e o conhecimento dos craques, Saldanha não rejeitava inovações e, como tal, ele tomou a iniciativa de resguardar o time brasileiro das dificuldades a enfrentar no México. Ele estava informado que as equipes adversárias, principalmente a Itália e a Inglaterra, estavam se preparando para o enfrentamento da altitude e não hesitou em buscar apoio de especialistas.

Aí entrou Cláudio Coutinho como assistente muito valioso, especialmente, porque foi ele quem apresentou o professor Lamartine DaCosta e seus estudos a João Saldanha. No início, Saldanha não acreditou muito no papel de Lamartine, porém, pela insistência de Coutinho, mudou de ideia para acabar se tornando um de seus maiores defensores, como veremos adiante.

Coutinho, admitido como supervisor da Seleção Brasileira de futebol, trabalhou com os também preparadores físicos Admildo Chirol, Carlos Alberto Parreira, Kleber Camerino e Raul Carlesso, sendo os dois últimos também militares, com formação também na EsEFEx, todos profissionais de Educação Física. Foi justamente nessa oportunidade de formação do grupo que Coutinho introduziu e adicionou à preparação do time que ia ao México os métodos de avaliação que ele havia aprendido com Kenneth Cooper nos Estados Unidos.

Entretanto, os dirigentes, a mídia e os próprios jogadores se mantiveram distanciados do problema apresentado pela altitude mexicana, aparentemente presos ao mito dominante sobre a superioridade do futebol brasileiro. Em outras palavras, a aliança assumida por Saldanha com a ciência constituiu um conjunto da mitologia do futebol-arte com novas exigências científicas no treinamento físico dos jogadores.

Assim sendo, o time brasileiro da Copa de 1970 representou uma interrupção de continuidade em relação às outras edições da Copa do Mundo de Futebol em termos de planejamento, organização e método de treinamento esportivo uma vez que a Comissão Técnica pôde lançar mão de teorias mais avançadas sobre

treinamento físico em altitude, ou seja, pioneirismo, inovação e a ciência do treinamento esportivo.

O jornalista Altair Baff, em seu artigo “Tabus e riscos da Seleção no México”, publicado no jornal Estado de São Paulo, em 31 de julho de 1985, com referência à Copa do Mundo de 1986, que seria novamente no México, relata entrevista com o professor Lamartine DaCosta, que evidencia a falta de um planejamento e aplicação dos conceitos científicos utilizados em 1970, como, por exemplo, a preocupação com a irradiação solar e a competição em altitude. Por sua conta, a CBF parecia estar preocupada com a diferença de idade entre os jogadores.

A classificação do Brasil para a Copa de 1986 não impediu que se criasse uma polêmica sobre o “envelhecimento” do time. Na verdade, bastaram os inesperados empates contra Paraguai e Bolívia, no encerramento das eliminatórias, para que a idade de jogadores até então intocáveis passasse a ser questionada. Um tabu que Lamartine Pereira DaCosta, responsável pelo planejamento da preparação ao Mundial de 70, faz questão de desmistificar. Ex-comandante da Marinha, 48 anos, 26 deles dedicados ao estudo do comportamento e do desempenho dos atletas em condições adversas com a altitude, 17 livros publicados a respeito, este professor de Educação Física formado pela Escola de Educação Física do Exército do Rio de Janeiro, em 1959, está mais preocupado com a “inexistência de um plano para que a Seleção repita em 86 sua trajetória de 70”. E lembra que “estamos perdendo tempo precioso com detalhes de menor importância”.

“Se existe um plano, ele ainda é o de 70, que precisa ser reavaliado e atualizado, pois a preparação física evoluiu muito nos últimos 15 anos. Por exemplo: em 70, sugeri os treinos em pleno verão, em fevereiro. Afinal, iríamos jogar com sol a pino e contra um adversário perigoso: a irradiação solar. Ela é tão importante quanto à própria altitude. Provoca um calor interno no atleta em competição no México muito maior do que a temperatura ambiente. A irradiação solar derrotou algumas seleções naquela Copa. E outras, como a Inglaterra, que só se preocuparam com ela, esquecendo-se da altitude, também se deram mal. Enfim, os dois detalhes devem merecer o mesmo cuidado, e isso só será possível com um projeto de trabalho de longa duração.”

O plano do professor Lamartine para o Mundial de 1970 começou a ser elaborado em outubro de 69, a pedido do então treinador João Saldanha (em 1972, foi publicado pela FIFA no livro *World Championship Jules Rimet Cup – 1970*). Aproveitou os estudos que havia feito no Laboratório de Fisiologia do Esforço de Fon Romeu, nos Alpes franceses, e na Olimpíada do México, em 1968, e não cobrou nada por ele. E é com essa autoridade que discute o “problema” da idade da Seleção:

O trabalho de preparação é individualizado. Logo, não se pode avaliar o grupo como um todo. A diferença de idade entre os atletas brasileiros e os das demais seleções não será tão acentuada. Além disso, jogadores como Falcão, Zico, Júnior, Sócrates, Oscar e Edinho poderão compensar qualquer diferença com o talento e a experiência que têm. Não devemos temer esse tabu. (Fonte: Tabus e riscos da Seleção no México, Altair Baff, Estado de São Paulo, 31/07/1985).

GUANAJUATO, MÉXICO

Os estudos sobre treinamento esportivo em altitudes não se resumiram apenas ao Brasil, pois Lamartine DaCosta acompanhou desde 1965 as controvérsias sobre a realização dos Jogos Olímpicos em altitude elevada, o que aconteceu finalmente na Cidade do México em 1968.

Nesse sentido, o estudioso brasileiro foi um dos observadores dos Jogos Olímpicos de 1968, complementando seu livro publicado em 1967 para orientação dos representantes brasileiros nos Jogos do ano seguinte, isto é, atletas, treinadores e dirigentes. Cabe realçar ainda com relação às orientações produzidas pelo livro, *Planejamento no México*, que o Comitê Olímpico Internacional (COI) teve que administrar conflitos de opiniões sobre competições de esforços de longa duração a 2.240m de altitude, uma disputa técnica que também foi repassada a João Saldanha e seus auxiliares da preparação física do time brasileiro.

Das experiências vivenciadas antes e durante os Jogos Olímpicos de 1968 importa destacar, sobretudo, a adaptação à altitude de dois mil metros, que é recomendada com três semanas de duração, antes da competição. Trata-se de um valor médio por avaliação por indivíduos. Essa aclimação deve ser ativa com esforços físicos, mas, reduzidos em tempo e intensidade.

Esta exigência foi apresentada a Saldanha logo no início dos contatos, por ser a base de toda a programação do treinamento no Brasil e, posteriormente, no México. Outro ponto sensível da adaptação foi o da escolha do local no México, o que constituiu outra contribuição de Lamartine DaCosta, quando observador dos Jogos Olímpicos em 1968. Nessas circunstâncias, mais uma vez, prevaleceram os estudos realizados antes e durante os Jogos Olímpicos, que apontaram a cidade de Guanajuato – situada em altitude similar à Cidade do México (2200m) –, que foi enfim utilizada pela Seleção Brasileira antes dos jogos de 1970 para sua adaptação ao altiplano mexicano.

Como ilustração, abaixo, segue parte do texto “A subida da Montanha”, publicado pelo próprio João Saldanha no jornal *O Globo* de 25 de junho de 1970, quando já não era mais o treinador da seleção Brasileira. Saldanha menciona a importância dos estudos científicos conduzidos por Lamartine DaCosta, o planejamento e o papel essencial do *Altitude Training*, com seus procedimentos de chegada dos jogadores a Guanajuato com a antecedência necessária e o exame dos boletins meteorológicos diários.

“Como é planificar a “Operação México” sem a ajuda especializada de Lamartine, introdutor do método conhecido como “altitude training”? Assim foi fácil escolher concentrações e planificar e controlar a aclimação e adaptação dos jogadores, que repito, aguentaram estoicamente e sem reclamar a monotonia do Retiro dos Padres (Convento de los Curas) durante dois meses. Aguentaram cerrados como monges a concentração de Guanajuato. Viveram afastados de suas famílias praticamente cinco meses, com três ou quatro pequenas visitas a casa. Fomos os primeiros a chegar ao México e, felizmente, os últimos a sair. Ramsey, Schoen, Makro e Nicolescu, com quem falei pessoalmente, voltaram a seus países declarando que deveriam ter chegado ao México pelo menos dois meses antes. Valcarreggi repetiu isto em entrevista à imprensa mundial.

No México tudo foi medido centimetricamente e cronometrado. Nossos doutores tinham em seu poder a média dos boletins meteorológicos dos últimos 40 anos, e nossos dois cozinheiros conheciam o paladar de nossos jogadores. Não foi preciso trazer mantimentos. Apenas um ou outro pertence (salsa) mais típico. Como todos sabem, nossa principal alimentação, o feijão (frijole) é cultura asteca, e no México encontramos 19 qualidades diferentes do melhor feijão do mundo.

Zagalo adotou uma tática justa e conseguiu, principalmente na final, que os atacantes tivessem uma participação ativa no sistema defensivo. Jair, Pelé, Tostão, a que Rivelino estava mais atrás, voltavam e disputavam como defensores autênticos. Entretanto penso que o principal da tática brasileira e que é adequada à capacidade dos jogadores, eles são o ponto de partida. Ao passo que a tática de vários países disputantes é imposta, e muitas vezes não coincide com o que sabem fazer os jogadores. Penso que o principal mérito dos brasileiros foi o de adotar a técnica moderna ao talento do jogador. Por isso vencemos ampla e definitivamente a Taça Jules Rimet” (Fonte: João Saldanha: “A subida da montanha”, O Globo, RJ, 25/06/1970, p. 26).

Guanajuato volta novamente à cena, 13 anos depois da conquista do tri, com João Saldanha se referindo àquela escolha como local para a concentração do time do Brasil em seu processo de aclimação aos altiplanos do México no texto “*Palavra de Honor*” e seu primeiro contato com o professor Lamartine DaCosta, a quem vinha procurando após indicações de Cláudio Coutinho. Na realidade, foi Lamartine DaCosta quem telefonou para João Saldanha, que estava aflito porque a valiosa ajuda de que precisava não aparecia e isso o estava deixando bastante preocupado, pois o futebol-arte não poderia vencer nas terras altas do México sem a Ciência do Esporte. O texto foi publicado em 23 de abril de 1983.

“E o Antônio do Passo estava seguramente informado que nosso grupo da Copa-70 seria o de Puebla-Toluca. Mas desconfiava e marcou comigo no México. Eu voltava da Europa, ele iria até lá. Fomos e chegamos. Na Federação o cara nos disse: “No hay problema. Todo arreglado: Puebla-Toluca”. Toca pra Puebla e alugamos um hotel. Como o dinheiro era curto foi só de papo. “Palavra de honor” vale muito por lá. Um mês depois, Passo disse: “Vamos ao Torneio das Chaves”.

Perguntei: para que, se Puebla-Toluca é no ponto máximo de altitude? Passo disse a célebre frase: “Seguro morreu de velho”. Então fomos. Lá o cara disse: “Hay outra possibilidade para ustds. Grupo León”. Ficamos meio com cara de besta, mas o secretário Gilberto, da Embaixada, disse: “Vocês podem ir para Guanajuato, a uma hora de León, e de lá descem para fazer os jogos. Guanajuato fica a dois mil e cem (2.100), dois e duzentos (2.200). A pressão parcial do oxigênio é igual à da Cidade do México e não haverá problemas”. Seguimos o sábio conselho e fomos lá. Alugamos outro hotel bacana Posada San Xavier, para nossa batalha no grupo de León. Também não pagamos. “Palavra de honor”. E fomos para a Cidade do México ver o sorteio. Havelange era candidato à FIFA-74 e tinha andado por lá fazendo suas transas. Tudo arreglado. No sorteio, um garotinho chato meteu a mão na cumbuca: Brasil, grupo Guadalajara. Nada como uma planificação científica. Havia quatro grupos, nos deram dois de barbada e saiu um terceiro. Os malandros fazem isto no Jóquei Clube. De três cavalos favoritos

em um páreo dão um para cada apostador. O que ganhar, o cara vai cobrar a informação. Achei que era isto, mas Passo disse: “Nada, foi azar”. Então foi.

Voltamos para o Brasil. E agora? Para onde ir com o time? Um dia depois, um senhor meio com pinta de zangado, mas com jeitão paciente me bateu o telefone e se identificou: “O senhor anda à minha procura. Agora, um pequeno detalhe: não sou coronel, sou da Marinha e não me chamo Lamarino, tá bom? Meu nome é Lamartine, Comandante Lamartine, está claro? Penso que é a mim que o senhor andou procurando. Em que posso servir?” Puxa, o cara foi até delicado e posso lhes garantir: foi a salvação da lavoura. Nada como uma organização científica. (Fonte: João Saldanha: “Palavra de Honor”, *Jornal do Brasil*, RJ, 23/04/1983).

Lamartine DaCosta, por sua vez, relata na entrevista que deu a Marco Santoro e Antônio Gonçalves (2009), como foi esse primeiro contato pessoal com João Saldanha, na residência desse último, ainda com a presença de Cláudio Coutinho e como o conhecimento científico se impôs na preparação física do time de 1970 através de sua argumentação bem fundamentada em estudos científicos. João Saldanha sabia a respeito da preparação física dos times europeus, porém desconhecia o que mais poderia ser feito para o time alcançar a vitória pretendida.

O planejamento de adaptação à altitude iniciou-se em um encontro realizado na casa de João Saldanha:

“[...] o Coutinho então falou com o Saldanha e fui convidado. Na reunião [Saldanha] me tratou com ironias, mas depois nos tornamos grandes amigos; e olha que começamos com uma briga e foi séria.”

“Nesta reunião, Saldanha relatou que iria fazer toda aquela preparação física, pois tinha conhecimento dos clubes europeus e sabia que todos estavam treinando dessa forma. Estava convencido de sua importância, mas que ele não iria exagerar nesta preparação física, pois podia atrapalhar o treinamento. Retruquei sobre o quanto ele estava enganado e que eu não era homem do futebol, mas tinha a o
brigação de alertá-lo para isto. Mostrei a publicação de 68 com o estudo sobre o assunto e mais a experiência de acontecimentos pós-jogos olímpicos de 68. Mostrei que nele havia mitos que foram derrubados durante as olimpíadas, e que então era melhor prestarem mais atenção nesta questão, pois podia fazer a diferença entre a vitória e a derrota.”

“Então Saldanha rindo falou: você não vai querer me convencer, porque isso aqui já está cheio de gente e então aparece mais gente aqui querendo entrar no grupo e você é mais um deles. Se eu for prestar atenção nessas ameaças que fazem, eu já teria 40 sujeitos no grupo. Retruquei, dizendo que não era homem do futebol, que não queria pertencer ao futebol, nem trabalhar com ele e Coutinho, que era muito conciliador e esperto (o sucesso dele estava aí), tentou apaziguar. O Saldanha ficou perplexo com as respostas que eu dei para ele, o Coutinho ficou apreensivo, pois pensou que fosse haver porrada entre nós, mas esta atitude levou o Saldanha a ficar impressionado comigo”.

“Se vocês querem saber os riscos que vão assumir lá [no México], se quiserem trabalhar num sentido que possa corresponder numa melhor performance, isso é comigo mesmo. Se quiserem saber para aonde vão para se preparar, também é comigo, pois o governo brasileiro já investiu dinheiro e

eu já passei um mês lá [no México] fazendo isso que vocês estão querendo. Então o que vou passar para vocês já é um negócio pronto! Eu não preciso nem ir a lugar algum: é aqui mesmo.”

“Posso dar isso em alguns dias – como de fato aconteceu. Isso fechou a boca do Saldanha, ele jamais esperou por um negócio do modo que foi apresentado a ele. Ele começou a me respeitar de uma forma fora do comum e ele detestava militares...”

Dias depois, o pacote entregue a João Saldanha, simplesmente, representava o estado da arte da história no início de 1970. Na realidade, não houve heróis no preparo físico para as condições mexicanas, mas, sobretudo, um relacionamento típico das ciências com problemas que deveriam ser solucionados, mas não totalmente pelo futebol-arte. O dito futebol-arte não sobreviveria às altitudes do México se não tivesse a Ciência do Esporte como parceira.

As dificuldades que o time brasileiro enfrentou foram descritas pelo preparador físico Admildo Chirol e pelo professor Lamartine DaCosta em entrevistas à revista *Fatos & Fotos*, que publicou a reportagem “Lições de 70”, em 28 de abril de 1983. O trecho abaixo relata os problemas, especialmente, com relação à irradiação solar no México nos meses de junho e julho, e como seria na Copa de 1986, novamente no México.

O preparador físico da Seleção Brasileira, Admildo Chirol, revela-se mais preocupado no momento com as eliminatórias do que com o país que sediará a Copa 1986:

[...] “Em 1970, nós aproveitamos a minha experiência adquirida nas excursões que o Botafogo fez na América do Sul e Central e os estudos do Prof. Lamartine DaCosta sobre a prática de esportes a grandes altitudes. Apesar de a parte psicológica ser muito importante, o problema de altitude realmente existe. Após um treinamento muito bom ao nível do mar, nós embarcamos para o México, 21 dias antes da estreia, nos concentrando numa cidade cuja altitude era superior à do local do jogo. Lá, realizamos um treinamento gradativo, com dois amistosos antes da estreia”.

O professor Lamartine DaCosta, um dos criadores do método utilizado para superar o problema da altitude em 1970, diz que seria bom para o Brasil que a Copa de 1986 fosse no México, mas faz uma advertência:

“O problema é que a Copa de 1986 terá 24 seleções, ao contrário da de 1970, que só tinha 18, obrigando a seleção a chegar à final e a se deslocar no mínimo duas vezes, entre cidades de altitudes diferentes. O Brasil leva vantagem na experiência de 70, na adaptação à altitude e num outro fator muito importante, que é a irradiação solar, muito intensa no México nos meses de junho e julho, à qual os europeus não estão habituados.”

Segundo Lamartine DaCosta, a parte técnica e científica da aclimação à grande altitude é muito complicada, tanto que ele foi muito criticado durante a preparação da Seleção de 70: “Muita gente reclamou da grande antecedência

da viagem e do tipo de treinamento. Mas, depois que viram que funcionou, todo mundo aplaudiu.” (Fonte: “Lições de 70”, Fatos & Fotos – Rio de Janeiro, 28/04/1983)

O GUARDANAPO

O conhecimento e a experiência acumulada no tema da altitude no Brasil e posteriormente no México foram postos à disposição de João Saldanha por Lamartine DaCosta, logo após a convocação dos jogadores brasileiros para a definição da seleção de 1970. Em termos mais precisos, foi entregue um pacote de procedimentos que Saldanha ajustou às suas ideias gerais de condução da seleção e que o trio principal de preparadores físicos: Admildo Chirol (1934-1998), Carlos Alberto Parreira e Cláudio Coutinho, adaptaram aos exercícios definidos por eles, como úteis à forma física dos jogadores.

Aconteceram várias reuniões entre o técnico do time brasileiro, João Saldanha, o professor Lamartine e os preparadores físicos em diversos lugares, como em suas residências e até em restaurantes. Havia necessidade de entendimentos, ajustes e novas estratégias a serem definidas uma vez que se tratava de uma operação bastante complexa.

Houve, por conseguinte, um comportamento científico entre os protagonistas centrais para a preparação do time, regulando e ajustando exigências específicas dos protocolos com relação aos procedimentos gerais a serem tomados. Esses ajustamentos produziram curiosamente um símbolo que se transformou em fato histórico, isto é, um guardanapo de papel no qual o plano de preparação para a Copa do México foi sintetizado numa curva de adaptação progressiva para obtenção de forma física adequada para se ter competitividade nos jogos das altitudes mexicanas. Este rascunho de plano foi desenhado no tal guardanapo de papel numa churrascaria do Rio de Janeiro por Lamartine da Costa num encontro com João Saldanha, e permaneceu válido até a vitória da seleção e foi incorporado à memória da Copa de 1970 em livro publicado pela FIFA, na Suíça, em 1972.

Pelo cumprimento dos protocolos de treinamento, Admildo Chirol que seguiu à risca o que a ciência havia determinado, exalta em sua entrevista ao *Jornal do Brasil* em 10 de junho de 1970, exatamente no meio da competição (de 31 de maio a 21 de junho), o trabalho científico realizado, que havia sido esboçado no guardanapo de papel.

Para Admildo Chirol, o principal motivo do excelente estado físico dos jogadores brasileiros foi a estada de 21 dias em Guanajuato, que quase dobrou a taxa de glóbulos vermelhos do sangue, num período ideal para a adaptação à altitude [...]. Sobre o trabalho físico executado, Chirol disse que nunca duvidou dos seus resultados. Tudo o que realizamos foi estudado previamente. Um trabalho científico, nada empírico (Fonte: *Jornal do Brasil*, 10/06/1970, p. 22). Já Lamartine DaCosta, por sua vez, em uma entrevista concedida ao mesmo *Jornal do Brasil*, em 20 de junho de 1970, enfatiza o trabalho desenvolvido na preparação física com base nos protocolos científicos desenvolvidos na altitude.

Vendo correr o que estão correndo Jairzinho, Clodoaldo, Pelé e Paulo César, a gente se convence de que o trabalho mais perfeito sobre a Seleção Brasileira foi o da preparação física [...] pela primeira vez na história do futebol brasileiro, um programa de trabalho baseado no melhor que a ciência da Educação Física pode oferecer, atualmente, ao futebol. (Jornal do Brasil, 20/06/1970, p. 23).

O AFASTAMENTO DE JOÃO SALDANHA

A memória dos preparativos no Brasil para as competições no México, que tiveram oscilações entre regiões, ocorrendo tanto ao nível do mar como em altitude, não incluiu apenas o bom funcionamento da equipe dirigente. Há que se mencionar a dispensa de João Saldanha como técnico da Seleção Brasileira em 17 de março de 1970, a 78 dias do início da Copa do Mundo no México.

Os motivos para a demissão? Talvez a inusitada disputa de João Saldanha com o próprio Presidente da República, Emílio Garrastazu Médici (1905-1985), que governou o Brasil entre 1969 e 1974, e que queria intervir na escalação dos jogadores da Seleção Brasileira. Talvez por seu temperamento polêmico, que não pensava duas vezes ao escolher palavras para criticar jogadores, treinadores, dirigentes e outros, gerando até mesmo problemas com membros da própria comissão técnica. Talvez porque havia muitas críticas ao trabalho dele por parte da imprensa e de outros técnicos. Talvez por ele ter sido a favor do Partido Comunista, proibido de operar no Brasil durante o governo militar. Talvez por sua pouca experiência no futebol, apresentando o esquema 1-4-2-4, com dois pontas abertos e o meio-campo sem proteção. Talvez o empate da Seleção Nacional, como era chamada na época, com o Bangu, em 14 de março de 1970. Talvez essa série de fatos e acontecimentos. Enfim, na realidade, o afastamento de João Saldanha do comando da Seleção Brasileira ainda não foi totalmente esclarecido.

No entanto, Saldanha parecia já saber do que iria ocorrer e então retornou à sua profissão de jornalista, sendo destacado cronista esportivo, passando a acompanhar o trabalho que era feito no time brasileiro em sua preparação para as competições no México e seu real desempenho. Ele nunca deixou de se referir ao trabalho científico que foi realizado com a preparação do time e de escrever sobre o assunto. Como ele cobria futebol com dedicação e tenacidade, sempre rememorava e valorizava em seus escritos seu encontro e trabalho com o professor e cientista do esporte Lamartine DaCosta, o planejamento e os protocolos de treinamento em altitude desenvolvidos para a Seleção Brasileira, que volta e meia apareciam em seus escritos nos vários jornais, revistas e rádios em que trabalhou. O presente capítulo contempla vários deles que aparecem como ilustração e testemunho do que ocorreu.

Com a saída de Saldanha, criou-se, então, uma crise na Seleção Brasileira antes da competição no México. Dino Sani, treinador do Corinthians e amigo de João Saldanha, foi convidado a assumir o cargo, porém não aceitou. Em seguida, veio a definição de Mário Zagallo, como substituto de João Saldanha. Zagallo era também outro nome tradicional do futebol brasileiro, surgindo então previsões de que ele iria impor seu estilo e suas concepções ao time brasileiro antes e durante as competições no México. Aparentemente a Seleção Brasileira voltaria a prestigiar

a mitologia do “Craque Invencível”, do futebol-arte e da famosa tradição inventada, conforme já mencionado, depois de ser também alvo de interesses políticos. Mas, não foi exatamente isso que ocorreu. A inovação e a ciência do treinamento esportivo prevaleceram.

Cabe aqui fazer uma menção sobre Mario Jorge Lobo Zagallo, nascido em 1931. Foi tricampeão estadual de futebol pelo Flamengo em 1953, 1954 e 1955 e como ponta-esquerda conquistou a Taça Brasil pelo Botafogo. Esses títulos o levaram a fazer parte da Seleção Brasileira que venceu a Copa do Mundo da Suécia em 1958 e a do Chile em 1962. Aposentou-se como jogador em 1966 e imediatamente iniciou sua carreira como treinador na categoria juvenil do Botafogo. Sua carreira de vitórias como jogador e seu sucesso como técnico fizeram com que fosse convidado a comandar a Seleção Brasileira, que se saiu vitoriosa na conquista definitiva da Taça Jules Rimet.

A CONTINUAÇÃO DO TRABALHO CIENTÍFICO

A crise política que interferiu nos trabalhos de preparação para o México acabou não interferindo no plano de preparação física e de adaptação à altitude, pois os treinadores principais, profissionais de Educação Física, Chirol, Parreira e Coutinho, foram mantidos e prestigiados por Zagallo, que reconhecia o valioso papel da Ciência do Esporte e sua função na preparação física dos jogadores com vistas às altitudes do México. Os protocolos científicos continuaram em vigor, incluindo um treinamento físico durante o sol de meio-dia no Rio de Janeiro, durante o verão e, posteriormente, na quarentena de três semanas em Guanajuato com trabalhos físicos crescentes para o alcance da forma física ideal durante a Copa.

O sentido de equipe de trabalho e adoção de critérios científicos comprovados foram mantidos, embora, a mídia brasileira, em muitos casos, questionasse a prioridade do treinamento físico sobre o técnico. Esta foi a primeira tomada de posição entre o futebol-arte e o futebol força, uma disputa que se fortaleceu nos anos seguintes.

Credite-se, portanto, aos treinadores físicos a manutenção dos caminhos que levaram à vitória final no México, pois durante a competição da Copa do Mundo, a Seleção Brasileira foi considerada a mais bem preparada para manter o ritmo de jogo por 90 minutos, dando oportunidade aos jogadores para exercerem as suas capacidades físicas e seus talentos.

Há que se realçar, todavia, o papel de Cláudio Coutinho, que ajustou a imposição do plano para adaptação à altitude às recomendações de Kenneth Cooper, para busca de resistência com corridas de longa duração. Cabe fazer constar finalmente, que tanto Coutinho como Parreira voltaram à seleção como técnicos nas décadas seguintes, seguindo princípios da ciência do esporte na preparação física de seus times.

O papel essencial do treinamento esportivo com abordagem científica, seguindo planejamento e regras que se impunham para tornar frutífero o trabalho a ser desenvolvido, teve publicação em reportagem da revista *Veja* / SP, em matéria intitulada “O novo coração”, do dia 4 de março de 1970. O trecho transcrito

abaixo revela o planejamento cuidadoso dos preparadores físicos que se ativeram aos princípios científicos e desenharam um plano completo para seu trabalho que abrangia três princípios básicos do treinamento esportivo e ainda a questão da altitude no México, se encarregando da parte técnica, que mantiveram depois do afastamento de João Saldanha.

Para dar à Seleção esse super coração, três homens se reuniram quase todas as noites durante mais de três semanas, comparando informações, discutindo, planejando: Admildo Chirol, 36 anos, preparador físico do Botafogo e da Seleção, uma das maiores autoridades brasileira na especialidade; Carlos Alberto Parreira, 27 anos, cursos na Inglaterra e Alemanha, atual preparador físico do Fluminense; e o Capitão Claudio Coutinho, 31 anos, instrutor da Escola de Educação Física do Exército, considerado a maior autoridade em treinamento físico do Exército. E o resultado dessas reuniões – que frequentemente se alongavam até a madrugada – foi algo de inédito: um plano nunca visto em nenhum clube de futebol do Brasil. Um plano completo, onde tudo foi visto e regulado para que o time brasileiro atinja seu apogeu físico (“*peak*”) na décima-quinta semana de treinamento, sete dias antes da estreia do Brasil na Copa (3 de junho).

Todo o plano obedece a três princípios básicos: 1) não há dois indivíduos exatamente iguais (daí a necessidade de a preparação ser feita individualmente); 2) o organismo só se desenvolve se for submetido a um esforço maior do que aquele a que está acostumado (ou a condição física estacionária); 3) a um estímulo débil o organismo não reage e, se o estímulo for muito forte, provocará prejuízos. [...] Mas o plano não fica apenas na preparação física. Prevê também a adaptação à altitude, em degraus: primeiro Guadalajara (1.680m), depois Guanajuato (2.050m) e finalmente a Cidade do México (2.240m).[...] Esse método também está sendo seguido pela Seleção da União Soviética.

Os três preparadores físicos organizaram também todo o esquema de treinamento técnico, deixando para João Saldanha apenas a preparação tática. Saldanha resume numa frase tudo o que pensa em matéria de treinamento físico, técnico e tático:

“Na Copa não basta jogar o que a gente sabe. Para sair campeão é preciso jogar mais do que isso”. E os próprios jogadores parecem estar convencidos disso. Apesar do rigor no treinamento e de a maioria ter chegado à Seleção em precárias condições físicas, até agora ninguém reclamou: Gérson, tradicional inimigo de exercícios físicos, é um exemplo desse novo espírito: “Eu nunca treinei tanto em minha vida. Mas ninguém vai reclamar. Seleção é assim mesmo, tem que dar duro. E esse treinamento até que tem outra vantagem: é diferente de tudo que a gente fez até agora.” (Fonte: Revista VEJA – SP, “O novo Coração”, s. autor, n. 78, 04/03/1970, p. 66).

Em 27 de abril de 1983, João Saldanha, rememorando o trabalho científico que havia sido feito em 1970, publicou no Jornal do Brasil o texto “Operação 86”, com referência à Copa do Mundo de 1986, que seria novamente no México, destacando a preciosa contribuição de Lamartine DaCosta, acrescentando como

a antecipação de 21 dias de chegada em Guanajuato fez toda a diferença para o time brasileiro.

Encurtando razões sobre a operação México foi decisiva a participação do especialista, Comandante Lamartine. Poderão pensar que se trata de uma excessiva valorização. Mas, na época, nossos especialistas eram muito ignorantes sobre a questão. É um assunto tão sério que precisamente seguindo os conselhos deste homem foi que o Grêmio conseguiu êxito, agora, na Bolívia. Sim, é verdade que o time do Grêmio está em melhores condições físicas que o Flamengo, um tanto desgastado.

Então, naquela época, nosso homem manteve Guanajuato, aconselhou um mês e ainda perguntamos: uns 20 dias não bastam?

Sim. Para alguns, mas não para outros. Somente depois de uns sete ou oito dias é que se pode fazer mais treinamento. Puxar aos poucos. Cem por cento não se atinge, mas o suficiente para enfrentar com vantagem quem não fizer isto”.

E ficamos lá em cima do morro, esperando os adversários que foram chegando à véspera da competição. Com 15 minutos de jogo, nosso time voava e eles pareciam carregar sacos de 100 quilos cada um. É certo que o principal será a eliminatória. Onde estaremos? A competição tem sido ingrata para os do nível do mar. Argentina em 70, Uruguai em 74, foram barrados no meio do caminho. O Paraguai também. Perderam para a turma lá de cima. (Fonte: João Saldanha: “Operação 86”, *Jornal do Brasil*, 27/04/1983).

O FUTEBOL E A CIÊNCIA DO ESPORTE

A Ciência do Esporte aparece em abril de 1983, na reportagem “A preparação física e o México”, na qual há uma entrevista concedida por Admildo Chirol a Antônio M. Filho, do *Jornal do Brasil*. O famoso preparador físico destaca o trabalho realizado para a Copa de 1970 com referência ao planejamento de altitude desenvolvido por Lamartine DaCosta, com base em ciência, enfatizando planejamento de tempo para adaptação do corpo e da competição em altitude, com vistas à Copa do Mundo que voltaria a ser sediada pelo México em 1986.

Chirol defende o trabalho realizado pela Seleção Brasileira em 1970, quando ele era o responsável principal pela preparação física:

“Nosso trabalho foi baseado nas teses defendidas pelo professor Lamartine Pereira DaCosta no que se refere à altitude. De lá para cá não houve qualquer evolução sobre a preparação de atletas na altitude. Se há, não tive a oportunidade de ler. Mas não creio que exista” – diz Chirol. E continua: “Ser campeão mundial é difícil e ninguém conquista um título por acaso. Nosso trabalho será elaborado com a maior seriedade. Se tivermos que disputar as eliminatórias contra a Colômbia, chegaremos em Bogotá com bastante antecedência para que haja uma adaptação perfeita. Não concordo com a teoria de se chegar no dia do jogo, pois os resultados até agora foram péssimos. A própria Seleção Brasileira passou maus momentos em La Paz nestas últimas eliminatórias. Alguns jogadores, pelo que li, sentiram-se mal. Não adianta querer mudar. Se nos saímos bem chegando nos

locais de competição com pelo menos 21 dias de antecedência, o tempo mínimo para a perfeita adaptação, não vamos mudar.” (Fonte: “A preparação física e o México”, Antônio M. Filho, *Jornal do Brasil*, 03/04/1983)

Ainda com relação ao papel da ciência e a credibilidade de um pesquisador, em 1986, João Saldanha retorna à Copa de 1970 e às lições sobre aclimação e o aumento da produção de glóbulos vermelhos em altitude que aprendeu com o cientista do esporte Lamartine DaCosta, em seu artigo “Os Doutores e a Ciência”, publicado no *Jornal do Brasil-RJ*, em 26 de julho de 1986.

Mas voltemos ao México e agora a Bogotá. A ideia de Bogotá é ótima. Se lá não ficamos em 1970 foi porque nosso dinheiro era pouco. Bogotá está na mesma faixa da cidade do México. Um pouco mais alta 2.400 a 2.600 metros e seria o ideal. Quando fomos para Guanajuato fiquei com medo. A maior altitude de Guanajuato é 2.100, exatamente onde estava nosso hotel. Mais baixo do que México e poderia causar problemas. Não causou porque pegamos a Itália entregue às traças após seu jogo com a Alemanha, 4 a 3 na prorrogação. Tudo bem. Mas a quem vem isto? Elementar. O Doutor Sócrates disse que não adianta Bogotá porque em três dias voltaremos ao normal do nível do mar ao descer para Guadalajara a 1.500m. Me desculpe Doutor, mas o Lamartine Pereira, nosso melhor assessor e fabuloso estudioso internacional do assunto, já tinha resolvido a questão: a perda da quantidade de glóbulos vermelhos é muito lenta. Em um mês nada se perde praticamente. Somente depois do segundo mês, e muito lentamente, começa a diminuição da taxa de hemoglobinas (Fonte: João Saldanha: “Os Doutores e a Ciência”, *Jornal do Brasil-RJ*, 26/07/1986.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as pesquisas científicas de campo conduzidas pelo professor e cientista do esporte Lamartine DaCosta que resultaram em várias publicações nacionais e internacionais, o curso ministrado no MEC – Rio de Janeiro em 1968 com lançamento do livro coletivo em Educação Física, “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Esportivo”, com capítulos produzidos por nove especialistas, e especialmente a vitória do Brasil na Copa de 1970, apoiada na ciência, cabe destacar que a disciplina Treinamento Esportivo foi introduzida com sucesso nas faculdades de Educação Física, conforme entrevista de Lamartine DaCosta concedida aos pesquisadores Marco Santoro e Antonio Soares, em 2009, e publicada no livro “A Memória da Copa de 70 – Esquecimento e Lembranças do Futebol na Construção de Identidade Nacional”. O trecho que menciona esse assunto é apresentado, abaixo:

O professor Lamartine conclui, por intermédio de suas memórias e documentos, que foi fundamental que a comissão técnica obtivesse êxito na conquista desse evento (Copa 70) e que o trabalho científico exercesse influência antes, durante e depois da Copa do Mundo de 1970:

“Com isso, em 1973 e 1974, todas as faculdades já tinham a disciplina do treinamento esportivo. Nós fomos reconhecidos internacionalmente pela FIFA, o que por mais de uma década apareceu em jornais e nas colunas

do Saldanha e do Armando Nogueira. Nesta época houve um bom avanço do treinamento esportivo e no final da década de 70 a preparação física já estava totalmente assimilada.” (Fonte: Marco Antônio Santoro Salvador e Antônio Jorge Gonçalves Soares. “A Memória da Copa de 70 – Esquecimento e Lembranças do Futebol na Construção de Identidade Nacional”, Autores Associados, Campinas-SP, 2009, p. 91.)

Finalmente, ainda nesta mesma entrevista, Lamartine DaCosta explicita de forma bem clara o papel da ciência e sua contribuição para o futebol-arte, mito da época, a conquistar a vitória em 1970 nas terras altas do México. Sem dúvida alguma, sem a preparação física adequada através de estudos não teriam chegado ao resultado vitorioso final.

Para encerrar, o que foi determinante no êxito da Copa de 70?

Quem ganhou a Copa de 70 foram os jogadores, era um grupo excepcional, mas que tiveram uma fortuna: um apoio que deu a eles, de fato, condições de ganharem a Copa. Pois, só com a habilidade eles não iam ganhar. A arte não ia funcionar e eles não iam correr os 90 minutos e, portanto, iam ter que brigar com os caras que estavam no mesmo nível deles. Eu acho que os jogadores é que venceram a Copa, mas entrou pela primeira vez na história do esporte nacional a ciência! Que já havia desde 1931, com médicos civis, mas o impulso foi do Maurício Rocha no livro de 68 (*‘A Moderna Ciência do Treinamento Desportivo’*, DaCosta, L.P. Ed.)

Na Copa de 70, houve a crença que realmente funcionava o treinamento científico e aí nossa profissão mudou e Coutinho foi o grande nome que, com habilidade, soube fazer bem isto. Ele deu a dimensão do cientista no campo. Era o cara do cronômetro, da medição. Tudo era organizado, com a medicina esportiva dando apoio e não dizendo como devem ser as coisas. Funcionou o esquema dessa comissão, funcionou a ciência, funcionou o trabalho de equipe, e funcionou a administração disto.” (Fonte: Marco Antonio Santoro Salvador e Antonio Jorge Gonçalves Soares. “A Memória da Copa de 70 – Esquecimento e Lembranças do Futebol na Construção de Identidade Nacional”, Autores Associados, Campinas-SP, 2009, p. 91.)

REFERÊNCIAS

BAFF, Altair. Tabus e riscos da Seleção no México, *Estado de São Paulo*, São Paulo 31/07/1985.

DACOSTA, Lamartine. (1967) *A Atividade desportiva nos climas tropicais e uma solução experimental: o Altitude Training*. 1 ed. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército.

DACOSTA, Lamartine. (1967) *Planejamento México*. Rio de Janeiro: Divisão de Educação Física-DEF do Ministério de Educação e Cultura (MEC).

DACOSTA, Lamartine – Ed. (1968). *Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo*. 1 ed. Brasília: Divisão de Educação Física – MEC.

DACOSTA, Lamartine (Org.). (2005). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Shape.

DACOSTA, Lamartine. (2016). O desenvolvimento científico do esporte militar e civil no Brasil: o papel catalisador da Marinha brasileira e da Academia do *Conseil International du Sport Militaire* – CISM (1957-1986). *Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil*. Rio de Janeiro, V. 12, no 23, p. 116-122.

DACOSTA, Lamartine. (2020). *Ciência na Copa de 1970*. Exposição 3D do e-Museu do Esporte, 2020.

DACOSTA, Lamartine. (2021). A Construção das Ciências do Esporte em Encontros com Maria Lenk, 1959 – 2007. In: MIRAGAYA, A. (ed.) *Maria Lenk: atleta, educadora e cientista A primeira heroína olímpica do Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Gama Assessoria, 2021.

DAMATTA, Roberto (Org.). (1982). *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION (FIFA). (1970). FIFA Official Report. World Cup Mexico 70. Plano de preparação e treinamento do time brasileiro. Zurique: FIFA, p. 164-169.

FILHO, Antonio M. A preparação física e o México, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03/04/1983.

FILHO, Mario. (2003). *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad.

HELAL, Ronaldo & MOSTARO, Filipe. (2018). *Mulato e o imaginário nacional: a atmosfera de sentidos da Copa de 1938*. ALCEU – v.19 – n.37 – p. 16 a 35.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (Org.). (2012). *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Editora Paz & Terra.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 10/06/1970, p. 22.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 20/06/1970, p. 23.

LIÇÕES DE 70. *Fatos & Fotos*, Rio de Janeiro, 28/04/1983.

MIRAGAYA, Ana; MIRAGAYA, Daniel; MIRAGAYA, Diego & DEVIDE, Fabiano. (2005). Atletas de excelência do Brasil. In: DACOSTA, Lamartine (Org.) *Atlas do Esporte no Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Shape, p. 339-342.

MIRAGAYA, Ana. Métodos e técnicas do treinamento esportivo no Brasil, 1909-1938. In: DACOSTA, Lamartine (Org.). (2205). *Atlas do Esporte no Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2005, p. 730.

O NOVO CORAÇÃO, *Revista VEJA*, São Paulo, n. 78, 04/03/1970, p. 66.

PRADO, Renato. No Tri, Brasil faz a melhor campanha de todas as Copas, *O Globo*, Rio de Janeiro, 25/11/1999. p.25.

SALDANHA, João. A subida da montanha. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25/06/1970, p. 26.

SALDANHA, João. Operação México – 70. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22/04/1983.

SALDANHA, João. Palavra de Honor, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23/04/1983.

SALDANHA, João. Operação 86, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27/04/1983.

SALDANHA, João. Os Doutores e a Ciência”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26/07/1986.

SANTORO, Marco. (2005). Inovações tecnológicas e científicas II A renovação científica do futebol brasileiro na Copa de Mundo de 1970 – México. *In:*

DACOSTA, Lamartine (Org.) *Atlas do Esporte no Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Shape, p. 743-744.

SANTORO, Marco & SOARES, Antônio. (2009). A Memória da Copa de 70 – Esquecimento e Lembranças do Futebol na Construção de Identidade Nacional, Autores Associados, Campinas-SP, p. 77 –78.

TOPONIMIAINSULANA 2020. Disponível em <toponimiainsulana.com.br> Acesso em 15 de dezembro de 2020.

TUBINO, Manoel & DACOSTA, Lamartine. (2005). Treinamento Esportivo. *In:* DACOSTA, Lamartine (Org.) *Atlas do Esporte no Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Shape, , p. 727-729.



GESTÃO METODOLÓGICA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE JOVENS FUTEBOLISTAS

Vanessa Menezes Menegassi¹
Matheus de Oliveira Jaime¹
Bruna Felix Apoloni¹
Nicolau Melo de Souza¹
Vinicius Azevedo de Souza¹

RESUMO

O presente capítulo objetiva promover uma reflexão sobre a importância da gestão metodológica no processo de formação conduzido nas escolas de futebol e centros de formação de atletas de futebol. Para tanto, são apresentados os fatores que influenciam a trajetória dos atletas desde a adolescência até a profissionalização, evidenciando uma complexa interação entre aspectos biológicos e ambientais, envolvendo principalmente as dimensões técnica, física, psicológica e sociológica. Ainda, são compartilhadas experiências sobre a padronização de um modelo de avaliação e seleção de talentos. Considerando que o processo de formação é complexo e requer uma abordagem organizada e fundamentada em evidências empíricas e científicas, na parte principal do capítulo são apresentadas justificativas para a construção de um currículo metodológico, bem como, o papel do coordenador responsável pela sistematização e gestão dessa área nas escolas e clubes de futebol. Por fim, os autores compartilham uma proposta de ensino-aprendizagem e treinamento de jovens futebolistas, que envolve desde a construção do modelo de jogo da equipe, até a organização das aulas/treinos conforme os princípios que constituem esse modelo, com um exemplo prático. Espera-se que ao final do capítulo, o(a) leitor(a), tenha uma compreensão mais aprofundada acerca dos processos que envolvem a gestão metodológica de escolas e clubes no contexto da formação de jovens futebolistas.

GESTIÓN METODOLÓGICA DEL PROCESO DE FORMACIÓN DE JÓVENES FUTBOLISTAS

RESUMEN

Este capítulo tiene como objetivo promover una reflexión sobre la importancia de la gestión metodológica en el proceso de formación llevado a cabo en las escuelas de fútbol y centros de desarrollo de atletas de fútbol. Para ello, se presentan los factores que influyen en la trayectoria de los atletas desde la adolescencia hasta la profesionalización, evidenciando una compleja interacción entre aspectos biológicos y ambientales, principalmente en las dimensiones técnica, física, psicológica y sociológica. Además, se comparten experiencias sobre la estandarización de un modelo de evaluación y selección de talentos. Dado que el proceso de formación es complejo y requiere un enfoque organizado basado en evidencia empírica y científica, en la parte principal del capítulo se proporcionan justificaciones para la construcción de un plan de estudios metodológico, así como el papel del coordinador encargado de la sistematización y

¹ Universidade Estadual de Maringá

gestión de esta área en las escuelas y clubes de fútbol. Finalmente, los autores se comparten una propuesta de enseñanza y entrenamiento de jóvenes futbolistas, que abarca desde la construcción del modelo de juego del equipo hasta la organización de clases y sesiones de entrenamiento de acuerdo con los principios que conforman este modelo, con un ejemplo práctico. Se espera que al finalizar el capítulo, el lector tenga una comprensión más profunda de los procesos que involucran la gestión metodológica en las escuelas y clubes en el contexto de la formación de jóvenes futbolistas.

METHODOLOGICAL MANAGEMENT OF THE TRAINING PROCESS OF YOUNG FOOTBALL PLAYERS

ABSTRACT

This chapter aims to promote a reflection on the relevance of methodological management in the training process conducted in soccer schools and athlete development centers. To achieve this goal, the factors influencing the athletes' trajectory from adolescence to professionalization are presented, highlighting the complex interaction between biological and environmental aspects, primarily involving technical, physical, psychological, and sociological dimensions. Also, experiences related to standardizing a talent assessment and selection model are shared. Considering that the training process is complex and requires an organized approach based on empirical and scientific evidence, the main part of the chapter provides justifications for the development of a methodological curriculum, as well as the role of the coordinator responsible for the systematization and management of this area in schools and soccer clubs. Finally, authors share a proposal for teaching and training youth soccer players that encompasses building the team's playing model to organizing classes and training sessions according to the principles that make up this model, with a practical example. It is expected that by the end of the chapter, the reader will have a deeper understanding of the processes involved in the methodological management of schools and clubs in the context of training youth soccer players.

INTRODUÇÃO

A gestão metodológica desempenha um papel fundamental no processo de formação de jovens futebolistas em diferentes contextos, desde escolas até centros de formação de atletas de futebol de clubes ou instituições independentes. Nesse sentido, o presente capítulo tem como objetivo principal promover uma reflexão aprofundada sobre os desafios da construção de um currículo metodológico que envolva fatores biológicos e ambientais inerentes ao processo de formação, desde a adolescência até a transição para a profissionalização, bem como, apresente modelos e propostas de padronização das ações desenvolvidas pela escola ou clube, considerando que a formação de jovens futebolistas é uma tarefa complexa que requer uma abordagem organizada e baseada em evidências empíricas e científicas. No decorrer do capítulo também é discutido o papel do coordenador responsável pela sistematização e gestão dessa área, apresentando suas atribuições, sendo uma das principais destas, a estruturação de um currículo metodológico, que envolve conteúdos como o modelo de jogo da equipe e a proposta de intervenção durante o processo de ensino-aprendizagem e treinamento dos jovens futebolistas.

Algumas escolas/clubes de futebol tiveram a iniciativa de tornar seus currículos públicos, por meio da disponibilização virtual, como é o caso do Club de Regatas Vasco da Gama (Club de Regatas Vasco da Gama, 2017) ou da publicação no formato de livro, como o Azuriz Futebol Clube (Livinalli & Ramos, 2021) e o Instituto Alex Santos (Menegassi, 2021). Essas ações são fundamentais

para o desenvolvimento da área, bem como, para evidenciar a necessidade de padronizar os conteúdos e processos dos clubes/escolas, garantindo uma formação mais significativa dos alunos/atletas. Para o Prof. Álvaro Miranda, Diretor do Departamento de Base do Vasco no ano de publicação da terceira edição do Currículo Metodológico (Club de Regatas Vasco da Gama, 2017, p. 6) a estruturação do projeto objetivou:

[...] Incidir sobre a importância da boa formação no futebol, ilustrando concepções e práticas de um clube de referência, onde em todos os anos, temporada após temporada, conseguimos apreciar uma infinidade de jovens talentos desfilarem suas habilidades nos campos, construindo vagarosamente o sonho de se tornar um atleta profissional de futebol. Este é o modelo que o Departamento de Futebol de Base do Club de Regatas Vasco da Gama difunde e executa com seus atletas, demonstrando o quão é essencial à construção de um modelo sólido de formação desportiva, em que a dimensão educativa tenha um destaque ímpar e protagonista na vida de todos os atletas dos seus quadros.

No mesmo sentido o currículo do Azuriz, publicado no formato de livro (Livinalli & Ramos, 2021), também enfatiza a preocupação com uma formação integral de atletas, sendo que a metodologia “busca direcionar e conduzir de forma planejada e organizada um processo consistente e contínuo, visando essa Formação Integral”. O livro permite uma integração entre teoria e prática, apresentando desde a estrutura organizacional do clube, as bases conceituais e científicas do processo de formação de jovens atletas, a identidade do clube refletida nos seus profissionais e atletas, até as ferramentas de avaliação e controle desse processo.

Por fim, na proposta “Os desafios da formação: um método que une teoria e prática” apresentada pelo Instituto Alex Santos (Menegassi, 2021), um centro de formação de atletas vinculado à um clube profissional de futebol, é apresentada a estrutura conceitual e metodológica utilizada durante o processo de ensino-aprendizagem e treinamento de todas as categorias. O material foi desenvolvido em parceria com o grupo de estudos GEPAFUT, da Universidade Estadual de Maringá, evidenciando a aproximação entre o contexto prático e o acadêmico. O caderno metodológico foi desenvolvido e tornado público para que os alunos/atletas, familiares, treinadores e comissões, conhecessem e colocassem em prática os conteúdos e ações que envolvem o processo de formação de atletas (e cidadãos), da instituição.

Considerando o objetivo do presente capítulo, com base na literatura da área, bem como, no compartilhamento de experiências dos autores, a seguir serão apresentadas reflexões e conteúdos relacionados à caracterização dos contextos de formação de jovens atletas, os indicadores que predizem o sucesso ou a profissionalização, as estratégias de seleção de talentos, a necessidade de estruturar um currículo metodológico, as funções do profissional responsável por esta tarefa dentro dos clubes e escolas e por fim, uma proposta que pode ser adotada pelas instituições que visam a formação esportiva (para o futebol) e integral (por meio do futebol) de jovens.

Contextos de formação de jovens atletas

Os contextos de formação de atletas de futebol no Brasil se resumem à duas esferas esportivas, sendo que uma delas se subdivide: Escolas de Futebol (EF) recreativas e/ou competitivas; e Centros de Formação de Atletas de Futebol (CFAF) que fazem parte de clubes profissionais/amadores ou Centros de Formação de Atletas de Futebol Independentes (CFAFI), que não são ligados à clubes profissionais/amadores (Legnani, Rosa & Legnani, 2021).

Na tentativa de caracterizar os contextos de formação de jovens jogadores, Legnani, Rosa e Legnani (2021) definem que as Escolas de Futebol (EF) são os locais mais comuns, contando com o maior número de praticantes e que priorizam (ou deveriam priorizar) a prática do futebol recreativo e educacional. São, geralmente, espaços privados (campos de futebol oficial, suíço e *society*, com superfície natural ou sintética), que possibilitam a prática com frequência média de 2 a 3 vezes por semana. Neste contexto, a competição está presente, entretanto, em menor escala, se manifestando no formato de amistosos, festivais, torneios ou competições regionais (sem a necessidade de estar vinculado à uma federação). Por ser muitas vezes um ambiente de prática particular (restrito) da modalidade, ocorre a cobrança de mensalidade. Em outros casos, pode também se manifestar na forma de projetos sociais. Apesar da popularidade das escolas de futebol, a gestão dessas instituições ainda é feita de forma muito amadora, muitas vezes sem uma estrutura robusta de administração, recursos humanos, infraestrutura e metodologia.

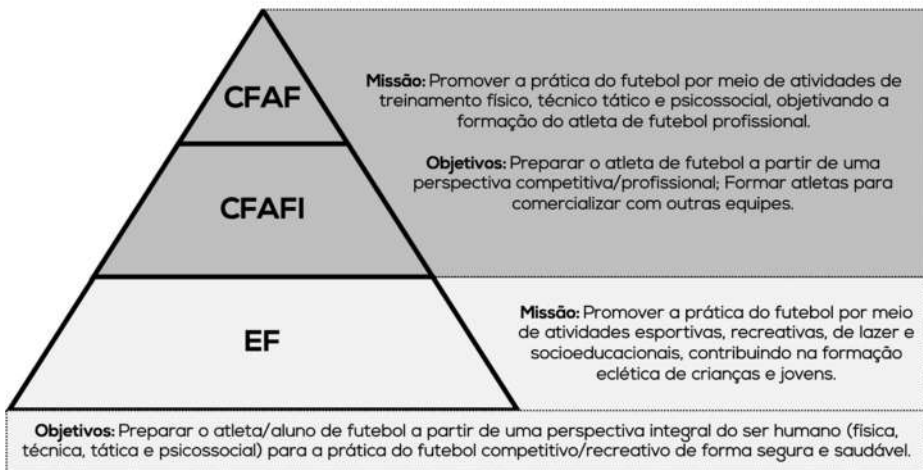


Figura 1. missão e objetivos das Escolas de Futebol (EF) e Centros de Formação de Atletas de Futebol (CFAFI e CFAF) (adaptado de Legnani, Rosa & Legnani, 2021).

Por outro lado, nos Centros de Formação de Atletas de Futebol (CFAF e CFAFI), o foco principal é oferecer estímulos de treinamento, quase sempre diários (a depender da categoria) ou com frequência de 3 a 5 vezes por semana, com

o intuito de submeter os indivíduos à competição e formar atletas de futebol que tenham ascensão à categoria profissional. Localizam-se em centros de treinamento de clubes amadores/profissionais e/ou, outros espaços viabilizados por estes ou propriedades particulares sem vínculo direto. No contexto dos CFAFI's, as competições são predominantemente municipais e em alguns casos estaduais (em competições promovidas pelo governo, instituições privadas ou em parceria com clubes federados). Já no contexto dos CFAP's, por estarem diretamente ligados aos clubes, os estímulos competitivos podem ser municipais, estaduais, nacionais e até internacionais (Legnani, Rosa & Legnani, 2021).

Considerando os contextos vinculados ao desenvolvimento de jovens atletas de futebol, se faz necessário refletir sobre as condições (ambientais e biológicas), as características do processo e os indicadores de desempenho, ressaltando a necessidade da estruturação de ferramentas que possibilitem que as escolas de futebol e os centros de formação de atletas de futebol melhorem qualitativamente as intervenções e as ações de identificação e formação de jovens talentos.

Preditores do sucesso: da adolescência à profissionalização

A partir de uma perspectiva acadêmica, pode-se descrever um jogador talentoso como um atleta que, em um ambiente esportivo específico, demonstra aptidões desenvolvidas acima da média do grupo em habilidades técnicas, físicas, intelectuais e emocionais, identificadas a partir de um desempenho notável, considerando as condições oferecidas pelo meio (Paoli, Silva & Soares, 2008). Desta forma, mesmo que alguns autores acreditem no talento como algo inato, ou seja, um dom esportivo especial, caracterizado pela herança de capacidades motoras e psicológicas presentes desde o nascimento, muitos fatores ambientais influenciam diretamente no desenvolvimento do talento e alguns desses fatores serão apresentados a seguir.

No contexto do Futebol Brasileiro masculino, observou-se uma clara influência do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das cidades de origem dos jogadores no seu sucesso esportivo, já que, jogadores provenientes de cidades com até 200 mil habitantes e um IDH superior a 0,73 apresentaram condições mais favoráveis para alcançar um alto nível de desempenho em competição nacional profissional, enquanto em campeonato Sub-20 estadual de São Paulo, 94,4% dos jogadores tiveram origem em cidades com IDH igual ou superior a 0,50 (Costa, Cardoso & Garganta, 2013; Avelar, Lima & Cardoso, 2023).

O mesmo ocorre com o futebol feminino. Considerando a avaliação da primeira divisão nacional entre os anos de 2003 e 2020, apenas 36,1% das jogadoras provinham de cidades com uma taxa demográfica inferior a 100.000 habitantes, enquanto 79,5% delas eram originárias de cidades com um índice de desenvolvimento humano superior a 0,70, mostrando a forte influência do Índice de Desenvolvimento Humano no sucesso esportivo, tanto no futebol masculino quanto no feminino (Teoldo, Machado, Casanova & Cardoso, 2023).

Outro fator que influencia o sucesso no futebol é estar em regiões com clubes estruturados. Em Portugal, se tratando dos jogadores convocados para as seleções masculinas, da categoria Sub-15 à Sub-20, verificou-se que as cidades de Lisboa e Porto (que possuem as três maiores equipes de Portugal) concentraram o maior

número de jogadores convocados (Marra, 2015). Já na Itália, jogadores nascidos no Norte e no Centro possuem maior probabilidade de representar o país internacionalmente, tanto na base quanto no profissional, em comparação com os jogadores nascidos no Sul, regiões que coincidem com os locais onde se encontram os maiores clubes do país (Morganti et al., 2023).

Apesar de uma aparente influência das grandes cidades no desenvolvimento esportivo, as pequenas cidades também apresentam as suas vantagens. A qualidade do jogo e da prática pode ser um fator-chave, pois o ambiente físico das cidades menores é mais propício para atividades de jogo não estruturadas entre crianças e adultos de diferentes idades, bem como, para experimentação diferentes atividades desportivas (Côté, Macdonald, Baker & Abernethy, 2006). Um bom exemplo também pode ser verificado no estudo de Teoldo, Machado, Casanova e Cardoso (2023), que constatou que as jogadoras nascidas em grandes centros urbanos (mais de 6.000.000 de habitantes e IDH maior que 0,701) e as que nasceram em cidades pequenas (até 100.000 habitantes), são os dois grupos com maior probabilidade de participarem do campeonato nacional mais importante do país.

Portanto, o talento no futebol é influenciado por vários fatores. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das cidades de origem dos jogadores desempenha um papel importante, com jogadores de cidades com IDH mais alto tendo maior probabilidade de sucesso. A disponibilidade de clubes bem estruturados em regiões específicas também é crucial, como observado em diferentes países. Em contrapartida, as pequenas cidades também podem ter suas vantagens, especialmente para a prática não estruturada do esporte. De maneira geral, o talento no futebol é moldado por uma combinação de características biológicas e ambientais. Nesse sentido, considerando a trajetória percorrida da adolescência à profissionalização, é possível sinalizar que o sucesso de jovens atletas é influenciado por uma complexa interação de fatores técnicos, físicos, psicológicos e sociológicos.

Com relação aos fatores técnicos, é importante citar que os estudos sobre habilidades específicas do futebol como preditoras do sucesso são limitados, tornando difícil traçar um panorama claro. Apesar da carência de pesquisas abrangentes nessa área, podemos destacar a importância das habilidades de passe e cruzamento como preditoras de sucesso no futebol. Além disso, a combinação de velocidade e precisão pode ser mais importante do que apenas a velocidade. Apesar disso, jogadores fisicamente fortes e maturados precocemente, embora possam apresentar algumas fragilidades técnicas e motivacionais, ainda têm boas chances de atingir um nível de desempenho intermediário (Huijgen, Elferink-Gemser, Ali & Visscher, 2013; Zuber, Zibung & Conzelmann, 2016; Forsman, Blomqvist, Davids, Liukkonen & Konttinen, 2016).

Acerca das variáveis físicas, como velocidade, resistência e agilidade, estas parecem ser relevantes na diferenciação de jogadores, no entanto, é importante ressaltar que a maioria dos estudos conduzidos com o objetivo de investigar a relação com o sucesso são do tipo transversal, o que significa que se baseiam em um único ponto de medição no tempo, em vez de acompanhar todo o processo de formação, como seria ideal no contexto do futebol. Já com relação às características antropométricas, estas podem ter uma capacidade limitada de diferenciar jogadores bem-sucedidos (Williams, Ford & Drust, 2020).

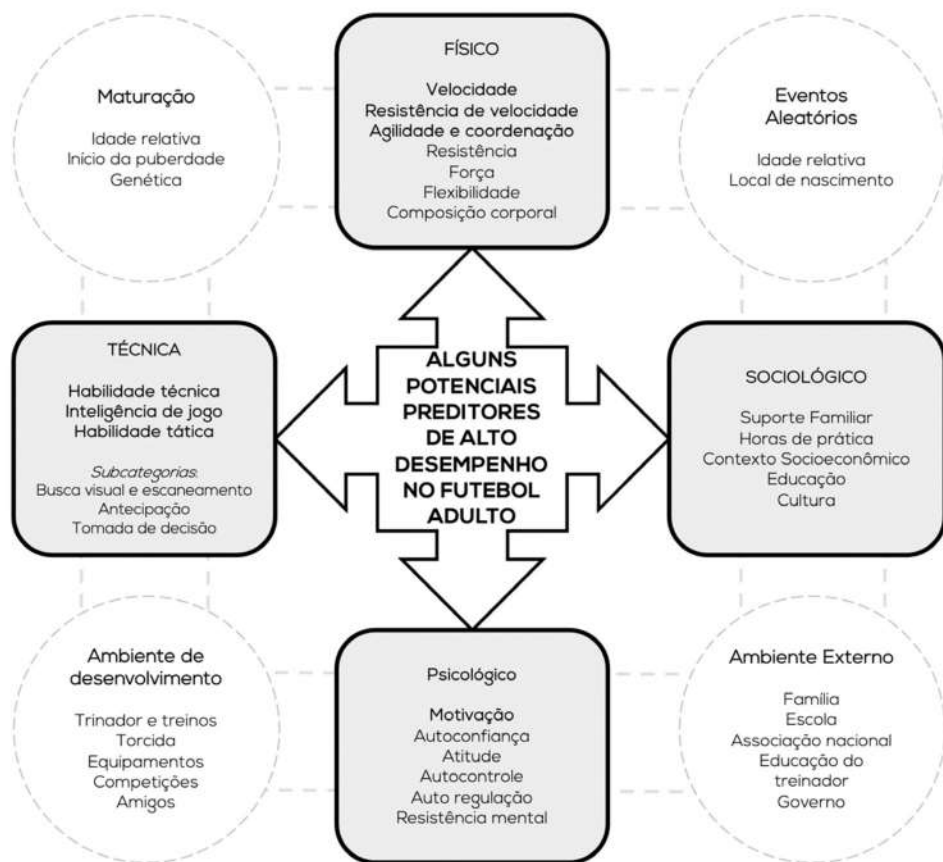


Figura 2. Potenciais preditores de alto desempenho adulto em jogadores de futebol jovens em cada área das ciências esportivas, com fatores mediadores. Os preditores em **negrito** indicam aqueles com pelo menos alguma evidência empírica de valor preditivo do desempenho na adolescência para o nível de desempenho adulto no futebol (adaptado de Williams, Ford & Drust, 2020).

Considerando os possíveis fatores psicológicos que levam ao sucesso, jogadores que não seguiram carreira profissional apresentam níveis mais baixos de motivação, comprometimento, capacidade de enfrentamento e autorregulação em comparação com aqueles que se profissionalizaram (Taylor & Collins, 2019). Com o intuito de avaliar como os fatores psicológicos afetam o esporte, o instrumento adaptado de Mahoney, Gabriel e Perkins (1987) “Inventário de Habilidades Psicológicas para o Esporte” (PSIS-R-5) avaliam seis aspectos das habilidades psicológicas: motivação, confiança, controle da ansiedade, preparação mental, importância do trabalho em equipe e concentração. Dentro destes aspectos, identificou-se que a motivação é a razão que exerce mais influência sobre o desempenho no futebol feminino e masculino (Robbani & Dimyati, 2019).

Por fim, acerca dos fatores sociológicos relacionados ao futebol (que constituem a interação com a sociedade e com o ambiente esportivo), estes desempenham

um papel significativo na trajetória de jogadores em busca de uma carreira profissional. Durante a adolescência, os principais elementos que contribuem para que, eventualmente, os jogadores se tornam profissionais na idade adulta, são o acúmulo de horas de treinamento, relacionamentos entre treinadores e jogadores e apoio familiar (Gledhill, Harwood & Forsdyke, 2017; Reeves, McRobert, Littlewood, & Roberts, 2018; Sieghartsleitner, Zuber, Zibung & Conzelmann, 2019).

De forma geral, jogadores que se tornaram profissionais eram na adolescência um pouco mais altos, com maior peso corporal, menor percentual de gordura, melhor aptidão física geral, mais rápidos e um pouco mais ágeis, mais habilidosos e motivados, além de terem mais tempo de prática em comparação com seus colegas que não se tornaram profissionais (Williams, Ford & Drust, 2020). Vale ressaltar que ainda existe uma carência de estudos direcionados para a identificação de talentos e o desenvolvimento do futebol feminino, já que grande parte das informações apresentadas foram extraídas de estudos com atletas de futebol masculino.

Considerando os contextos de formação de jovens futebolistas, bem como, o conhecimento acerca dos fatores que são considerados preditores do alto desempenho no futebol adulto, as escolas e centros de formação tem a possibilidade de estruturar e aprimorar seus processos avaliativos, buscando identificar os talentos de forma antecipada, além de direcioná-los para posições específicas que potencializem seu desenvolvimento e conseqüente busca pela profissionalização.

Os tryouts e a identificação de talentos

Uma avaliação no futebol, também conhecida como “*tryout*”, deve ser um processo no qual jovens talentos, meninos e meninas, são avaliados em relação a seu comportamento tático, suas habilidades técnicas, conhecimento do jogo, condicionamento físico e atitudes. Aqueles que se destacam nessas áreas têm a chance de serem selecionados para fazer parte de um time/clube de futebol. Essas avaliações podem variar em termos de duração e complexidade, dependendo do clube, mas todas têm o objetivo de identificar atletas promissores. Tomamos aqui como referência o processo de seleção de um clube formador regulamentado pela CBF, o Azuriz Futebol Clube, descrito no e-book disponível em seu site oficial (Azuriz Futebol Clube, 2021) e no livro “Uma metodologia de formação integral de atletas: bases, diretrizes e direcionamentos”, de Livinalli e Ramos (2021).

Durante um *tryout*, os candidatos são submetidos a uma série de testes e avaliações. Embora os detalhes possam variar, existem algumas características e habilidades que os avaliadores geralmente procuram em potenciais jogadores. É desejável que os candidatos demonstrem proficiência nos fundamentos básicos do futebol, como: passe, drible, finalização e controle de bola. Isso envolve não apenas habilidades individuais isoladas, mas a capacidade de aplicá-las em contextos de jogo. Assim sendo, é importante também que os participantes tenham um conhecimento sólido sobre o jogo, incluindo suas regras, jargões, entendimento sobre as posições e sobre como ocupar os espaços em diferentes momentos do jogo etc.

Em uma avaliação, é recomendável que os candidatos estejam em boa forma física, com boa capacidade de resistência, força e agilidade; inclusive, muitos clubes também realizam testes físicos específicos durante as avaliações. Além das habilidades técnicas e físicas, avaliadores também observam o comportamento e a atitude dos candidatos. Ser capaz de trabalhar bem em equipe e mostrar entusiasmo, humildade e respeito pelos colegas e treinadores/as é valoroso. Demonstrar traços de liderança e maturidade emocional também são desejáveis.

A disciplina, respeito, honestidade, pontualidade e organização pessoal são características imprescindíveis (Livinalli & Ramos, 2021). Portanto, é recomendável seguir as orientações da comissão técnica, manter o uniforme em ordem e mostrar responsabilidade em todas as áreas, desde arrumar a cama até ser pontual nas atividades.

No processo de avaliação de jogadores, algumas características são tomadas como referência de acordo com a posição e função que atuam. É válido destacar que estas características podem variar de um clube para outro, de uma região para outra, de um país para outro pois dependem de diversos aspectos contextuais que influenciam o como as pessoas envolvidas no processo pensam o futebol e pensam o que é necessário para jogar em determinadas posições e funções. No entanto, existem algumas características que são consideravelmente padronizadas e que destacaremos neste trecho que segue.

Goleiros/as: protegem a meta da equipe e podem participar ativamente da primeira etapa de construção ofensiva da equipe. É recomendável que atletas desta posição tenham: no aspecto físico – estatura elevada, boa flexibilidade, boa velocidade de reação, boa coordenação motora específica, agilidade, força/potências nos braços e pernas; no aspecto tático-técnico – bom posicionamento, comunicação, controle de profundidade, saída em bolas aéreas, capacidade de jogo com os pés (curto e longo), boa reposição de bola com as mãos/pés, encaixe e soco na bola, boa capacidade de realizar defesas rasteiras, médias, altas e desvios laterais; no aspecto psicossocial – visão de jogo, liderança, concentração, frieza, coragem (Thiengo, 2020; Menegassi, 2021; Livinalli & Ramos, 2021).

Laterais: desempenham principalmente um papel defensivo na equipe, ocupando os corredores direito e esquerdo. É recomendável que atletas desta posição tenham: no aspecto físico – estatura média, ótima resistência aeróbia, força/velocidade, agilidade, coordenação motora, força/potência nos membros inferiores; no aspecto tático-técnico – bom passe e condução de bola, boa capacidade de dribble em velocidade, capacidade de realizar cruzamentos altos ou tensos, capacidade de alternar no jogo por dentro e por fora, de realizar triangulações, bom chute a gol, poder de marcação, cobertura defensiva e ofensiva, antecipação de jogadas, capacidade de penetração com bola; no aspecto psicossocial – dinamismo, persistência coragem, capacidade de entreatajuda e calma (Thiengo, 2020; Menegassi, 2021; Livinalli & Ramos, 2021).

Zagueiros/as: atuam no setor defensivo, normalmente no corredor central da equipe e focam-se na interrupção das jogadas ofensivas adversárias e na primeira etapa de construção ofensiva da equipe. Há equipes que utilizam 2 zagueiros centrais e há equipes que utilizam 3 zagueiros, onde as funções mudam de acordo com a proposta de jogo e característica das peças utilizadas. É recomendável

que atletas desta posição tenham: no aspecto físico – estatura média/alta, boa resistência aeróbia, força muscular, velocidade/agilidade, força de arranque, impulsão para saltos; aspecto tático-técnico – posicionamento defensivo nas ações defensivas e ofensivas, cabeceio, domínio de bola, rechazo, combate pelo chão e pelo alto, capacidade de construção com bola, capacidade de condução, antecipação, tempo de bola aérea, marcação, cobertura em profundidade, apoio aos laterais; aspecto psicossocial – perseverança, liderança, decisão e coragem (Thiengo, 2020; Menegassi, 2021; Livinalli & Ramos, 2021).

Meio-campistas: atletas que operam principalmente, como o nome sugere, na zona intermediária do campo e têm como principais funções construir jogadas ofensivas, podendo participar de todas as etapas de construção a depender das ideias da comissão técnica, participar da finalização das jogadas e interromper as ações adversárias principalmente nesta zona do campo. O espectro desta posição é largo e existem funções de corredor central, corredor lateral (ex. alas), mais ofensivas (ex. meias-atacantes) e mais defensivas (ex. volantes). É recomendável que atletas desta posição tenham: no aspecto físico – estatura média/alta, boa resistência aeróbia, boa velocidade/agilidade, boa coordenação motora, boa resistência muscular; no aspecto tático-técnico – habilidade na condução de bola, no desarme, na antecipação, bom passe longo e curto, boa recepção, capacidade de manter a posse da bola, bom drible em progressão, boa finalização a curta, média e longa distância, capacidade de infiltração, visão de jogo, posicionamento, bom desmarque; no aspecto psicossocial – confiança, liderança, personalidade para chamar o jogo para si, dinamismo, concentração, criatividade, espírito de luta, capacidade de entreaajuda (Thiengo, 2020; Menegassi, 2021; Livinalli & Ramos, 2021).

Atacantes: trabalham principalmente na frente da equipe e têm como responsabilidades principais criar jogadas ofensivas e marcar gols. É possível atuar como atacante jogando quase que exclusivamente centralizado (ex. centroavante), com maior liberdade de movimentação pelos corredores (ex. segunda/o atacante ou falsa/o nove), ou mesmo predominantemente pelo corredor lateral ou no meio-espaço entre corredor lateral e central (ex. pontas). É recomendável que atletas desta posição tenham: (I) aspecto físico – estatura média/alta, boa resistência aeróbia, boa força muscular, força de arranque, velocidade/agilidade, impulsão, força explosiva; (II) aspecto tático-técnico – capacidade de realizar cruzamentos rasteiros e altos, ótima capacidade de finalizações distintas, boa capacidade de drible e finta, controle de bola, domínio, cabeceio, ambidestria funcional, capacidade de fazer diagonais, infiltrações sem bola no espaço, jogo de pivô, criar espaço para infiltrações de companheiros, boa capacidade de posicionamento; (III) aspecto psicossocial – boa capacidade de decisão, personalidade para chamar a responsabilidade, confiança, resiliência, coragem, bravura (Thiengo, 2020; Menegassi, 2021; Livinalli & Ramos, 2021).

Além dos aspectos supracitados, encontrados naquilo que é relacionado ao campo, de maneira geral, são características valorizadas em atletas e relacionadas ao extracampo: a proatividade, a coragem, a cooperação, o companheirismo, a concentração, a persistência, a lealdade a competitividade, a combatividade, o autocontrole, o otimismo, a mentalidade vencedora, o autocuidado, a valorização dos amigos, dos profissionais e da família (Livinalli & Ramos, 2021).

A junção das virtudes extracampo com os aspectos associados ao campo de jogo, forma os grandes jogadores e deve ser de interesse dos gestores fomentar estímulos positivos continuamente para que os atletas se desenvolvam em diversas destas frentes. As características citadas anteriormente para cada posição podem e devem fazer parte do currículo/caderno metodológico de formação da escola/clube, pois possibilitam não somente uma ferramenta de seleção de jovens talentos, mas também o delineamento e planejamento das intervenções de forma direcionada e especializada, com o intuito de potencializar o desempenho dos atletas durante sua trajetória no clube.

Por que estruturar um currículo metodológico?

As escolas/clubes que pretendem trabalhar a partir dos estágios iniciais de formação de atletas, após definir os seus objetivos, precisam atuar na concepção curricular. Isso implica no processo de construir os componentes de um currículo, abordando todos os itens necessários para tal (UNESCO, 2016). Considerando que a formação esportiva é um processo essencialmente educacional, entende-se que o currículo é uma ferramenta pedagógica essencial que deverá nortear todas as atividades da iniciação esportiva (6 aos 13 anos de idade) até a especialização (14 aos 20 anos) dos clubes de formação e nele deverá estar descrito o que, por que, como e quão bem os jovens deverão aprender de modo sistemático e intencional. Além disso, é fundamental que o clube se dedique a proporcionar uma formação integral aos indivíduos, indo além do aspecto esportivo.

Inicialmente, o currículo deve ser elaborado levando em consideração as realidades históricas, sociais, linguísticas, políticas, culturais, geográficas do país e/ou região. A partir desse ponto, alguns tópicos devem ser incorporados, norteados a construção do currículo, sendo eles: legislação nacional e internacional, critérios de referência, valores, missão, visão e objetivos, formação interdisciplinar, recursos estruturais, financeiros e humanos, cargos e funções, inovação, tecnologia e desenvolvimento, educação formal, relacionamento com a comunidade, educação transversal, etapas, fases e perfil do graduado, tempo disponível, dimensões do rendimento esportivo, esferas do conhecimento, sistema de competições, sistema de avaliação do rendimento esportivo e sistema de avaliação da preparação esportiva (CONMEBOL, 2019).

Com base na compreensão do futebol como uma modalidade esportiva coletiva, a partir de uma perspectiva sistêmica e complexa, indica-se que o jogo desempenhe um papel central nas etapas de iniciação, especialização e aperfeiçoamento nos currículos dos clubes de formação. Por meio de uma metodologia cientificamente fundamentada e que privilegia o jogo, os treinadores devem, didaticamente, alinhar os objetivos e os conteúdos ao longo do planejamento, orientando-se pela natureza do jogo. Isso contribuirá para a criação de um ambiente propício para o jogar e, como resultado, para a aprendizagem (Scaglia, Reverdito, Leonardo & Lizana, 2013).

Quanto à organização dos conteúdos, estes devem ser selecionados pelo clube com base em suas diretrizes, e então desenvolvidos por meio de métodos e meios de ensino previamente definidos. Esses conteúdos devem abranger as dimensões do rendimento esportivo (tática, técnica, física, cultural, social, psicológica,

estratégica e histórica) dentro de um planejamento didático que contemple todo o processo de formação.

Nesse sentido, propõe-se que o currículo de formação para o processo de ensino do Futebol adote um planejamento dos conteúdos dispostos de modo espiral e ascendente, com o jogo sendo tanto conteúdo quanto o método (Scaglia & Reverdito, 2016; Scaglia, Reverdito, Leonardo & Lizana, 2013). De modo mais específico, espera-se que os jogadores ao longo do processo desenvolvam as competências necessárias para entender a lógica do jogo, que emerge das interações entre as referências estruturais como companheiros, adversários, bola, alvo, espaço e regras, e as funcionais que são direcionadas pela posse ou não da bola. Assim, durante a fase inicial da formação esportiva, o currículo pode propiciar a prática de jogos diversificados, enquanto na etapa de especialização os jogos devem se aproximar cada vez mais da lógica do jogo esportivo coletivo (Bayer, Da Costa & Góis, 1994).

Sugere-se que cada conteúdo seja desenvolvido na esfera conceitual, procedimental e atitudinal. Ou seja, ao elaborar uma sessão de treinamento os treinadores deverão elencar quais os objetivos serão referentes à dimensão procedimental, ou seja, o saber fazer/executar em campo; na dimensão conceitual, que trata do saber sobre um conceito ou conceitos; e na dimensão atitudinal, que se refere aos objetivos relacionados ao saber ser, ou seja, ao desenvolvimento de atitudes e valores necessários não apenas para a prática do futebol, mas também para a vida (CONMEBOL, 2019).

Por exemplo, em uma sessão de treinamento para a categoria Sub-15, os objetivos na esfera procedimental podem ser descritos considerando diversos aspectos: a estratégia da equipe – organizar para a saída de bola no tiro de meta; considerando a tática – criação da linha de passe; técnica – aprimorar técnicas de passe e recepção com domínio orientado; física – desenvolver resistência física dos jogadores/as. Na dimensão conceitual, o objetivo será ensinar o que é frequência cardíaca e como monitorá-la. Já na esfera atitudinal, será incentivar os jogadores a desenvolver autonomia e responsabilidade para as decisões, além de estimular o trabalho em grupo.

Considerando o processo de estruturação de um currículo metodológico que contemple os ideais e abordagens desenvolvidas (ou a serem desenvolvidas) na escola ou clube, especialmente se tratando da formação de jovens jogadores e jogadoras, emerge a necessidade de um profissional responsável por esse processo. Esse profissional precisa dominar principalmente as áreas da gestão esportiva e de pessoas, investigação científica e intervenção prática no futebol.

O papel do coordenador metodológico

Uma das profissões mais atuais do futebol, no contexto brasileiro, é a de Coordenador(a) Metodológico(a). Esta tem ganhado mais visibilidade em função da emergente necessidade de se estabelecer (ou sistematizar) nos clubes, centros de formação e escolas de futebol, um currículo de formação, com foco nas categorias de base, mas que se estenda até o profissional. Espera-se que essa diretriz ou proposta elaborada (ou atualizada) pelo coordenador metodológico, envolva aspectos essenciais para processo de seleção, formação e profissionalização de

jovens futebolistas, considerando conteúdos técnicos, táticos, físicos e mentais, envolvendo não somente a formação esportiva, mas também, a formação integral dos indivíduos.

Segundo a Confederação Brasileira de Futebol (2022), a Coordenação Metodológica possui um papel crucial no delineamento do processo de desenvolvimento dos jogadores(as), abrangendo desde a perspectiva individual até a coletiva, dos treinamentos ao jogo e competições. Isso implica em assegurar que os profissionais se fundamentem (e respeitem) o Currículo de Formação e as orientações metodológicas do clube/escola, com o objetivo de colocar essas diretrizes em prática, resultando em uma abordagem consistente direcionada principalmente às equipes de base, sendo adaptada às faixas etárias e categorias.

Para o professor doutor Próspero Paoli – uma referência quando se trata de Coordenação Técnica e Metodológica no futebol – o profissional que atua nessa área é “o guardião de um importante instrumento no processo da formação, que é exatamente o Currículo de Formação, do modelo de jogar preconizado pelo clube de acordo com sua cultura, identidade e filosofia” (Confederação Brasileira de Futebol, 2022). Nesse sentido, as seis principais funções do coordenador metodológico são apresentadas na figura abaixo:

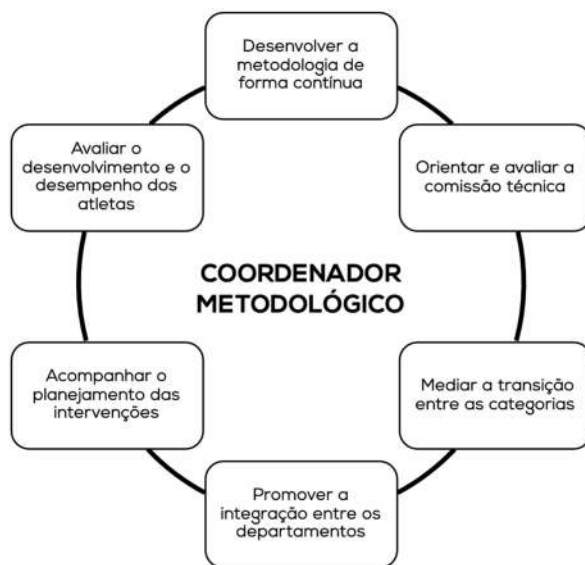


Figura 3. Principais funções do coordenador metodológico (os autores).

Desenvolver a metodologia de forma contínua: a construção de um currículo ou caderno metodológico é uma das principais funções atribuídas ao profissional. Essa proposta pode (e deve), ser embasada em conhecimentos científicos e empíricos, estar alinhada com a filosofia do clube/escola (missão, visão, valores, objetivos e pilares) e ser compatível com a infraestrutura física, humana e financeira. Além disso, no caderno metodológico precisam ser contemplados aspectos relacionados não somente à formação esportiva (categorias, conteúdos, competições

etc.), mas também à formação integral (rendimento escolar, família, carreira profissional etc.) dos indivíduos. Alguns dos principais conteúdos que podem ser abordados neste material serão descritos no tópico XX (etapas de construção do currículo metodológico).

Orientar e avaliar a comissão técnica: a coordenação metodológica atua diretamente com a comissão técnica, promovendo ações de formação (desenvolvimento profissional) e avaliação dos membros que constituem a comissão, como treinadores, auxiliares técnicos, preparadores físicos, analistas de desempenho, entre outros. Essas ações de formação envolvem a organização de cursos, workshops e palestras, com o intuito de desenvolver não somente as hard skills (habilidades técnicas), mas também as soft skills (habilidades comportamentais) dos profissionais do clube/escola. Por fim, as ações avaliativas envolvem ferramentas de monitoramento do desenvolvimento profissional, bem como, a realização de entrevistas para seleção de novos profissionais, mentorias e criação de um Programa de Desenvolvimento Pessoal (PDP) (de forma conjunta com o departamento de recursos humanos).

Mediar a transição entre as categorias: a construção de um processo de transição eficiente entre as categorias é um aspecto fundamental para o sucesso do clube/escola, principalmente se sua missão estiver relacionada com a formação de atletas. Esse processo precisa ser verticalizado, garantindo que crianças, adolescentes e jovens tenham a oportunidade de ascender para categorias superiores do clube (ex.: de um Sub-15 para um Sub-16) e não somente de equipe B para equipe A (processo horizontal). São muitos recursos investidos nesse processo e o clube/escola, precisa garantir que o maior número de atletas chegue às categorias profissionais ou se tornem ativos (fruto de negociações), garantindo a rentabilidade do processo no mercado futebolístico; por outro lado, e ainda mais importante, esse processo verticalizado possibilita a concretização dos sonhos dos atletas que se dedicam diariamente para conquistar a profissionalização. Essa transição entre as categorias precisa respeitar os conteúdos e o nível de desenvolvimento maturacional e cognitivo do aluno/atleta, evitando que ocorra a especialização esportiva precoce.

Promover a integração entre os departamentos: a integração entre os diferentes departamentos do clube é uma tarefa difícil e que exige conhecimentos multidisciplinares. O(a) coordenador(a) metodológico(a) é o responsável por conhecer as especificidades de cada setor e utilizar as demandas, bem como, as informações advindas de cada um deles de uma forma estratégica, conectando os processos e possibilitando uma visão macro do processo, auxiliando a comissão técnica, bem como, os demais gestores (supervisores, coordenadores), a diretoria e presidência em situações de tomada de decisão.

Acompanhar o planejamento das intervenções: o(a) coordenador(a) metodológico(a) também participa ativamente da elaboração das aulas e sessões de treinamento, com o intuito de garantir que o currículo do clube/escola seja respeitado e contemplado em sua integralidade nos aspectos micro (sessões) e macro (periodização e temporada) do processo de ensino-aprendizagem e treinamento. Para tanto, são realizadas reuniões de planejamento (de preferência semanais), onde são discutidas as sessões de treinamento, o microciclo semanal e os aspectos

individuais e coletivos do grupo de atletas. O modelo de jogo (a forma de jogar), constituída por princípios táticos específicos, precisa estar presente nas sessões de treinamento e nos jogos e competições, preservando a identidade do clube/escola.

Avaliar o desenvolvimento e o desempenho dos atletas: o trabalho de coordenação metodológica é fundamental nos processos de avaliação do clube/escola, pois permite que a seleção de novos atletas, bem como o monitoramento do desenvolvimento dos que já fazem parte do processo de formação. Os setores de análise de desempenho e análise de mercado devem possuir uma relação muito próxima com a coordenação, garantindo que as características esperadas para cada posição/categoria (descritas no currículo de formação) sejam de conhecimento de todos os profissionais responsáveis pela captação e avaliação do desempenho dos alunos/atletas.

Considerando as funções acima citadas, é visível e irrefutável a importância da atuação do coordenador metodológico nas escolas e centros de formação de atletas de futebol, especialmente se tratando do planejamento dos conteúdos e treinamentos em conjunto com a comissão técnica. Nesse sentido, com base na literatura e considerando as experiências práticas vivenciadas pelos autores deste capítulo, a seguir será apresentada uma proposta de organização do processo de ensino-aprendizagem e treinamento, fundamentada na teoria construtivista (que tem o aluno/atleta como o centro do processo e considera seu desenvolvimento biológico, cognitivo e suas experiências prévias) e no método global de ensino (por meio de jogos e problemas táticos), considerando também uma estreita relação com o modelo de jogar da escola ou do clube (que é transferido do dia-dia de treinamentos para a competição).

Proposta de ensino-aprendizagem e treinamento

Uma proposta de ensino-aprendizagem e treinamento precisa, necessariamente, se fundamentar em um modelo de jogar. De acordo com o dicionário Priberam, a palavra “modelo” significa um molde exemplar, algo que serve para ser imitado ou que serve de referência para a elaboração de algo. No futebol, considerando que a importância da variabilidade gerada pelas diferentes ideias dos treinadores e treinadoras, com diferentes concepções de jogo constituídas de acordo com suas experiências/observações prévias, as diferentes possibilidades de características dos jogadores e jogadoras em relação à compreensão do jogo e as diferentes possibilidades de cultura do clube, não podemos de maneira alguma indicar que exista um modelo exemplar a ser copiado e sim apontar sobre a necessidade de tê-lo e de estruturá-lo de acordo com o contexto geral.

O “modelo de jogo”, específico do futebol, representa para Teoldo, Guilherme e Garganta (2015) o conjunto de estratégias táticas que servem para orientar e materializar tanto o treinamento quanto a competição, é o modelo de jogo que confere sentido aos conceitos e princípios relacionados a uma abordagem específica de jogar, facilitando a adaptação do treinamento para um estilo singular. Para Tamarit (2007), o modelo de jogo é uma visão futura do que esperamos que a equipe demonstre de forma consistente em diferentes momentos de uma partida. Castelo (1996) complementa este entendimento ao apontar que o modelo de jogo de uma equipe é caracterizado por um conjunto de diretrizes, princípios,

que norteiam as atitudes e os comportamentos técnico-táticos individuais e coletivos, tanto no aspecto ofensivo quanto no defensivo. Para que as características do modelo de jogo definido para a escola/clube estejam presentes nas situações competitivas, essas precisam, necessariamente, ser treinadas durante o processo de ensino-aprendizagem e treinamento. Nesse sentido, os princípios que constituem esse modelo de jogo precisam ser distribuídos durante as unidades de treino, respeitando um microciclo (periodização semanal), bem como, os desafios competitivos que a equipe enfrentará.

Ao elaborar uma unidade de treino, é essencial que a estratégia seja a de criar um ambiente propício para o ensino, aprendizagem e treinamento, utilizando para isso de jogos que reduzem o jogo para direcionar a determinados aspectos do todo, sem empobrecê-lo em demasia, com o intuito de gerar um desenvolvimento abrangente da(o) atleta em termos físicos, técnicos, táticos e psicológicos e em conformidade com o modelo de jogo. Para isso, sugerimos a utilização da abordagem proposta para o ensino de esportes de invasão, com foco específico no futebol (Borges & Rechenchosky, 2017), ideia esta que também se fundamenta na proposta de uma Iniciação Esportiva Universal (Greco & Benda, 1998).

A estrutura sugerida inclui três momentos essenciais: roda inicial, vivências e roda final. A roda inicial representa o momento em que a comissão técnica reúne os alunos/atletas, para introduzir o conteúdo da unidade de treino. Se houver relação entre os temas, é importante revisar o que foi trabalhado na sessão anterior, para gerar um link mental, e apresentar questões sobre o conteúdo que será abordado no dia. Em resumo, essa etapa tem como objetivo contextualizar e avaliar o conhecimento dos participantes sobre o tema em discussão. Após a roda inicial, temos o momento das vivências, que representa o “core” da unidade e pode ser composto por até quatro atividades distintas: (I) primeiros movimentos, (II) jogo inicial, (III) tarefas e exercícios orientados, (IV) conscientização tática e (V) jogo final. Por fim, o encerramento em grupo, a roda final, representa o momento final reflexivo do treinamento. Realiza-se uma avaliação abrangente para determinar se os objetivos nas diversas dimensões (conceitual, procedimental e atitudinal) foram atingidos e se os participantes tiveram uma experiência enriquecedora no treino. É crucial que a comissão técnica forneça um feedback tanto em grupo quanto individualmente nesse momento de encerramento. Além disso, é importante que incentivem os atletas a expressarem suas opiniões, descreverem os desafios encontrados na realização das atividades e que relatem se foram desafiadoras, relatando inclusive sugestões para melhorias.

Especificamente sobre o momento das vivências, o primeiro momento (I) envolve as tarefas elementares/básicas do futebol. Este é considerado o momento de aquecimento e normalmente é realizado pelos preparadores físicos (com um olhar levemente mais aguçado para a vertente física), sem desconsiderar os princípios táticos do modelo de jogo que serão trabalhados na sequência do treino (vivências do treino interligadas). O segundo momento (II) é habitualmente um jogo reduzido com condições e regras adaptadas para os objetivos e princípios táticos da unidade de treino. Neste momento, é importante resguardar as estruturas funcionais do futebol, reduzindo-o sem empobrecê-lo em demasia, porém garantindo que o jogo faça com que os jogadores estejam propensos a agirem como se objetiva.

O terceiro momento (III) é caracterizado como um espaço de reflexão sobre o que estão fazendo, onde se aplica em situações de jogo formal e como poderiam melhorar a execução das ações tático-técnicas. O quarto momento (IV) é composto por atividades de menor complexidade que têm como foco desenvolver aspectos técnico-táticos relacionados aos objetivos e princípios táticos. Neste período do treino, há liberdade para a utilização de exercícios analíticos, mas a recomendação é para que os aspectos técnico-táticos sejam trabalhados também aqui em situações de jogo reduzido (porém com baixa complexidade e foco nas habilidades). Já o quinto e último momento (V), guarda semelhanças com o segundo momento, porém, é realizado em uma estrutura de campo e numérica maior, com menor estorvo de condições/regras, sem esquecer dos objetivos da unidade de treino, mas tentando se aproximar o máximo possível daquele que é o contexto do jogo formal.

Além das sessões de treinamento, também se destaca nesta proposta a importância de um período para competições, que podem ser campeonatos com jogos oficiais para as categorias com idade mais elevada e festivais, amistosos e competições menos pautadas no resultado final para as categorias mais jovens.

Se tratando da aplicação da metodologia de ensino, conforme a proposta apresentada, sugerimos que cada unidade de treinamento seja estruturada com informações iniciais sobre a “etapa”, “fase” e “idade aproximada” relacionadas ao processo de desenvolvimento esportivo. Em seguida, são apresentados os elementos-chave, como a “fase de jogo”, os “princípios táticos” predominantes e os “fundamentos técnico-táticos”. Por fim, a unidade de treinamento é caracterizada com a descrição dos objetivos abrangendo as dimensões conceitual, procedimental e atitudinal. A seguir será apresentado um modelo de plano de aula/treino fundamentado na proposta para o ensino de esportes de invasão, direcionada especificamente ao futebol (Borges & Rechenchosky, 2017). O plano em questão pode ser direcionado para praticantes/atletas das categorias Sub-13 e Sub-14, enquadradas na etapa de transição e fase de orientação. É importante ressaltar que este plano serve apenas como um ponto de partida para discussões dentro da equipe de profissionais, que devem considerar todo o seu contexto para adaptar com o intuito de atender às necessidades específicas de onde serão implementados.

Como intervir de acordo com a proposta metodológica?

Para concluir de forma prática os conteúdos abordados no presente capítulo, abaixo é apresentado o modelo de plano de treino, estruturado a partir das três dimensões dos conteúdos (conceitual, procedimental e atitudinal) e conforme a proposta metodológica apresentada anteriormente.

Etapa: Transição	Fase: Orientação	Idade aproximada: 12 - 14 anos
------------------	------------------	--------------------------------

Momento do jogo:	Fase Ofensiva + Fase Defensiva (Transição Defensiva).
Princípio Tático Geral:	Tentar criar superioridade numérica. Evitar a igualdade numérica.
Princípio Tático Operacional:	Ofensivo: conservar a posse da bola e progredir pelo campo de jogo adversário. Defensivo: anular as situações de finalização.
Princípio Tático Fundamental:	Ofensivo: cobertura ofensiva e espaço. Defensivo: contenção.
Princípio Tático Específico:	Jogo apoiado.
Fundamento técnico-tático:	Ofensivo: passe e recepção. Defensivo: desarme e interceptação.

Objetivos:	Manter a posse da bola mediante jogo apoiado. Compreender o que é o 'jogo apoiado' e sua importância. Colaborar para uma boa sessão de treino.
------------	--

RODA INICIAL

Vocês sabem o que é jogo apoiado?

Vocês sabem o que é necessário para realizar um bom jogo apoiado?

Qual a importância de olharem o jogo e moverem a bola para espaços onde a/o adversária(o) não está ou está em inferioridade?

O que seria realizar o princípio tático de espaço? E contenção? Onde acontecem no jogo?

PRIMEIROS MOVIMENTOS

O atleta que está com a posse da bola (1) deve efetuar um passe para o colega posicionado na posição de amplitude do campo (2); este atleta deve realizar um desmarque de apoio para receber o passe, saindo de sua posição mais avançada e aberta, aparecendo como uma opção de passe mais aproximada de quem detém a bola. Um passe de apoio, escorado, é realizado de volta para quem iniciou a jogada (1) e um novo passe é efetuado em direção à quem se encontra na posição central (3), também realizando um desmarque de apoio em relação à quem possui a bola e executando um passe de apoio para o atleta número 2, que por sua vez, solta um passe de avanço para o atleta número 3 no espaço (tabela) que recebe a bola em velocidade e a conduz até a fila do lado oposto do início da troca de passes. Essa mesma sequência de passes e movimentações é executada no sentido contrário. A rotação entre os jogadores segue a ordem numérica no sentido anti-horário. O objetivo principal aqui é melhorar a compreensão dos jogadores sobre como executar movimentos de apoio e ruptura, uma dinâmica fundamental para avançar em um jogo de apoio.

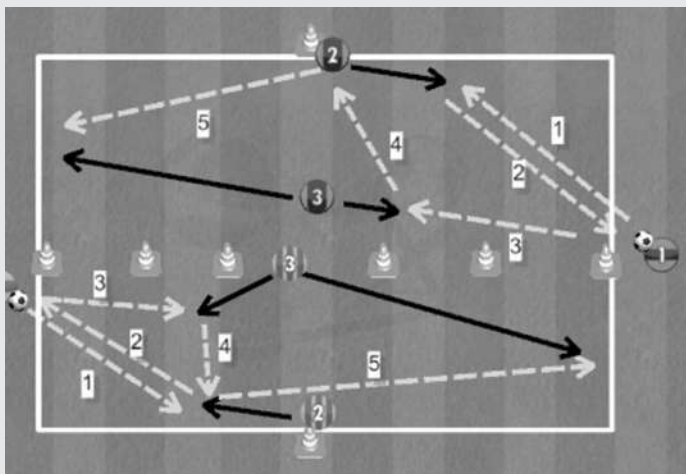


Figura 4. Representação gráfica dos primeiros movimentos (os autores).

JOGO INICIAL

Descrição: Uma coluna central © + uma das equipes (neste caso a equipe preta) jogam juntas contra a equipe branca. O objetivo da equipe da posse de bola, em superioridade numérica, é completar 10 passes utilizando os dois quadrantes de jogo. É importante que os jogadores em posse se movimentem e deem opções de passe de apoio para conservar a posse da bola, desde que não saiam do seu setor de atuação. Ao perder a bola, toda a equipe da posse pode realizar pressão na zona da bola para evitar o avanço ou a finalização da equipe adversária.

A equipe branca pode escolher como se posicionar nos setores, podendo agrupar uma pressão de 4 atletas no mesmo setor ou equilibrar com 2 em cada setor. Ao recuperar a bola, deve atacar rapidamente qualquer uma das quatro metas nas extremidades do espaço de jogo. Observação: Após uma fração de tempo (à critério da equipe técnica), a equipe inverte as funções. A coluna central © pode ser mantida ou também entrar na rotação de funções.

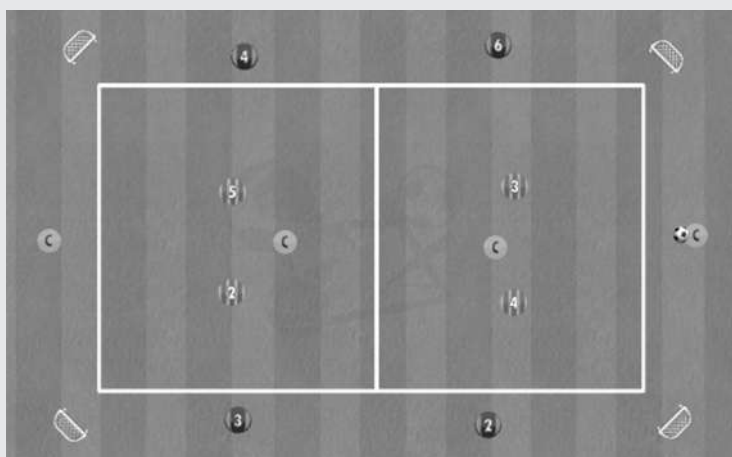


Figura 5. Representação gráfica do jogo inicial (os autores).

CONSCIENTIZAÇÃO TÁTICA

Nos primeiros movimentos, onde ocorriam os desmarques e passes de apoio e o desmarque e passe de ruptura?

Em que cenários do jogo inicial essas movimentações de apoio eram utilizadas como estratégia para manutenção da posse da bola? Elas contribuía para o avanço da equipe entre os quadrantes?

Notaram que é fundamental ter paciência e fazer a bola circular (no jogo inicial), mantendo a posse, até identificar uma oportunidade propícia para avançar para o quadrante seguinte?

TAREFAS E EXERCÍCIOS ORIENTADOS

Objetivo: Aprimorar a habilidade dos jogadores em manter a posse de bola e avançar através de um estilo de jogo baseado em apoio mútuo.

Descrição: A bola começa com uma das equipes, que busca superar os marcadores por meio de um passe entre-linhas. Assim que conseguirem o passe de avanço, os mesmos devem se oferecer como opção de passe de apoio (por fora) para ajudar a progredir no espaço de jogo e conectar um passe nas metas que se encontram na linha de fundo do lado oposto do início da construção.

Observação: quando falharem um passe e forem interceptados pela equipe adversária, incentivar para que rapidamente encurtem e contemham o avanço ou finalização dos oponentes, protegendo as metas da linha de fundo.

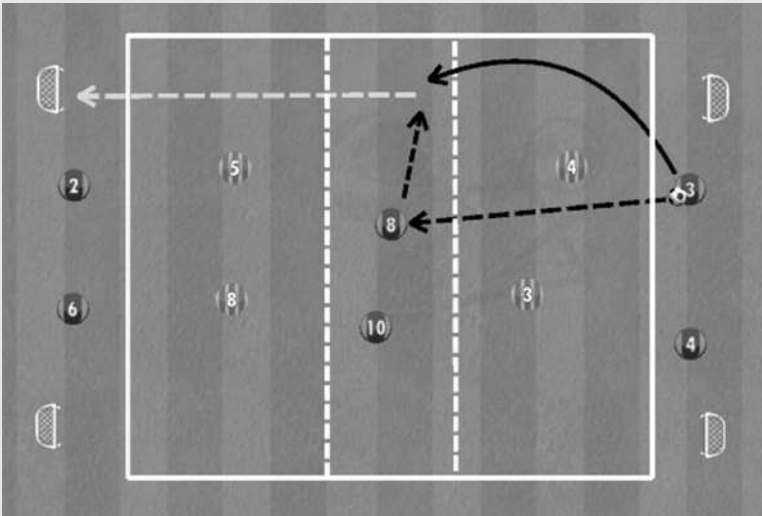


Figura 6. Representação gráfica das tarefas e exercícios orientados (os autores).

JOGO FINAL

Objetivo: Aprimorar a habilidade dos jogadores em manter a posse de bola e avançar de forma coesa através de um estilo de jogo baseado em apoio mútuo.

Descrição: As equipes competem entre si e contam com o suporte de duas/dois jogadores curingas © que se deslocam no entre linhas para fornecer opções de passe. Todos os jogadores também podem oferecer essas opções de passe de apoio e de ruptura.

Observação: sempre quando uma equipe perder a posse da bola, incentivar para que realizem a pressão na zona da bola, especialmente em quem estiver portando a bola no momento.

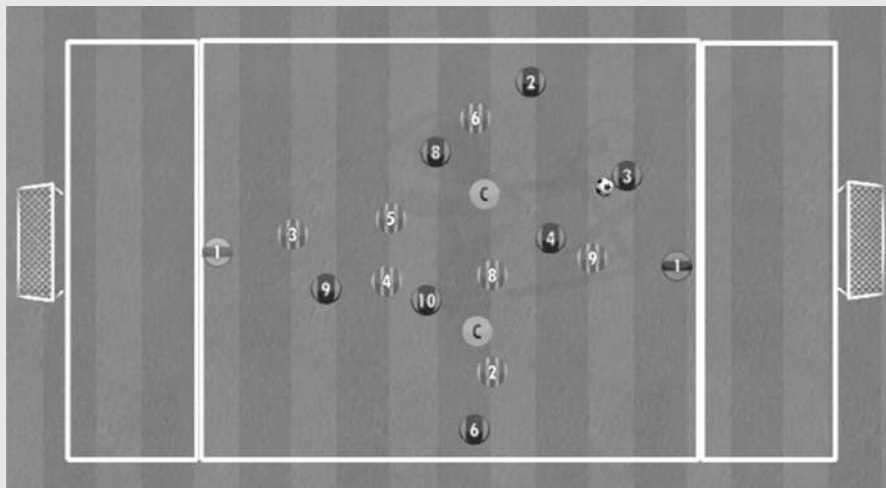


Figura 7. Representação gráfica do jogo final (os autores).

RODA FINAL

Realizar um feedback sobre o treino, levantando pontos positivos e negativos.
Recapitular os objetivos iniciais, os princípios táticos e fundamentos trabalhados.

REFERÊNCIAS

Avelar, R., Lima, M. F., & Cardoso, F. S. L. (2023). Influência de fatores individuais e ambientais na seleção de talentos no futebol de base: uma análise do Campeonato Paulista Sub-20. *Revista Brasileira de Futebol*, 16(1), 52-65.

Azuriz Futebol Clube. (2021). *Guia completo para ser um jogador de futebol profissional [PDF]*. Recuperado de https://azuriz.com.br/ebook/wp-content/uploads/2021/12/eBook_Guia-completo-para-ser-um-jogador-de-futebol-profissional_-Azuriz.pdf em 15 de setembro de 2023.

Bayer, C., Costa, M., & Da Gois, P. (1994). *O ensino dos desportos colectivos*. Dinalivro.

Borges, R. M., & Rechenchosky, L. (2017). Futebol. In A. A. B. González et al. (Eds.), *Esportes de invasão: basquetebol, futebol, futsal, handebol e ultimate frisbee* (pp. 345-439). Maringá: Eduem.

UNESCO. (2016). *Glossário de terminologia curricular* (R. Brossard, Trad.). Brasília/DF: Unesco-IBE.

Castelo, J. (1996). *Futebol: a organização do jogo*. Lisboa: Edição do autor, 31-39.

Club de Regatas Vasco da Gama. (2017). *Currículo Metodológico*. (3ª ed.). Rio de Janeiro-RJ.

Confederação Brasileira de Futebol. (2022). *Por dentro da Coordenação Metodológica*. Recuperado de <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/cbf-academy/por-dentro-da-coordenacao-metodologica> em 15 de setembro de 2023.

Confederación Sudamericana de Fútbol. Dirección de Desarrollo. (2019). *Estrategias para selecciones juveniles de CONMEBOL*. Luque.

Costa, I. T. da, Cardoso, F. S. L., & Garganta, J. (2013). O Índice de Desenvolvimento Humano e a Data de Nascimento podem condicionar a ascensão de jogadores de Futebol ao alto nível de rendimento? *Motriz: Revista de Educação Física*, 19, 34-45.

Côté, J., Macdonald, D. J., Baker, J., & Abernethy, B. (2006). When “where” is more important than “when”: Birthplace and birthdate effects on the achievement of sporting expertise. *Journal of Sports Sciences*, 24(10), 1065-1073.

Forsman, H., Blomqvist, M., Davids, K., Liukkonen, J., & Kontinen, N. (2016). Identifying technical, physiological, tactical and psychological characteristics that contribute to career progression in soccer. *International Journal of Sports Science Coaching*, 11(4), 505-513.

Gledhill, A., Harwood, C., & Forsdyke, D. (2017). Psychosocial factors associated with talent development in football: A systematic review. *Psychology of Sport and Exercise*, 31, 93-112.

Greco, P. J., & Benda, R. N. (1998). *Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico*. Belo horizonte: UFMG, 1, 230.

- Huijgen, B. C. H., Elferink-Gemser, M. T., Ali, A., & Visscher, C. (2013). Soccer skill development in talented players. *International Journal of Sports Medicine*, 34, 720-726.
- Legnani, E., Rosa, S., & Legnani, R. F. (2021). *Futebol: evoluções e reflexões*. (1ª ed., Vol. 1, 77p.) Maringá-PR: Clube dos Recreadores.
- Livinalli, E. F., & Ramos, R. (2021). *Uma metodologia de formação integral de atletas: bases, diretrizes e direcionamentos*. Londrina-PR, Engenho das Letras.
- Mahoney, M. J., Gabriel, T. J., & Perkins, T. S. (1987). Psychological skills and exceptional athletic performance. *The Sport Psychologist*, 1(3), 181-199.
- Marra, J. P. G. (2015). A formação desportiva em jovens jogadores de futebol de elite em Portugal: a influência do local e da data de nascimento em jovens internacionais portugueses de futebol. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal).
- Menegassi, V. M. (2021). *Instituto Alex Santos. Os desafios da formação: um método que une teoria e prática* (1ª ed., Vol. 1, 183p.). Maringá-PR.
- Morganti, G., Kelly, A. L., Apollaro, G., Pantanella, L., Esposito, M., Grossi, A., & Ruscello, B. (2023). All roads lead to Rome? Exploring birthplace effects and the ‘southern question’ in Italian soccer. *Soccer & Society*, 1-14.
- Paoli, P. B., Silva, C. D., & Soares, A. J. G. (2008). Tendência atual da detecção, seleção e formação de talentos no futebol brasileiro. *Revista Brasileira de Futebol*, 1(2), 38-52.
- Reeves, M. J., McRobert, A. P., Littlewood, M. A., & Roberts, S. (2018). A scoping review of the potential sociological predictors of talent in junior-elite football: 2000–2016. *Soccer & Society*, 19(8), 1085-1105.
- Robbani, F. I., & Dimiyati, D. (2019). Psychological skills of soccer players based on gender perspective. *ACTIVE: Journal of Physical Education, Sport, Health Recreation*, 8(1), 44-50.
- Scaglia, A. J., & Reverdito, R. S. (2016). Perspectivas pedagógicas do esporte no século XXI. Em Educação física e esportes no século XXI (pp. 43-72). Campinas: Papirus.
- Scaglia, A. J., Reverdito, R. S., Leonardo, L., & Lizana, C. J. R. (2013). O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. *Movimento*, 19(4), 227-249.
- Sieghartsleitner, R., Zuber, C., Zibung, M., & Conzelmann, A. (2019). Science or coaches’ eye? Both! Beneficial collaboration of multidimensional measurements and coach assessments for efficient talent selection in elite youth football. *Journal of Sports Science and Medicine*, 18(1), 32.
- Tamarit, X. (2007). Que es la “Periodización Táctica”? Vivenciar el “ juego” para condicionar el Juego. Madrid: MCSports.
- Taylor, J., & Collins, D. (2019). Shoulda, coulda, didnae—Why don’t high-potential players make it? *The Sport Psychologist*, 33(2), 85-96.

- Teoldo, I., Guilherme, J., & Garganta, J. (2015). *Para um futebol jogado com ideias*. (1ª ed., Vol. 1, 321p.), Curitiba: Editora Appris.
- Teoldo, I., Machado, V., Casanova, F., & Cardoso, F. S. L. (2023). Talent map of female soccer: How does the birthplace and birthdate impact the participation of soccer players in Brazilian Serie A1 Championship? *Journal of Human Sport and Exercise. Press-Press*.
- Thiengo, C. R. (2020). *Glosário do futebol brasileiro: termos e conceitos relacionados às dimensões técnica e tática*. Rio de Janeiro: CBF Academy.
- Williams, A. M., Ford, P. R., & Drust, B. (2020). Talent identification and development in soccer since the millennium. *Journal of Sports Sciences*, 38(11-12), 1199-1210.
- Zuber, C., Zibung, M., & Conzelmann, A. (2016). Holistic patterns as an instrument for predicting the performance of promising young soccer players—A 3-years longitudinal study. *Frontiers in Psychology*, 7, 1088.



PREPARANDO O CAMINHO DA EXCELÊNCIA: ORGANIZAÇÃO E PLANEJAMENTO DO TREINO NA PRÉ-TEMPORADA DO FUTEBOL DE ALTO RENDIMENTO

*Antonio Carlos Gomes^{1,2,3}
Michael Douglas Celestino Bispo⁴
Ronaldo Lins Meira⁴
Estélio Henrique Martin Dantas^{1,4,5}*

RESUMO

O capítulo aborda a importância e as especificidades da pré-temporada no futebol para alcançar o alto desempenho na temporada competitiva. O objetivo principal é preparar os atletas e a equipe de futebol para atingir o melhor estado de forma desportiva. Os autores destacam que a forma desportiva é alcançada em um processo de preparação em longo prazo, que envolve três fases distintas: aquisição, manutenção e perda temporária. O capítulo também explora os períodos do macrociclo, que incluem a preparação geral e especial, o período de competição e o período de transição. Na primeira etapa da pré-temporada, o foco está na preparação neuromuscular e cardiorrespiratória, técnica e tática. Já na segunda etapa, o objetivo é aprimorar as capacidades especiais dos jogadores, com maior ênfase na preparação técnica-tática e psicológica. Na terceira etapa, a formação da forma desportiva é consolidada, e a preparação tática e competitiva recebe maior atenção. O texto destaca a importância de individualizar alguns treinos, considerando as diferentes condições fisiológicas dos atletas. Além disso, enfatiza a necessidade de ajustar a carga de treino com base nas respostas de adaptação dos jogadores. No desenvolvimento da preparação, a comissão técnica deve catalogar os meios mais eficientes para cada capacidade motora a ser treinada e considerar o sistema de energia predominante no futebol para ajustar o treinamento. Ao final, o capítulo ressalta a importância da continuidade do controle do desempenho durante a temporada competitiva, medindo parâmetros técnicos, táticos, físicos e emocionais, para avaliar a evolução dos atletas e da equipe ao longo do ano.

¹ Academia Brasileira de Treinadores do Instituto Olímpico Brasileiro, ABT-IOB, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

² CBF Academy da Confederação Brasileira de Futebol.

³ Centro Universitário Teresa D'ávila – UNIFATEA, Lorena, São Paulo.

⁴ Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente – PSA, da Universidade Tiradentes – UNIT, Aracaju, Sergipe.

⁵ Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Biociências – PPGEnfBio, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, Brasil.

PREPARANDO EL CAMINO HACIA LA EXCELENCIA: ORGANIZACIÓN Y PLANIFICACIÓN DEL ENTRENAMIENTO EN LA PRETEMPORADA DE FÚTBOL DE ALTO RENDIMIENTO

RESUMEN

El capítulo aborda la importancia y las especificidades de la pretemporada en el fútbol para alcanzar el alto rendimiento en la temporada competitiva. El objetivo principal es preparar a los atletas y al equipo de fútbol para alcanzar el mejor estado de forma deportiva. Los autores destacan que la forma deportiva se alcanza en un proceso de preparación a largo plazo, que involucra tres fases distintas: adquisición, mantenimiento y pérdida temporal. El capítulo también explora los períodos del macrociclo, que incluyen la preparación general y especial, el período de competición y el período de transición. En la primera etapa de la pretemporada, el enfoque está en la preparación neuromuscular y cardiorrespiratoria, técnica y táctica. En la segunda etapa, el objetivo es mejorar las capacidades especiales de los jugadores, con mayor énfasis en la preparación técnica-táctica y psicológica. En la tercera etapa, se consolida la formación de la forma deportiva y se presta mayor atención a la preparación táctica y competitiva. El texto destaca la importancia de individualizar algunos entrenamientos, considerando las diferentes condiciones fisiológicas de los atletas. Además, enfatiza la necesidad de ajustar la carga de entrenamiento en función de las respuestas de adaptación de los jugadores. En el desarrollo de la preparación, la comisión técnica debe catalogar los medios más eficientes para cada capacidad motora que se va a entrenar y considerar el sistema de energía predominante en el fútbol para ajustar el entrenamiento. Al final, el capítulo destaca la importancia de mantener el control del rendimiento durante la temporada competitiva, midiendo parámetros técnicos, tácticos, físicos y emocionales, para evaluar la evolución de los atletas y del equipo a lo largo del año.

PREPARING THE PATH TO EXCELLENCE: ORGANIZATION AND PLANNING OF TRAINING IN THE HIGH-PERFORMANCE FOOTBALL PRESEASON

ABSTRACT

The chapter addresses the importance and specificities of preseason in football to achieve high performance in the competitive season. The main objective is to prepare athletes and the football team to reach their best sporting form. The authors emphasize that sporting form is achieved through a long-term preparation process, involving three distinct phases: acquisition, maintenance, and temporary loss. The chapter also explores the macrocycle periods, which include general and specific preparation, competition period, and transition period. In the first stage of preseason, the focus is on neuromuscular and cardiorespiratory preparation, as well as technical and tactical training. In the second stage, the aim is to enhance players' specific abilities, with a greater emphasis on technical-tactical and psychological preparation. In the third stage, the consolidation of sporting form takes place, with more attention to tactical and competitive preparation. The text highlights the importance of individualizing some training sessions, considering the athletes' different physiological conditions. It also emphasizes the need to adjust training loads based on players' adaptive responses. In developing the preparation, the coaching staff must catalog the most efficient methods for each motor skill to be trained and consider the predominant energy system in football to adjust the training. Finally, the chapter emphasizes the importance of continuous performance monitoring during the competitive season, measuring technical, tactical, physical, and emotional parameters to assess the athletes' and team's progress throughout the year.

INTRODUÇÃO

O futebol de alto rendimento é uma modalidade esportiva que exige preparação meticulosa e eficiente para alcançar o máximo desempenho durante a temporada competitiva (Clemente et al., 2019). Nesse contexto, a pré-temporada assume um papel de extrema importância, pois é durante esse período que os atletas têm a oportunidade de desenvolver suas capacidades neuromusculares e funcionais, alcançando o que é conhecido como “**forma desportiva**”. A busca por esse estado ótimo de preparação envolve a correlação de vários aspectos, incluindo o treino neuromuscular e cardiorrespiratório (físico), o técnico, o tático e o psicológico (Matveev, 1977).

A formação da “**forma desportiva**” é um processo de longo prazo, seguindo leis de adaptação do organismo humano. Esse processo pode ser dividido em três fases distintas: aquisição, manutenção (estabilização relativa) e perda temporária (Matveev, 1977). A estruturação adequada dessas fases é essencial para a preparação do atleta de futebol e está intimamente ligada ao conceito de “macrociclo”, que abrange o período preparatório (pré-temporada), competitivo e transitório.

A unidade das três fases de desenvolvimento da forma desportiva, na estrutura de preparação do atleta de futebol, está ligada à compreensão do conceito do “macrociclo” (Dantas; Araújo, 2022). A formação, manutenção e perda temporária da forma desportiva ocorrem como resultado de influências de treino rigorosamente determinadas, cujo caráter se altera naturalmente, dependendo da fase de desenvolvimento do desempenho do atleta e da equipe. De acordo com cada fase, distinguem-se, no macrociclo, três períodos:

- a. **Período de Preparação**, conhecido no futebol como (**pré-temporada**), o qual tem como finalidade assegurar o desenvolvimento das possibilidades neuromusculares e funcionais do organismo do atleta e pressupõe a solução das tarefas de aperfeiçoamento de vários aspectos específicos do estado de preparação. Em conexão com isto, podem-se destacar no período de preparação (pré-temporada), as etapas de preparação geral e de preparação especial;
- b. **Período de Competição**, pressupõe a estrutura direta da forma desportiva, sua realização de resultados elevados nos jogos durante as competições principais, assim como a manutenção do nível de preparação atingido;
- c. **Período de Transição**, que contribui para a recuperação completa do potencial de adaptação do organismo do atleta e serve de elo entre uma temporada e outra.

O problema de estruturação do ciclo de treino na temporada competitiva ocupa um dos lugares centrais na teoria de preparação do atleta. Ainda nos anos 1960, formou-se o sistema de opiniões quanto à periodização do treino no esporte, exposta de maneira mais completa nos trabalhos de L. Matveev.

A eficácia da estruturação do treino, com base na periodização proposta, com tarefas próprias de cada período, seus meios e métodos de preparação, teve sua confirmação em diversas modalidades (Anousaki et al., 2021; Hermosila et al., 2021). Porém, as tendências do desenvolvimento esportivo moderno e, antes

de tudo, o aumento da duração do calendário das competições até 10-11 meses por ano, um número considerável de competições de responsabilidade ao longo quase de todo o ano, o aparecimento de grande número de competições de caráter comercial e alguns outros fatores, contribuíram para o alargamento das visões metodológicas dos princípios de estruturação da preparação dos atletas altamente qualificados no ciclo anual. A principal direção das novas buscas metodológicas visa assegurar a prontidão do atleta para a obtenção de resultados altos, no máximo possível de competições, durante todo o ano.

O período preparatório, também conhecido como pré-temporada, desempenha um papel crucial no desenvolvimento das possibilidades neuromusculares e funcionais dos atletas, visando ao aprimoramento dos aspectos específicos do estado de preparação. Essa fase é composta pelas etapas de preparação geral e preparação especial, fundamentais para estabelecer as bases sólidas para o restante da temporada. Contudo, a duração da pré-temporada pode variar de acordo com o calendário de competições, e equipes de alto rendimento muitas vezes enfrentam a restrição de tempo para esse período crucial (Dantas; Araújo, 2022).

Em meio a um cenário de desenvolvimento esportivo moderno, diversas mudanças têm influenciado a preparação dos atletas altamente qualificados. O aumento significativo da duração do calendário das competições, a presença de eventos de caráter comercial e outras variáveis, têm exigido novas abordagens metodológicas na estruturação da preparação dos atletas de alto nível ao longo do ciclo anual (Carravetta, 2006). O objetivo principal é assegurar que os atletas estejam prontos para obter resultados elevados em um número máximo de competições ao longo de todo o ano.

Neste contexto, este estudo concentra-se na **pré-temporada** do futebol de alto rendimento. Dada a peculiaridade de seu calendário de jogos ao longo da temporada anual, a equipe enfrenta um curto período de preparação antes de iniciar o ciclo competitivo. O desafio do treinador é maximizar o desenvolvimento das capacidades motoras e funcionais dos atletas dentro desse período limitado, garantindo que eles alcancem um nível especializado satisfatório antes do início da temporada competitiva (Gomes; Souza, 2008).

Com base em um modelo proposto inicialmente de dez semanas (microciclos) antes do calendário de jogos, busca-se criar as premissas para que a equipe inicie a competição ainda em fase de preparação, permitindo um crescimento contínuo do desempenho durante toda a temporada. A realização de jogos de controle ou amistosos ao final de cada microciclo é uma estratégia para preparar os jogadores e a equipe para enfrentar os desafios competitivos com sucesso (Lago-Fuentes et al., 2020).

DESENVOLVIMENTO

Organização Da Pré-Temporada

No futebol, a duração da pré-temporada, também conhecida como período preparatório, varia consideravelmente de acordo com o calendário de competições. Enquanto as equipes das séries A e B no Brasil geralmente têm um período curto de pré-temporada, outras equipes podem desfrutar de tempos mais longos para

essa fase preparatória. O período de pré-temporada encerra-se com o início dos primeiros jogos das principais competições (Gomes; Souza, 2008).

A pré-temporada pode ser dividida em três etapas, cada uma delas com objetivos específicos a serem alcançados. A **primeira etapa** abrange os microciclos de preparação geral básica e incorporação. Nesse estágio, a base funcional geral (atletica) é desenvolvida com o intuito de adquirir a forma desportiva. A preparação neuromuscular e cardiorrespiratória tem papel primordial (aproximadamente 50% do tempo), enquanto a preparação técnica (30%) e a preparação tática e jogos (aproximadamente 20%) também são componentes essenciais. O foco principal é recuperar os hábitos gerais de jogo, aprimorar as ações táticas individuais e coletivas, e promover a assimilação de novas interações coletivas e individuais pelos atletas. (Airapetians,1981; Lukin,1990; Sologub, 1987).

A **segunda etapa** abrange os microciclos especiais básicos, onde o aperfeiçoamento das capacidades especiais e dos hábitos é priorizado. A preparação neuromuscular e cardiorrespiratória representa cerca de 35% do tempo total. O objetivo é ampliar as possibilidades funcionais especiais dos jogadores, diretamente relacionadas à elevação da preparação especial (Platonov, 1987). Nessa fase, a preparação técnico-tática assume papel fundamental (aproximadamente 65% do tempo total destinado ao treino). A atenção se volta para o domínio e aperfeiçoamento das técnicas em condições aproximadas das competições, considerando as funções específicas dos atletas no jogo. A preparação psicológica também é trabalhada, visando desenvolver o hábito de superar dificuldades e continuar a disputa, mesmo em estados de fadiga (Balk; Englert, 2020).

A **terceira etapa** corresponde aos microciclos preparatórios de controle, encerrando o processo de formação da forma desportiva e introduzindo os jogadores no trabalho competitivo específico. Nessa fase, a preparação neuromuscular e cardiorrespiratória tem cerca de 30% do tempo total, focando na manutenção do nível alcançado da condição fundamental do atleta. A preparação tática, de jogo e competitiva assume uma importância maior (aproximadamente 70% do tempo). É dedicada especial atenção ao aperfeiçoamento das técnicas em condições complexas de jogo. Testes de controle de preparação neuromuscular, metabólica e técnica são realizados, assim como jogos de controle, para verificar o nível de preparação da equipe. A composição da equipe e as funções dos jogadores são ajustadas de acordo com as necessidades identificadas nessa etapa (Teixeira et al., 2021).

Elaborar o programa de treino nesse período de preparação envolve não apenas os pressupostos mencionados, mas também o envolvimento de outras áreas multidisciplinares ao longo de toda a temporada competitiva. Essa colaboração abrangente garantirá uma preparação completa e adequada dos atletas, impulsionando o alto desempenho da equipe no decorrer da competição.

A estrutura geral do treinamento na pré-temporada, pode ser vista no Quadro 1.

Quadro 1. Organização da pré-temporada na modalidade de futebol.

Semanas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Período	Pré-Temporada									
Etapas	I Etapa (Geral)			II Etapa (Geral-Especial)			III Etapa (Especial)			
Exames de Saúde	X								X	
Testes Físicos e Fisiológicos		X						X		
Volume Total do Treino (Minutos na Semana)	720-740	720-740	720-740	720-740	720-740	720-740	500-520	500-520	500-520	500-520
Treino Neuromuscular e Cardiorrespiratório	50%	50%	50%	35%	35%	35%	30%	30%	30%	30%
Treino Técnico	30%	30%	30%	35%	35%	35%	25%	25%	25%	25%
Treino Tático e Jogos	20%	20%	20%	30%	30%	30%	45%	45%	45%	45%

Fonte: autoria própria, 2023.

Legenda: 1,2,3,4,5 Indicadores de volume de treino; (%) com relação ao tempo total de treino na sessão, semana e mês; Exame de saúde: medicina, fisioterapia. Nutrição/bioquímica e psicologia; Testes físicos/fisiológicos: antropometria, velocidade, mudança de direção (agilidade), força, potência muscular e cardiorrespiratório.

Assim sendo, com os resultados das avaliações, torna-se possível para a comissão técnica organizar os meios e métodos de treino de forma mais assertiva, inclusive porque permite individualizar alguns treinos, respeitando as individualidades dos atletas e suas condições fisiológicas, as quais podem apresentar diferenças significativas neste início de temporada (Buchheit et al., 2023). A organização dos macrociclos segue uma dinâmica mutável em suas cargas ao longo da pré-temporada. Ao controlar as respostas de adaptação às cargas sugeridas, a comissão pode e deve ajustar os volumes de treino e seus conteúdos, buscando sempre a dose mais coerente para o crescimento do desempenho de seus atletas e equipe, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2. Organização dos microciclos na **primeira etapa** de preparação.

Dias	Tempo de Duração (Min)	Direcionamento do Treino	Objetivo	Método
1	110	Neuromuscular e cardiorrespiratório (55 min)	Habilidades motoras e força muscular	Intervalado
		Técnico (33 min)	Passe, domínio bola e drible	Intervalado
		Tático (22 min)	Modelo tático, posicionamento em campo, transições e estratégias	jogos
2	120	Neuromuscular e cardiorrespiratório (60 min)	Velocidade linear e mudança de direção (agilidade)	Intervalado
		Técnico (36 min)	Marcação, desarme e finalização	Intervalado e jogos
		Tático (24 min)	Modelo tático, posicionamento em campo, transições e estratégias	Intervalado e jogos
3	130	Neuromuscular e cardiorrespiratório (65 min)	Resistência especial e geral	Intervalado e intermitente
		Técnico (39 min)	Passe, domínio bola e drible	Intervalado e jogos
		Tático (26 min)	Modelo tático, posicionamento em campo, transições e estratégias	Intervalado e jogos
4	140	Neuromuscular e cardiorrespiratório (70 min)	Habilidades motoras e força muscular	Intervalado
		Técnico (42 min)	Marcação, desarme e finalização	Intervalado e jogos
		Tático (26 min)	Modelo tático, posicionamento em campo, transições e estratégias	Intervalado e jogos

Dias	Tempo de Duração (Min)	Direcionamento do Treino	Objetivo	Método
5	120	Neuromuscular e cardiorrespiratório (60 min)	Velocidade linear e mudança de direção (agilidade)	Intervalado
		Técnico (36 min)	Passe, domínio bola e drible	Intervalado e jogos
		Tático (24 min)	Modelo tático, posicionamento em campo, transições e estratégias	Intervalado e jogos
6	100	Neuromuscular e cardiorrespiratório (50 min)	Habilidades motoras e força muscular	Intervalado
		Técnico (30 min)	Marcação, desarme e finalização	Intervalado e jogos
		Tático (20 min)	Modelo tático, posicionamento em campo, transições e estratégias	Intervalado e jogos
7	OFF	-	-	-

Fonte: Autoria própria, 2023.

No quadro 2, referente à **primeira etapa**, estão os conteúdos e a dinâmica da carga de treino. Nele, devem ser encaixados, no primeiro microciclo, os exames de saúde e, no segundo, os testes físicos e motores (neuromusculares e cardiorrespiratórios). Normalmente, os testes devem ser distribuídos ao longo do microciclo e antecedem qualquer outra atividade, procurando realizá-los sem que o atleta apresente fadiga muscular. Durante essa etapa composta por três semanas, a comissão técnica, especialmente a fisiologia e a preparação física, deve estar atenta ao controle da carga de treino e às respostas de adaptação que o organismo dos atletas revela. Como eles estão retornando de um período de transição (férias), todo cuidado é importante, pois cada atleta pode reagir às cargas de treino de forma diferente. O objetivo é criar as primeiras premissas de fortalecimento muscular, coordenação motora e desenvolver as capacidades de rapidez, velocidade e troca de direção. Outro aspecto de suma importância é a melhora da capacidade cardiorrespiratória, que é treinada de forma direta e indireta nos treinos específicos com bola (Dantas et al., 2022)

Na parte técnica-tática, o treinador resgata a parte técnica e inicia os primeiros passos para a construção do modelo de jogo que pretende implantar. Este momento é importante para avaliar as características dos jogadores e seus potenciais para o desempenho de alto rendimento (Reis; Almeida, 2019).

Na **segunda etapa**, também composta por três microciclos, a proposta é consolidar o fortalecimento muscular, com um direcionamento mais específico. Busca-se realizar exercícios com execuções mais rápidas, amplitudes maiores e gestos corporais semelhantes aos requisitados na atividade competitiva. É importante manter a atenção nos fatores de potência, velocidade e resistência (Dantas et al., 2022).

Na parte técnica-tática, o avanço do conceito tático deve ser o principal objetivo do treinador. Nessa etapa, deve-se observar as deficiências técnicas, táticas e físicas dos jogadores. Normalmente, os trabalhos complementares podem ser realizados em pequenos grupos, organizados por posição ou similaridade de condicionamento físico, permitindo atividades que supram as fraquezas observadas nos atletas (Reis; Almeida, 2019).

Após passadas três ou quatro semanas nesta pré-temporada, é comum estabelecer fadiga física e mental nos atletas. Portanto, é crucial prestar atenção aos processos de recuperação. Para isso, são utilizados diferentes meios, como alimentação especial, bom descanso (sono), suplementos alimentares, massagem, intervenções de sauna, utilização de gelo e, principalmente, o cuidado com o estado psicológico do atleta (Haller et al, 2022). O sistema de treino nesta etapa pode ser visualizado no Quadro 3.

Quadro 3. Organização dos microciclos na **segunda etapa** de preparação.

Dias	Tempo de Duração (Min)	Direcionamento do Treino	Objetivo	Método
1	110	Neuromuscular e cardiorrespiratório (39 min)	Força muscular e resistência especial	Intervalado
		Técnico (39 min)	Passe, domínio bola e drible	Intervalado
		Tático (32 min)	Modelo tático, posicionamento em campo, transições e estratégias	jogos
2	120	Neuromuscular e cardiorrespiratório (42 min)	Potência muscular e velocidade linear	Intervalado
		Técnico (42 min)	Marcação, desarme e finalização	Intervalado e jogos
		Tático (36 min)	Modelo tático, posicionamento em campo, transições e estratégias	Intervalado e jogos
3	130	Neuromuscular e cardiorrespiratório (46 min)	Força muscular e resistência especial	Intervalado e intermitente
		Técnico (46 min)	Passe, domínio bola e drible	Intervalado e jogos
		Tático (40 min)	Modelo tático, posicionamento em campo, transições e estratégias	Intervalado e jogos

Dias	Tempo de Duração (Min)	Direcionamento do Treino	Objetivo	Método
4	140	Neuromuscular e cardiorrespiratório (49 min)	Potência muscular e mudança de direção (agilidade)	Intervalado
		Técnico (49 min)	Marcação, desarme e finalização	Intervalado e jogos
		Tático (42 min)	Modelo tático, posicionamento em campo, transições e estratégias	Intervalado e jogos
5	120	Neuromuscular e cardiorrespiratório (42 min)	Força muscular e resistência especial	Intervalado
		Técnico (42 min)	Passe, domínio bola e drible	Intervalado e jogos
		Tático (36 min)	Modelo tático, posicionamento em campo, transições e estratégias	Intervalado e jogos
6	100	Neuromuscular e cardiorrespiratório (35 min)	Potência muscular e mudança de direção (agilidade)	Intervalado
		Técnico (35 min)	Marcação, desarme e finalização	Intervalado e jogos
		Tático (30 min)	Modelo tático, posicionamento em campo, transições e estratégias	Intervalado e jogos
7	OFF	-	-	-

Fonte: Autoria própria, 2023.

No quadro 3, assim como no quadro dois, percebe-se que os conteúdos de treino se repetem com periodicidade de um dia sim e outro não. As sessões do primeiro dia do microciclo são absolutamente iguais às dos 3º e 5º dias. Da mesma forma, as tarefas dos 2º, 4º e 6º dias são idênticas. Essa repetição é necessária, pois existe um grupo de meios especializados, do ponto de vista fisiológico, para a modalidade de futebol, que deve ser abordado de forma contínua.

No entanto, a comissão técnica deve estar atenta para diversificar os meios utilizados, a fim de evitar que os movimentos se tornem estereotipados e para tornar o treino mais agradável na prática (Cortez et al., 2019).

Em outras palavras, todo o microciclo se apresenta como uma repetição alternada de treinos diários. À medida que a prática dos exercícios se desenvolve, os meios e a dosagem da carga são alternados para proporcionar variação e progresso no treinamento (Graham al., 2019).

Na **terceira etapa**, o treino se torna mais especializado, com o objetivo de elevar ao máximo o desempenho dos jogadores e da equipe (Graham al., 2019).

Na proposta que apresentamos, essa etapa tem a duração de quatro microciclos. É importante notar que, em várias situações do calendário de competições, os jogos oficiais já iniciaram, o que implica em uma outra dimensão na carga de treino, levando em conta a carga de jogo. No modelo do Quadro 4, consideramos um único jogo por semana.

Nesse cenário, para os jogadores que participam do jogo, a carga horária de treinos deve diminuir significativamente, enquanto a qualidade do treino ganha ainda mais importância. Analisemos o desenho do microciclo, que deve respeitar as regras impostas pelo calendário de competições, principalmente no que se refere à dinâmica do volume de treinos no microciclo. Veja o Quadro 4 para mais detalhes.

Quadro 4. Organização dos microciclos na **segunda etapa** de preparação.

Dias	Tempo de Duração (Min)	Direcionamento do Treino	Objetivo	Método
1	OFF			
2	80	Neuromuscular e cardiorrespiratório (24 min)	Potência muscular, rapidez e velocidade	Intervalado
		Técnico (20min)	Marcação, desarme e finalização	Intervalado e jogos
		Tático (36 min)	Modelo tático, posicionamento em campo, transições e estratégias	Intervalado e jogos
3	120	Neuromuscular e cardiorrespiratório (36 min)	Força muscular e mudança de direção (agilidade)	Intervalado e intermitente
		Técnico (30 min)	Passe, domínio bola e drible	Intervalado e jogos
		Tático (54 min)	Modelo tático, posicionamento em campo, transições e estratégias	Intervalado e jogos
4	100	Neuromuscular e cardiorrespiratório (30 min)	Potência muscular, rapidez e velocidade	Intervalado
		Técnico (25 min)	Marcação, desarme e finalização	Intervalado e jogos
		Tático (45 min)	Modelo tático, posicionamento em campo, transições e estratégias	Intervalado e jogos
5	60	Técnico-tático-físico	Modelo tático, jogadas ensaiadas, velocidade.	Intervalado e jogos
6	40	Treino técnico (estratégico)	Modelo tático	Intervalado e jogos
7	100	JOGO OFICIAL		

Indicadores de conteúdos de treino

Na prática do futebol, além dos meios gerais e especiais já confirmados na literatura, também se encontram exercícios criados pelos preparadores e treinadores, que ainda não possuem confirmações científicas, mas que, de alguma forma, acredita-se que ajudam a aprimorar aspectos no processo de preparação esportiva. Portanto, o ideal é que a comissão técnica tenha catalogado os meios mais eficientes para cada variável motora a ser treinada, para que possam levar os atletas e a equipe ao mais alto nível de forma desportiva (Nagorsky; Wiemeyer, 2020).

No Quadro 5, estão disponíveis os conteúdos fundamentais para as principais capacidades de treino no futebol

Quadro 5. Conteúdo de treino para diferentes capacidades motoras a serem treinadas.

CAPACIDADE MOTORAS	MEIOS DE TREINO (EXERCÍCIOS)
FORÇA MUSCULAR	<ul style="list-style-type: none"> - Exercícios de levantamento de pesos - Exercícios de lançamentos de bola de medicineball - Exercícios de corrida traicionada - Exercícios com o peso corporal - Exercícios em diferentes condições ambientais (subida, descida, grama, areia, água etc.)
RAPIDEZ, VELOCIDADE LINEAR E MUDANÇA DE DIREÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Exercícios de corridas lineares e sinuosos em distâncias curtas de 10,20,30 metros - Exercícios de ações motoras isoladas (chute, cabeceio, saltos etc.) - Exercícios de corridas curtas de 10,15, 20 metros com mudança de direção. Por exemplo imitando as letras do alfabeto - Exercícios de corridas em subidas, decidas e plano e de forma mista
POTÊNCIA MUSCULAR	<ul style="list-style-type: none"> - Exercícios de saltos horizontais, verticais, pliométricos e mistos - Exercícios de lançamento de bolas de medicineball de diferentes posições (em pé, agachado, sentado, deitado, com rolamentos, em deslocamentos, com diferentes pesos)
HABILIDADES MOTORAS (COORDENAÇÃO MOTORA)	<ul style="list-style-type: none"> - Exercícios de caminhada, corrida, saltos, pedal, natação, remo, ginástica geral e acrobática, rolamentos, paradas de mão, dança, tênis de campo, esportes coletivos, revezamentos, corridas em montanhas etc.
FLEXIBILIDADE	<ul style="list-style-type: none"> - Exercícios dinâmicos, estáticos e de facilitação neuromuscular proprioceptiva – FNP
RESISTÊNCIA ESPECIAL E GERAL	<ul style="list-style-type: none"> - Corrida contínua, intervalado, intermitente e corrida nos jogos com bola.

Fonte: Autoria própria, 2023.

CONCLUSÃO

O período de preparação no futebol (pré-temporada) é o momento em que o estado de repouso do atleta é reabilitado após o período de transição (férias). Realizam-se avaliações para diagnosticar em que nível eles se encontram e, a partir disso, ajusta-se a carga de treino e direciona-se a mesma em busca de adaptações

específicas que venham a convergir no campo de jogo, melhorando a atividade competitiva dos jogadores de futebol.

É muito importante que a comissão técnica tenha claro os objetivos deste período, pois ao iniciar o período competitivo, normalmente longo no futebol, deve-se concentrar em polir o atleta no aspecto técnico e tático para competir no mais alto nível de rendimento esportivo.

Após este período, inicia-se o período competitivo e nele continua-se o processo de preparação, recuperação e polimento do atleta e equipe. A competição passa a ser um fator de grande importância neste processo. É nela que aperfeiçoamos a nossa capacidade competitiva, tanto no aspecto físico, técnico e tático, como no aspecto psicológico.

Neste quesito, vale a pena destacar que os jogadores que frequentemente participam do jogo podem atingir um nível superior de competitividade. Por outro lado, os jogadores reservas e que participam pouco dos jogos devem manter um programa de treino especial, onde os estímulos realizados com os titulares são treinados por eles. Pois pelo fato de não cumprirem todo o sistema de treinamento em virtude de poderem ser aproveitados nos jogos, alguns jogadores passam a temporada sem exercer treinos suficientes para mantê-los no nível ou próximo do nível dos titulares.

Outro fator importante no futebol é ter claro qual o sistema de energia predominante na modalidade, pois isso facilitará principalmente encontrar a zona energética mais indicada para manter o sistema de treino. Gomes (2009) afirma que o jogador de futebol durante sua prática competitiva mantém uma frequência cardíaca nos parâmetros de 150-190 batimentos por minuto (BPM) e isso caracteriza uma zona mista, pelo fato de que os movimentos são realizados em alta potência muscular e com pausas raramente suficientes para os atletas recuperarem suas capacidades de trabalho. É sabido pelos especialistas que as ações motoras do futebol são realizadas cada vez mais em alta potência e velocidade, o que remete ao sistema de energia anaeróbio alático, mas por outro lado, esses esforços devem ser resistidos durante um volume significativo, com a quantidade de piques que realiza um jogador de futebol em média na atualidade, ultrapassando 60-70 estímulos durante o jogo oficial. Outro aspecto é o volume total corrido durante a partida, que atinge 11-12 km, realizados de diferentes formas motoras.

Os dados apresentados, provenientes do sistema de competição, merecem atenção especial, uma vez que são os verdadeiros indicadores que devem orientar o sistema de treinamento do atleta moderno. Este estudo, embora não abarque todas as questões inerentes ao processo de preparação do atleta e da equipe na modalidade de futebol, concentrou-se na análise da pré-temporada, firmemente convicto de que acertar o início da preparação do jogador torna mais viável o sucesso durante a temporada competitiva.

Para a continuidade dos estudos, recomendamos a monitorização constante da dinâmica do desempenho, avaliando diferentes parâmetros, como aspectos técnicos, táticos, físicos e emocionais. Somente por meio dessa abordagem integral poderemos obter uma compreensão precisa de como o desempenho dos jogadores evolui ao longo de uma temporada anual.

É importante ressaltar que o conteúdo deste capítulo não se baseia apenas em uma revisão bibliográfica, mas também na rica experiência acumulada ao longo dos anos pelos 1º e último autores deste capítulo, especialmente considerando a vivência na primeira divisão do futebol profissional do 1º autor. Como conclusão, lembramos a máxima: **‘Teoria sem prática é loteria, prática sem teoria é demagogia’**. Isso destaca a importância de equilibrar o conhecimento teórico com a experiência prática no desenvolvimento e aprimoramento do treinamento esportivo de alto rendimento.

REFERÊNCIAS

- Airapetiants, L. *A dinâmica de cargas de treino e competitivas dos jogadores de voleibol de alta categoria no ciclo anual de preparação*. Citado da tese de pós-graduação. Moscou, 1981, pág. 22.
- Balk, Y. A., & Englert, C. (2020). Recovery self-regulation in sport: Theory, research, and practice. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 15(2), 273-281. <https://doi.org/10.1177/174795411989752>
- Buchheit, M., Settembre, M., Hader, K., & McHugh, D. (2023). Planning the microcycle in elite football: to rest or not to rest?. *International Journal of Sports Physiology and Performance*, 18(3), 293-299. <https://doi.org/10.1123/ijspp.2022-0146>
- Carravetta, E. (2006). *Modernização da gestão no futebol brasileiro*. Editora AGE Ltda.
- Clemente, F. M., Rabbani, A., Conte, D., Castillo, D., Afonso, J., Truman Clark, C. C., ... & Knechtle, B. (2019). Training/match external load ratios in professional soccer players: A full-season study. *International journal of environmental research and public health*, 16(17), 3057. <https://doi.org/10.3390/ijerph16173057>
- Cortez, A. C. L., García, A. A., Meza, E. I. A., de Sousa Costa, A., Silva, G. C. B., & Dantas, E. H. M. (2019). Evidências científicas acerca da eficácia dos métodos de treinamento resistido voltados a hipertrofia muscular. *Revista iberoamericana de psicología del ejercicio y el deporte*, 14(2), 112-120.
- Dantas, E. H. M., Barrón, J. C., Celestino Bispo, M. D., Salum de Godoy, E., Aquino dos Santos, C. K., Dias Bello, M. de N., & Gastélum Cuadras, G. (2022). Criterios para identificar y evaluar modelos de periodización de entrenamiento deportivo (Criteria for identifying and assessing sports training periodization models). *Retos*, 45, 174–183. <https://doi.org/10.47197/retos.v45i0.90837>
- Dantas, E. H. M.; Araujo, C.A.S. (2022). *A prática da preparação física*. 7ª ed. Manole.
- Gomes, A. C. (2009). *Treinamento desportivo: estruturação e periodização*. Artmed Editora.
- Gomes, A. C., & de Souza, J. (2009). *Futebol: treinamento desportivo de alto rendimento*. Artmed Editora.

- Graham, S. R., Cormack, S., Parfitt, G., & Eston, R. (2019). Relationships Between Model-Predicted and Actual Match-Play Exercise-Intensity Performance in Professional Australian Footballers During a Preseason Training Macrocycle. *International journal of sports physiology and performance*, 14(2), 232–238. <https://doi.org/10.1123/ijsp.2017-0752>
- Haller, Nils; Hübler, Erik; Stöggl; Simon. Perikles. (2022). Evidence-Based Recovery in Soccer—Low-Effort Approaches for Practitioners. *Journal of Human Kinetics*, v. 82, n. 1, p. 75-99. DOI: 10.2478/hukin-2022-0082
- Hermosilla, F., González-Rave, J. M., Del Castillo, J. A., & Pyne, D. B. (2021). Periodization and programming for individual 400 m medley swimmers. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(12), 6474. <https://doi.org/10.3390/ijerph18126474>
- Lago-Fuentes, C., Jiménez-Loaisa, A., Padrón-Cabo, A., Fernández-Villarino, M., Mecías-Calvo, M., Travassos, B., & Rey, E. (2020). Monitoring workloads of a professional female futsal team over a season: a case study. *Sports*, 8(5), 69. <https://doi.org/10.3390/sports8050069>
- Lukin, Iu. (1990) A metódica de planificação da carga de treino de orientação de velocidade e de força no sistema da preparação anual e de muitos anos de futebolistas. Citado da tese de pós-graduação.
- Matveev, L (1977). Os Fundamentos do treino esportivo. Manual para os Institutos de Cultura Física. Moscou, Editora “Fizcultura e Sport”, 1977, pág. 280.
- Nagorsky, E., & Wiemeyer, J. (2020). The structure of performance and training in esports. *PloS one*, 15(8), e0237584. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0237584>
- Platonov, V. N. (1987). Teoriya sporta [Theory of Sports]. *Kiev, High School Publ.*
- Reis, M. A. M.; Almeida, M. B. (2019). Futebol, arte e ciência: construção de um modelo de jogo. 1. ed. Primeiro Lugar.
- Sologub, E. (1987) As bases fisiológicas do treino esportivo da mulher. Os materiais metodológicos. Leningrado.
- Teixeira, J. E., Forte, P., Ferraz, R., Leal, M., Ribeiro, J., Silva, A. J., ... & Monteiro, A. M. (2021). Monitoring accumulated training and match load in football: A systematic review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(8), 3906. <https://doi.org/10.3390/ijerph18083906>



O FUTEBOL BRASILEIRO E O PAPEL DAS MÍDIAS SOCIAIS COMO ESTRATÉGIA DE CONSUMO: O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Silvestre Cirilo dos Santos Neto¹
Rômulo Meira Reis²
Ary José Rocco Júnior – Usp³
José Vicente Ambrósio¹
Virgílio Franceschi Neto¹

RESUMO

“Brasil, o país do futebol”, reflete a paixão que os brasileiros têm pelo esporte. Essa paixão conferiu ao futebol um status especial no Brasil. No entanto, também levou a uma percepção de atraso no desenvolvimento do futebol brasileiro no exterior. Isso se deve a uma auto-suficiência percebida resultante de significativos investimentos domésticos. Como resultado, os clubes brasileiros têm se concentrado principalmente em seu mercado interno, perdendo oportunidades de se tornarem jogadores globais. A presença internacional geral dos clubes brasileiros parece ser limitada, e o potencial de engajamento por meio das redes sociais pode estar subestimado.

Palavras-chave: Brasil; futebol; redes sociais; internacionalização; clube

EL FÚTBOL BRASILEÑO Y EL PAPEL DE LAS REDES SOCIALES COMO ESTRATEGIA DE CONSUMIDOR: EL PROCESO DE INTERNACIONALIZACIÓN

RESUMEN

“Brasil, el país del fútbol”, refleja la pasión que los brasileños sienten por este deporte. Esta pasión ha otorgado al fútbol un estatus especial en Brasil. Sin embargo, también ha llevado a una percepción de retraso en el desarrollo del fútbol brasileño en el extranjero. Esto se debe a una auto-suficiencia percibida como resultado de significativas inversiones internas. Como resultado, los clubes brasileños se han centrado principalmente en su mercado interno, perdiendo oportunidades para convertirse en jugadores globales. La presencia internacional general de los clubes brasileños parece ser limitada, y el potencial de participación a través de las redes sociales puede estar subestimado.

Palabras clave: Brasil; fútbol; redes sociales; internacionalización; club

¹ Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos e Paraolímpicos.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

³ Universidade de São Paulo.

BRAZILIAN FOOTBALL AND THE ROLE OF SOCIAL MEDIA AS A CONSUMER STRATEGY: THE INTERNATIONALIZATION PROCESS

ABSTRACT

“Brazil, the country of football” reflects the passion that Brazilians have for the sport. This passion has given football a special status in Brazil. However, it has also led to a perceived delay in the development of Brazilian football abroad. This is due to a perceived self-sufficiency resulting from significant domestic investments. As a result, Brazilian clubs have primarily focused on their own market, missing out on opportunities to become global players. The overall international presence of Brazilian clubs appears to be limited, and the potential for engagement through social media may be underestimated.

Keywords: Brazil; football; social media; internationalization; club

INTRODUÇÃO

A afirmação “Brasil, o país do futebol” reflete a paixão que os brasileiros têm pelo esporte. Essa paixão concedeu ao futebol um status especial no Brasil. No entanto, também levou a uma percepção de atraso no desenvolvimento do futebol brasileiro no exterior. Isso se deve a uma autossuficiência percebida resultante de investimentos significativos no mercado interno. Como resultado, os clubes brasileiros têm se concentrado principalmente em seu próprio mercado, perdendo oportunidades de se tornarem jogadores globais. As redes sociais, como uma ferramenta moderna de comunicação rápida e interação com os fãs, são vistas como um canal de marketing que pode elevar significativamente o público. Elas proporcionam uma nova forma de fazer negócios, gerenciando a presença da marca de um clube nas redes sociais (McCarthy, 2014).

Hayton et al. (2015) destacaram a venda de camisetas da Premier League inglesa (EPL) em mercados internacionais, atribuindo isso à disseminação dos direitos de transmissão. Eles também enfatizaram a conexão entre os clubes da EPL e mercados como a China e o leste asiático, reconhecendo o potencial de receita nessas regiões. Os clubes da EPL investiram em plataformas de mídia social chinesas como o Weibo para entrar diretamente no mercado chinês.

Assam Allam, dono do Hull City, enfatizou a importância dos clubes de futebol explorarem formas de se tornarem autossustentáveis (Hayton et al., 2017). Song and Chadwick (2014) argumentaram que a promoção em um mercado internacional depende de ter jogadores glamorosos e uma trajetória recente de vitórias, ambos contribuindo positivamente para a identidade social de um clube. Hayton et al. (2017) observaram que os principais clubes transnacionais do mundo têm buscado monetizar sua base de fãs no exterior de várias maneiras, enfatizando a necessidade de considerar os gostos e práticas dos consumidores locais em um modelo de negócio transnacional.

Kuzma, Bell e Logue (2014) destacaram o uso das redes sociais pelos clubes para expandir seus negócios e se envolver com os fãs. Aproveitar as redes sociais permite que os clubes envolvam os fãs de várias maneiras e desenvolvam programas para gerar receita. A KPMG (2016) demonstrou o papel das redes sociais na conexão dos clubes com seu público, resultando em um aumento no engajamento combinado nas redes sociais para os dez principais clubes globalmente. Essa exposição global pode levar ao aumento da receita e ao desenvolvimento de uma vantagem competitiva.

No entanto, análises preliminares dos sites e das redes sociais dos clubes brasileiros sugerem que seu foco é principalmente no mercado local. Embora alguns clubes ofereçam outros idiomas em seus sites, a presença internacional geral dos clubes brasileiros parece ser limitada, e o potencial de engajamento por meio das redes sociais pode ser subestimado.

Diante dessas observações, o objetivo desta pesquisa é analisar o potencial de engajamento no mercado digital pelos clubes de futebol brasileiros. A pesquisa adota uma abordagem multi métodos, incluindo a análise dos sites e das redes sociais dos clubes, um exame das estratégias de internacionalização empregadas pelos clubes brasileiros. A pesquisa visa derivar implicações para estratégias de consumo em mercados internacionais, examinando as estratégias dos clubes nas redes sociais e sua posição no mercado global.

Marca e o processo de internacionalização

Uma marca é definida como “um nome, uma palavra, um sinal, um símbolo, um desenho ou uma combinação desses elementos, que visa identificar os bens e serviços de uma empresa e diferenciá-los dos concorrentes” (Kotler et al., 2000, p.478). De acordo com Jomaa (2015, p.3), as marcas globais são consideradas os ativos mais importantes para uma equipe esportiva. As marcas devem ter a capacidade de capitalizar seu relacionamento com os fãs, pois fornecem a oportunidade de aumentar as receitas por meio da venda de bens e serviços. No entanto, poucas equipes aproveitam proativamente sua marca (Couvelaere; Richelieu, 2005). Richelieu (2008, p. 25) enfatizou que o sucesso é essencial para construir e aproveitar uma marca, o que está alinhado com a afirmação de Song e Chadwick (2014) sobre a importância de uma trajetória de sucesso na promoção da marca em mercados internacionais e na criação de uma identidade social.

Transformar uma marca em um ativo global requer o compartilhamento de experiências com pessoas em diversos mercados. No entanto, para fazer isso de forma eficaz, um clube depende das capacidades de sua marca para se conectar com os consumidores. Na Europa, a construção da marca está intimamente ligada às rivalidades e competições entre equipes (Richelieu, 2008). Couvelaere e Richelieu (2005) discutiram a importância das marcas no cenário esportivo, afirmando que marcas esportivas fortes permitem que os clientes experimentem a marca em diferentes aspectos de suas vidas diárias, sempre associadas a um nível de sucesso.

O processo de internacionalização de um clube de futebol depende da estratégia que ele adota e de como busca se posicionar globalmente. Couvelaere e Richelieu (2005) criaram um modelo para avaliar os clubes franceses e suas marcas, categorizando-os em quatro níveis: i) Local; ii) Regional; iii) Nacional; iv) Marcas internacionais, resultando em três níveis de transição de marca local para internacional (Jomaa, 2015).

Nível 1 – Local para Regional: Construir e perpetuar a marca usando a imagem da marca e cultivando a lealdade dos fãs.

Nível 2 – Regional para Nacional: Reforçar a posição nacional alavancando a lealdade à marca e aumentando o reconhecimento da marca.

Nível 3 – Nacional para Internacional: Expandir e globalizar a marca aumentando a conscientização e o reconhecimento da marca.

Couvelaere e Richelieu (2005) destacaram diversos fatores que contribuem para elevar uma marca a um nível internacional, incluindo parcerias estratégicas internacionais (com fabricantes de equipamentos, distribuidores e mídia), participação em turnês ou torneios no exterior, recrutamento de astros internacionais, criação de um site adaptado para diferentes países e idiomas, e abertura de lojas no exterior.

Comunicação e mídias sociais

As mídias sociais, conforme definidas por Filo et al. (2015), representam novas tecnologias de mídia que permitem a interatividade e a co-criação, facilitando o desenvolvimento e a compartilhamento de conteúdo gerado pelos usuários entre organizações e indivíduos. Aplicado ao futebol, isso cria uma plataforma ideal para se conectar com os fãs em um ambiente que permite a construção da marca e transações comerciais. No entanto, apesar do futebol ter seu próprio setor comercial, os clubes de futebol profissional enfrentam o desafio de monetizar seu público nas mídias sociais.

O crescimento das mídias sociais, como descrito por Parganas e Anagnostopoulos (2015), criou um espaço onde os consumidores podem se encontrar e trocar informações, tornando-se um ambiente favorável para alcançar os fãs e construir o apoio à marca e oportunidades comerciais. Rowe e Hutchins (2014) relacionam esse fenômeno do público online ao conceito de globalização, enfatizando a necessidade da mídia institucional de aprimorar sua capacidade de criar, manter e influenciar os fãs, especialmente com a proliferação das mídias sociais e o surgimento das plataformas de “chat”.

A proliferação das mídias sociais transformou a maneira como as pessoas se comunicam, levando a uma mudança na estratégia de marketing. Na comunicação tradicional, o papel principal é entregar uma mensagem, enquanto as estratégias baseadas em mídias sociais se concentram em construir relacionamentos e participar de conversas com o público. Parganas e Anagnostopoulos (2015) identificam dois papéis principais nas estratégias de marketing aplicadas às mídias sociais: 1) promoção ou publicidade, permitindo que as organizações se conectem com seus clientes, e 2) promovendo interação, comunicação e colaboração entre organizações e indivíduos.

Segundo Cook (2015), os clubes devem aproveitar sua mídia digital para se envolverem com os fãs e, ao adotarem conteúdo exclusivo, buscam estabelecer associações rápidas com patrocinadores. As marcas esportivas investem tempo significativo nas mídias sociais para construir relacionamentos e engajamento online (Filo et al., 2015). Gourley (2015, p.14) explica que “o advento das mídias sociais mudou fundamentalmente a maneira como os clubes e as marcas se comunicam com os fãs”, com quatro aspectos-chave impulsionando essa mudança: Escala e Alcance, Engajamento, Personalização e Compreensão.

Javier Tebas, presidente da LaLiga (Espanha), compartilhou sua estratégia de mídia social com Gourley e O’Neill (2016, p.14), enfatizando a importância da mídia digital em envolver os fãs da LaLiga e implementar uma estratégia diferente

nesse sentido. Ele também ressaltou a importância de traduzir a presença nas mídias digitais em um envolvimento significativo, criando valor para o negócio. Como observaram Parganas e Anagnostopoulos (2015, p.64), “as barreiras geográficas dos meios de comunicação tradicionais não se aplicam às ferramentas de mídias sociais, e, portanto, o envolvimento com os fãs pode ser estabelecido em uma base mundial”.

Para ilustrar a importância da adaptabilidade estratégica, Davis (2015) destaca como, devido à proibição de plataformas “tradicionais” de mídias sociais, como Facebook, Twitter e YouTube, na China, os clubes tiveram que encontrar formas alternativas de promover suas marcas localmente. Consequentemente, embora 25% do tráfego de comércio eletrônico seja proveniente das mídias sociais, os clubes de futebol devem garantir uma forte presença nos mercados locais. Isso requer a superação de barreiras linguísticas e a adoção de plataformas de mídias sociais locais, como Ren Ren, Sina Weibo, Tencent Weibo e Youku.

O Soft Power e o Futebol

O estudo aborda o papel do futebol nas relações internacionais, indo além das trocas diplomáticas tradicionais entre nações. Embora examinar o futebol em um contexto estratégico internacional possa parecer incomum à primeira vista, ele tem ganhado importância política nas últimas décadas, especialmente em relação ao sucesso internacional de equipes esportivas e à realização de megaeventos esportivos.

Esse fenômeno se enquadra na esfera da Diplomacia Pública, em que os Estados-nação utilizam recursos de soft power para se comunicar e atrair a favor da opinião pública em outros países. Os governos, geralmente por meio de seus Ministérios das Relações Exteriores, desempenham um papel central na construção de relacionamentos e na alocação de recursos financeiros para esse fim.

Nye introduziu o conceito de Soft Power para melhor entender por que os governos nacionais investem em esportes de elite. Com o fim da Guerra Fria e uma mudança nas dinâmicas internacionais em relação às formas tradicionais de poder duro (por exemplo, militar), surgiu um interesse crescente em fontes intangíveis de poder, como cultura, ideologia e instituições, nas relações internacionais. O poder, como definido por Nye, é a capacidade de influenciar o comportamento dos outros para alcançar resultados desejados, e o soft power funciona como uma alternativa ou complemento ao poder duro.

Investir em equipes esportivas de destaque é justificado não apenas pela satisfação dos torcedores, mas também pelo prestígio internacional que traz aos países que essas equipes representam. Por exemplo, durante o governo Franco na Espanha, um funcionário do governo elogiou os jogadores do Real Madrid por seu papel em melhorar a imagem do país no exterior. Hoje, muitos países usam o esporte para aprimorar sua imagem e prestígio no cenário internacional. O prestígio é considerado uma fonte indispensável de poder nas relações internacionais e muitas vezes está associado a fontes materiais de poder, como força militar e coerção.

Os esportes que geram receita são fenômenos culturais que os governos e instituições podem aproveitar para atingir objetivos políticos tanto internos quanto

internacionais. É um meio recorrente de projetar Soft Power e alcançar objetivos de política externa sem recorrer a meios materiais. O sucesso esportivo internacional, seja por equipes nacionais ou clubes em competições estrangeiras, proporciona uma plataforma para o desenvolvimento do Soft Power. Os países buscam atrair simpatizantes por meio da projeção de seus valores e cultura, convencendo o público estrangeiro a se alinhar com seus interesses. Envolve criar uma impressão favorável e aumentar a compreensão e conhecimento entre o público estrangeiro.

Por exemplo, os Estados Unidos possuem um departamento de “Diplomacia Esportiva” dentro do Departamento de Estado, que promove iniciativas de política externa por meio de esportes, educação e atividades que geram receita. Essa abordagem é empregada para conquistar os corações e mentes do público estrangeiro, oferecendo uma alternativa à intervenção militar direta, especialmente quando a imagem de um país no exterior foi prejudicada, como ocorreu após a Guerra do Iraque em 2003.

Na era das telecomunicações e das plataformas de mídia social como Facebook, Twitter e Instagram, as seleções nacionais de futebol e as ligas estrangeiras se tornaram mais acessíveis ao público brasileiro. Os fãs brasileiros estão cada vez mais seguindo e apoiando clubes estrangeiros, adquirindo assim insights sobre as culturas e países dessas equipes. Esse fenômeno representa uma manifestação de Soft Power. No entanto, há poucas iniciativas similares entre os clubes brasileiros e a seleção nacional brasileira, com exceções notáveis, como o “Jogo da Paz” entre o Haiti e o Brasil em Porto Príncipe em 2004.

Em resumo, o esporte, especialmente o futebol, contribui para a marca e imagem de um país ao disseminar seus ideais e reforçar o orgulho nacional internamente, ao mesmo tempo em que projeta uma identidade atrativa no cenário internacional. Os Estados utilizam estrategicamente o esporte, tanto diretamente quanto por meio de instituições como ligas e federações nacionais, para alcançar objetivos que vão além da arena esportiva.

Strategy

Durante o processo de planejamento para investir nas redes sociais como uma plataforma de engajamento para seus fãs, os clubes de futebol brasileiros devem considerar dois conceitos fundamentais como princípios orientadores: estratégia e planejamento de marketing.

A estratégia, destacada por Montgomery e Porter (1998), só emergiu como uma disciplina gerencial completa na década de 1980, embora o campo de estudo tenha começado na década de 1950, como observado por Carvalho e Laurindo (2007). Essa disciplina ganhou importância dentro das organizações devido à adoção de abordagens mais sofisticadas e práticas, adequadas para situações do mundo real. No entanto, essa não é a realidade predominante para a maioria das organizações esportivas no Brasil. De acordo com Mazzei e Bastos (2012), apenas algumas entidades esportivas no Brasil adotaram a profissionalização e desempenham um papel significativo no cenário econômico.

Montgomery e Porter (1998) argumentam que uma força motriz por trás do avanço da área de estratégia é a intensificação da concorrência, o que tem levado as organizações a se envolverem em análises mais sofisticadas e executar planos

com maior agilidade. Shank (2009) ecoa esse sentimento ao enfatizar a ameaça competitiva representada por outras formas de entretenimento. Portanto, os gestores dos clubes de futebol brasileiros devem ampliar sua perspectiva e se ver como provedores de “entretenimento”.

Nesse contexto, a análise da indústria de Michael Porter, conhecida como “Cinco Forças de Porter”, é altamente relevante. De acordo com Porter (1979), o cerne do planejamento estratégico envolve lidar com a concorrência, que vai além dos concorrentes diretos. O modelo de Porter considera várias forças dentro de uma indústria, incluindo a ameaça de novos entrantes, a ameaça de substituição, o poder dos compradores, o poder dos fornecedores e a rivalidade competitiva. A competição, como Porter (1979) afirma, é influenciada não apenas pelos concorrentes estabelecidos, mas também pelos clientes, fornecedores, potenciais novos entrantes e produtos substitutos.

Outro aspecto a ser considerado em relação à crescente importância da estratégia é destacado por Ansoff e McDonnell (1993). Eles observam que, durante a década de 1980, a competição se tornou mais intensa devido a fatores como internacionalização dos negócios, restrições de recursos e o rápido ritmo de inovação tecnológica. Além disso, a relação entre empresas, governos e sociedade passou por mudanças significativas nesse período, com novas demandas emergindo de todos esses stakeholders. Consequentemente, o ambiente empresarial se tornou cada vez mais imprevisível.

Vale ressaltar que definir estratégia é uma tarefa complexa, e numerosos autores, incluindo Barney e Hesterly (2011), Bethlem (2004), Carvalho e Laurindo (2007) e Mintzberg, Ahlstrand e Lampel (2000), destacaram o desafio de apresentar uma definição definitiva devido à multiplicidade de interpretações e sua natureza em constante evolução. Mintzberg (1987) até sugere que o campo de gestão estratégica não pode ser encapsulado por uma única afirmação e exige várias definições. A Tabela 1 abaixo apresenta alguns conceitos-chave de estratégia que podem ajudar a compreender esse assunto complexo.

Um novo conceito apresentado anteriormente neste texto é a vantagem competitiva, e é essencial esclarecer sua importância. Vantagem competitiva, conforme definida por Barney e Hesterly (2011), é alcançada quando uma organização possui as habilidades necessárias para gerar mais valor econômico do que seus concorrentes. Hitt, Ireland e Hoskisson (2008) expandem isso afirmando que uma empresa possui vantagem competitiva quando implementa uma estratégia que os concorrentes não conseguem replicar ou consideram muito custosa para imitar.

Para resumir os principais conceitos apresentados nesta pesquisa, surgem vários elementos comuns que devem ser integrados ao processo de planejamento para organizações que aspiram ser competitivas e relevantes em seus respectivos mercados. Esses elementos incluem:

- » Definir metas e objetivos claros.
- » Desenvolver e implementar planos de ação coordenados e integrados.
- » Utilizar efetivamente competências e recursos, com foco na adaptabilidade.
- » Integrar ambientes internos e externos ao processo de planejamento.
- » Buscar vantagem competitiva, diferenciação e entrega de maior valor aos stakeholders.

Tabela 1. Resumo dos conceitos de estratégia.

Autore(s)	Conceito
Chandler (1962)	Estratégia é o estabelecimento de metas e objetivos básicos e de longo prazo de uma empresa, além das ações e alocação de recursos necessários para alcançar esses objetivos.
Hitt, Ireland e Hoskisson (2008)	É um conjunto integrado e coordenado de acordos e ações criados para explorar competências essenciais e, conseqüentemente, obter vantagem competitiva. De acordo com os autores, quando uma empresa estabelece sua estratégia, são escolhidas alternativas para competir, indicando o que a organização pretende fazer e o que não pretende fazer.
Henderson (1989)	A estratégia é a busca deliberada de um plano de ação para desenvolver e ajustar a vantagem competitiva de uma empresa.
Barney e Hesterly (2011)	A estratégia da organização pode ser definida como sua teoria sobre como obter vantagem competitiva.
Mintzberg (1987)	A estratégia é uma força mediadora entre a organização e seu ambiente, ou seja, entre o contexto interno e externo; um padrão no processo de tomada de decisão organizacional.
Mintzberg, Ahlstrand e Lampel (2000)	A estratégia é um plano, ou algo equivalente, uma direção, um guia ou curso de ação, um padrão, em outras palavras: consistência de comportamento ao longo do tempo.

Fonte: Compilado pelos autores.

Esses elementos servem como um arcabouço fundamentado para organizações que buscam enfrentar os desafios de seus mercados e alcançar uma vantagem competitiva.

Marketing

Antes de mais nada, é crucial destacar um aspecto crítico enfatizado por acadêmicos como Ambrósio (2012), Ferrell, Hartline e Lucas (2000), McDonald (2004) e Westwood (2008): o planejamento de marketing deve estar integrado de forma estreita no contexto mais amplo do planejamento estratégico corporativo e em várias funções organizacionais.

Segundo McDonald (2004), o planejamento de marketing envolve a alocação sistemática de recursos de marketing para alcançar objetivos de marketing, o que frequentemente é considerado uma das tarefas mais desafiadoras na gestão. O autor destaca a natureza essencial do planejamento de marketing, especialmente em um ambiente de negócios cada vez mais hostil e complexo.

Hooley, Saunders e Piercy (2001) afirmam que a essência do desenvolvimento de estratégias de marketing reside em garantir que as capacidades de uma organização estejam alinhadas com o cenário competitivo do mercado, não apenas no presente, mas também para o futuro. Ferrell et al. (2000) enfatizam que as estratégias de marketing envolvem a seleção e análise de mercados-alvo, bem como a criação e manutenção de um mix de marketing adequado que atenda às necessidades dos clientes nesses mercados-alvo.

Ambrósio (2012) introduz o conceito do “Modelo 4Ps + C” (Produto, Preço, Praça e Promoção, com o Consumidor como foco central), também conhecido

como mix de marketing. Esse modelo continua sendo o mais conhecido e amplamente utilizado entre as empresas com uma orientação para o marketing. O autor enfatiza que o modelo do mix de marketing se baseia em sólidos princípios filosóficos centrados na realidade fundamental do mercado. Para obter resultados de longo prazo para as partes interessadas, o cliente deve ser o ponto central de todos os esforços de marketing.

Para implementar com sucesso estratégias de marketing robustas alinhadas com as tendências contemporâneas dos consumidores, os planejadores de marketing devem estar cientes dos impactos significativos causados pela tecnologia, internet e mídias sociais nas relações com os consumidores. Essa tarefa não é simples devido a vários fatores, incluindo o surgimento de um novo campo de pesquisa e a natureza sem fronteiras da busca por informações e comunicação dos consumidores por meio das mídias sociais, conforme observado por Tsimonis e Dimitriadis (2014) e Kotler, Kartajaya e Setiawan (2017). Esses aspectos podem explicar por que apenas um pequeno número de empresas se sente confortável navegando nesse novo ambiente, como afirmam Kaplan e Haenlein (2010).

Nesse contexto, as relações eficazes com a mídia e a comunicação direta com os clientes são fundamentais para todas as organizações esportivas. Gestores bem-sucedidos no campo dos esportes devem ter uma compreensão clara de como a Tecnologia da Informação e Comunicação funciona para gerir o processo de comunicação, como destacado por Siguencia et al. (2017).

Para ilustrar exemplos práticos de estratégias de marketing destinadas ao uso eficiente das mídias sociais por parte das organizações esportivas, considere as seguintes ações recomendadas para os gerentes de planejamento de marketing, conforme detalhado por Tsimonis e Dimitriadis (2014):

- a. Examinar os motivos pelos quais as empresas criam páginas de marca nas mídias sociais e como elas utilizam essas páginas.
- b. Investigar as políticas e estratégias que as empresas seguem para gerenciar sua presença nas mídias sociais e quais resultados esperam desses esforços.
- c. Avaliar como os usuários se beneficiam das páginas de mídia social da empresa sob a perspectiva da empresa.
- d. Pesquisar ações que melhorem a interação e o engajamento dos fãs nas plataformas de mídia social, como realizar competições com prêmios, anunciar novos produtos/serviços, fornecer conselhos e informações valiosas e abordar questões de atendimento ao cliente.
- e. Analisar a presença nas mídias sociais dos concorrentes para obter insights sobre suas estratégias e táticas.

Tsimonis e Dimitriadis (2014) enfatizam que a natureza interativa das mídias digitais não apenas permite que as empresas compartilhem e troquem informações com seus clientes, mas também facilita a capacidade dos clientes de compartilhar e trocar informações entre si. Isso está alinhado com o que Kotler, Kartajaya e Setiawan (2017) se referem como uma mudança de uma “orientação do individual para o social”.

Além disso, Tsimonis e Dimitriadis (2014) destacam que impulsionadas pela rápida proliferação das mídias sociais na sociedade (Dickey e Lewis, 2010), as empresas estão incorporando cada vez mais essas plataformas em suas atividades de marketing e construção de marca (Gallaughier; Ransbotham, 2010). Os autores também observam que, por meio das mídias sociais, as organizações podem estabelecer e nutrir relacionamentos com clientes existentes e novos, criando comunidades interativas que colaboram para identificar problemas e desenvolver soluções. Esse aspecto colaborativo é especialmente valioso para segmentos como clubes de futebol brasileiros que ainda estão em estágios iniciais de desenvolvimento de marketing.

RESULTADOS

Análise dos websites

Após coletar dados relacionados aos websites dos clubes de futebol brasileiros, foi feito um esforço para criar um mapa de perspectivas internacionais desses clubes. Apesar da reputação mundial do futebol brasileiro, parece que essa paixão não se traduz completamente para seus clubes. Esse mapa fornece insights sobre a perspectiva de cada clube em expandir para novos mercados com seu modelo de negócios.

O primeiro aspecto examinado nesse suposto processo de internacionalização, com foco em plataformas de comunicação, foi o idioma no qual os clubes disponibilizam seu conteúdo. Notavelmente, Corinthians e Flamengo, que possuem uma presença significativa nas mídias sociais, oferecem principalmente seu conteúdo em português. Esse padrão de idioma foi observado em 16 dos 20 clubes do Campeonato Brasileiro da primeira divisão. Entre os quatro clubes que oferecem conteúdo em outros idiomas, espanhol e inglês são os mais comuns. No entanto, esse conteúdo multilíngue geralmente consiste apenas em seções específicas com informações nos idiomas indicados.

Na análise dos websites, foram identificados oito idiomas diferentes (inglês, espanhol, francês, russo, italiano, chinês e alemão). No entanto, essa oferta multilíngue não foi estendida às redes sociais, que desempenham um papel significativo nas interações entre clubes e fãs. Parece que os clubes brasileiros estão principalmente focados no mercado local. Isso fica evidente, pois os 20 clubes possuem perfis em plataformas populares de redes sociais, como Facebook, Twitter, Instagram e YouTube. No entanto, entre esses clubes, apenas o Flamengo mantém um perfil no Twitter com conteúdo em inglês e espanhol. Nas outras plataformas de redes sociais, o conteúdo em idioma local predomina.

Tabela 2. Análise dos Websites dos clubes de futebol brasileiros.

Clubes	Idiomas do Website	Mídias Sociais	Loja Virtual	Observações
Corinthians	Pt-Br	Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, LinkedIn, Tik Tok	Sim	Todo o conteúdo em português
Flamengo	Pt-Br	Facebook, Twitter, Instagram, TikTok, YouTube, Kwai	Sim	O conteúdo do Twitter está disponível em inglês e espanhol. Além disso, ele possui uma conta no Twitter sobre esportes olímpicos.
São Paulo	Pt-Br	Facebook, Twitter, YouTube	Sim	Todo o conteúdo em português
Palmeiras	Pt-Br	Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, Pinterest, Spotify, Periscope, Tile Tok, ElevenSports, Threads	Sim	Todo o conteúdo em português
Santos	Pt-Br, En, Es	Facebook, Twitter, Instagram, LinkedIn, YouTube, Flickr, Tik Tok, Kwai	Sim	Mesmo com a indicação de uma página disponível em espanhol e inglês, a notícia está disponível apenas em português do Brasil.
Grêmio	Pt-Br	Facebook, Twitter, Instagram, Onefootball, YouTube, Flickr	Sim	Todo o conteúdo em português
Internacional	Pt-Br	Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, Spotify, Onefootball, Flickr	Sim	Todo o conteúdo em português
Vasco da Gama	Pt-Br, En, Es	Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, Tik Tok	Sim	O website está disponível em espanhol e inglês.
Atlético Mineiro	Pt-Br	Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, Flickr, Onefootball, Tik Tok, LinkedIn	Sim	Todo o conteúdo em português
Cruzeiro	Pt-Br	Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, Tik Tok	Sim	Todo o conteúdo está em português. Mas o clube possui um Departamento de Negócios Internacionais. O clube tem uma conta no Twitter dedicada à equipe de vôlei.
Fortaleza	Pt-Br	Facebook, Twitter, Instagram, YouTube	Sim	Todo o conteúdo em português

Clubes	Idiomas do Website	Mídias Sociais	Loja Virtual	Observações
Fluminense	Pt-Br	Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, Flickr, LinkedIn	Sim	Todo o conteúdo em português
Botafogo	Pt-Br, En, Es, Ch, It, Fr, Ru	Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, Tik Tok, Flickr	Sim	O clube possui uma seção chamada "Botafogo Internacional" com informações sobre história, símbolos, títulos, sede, ídolos e o Estádio Nilton Santos.
Bahia	Pt-Br	Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, Flickr, Periscope	Sim	Todo o conteúdo em português
Athletico	Pt-Br, En	Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, Tik Tok	Sim	O clube possui um website em inglês com as principais informações sobre eles.
Red Bull Bragantino	Pt-Br	Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, Tik Tok, LinkedIn, Kwai, Onefootball, Flickr	Sim	Todo o conteúdo em português
Coritiba	Pt-Br	Facebook, Twitter, Instagram, Tik Tok, YouTube, Onefootball	Sim	Todo o conteúdo em português
América Mineiro	Pt-Br	Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, Tik Tok, LinkedIn, Flickr	Sim	Todo o conteúdo em português
Goiás	Pt-Br	Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, Onefootball	Sim	Todo o conteúdo em português
Cuiabá	Pt-Br	Facebook, Twitter, Instagram, YouTube	Não	Todo o conteúdo em português

Fonte: Criado pelos autores

Os 20 clubes brasileiros da primeira divisão do campeonato nacional utilizam um total de 14 plataformas de redes sociais para interagir com seus fãs. Essas plataformas incluem Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, Spotify, Flickr, Periscope, TikTok, Kwai, Threads, LinkedIn, Onefootball, ElevenSports e Pinterest.

Na Tabela 02, apresentamos uma visão geral dos websites desses clubes. É importante observar que nenhuma estratégia clara de internacionalização da marca foi observada entre esses clubes brasileiros. Isso contrasta com os clubes ingleses, que muitas vezes têm contas de mídia social chinesas e produzem conteúdo no idioma local – uma estratégia de marketing inicial popular usada globalmente.

Análise das mídias sociais

Os clubes brasileiros estão ativamente presentes nas principais redes sociais, indicando uma convergência com os padrões europeus no uso de ferramentas virtuais de interação para se conectar com os fãs. No entanto, apesar do entusiasmo cultural do Brasil pelo futebol e sua significativa presença online, parece haver uma desconexão quando se trata de traduzir esse entusiasmo em valor de marca desses clubes no universo das mídias sociais.

Com base nos fatores delineados por Couvelaere e Richelieu (2005) para promoção e internacionalização de marcas, pode-se inferir que os clubes brasileiros estão principalmente focados na exposição de suas marcas em nível nacional, visando principalmente o público local para construir lealdade e reconhecimento da marca. Para alcançar o reconhecimento internacional, diversos fatores-chave devem ser considerados:

- a. **Parcerias Estratégicas Internacionais** (por exemplo, fabricantes de equipamentos, distribuidores e mídia): A análise revela que 19 clubes possuem lojas online de merchandising, mas estas geralmente estão disponíveis apenas no idioma local. No contexto das mídias sociais, o estudo mostrou que os esforços para se envolver com comunidades internacionais ainda estão em estágios iniciais.
- b. **Excursões ou Torneios no Exterior**: Embora excursões e torneios no exterior tenham sido uma tradição no futebol brasileiro durante os anos 1950 e 1960, essa prática foi em grande parte abandonada pelos clubes. Clubes europeus frequentemente utilizam torneios de pré-temporada ou partidas amistosas na Ásia ou nos Estados Unidos para expor suas marcas, mas o futebol brasileiro não acompanhou essa tendência. Em 2017, a participação da Chapecoense em amistosos internacionais foi uma exceção, impulsionada por convites estendidos após o trágico acidente aéreo como parte dos esforços de recuperação do clube.
- c. **Contratação de Estrelas Internacionais**: O Brasil tradicionalmente tem sido conhecido como um exportador de talentos do futebol, com jogadores muitas vezes retornando ao Brasil após carreiras no exterior ou jogadores internacionais vindo para o Brasil no final de suas carreiras.
- d. **Websites Adaptados para Países e Idiomas Diferentes**: A análise indica que oito clubes fizeram esforços para fornecer conteúdo em idiomas diferentes do português brasileiro. No entanto, essas traduções cobrem principalmente seções selecionadas dos websites e não parecem ser estrategicamente adaptadas a mercados internacionais específicos.
- e. **Abertura de Lojas no Exterior**: Em termos virtuais, 19 dos 20 clubes possuem lojas online, mas todas estão voltadas para o mercado brasileiro.

Outro aspecto negligenciado entre os clubes brasileiros são seus esforços de relações internacionais. Apenas o Cruzeiro foi observado como tendo departamentos dedicados a negócios e relações internacionais. O desenvolvimento de relações internacionais é essencial não apenas para a reputação do clube, mas também para lidar com questões diplomáticas e políticas. Investir em equipes de elite vai além de agradar aos fãs; também contribui para o prestígio internacional

de um país, especialmente no contexto do poder suave e da diplomacia pública, já que o esporte tem uma audiência global e desempenha um papel na promoção da cultura pública (Grix & Houlihan, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de como os clubes brasileiros utilizam as mídias sociais e seus websites revela que eles não estão aproveitando totalmente o potencial dessas ferramentas. Em uma era em que a monetização é uma meta-chave, otimizar ações estratégicas se torna essencial para obter retornos financeiros e expandir o alcance da marca. Embora o futebol brasileiro desfrute de uma presença global significativa, esse reconhecimento não se transfere necessariamente para o nível dos clubes, ao contrário da seleção nacional.

Curiosamente, os próprios clubes frequentemente falham em formular estratégias voltadas para conquistar mercados internacionais e globalizar suas marcas. Este estudo concentrou-se principalmente nas mídias sociais, uma poderosa ferramenta para fomentar a interação entre os clubes e seus fãs. Ela tem o potencial de promover instantaneamente a marca e seus atributos, gerando valor comercial e alcançando novos mercados.

A análise da amostra revelou uma falta de ações concretas direcionadas ao mercado internacional, como lojas virtuais ou conteúdo adaptado para mercados globais específicos. Consequentemente, muitos clubes brasileiros tendem a permanecer voltados para o interior, limitando seu impacto além das fronteiras nacionais. Isso pode ser atribuído à predominância de uma perspectiva cultural de herança que às vezes prevalece sobre uma abordagem mais voltada para negócios.

Ao continuar funcionando principalmente como marcas nacionais, esses clubes podem subvalorizar seu verdadeiro potencial. Internacionalizar uma marca envolve uma série de ações estratégicas que abrangem comunicação, relações internacionais, marketing, vendas direcionadas a regiões específicas e outros atributos necessários para a expansão global da marca.

Em conclusão, a tendência dos clubes brasileiros de priorizar sua herança e a ausência de uma política comercial abrangente em toda a liga, similar às ligas europeias, os mantiveram operando em um nível de negócios um tanto familiar. No entanto, o caminho para transformar uma marca em uma marca global muitas vezes começa com ações locais fortes que possuem uma perspectiva global. O uso das mídias sociais pode servir como um poderoso acelerador nesse processo de expansão da presença global da marca.

REFERÊNCIAS

- Agostino, G. (2002), *Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro, Mauad.
- Ambrósio, V. (2012), *Plano de marketing: um roteiro para a ação*. São Paulo: Pearson Education Brasil.
- Ansoff, H. I. and McDonnell, E. J. (1993), *Implantando a administração estratégica*. São Paulo: Atlas.

- Barney, J. B. and Hesterly, W. S. (2011), *Administração estratégica e vantagem competitiva: conceitos e casos*. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Bethlem, A. (2004), *Estratégia empresarial: conceitos, processo e administração estratégica*. São Paulo: Atlas.
- Biazzi, A. and Franceschi Neto, V. (2007), “Futebol e política externa brasileira: entre o político-identitário e o comercial”. *EF Deportes. Buenos Aires*, Vol. 11, No. 104. Available at: www.efdeportes.com/efd104/futebol-e-politica-externa-brasileira.htm (accessed 20 August 2017).
- Carvalho, M. M. and Laurindo, F. J. B. (2007), *Estratégia competitiva: dos conceitos à implementação*. São Paulo: Atlas.,
- Chaves, R. A., Mazzei, L. C. and Rocco A. J. (2016), “Um novo jeito de torcer: as principais motivações que levam jovens paulistanos a se envolver com clubes de futebol da Europa”. Paper presented at GP Comunicação e Esporte do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo, 5 to 9 September 2016. Available at: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2742-1.pdf> (accessed 23 August 2017).
- Cook, L. (2015), “The engine room for your digital stadium”. *FCBusiness*, No. 89, pp. 17.
- Couvelaere, V. and Richelieu, A. (2005), “Brand Strategy in Professional Sports: The Case of French Soccer Teams”, *European Sport Management Quarterly*, Vol. 5, No. 1, pp. 23-46, available at: [10.1080/16184740500089524](https://doi.org/10.1080/16184740500089524)
- Davis, P. (2015), “A land for the world of football to explore: understanding China’s digital landscape”. *FCBusiness*, No. 83, pp. 6-9.
- Dickey, I. J. and Lewis, W. F. (2010), “The evolution (revolution) of social media and social networking as a necessary topic in the marketing curriculum: a case for integrating social media into marketing classes”. *Society for Marketing Advances Proceedings*, pp. 140-143.
- Ferrel, O. C., Hartline, M. D. and Lucas, G. (2000), *Estratégia de marketing*. São Paulo: Atlas.
- Filo, K., Lock, D. and Karg, A. (2015), “Sport and Social Media Research: A review”. *Sport Management Review*, Vol. 18, No. 2, pp. 166-181.
- Gallaughier, J. and Ransbotham, S. (2010), “Social media and customer dialog management at Starbucks”, *MIS Quarterly Executive*, Vol. 9 No. 4, pp. 197-212.
- Gourley, A. and O’Neill, J. (2016), “Growing La Liga’s international presence”. *FCBusiness*, No. 96, pp. 13-14.
- Gourley, A. (2015), “Why football likes Facebook”. *FCBusiness*, No. 89, pp. 14-16.
- Grix, J. & Himpler, N. (2007), ‘German and British media representation of America and Iraq’, European Research Institute Working Paper Series, No. 17, February, 2007, UOB. Available at: <http://www.eri.bham.ac.uk/research/working-papers.shtml> (accessed 25 August 2017).

Grix, J. and Houlihan, B. (2014), “Sports Mega-Events as Part of a Nation’s Soft Power Strategy: The Cases of Germany and the UK”, *The British Journal of Politics and International Relations*, Vol. 16, No. 4, pp.572-596.

Hayton, J.W., Millward, P. and Petersen-Wagner, R. (2017), “Chasing a Tiger in a network society? Hull City’s proposed name change in the pursuit of China and East Asia’s new middle class consumers”, *International Review for the Sociology of Sport*, Vol. 52, No. 3, pp. 279-298.

Hitt, M. A.; Ireland, R. D. and Hoskisson, R. E. (2008), *Administração estratégica: competitividade e globalização*. (2nd ed.). São Paulo: Cengage Learning.

Hooley, G. J.; Saunders, J. A. and Piercy, N. F. (2001), *Estratégia de marketing e posicionamento competitivo*. (2nd ed.). São Paulo: Prentice Hall.

Jomaa, A. (2015), *From National to International – The Leverage of a Sports Club Brand: A Case Study of Sport Club Internacional*. Master Thesis in Business Administration. UFRGS – Federal University of Rio Grande do Sul. Business School.

Kaplan, A.M. and Haenlein, M. (2010), “Users of the world, unite! The challenges and opportunities of social media”, *Business Horizons*, Vol. 53 No. 1, pp. 59-68.

Kim, Y. (2004), “Does prestige matter in international politics?”, *Journal of International and Area Studies*, Vol. 11, No. 1, pp. 39-55.

Kotler, P., Filiatrault, P. and Turner, R.E. (2000) *Le management du marketing*. Boucherville, France: Gaëtan Morin Editeur.

Kotler, P.; Kartajaya, H. and Setiawan, I. (2017), *Marketing 4.0: do tradicional ao digital*. Rio de Janeiro: Sextante.

KPMG (2016) “Can clubs succeed at monetizing their social media following?”, available at: https://www.footballbenchmark.com/football_clubs_monetize_social_media (accessed 15 July 2017).

Kuzma, J., Bell, V. and Logue, C. (2014), “A Study of the Use of Social Media Marketing in the Football Industry”, *Journal of Emerging Trends in Computing and Information Sciences*, Vol. 5, N° 10, pp. 728-738.

Mazzei, L. C. and Bastos, F. C. (2012), *Gestão do esporte no Brasil: desafios e perspectivas*. São Paulo: Ícone.

McCarthy, J., Rowley, J., Ashworth, C.J. and Pioche, E. (2014), “Managing brand presence through social media: the case of UK football clubs”, *Internet Research*, Vol. 24, N° 2, pp. 181-204.

Mcdonald, M. (2004), *Planos de marketing: planejamento e gestão estratégica – como criar e implementar planos eficazes*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Mintzberg, H. (1987), “The strategy concept I: five Ps for strategy”. *California Management Review*, v. 30, n. 1, p. 11-24, 1987.

Mintzberg, H.; Ahlstrand, B. and Lampel, J. (2000), *Safári de estratégia: um roteiro pela selva do planejamento estratégico*. Porto Alegre: Bookman.

- Montgomery, C. A. and Porter, M. E. (1998), *Estratégia: a busca da vantagem competitiva*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Nye, J. S. (1990), “Soft Power”, *Foreign Policy*, Vol. 80, pp. 153–171.
- Nye, J. S. (2004), *Soft Power: The Means to Success in World Politics*, New York: Public Affairs.
- Nye, J. S. (2008), “Public diplomacy and soft power”, *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, Vol. 616, *Public Diplomacy in a Changing World* (Mar., 2008), pp. 94-109.
- Parganas, P. and Anagnostopoulos, C. (2015), “Social media strategy in professional football: the case of Liverpool FC”. *Sport Management International Journal*. Vol. 11, No. 2, pp. 61-75.
- Porter, M. E. (1979), “How competitive forces shape strategy”. *Harvard Business Review*, Vol. 57, No. 2, pp. 137-145.
- Potter, E. H. (2009), “Branding Canada.” *Projecting Canada’s Soft Power through Public Diplomacy*. Montreal & Kingston: McGill-Queen’s University Press.
- Richelieu, A. (2008), “The internationalisation of a sports team brand: the case of European soccer teams”, *International Journal of Sports Marketing and Sponsorship*, Vol. 10, No. 1, pp. 23 – 38.
- Rother, E. T. (2007), Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*. Vol. 20, No. 2, pp. vii-viii.
- Rowe, D. and Hutchins, B. (2014), “Globalization and online audiences”. Billings, A.C. and Hardin, M. (Eds.) *Routledge Handbook of Sport and New Media*. London: Routledge, pp.7-18.
- Shank, M. D. (2009). *Sports marketing: a strategic perspective*. Upper Saddle River, NJ, EUA: Pearson Prentice Hall.
- Siguenciaa, L. O.; Hermana, D.; Marzanob, G. and Rodaka, P. (2017), “The Role of Social Media in Sports Communication Management: an Analysis of Polish Top League Teams’ Strategy”. *Procedia Computer Science*. Vol. 104, pp. 73–80.
- Song, J. and Chadwick, S. (2014), “Study reveals Chinese football fans favour English clubs and German team. Available” at: <http://www.coventry.ac.uk/primary-news/research-reveals-chinese-football-fans-favour-english-clubs-and-german-national-team/> (accessed 15 July 2017).
- Tsimonis, G. and Dimitriadis, S. (2014), “Brand strategies in social media”. *Marketing Intelligence & Planning*, Vol. 32, No. 3, pp. 328-344.
- Van Ham, P. (2001), “The rise of the brand state. The postmodern politics of image and reputation”, *Foreign Affairs*, Vol. 80, No. 5, pp. 2-6.
- Westwood, J. (2008), *O plano de marketing*. São Paulo: M. Books.



ALÉM DO CAMPO: O MUNDO DO FUTEBOL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

*Mário Antônio de Moura Simim^{1,2}
Francisco de Oliveira Dantas¹*

RESUMO

O futebol é o esporte coletivo mais praticado do mundo e que influencia pessoas de todas as raças, gêneros e perfis. O presente texto tem como objetivo apresentar questões gerais a respeito do fenômeno esportivo futebol para pessoas com deficiência. Abordaremos o panorama histórico dessa prática, seguida dos tipos de deficiência e adaptações. Apresentamos também os desafios futuros para fomento do futebol para pessoas com deficiência. Identificamos que sete variações do futebol que consideram grupos de deficiência (Surdos, Deficiência Visual, Amputação, Deficiência Intelectual, Cadeira de rodas, Deficiência na coordenação motora). Para tornar o futebol acessível a pessoas com deficiência são realizadas adaptações e/ou modificações nas regras e no equipamento esportivo. Concluímos que o futebol para pessoas com deficiência não é apenas uma forma de esporte, mas um meio de promover a inclusão, a igualdade e a autoestima.

MÁS ALLÁ DEL CAMPO: EL MUNDO DEL FÚTBOL PARA PERSONAS CON DISCAPACIDAD

RESUMEN

El fútbol es el deporte de equipo más popular del mundo e influye en personas de todas las razas, sexos y perfiles. El objetivo de este texto es presentar cuestiones generales sobre el fenómeno deportivo del fútbol para personas con discapacidad. Examinaremos los antecedentes históricos de esta práctica, seguidos de los tipos de discapacidad y las adaptaciones. También presentamos los retos futuros de la promoción del fútbol para personas con discapacidad. Identificamos siete variantes del fútbol que tienen en cuenta los grupos de discapacidad (sordos, deficientes visuales, amputación, discapacidad intelectual, silla de ruedas, discapacidad motriz coordinativa). Además, todas las manifestaciones del fútbol para personas con discapacidad cuentan con algún tipo de clasificación deportiva. Concluimos que el fútbol para personas con discapacidad no es sólo una forma de deporte, sino un medio para promover la inclusión, la igualdad y la autoestima.

¹ Grupo de estudos em Educação Física e Desporto Adaptado (GEFDA), Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) da Universidade Federal do Ceará (UFC)

² Programa Academia & Futebol – Núcleo UFC

BEYOND THE FIELD: THE WORLD OF FOOTBALL FOR PEOPLE WITH DISABILITIES

ABSTRACT

Football (or Soccer) is the most widely practiced team sport in the world and exerts influence over individuals of all races, genders, and backgrounds. The purpose of this text is to address fundamental questions regarding the sporting phenomenon of disability football. Initially, we will delve into the historical context of this practice, followed by an exploration of the various types of disabilities and necessary adaptations. Furthermore, we will present the future challenges in advancing disability football. We have identified seven variations of disability football tailored to specific disability groups (Deaf, Blind and Visually Impaired, Amputees, Intellectual Disabilities, Wheelchair, and Motor Coordination Disabilities). Moreover, all forms of disability football incorporate some form of sports classification. In conclusion, disability football is not merely a sport; it serves as a means of promoting inclusivity, equality, and self-esteem.

INTRODUÇÃO

O futebol é um esporte que tem o potencial de unir pessoas de todas as idades, gêneros, culturas e condições físicas. No entanto, para pessoas com deficiência o futebol pode ser um desafio. As barreiras para a prática do futebol para pessoas com deficiência podem ser físicas, sociais ou psicológicas. As barreiras físicas incluem a falta de acessibilidade aos campos de futebol, a falta de equipamentos adaptados e a falta de apoio financeiro (Jaarsma et al., 2014). As barreiras sociais incluem os preconceitos e a discriminação contra pessoas com deficiência. As barreiras psicológicas incluem a baixa autoestima e a falta de confiança (White et al., 2017).

Apesar das barreiras, o futebol para pessoas com deficiência (ou Para-futebol) vem se desenvolvendo rapidamente nos últimos anos. Isso é resultado de uma combinação de fatores, como o aumento da conscientização sobre a inclusão social, o desenvolvimento de novas tecnologias e a atuação de organizações que promovem o esporte para pessoas com deficiência (Atherton; Macbeth, 2016). A prática do futebol para pessoas com deficiência oferece diversos benefícios, tanto físicos quanto psicológicos (White et al., 2017). Os benefícios físicos incluem a melhora da condição física, a coordenação motora e o condicionamento cardiovascular. Os benefícios psicológicos incluem a promoção da inclusão social, a autoestima e a sensação de bem-estar (White et al., 2017).

O futebol para pessoas com deficiência é uma forma de promover a inclusão social e a igualdade de oportunidades para pessoas com deficiência (Atherton & Macbeth, 2016). O presente texto tem como objetivo apresentar questões gerais a respeito do fenômeno esportivo futebol para pessoas com deficiência. Inicialmente abordaremos o panorama histórico dessa prática, seguida dos tipos de deficiência e adaptações. O texto será finalizado com apresentação dos desafios futuros para fomento do futebol para pessoas com deficiência.

DESENVOLVIMENTO

Panorama histórico

Definir o contexto do futebol para pessoas com deficiência é uma tarefa difícil por dois motivos. Primeiro, ao contrário de sua contraparte sem deficiência, há informações extremamente limitadas sobre a história e o desenvolvimento do futebol para pessoas com deficiência. Em segundo lugar, a diversidade sob o termo abrangente de pessoas com deficiência é extensa. Essa diversidade resulta da variedade de grupos de deficiências que praticam diferentes formas de futebol, diferentes classificações dentro de alguns grupos de deficiências e diferenças na organização e atitudes em relação ao futebol em todo o mundo.

O aumento da cobertura da mídia sobre o futebol para pessoas com deficiência em eventos como Jogos Paralímpicos e campeonatos Mundiais sugere que o envolvimento de pessoas com deficiência no futebol é recente. Por exemplo, Frère (2007) afirma que o futebol organizado para amputados em sua forma atual foi criado em 1980 nos EUA. A Copa do Mundo para Cegos foi fundada apenas em 1998 (Souza, Campos & Gorla, 2013). Já o futebol para surdos existe desde o final do século XIX (White et al., 2017). Além disso, a prática do futebol não foi originalmente incluída nos Jogos de Stoke Mandeville e só foi introduzido nas Olimpíadas Especiais (*Special Olympics*) como um jogo reduzido (habilidades individuais).

A promoção do futebol para pessoas com deficiência pelos vários órgãos dirigentes do esporte não era organizada de forma sistemática ou generalizada. Como consequência, o futebol para pessoas com deficiência foi marginalizado e/ou totalmente ignorado pelas autoridades nacionais e internacionais do futebol. Por exemplo, documentos oficiais da FIFA e UEFA não mencionam nada sobre o futebol para pessoas com deficiência. Esse fato indica a natureza marginal do futebol para pessoas com deficiência. Para resolver esta questão, a FIFA criou recentemente um grupo de trabalho especializado de para-futebolistas, envolvendo lendas do para-futebol e associações membros da FIFA com programas de futebol para pessoas com deficiência (<https://www.fifa.com/football-development/news/fifa-celebrates-accessibility-and-inclusiveness-in-football-on-international-day>). Atualmente, competições internacionais ocorrem em conjunto de torneios, como os Jogos Paralímpicos, as Olimpíadas Especiais e respectivos campeonatos/copas Mundiais e regionais para os diferentes grupos de deficiências.

Tipos de Deficiência e Adaptações

O futebol para pessoas com deficiência é uma esfera diversa que abrange uma ampla gama de deficiências, incluindo deficiência físico/motora, visual, auditiva e intelectual (Figura 1). Cada uma dessas categorias apresenta desafios únicos que exigem adaptações específicas. Por exemplo, indivíduos com deficiência físico/motora podem precisar de cadeiras de rodas esportivas, enquanto pessoas cegas dependem da bola com guizo para rastrear a sua posição no campo.

Para tornar o futebol acessível a pessoas com deficiência diversas adaptações são realizadas em várias dimensões do esporte (Figura 2). As modificações nas

regras do jogo são frequentemente necessárias para nivelar o campo de jogo. Por exemplo, no futebol em cadeira de rodas existem regras específicas que regem o contato entre as cadeiras de rodas, garantindo jogo seguro e competitivo. Além disso, o equipamento esportivo, como as cadeiras de rodas adaptadas e as bolas com guizo, é fundamental para permitir a participação de todos.



Figura 1. Manifestações do futebol para pessoas com deficiência.

Fonte: Winckler (2022, p. 8).

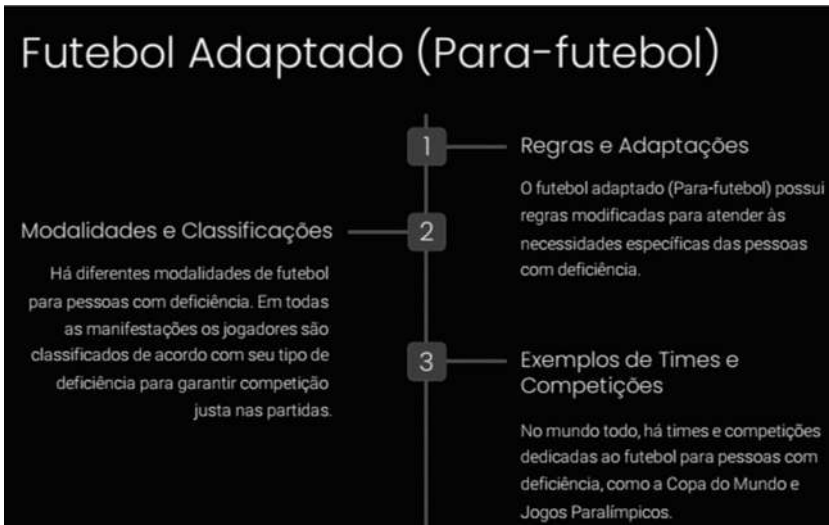


Figura 2. Principais características do futebol para pessoas com deficiência.

Desafios futuros

Embora o futebol adaptado tenha progredido significativamente, ainda enfrenta desafios significativos. O acesso a instalações adequadas e o financiamento continuam sendo questões críticas em muitas regiões do mundo. Além disso, a conscientização sobre as modalidades de futebol para pessoas com deficiência precisa ser ampliada para garantir que mais pessoas tenham a oportunidade de se envolver e se beneficiar desses esportes inclusivos.

No entanto, o futuro do futebol para pessoas com deficiência é promissor. À medida que mais pessoas se tornam conscientes de suas vantagens e desafios, a comunidade esportiva global está se unindo para apoiar e expandir essas modalidades. Com esforços contínuos de sensibilização, investimento em infraestrutura acessível e a paixão de atletas e entusiastas, o futebol adaptado continuará a inspirar e capacitar pessoas com deficiência em todo o mundo.

O futuro reserva desafios e oportunidades promissoras para o crescimento e avanço contínuos do futebol para pessoas com deficiência. Estes desafios abrangem não só a melhoria das adaptações existentes, mas também a expansão da sensibilização e da participação entre indivíduos que ainda não descobriram a sua variante preferida do desporto. O desenvolvimento do futebol para crianças, jovens e mulheres constituem mais um desafio para os interessados na modalidade.

CONCLUSÃO

Este capítulo forneceu uma visão geral muito das relações entre deficiência e futebol. Usamos a descrição (modesta) de cada variação do futebol como tentativa de explicar pelo menos parte da diversidade do próprio futebol para pessoas com deficiência. O que emerge do nosso capítulo é uma visão abrangente das oportunidades para a diversidade de pessoas com deficiência no futebol, considerando grupos de deficiência e contextos culturais e organizacionais. Sinteticamente, o futebol para pessoas com deficiência não é apenas uma forma de esporte, mas um meio de promover a inclusão, a igualdade e a autoestima.

REFERÊNCIAS

- Atherton, M. & Macbeth, J. (2016). Disability and Football. In J. Hughson, K. Moore, R. Spaaij & J. Maguire (Eds.). *Routledge Handbook of Football Studies* (pp. 279-292). Routledge Handbooks.
- Frère, J. (2007). The history of modern' Amputee Football In Centre of Excellence Defence Against Terrorism. *Amputee Sports for Victims of Terrorism*. (pp. 5-13). Ankara, Turkey IOS Press.
- Jaarsma, E. A., Dijkstra, P. U., Geertzen, J. H. B. & Dekker, R. (2014). Barriers to and facilitators of sports. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, 24(6):871-81. doi: 10.1111/sms.12218
- Souza, R. P., Campos, F. C. C. L., & Gorla, J. I. (2017). *Futebol de 5 – Fundamentos e Diretrizes*. São Paulo: Atheneu.

Winckler, C. (2023). *Pedagogia do Paradesporto*. 1. ed. Santos.

White, R., Lister, K., Northend, K., Moore, S. & Rayner, K. (2017). Football teams for people with intellectual disabilities living in the community: it helps your self-esteem and that, don't it?. *Journal of Intellectual Disabilities and Offending Behaviour*, 8(4), 201-211. <https://doi.org/10.1108/JIDOB-06-2017-0009>



O PAPEL SOCIAL DO FUTEBOL FEMININO NA UNIVERSIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Marcos Lima Barbosa¹
Mabliny Thuany Gonzaga Santos²
Tatiana da Silva Alcântara¹
Thayse Natacha Gomes¹
Ailton Fernando Santana de Oliveira*

RESUMO

A prática do futebol se disseminou inicialmente apenas entre os homens. Nesse contexto, o futebol feminino demorou várias décadas para se popularizar e receber atenção das entidades do futebol e da imprensa. Sendo assim, é importante o desenvolvimento de ações visando disseminar o futebol feminino nos mais diversos âmbitos. Os objetivos do presente estudo foram: apresentar a construção de um projeto desenvolvido para promover a interação social entre jovens universitárias através do futebol; oportunizar a prática do futebol feminino dentro do ambiente universitário e promover a disseminação e o conhecimento acerca do futebol feminino, e promover benefícios para a saúde física e mental das praticantes. A pesquisa caracteriza-se como um relato de experiência de um estudo de caso da equipe de futebol feminina universitária da Universidade Federal de Sergipe. As etapas para a implantação do projeto foram: Divulgação, recrutamento, anamnese, e avaliação física com a realização de testes físicos. Através da execução do projeto, foi observado a melhora significativa dos aspectos técnicos e táticos das alunas, bem como, na sensação de bem-estar físico e mental das mesmas.

Palavra-chave: Esporte; Futebol Feminino; Inclusão Social; Jovens; Universitárias.

EL PAPEL SOCIAL DEL FÚTBOL FEMENINO EN LA UNIVERSIDAD: UN REPORTE DE EXPERIENCIA

RESUMEN

La práctica del fútbol inicialmente se extendió sólo entre los hombres. En este contexto, el fútbol femenino tardó varias décadas en popularizarse y recibir atención por parte de las entidades futbolísticas y la prensa. Por ello, es importante desarrollar acciones encaminadas a difundir el fútbol femenino en los más diversos ámbitos. Los objetivos del presente estudio fueron: presentar la construcción de un proyecto desarrollado para promover la interacción social entre jóvenes universitarios a través del fútbol; brindar oportunidades para la práctica del fútbol femenino dentro del ámbito universitario y promover la difusión y el conocimiento sobre el fútbol femenino, y promover beneficios para la salud física y mental de las jugadoras. La investigación se caracteriza por ser un relato de experiencia de un estudio de caso del equipo universitario femenino de fútbol de la Universidad Federal de Sergipe. Las etapas para

¹ Universidade Federal de Sergipe

² Faculdade de Desporto do Porto

la implementación del proyecto fueron: Divulgación, reclutamiento, anamnesis y evaluación física con pruebas físicas. Mediante la ejecución del proyecto se observó una mejora significativa en los aspectos técnicos y tácticos de los estudiantes, así como en su sensación de bienestar físico y mental.

Palabras clave: Deporte; Fútbol femenino; Inclusión social; Joven; Universidad.

THE SOCIAL ROLE OF WOMEN'S FOOTBALL AT THE UNIVERSITY: AN EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT

The practice of soccer was initially disseminated only among men. In this context, women's soccer took several decades to become popular and receive attention from soccer entities and the media. Therefore, it is important to develop actions aimed at disseminating women's football in the most diverse areas. The objectives of this study were to present the development of a project designed to promote social interaction among young university women through soccer, provide opportunities for the practice of women's soccer within the university environment, spread knowledge about women's soccer, and promote physical and mental health benefits for the participants. The research is characterized as an experience report of a case study of the female university football team at the Federal University of Sergipe. The steps for project implementation included: promotion, recruitment, medical history assessment, and physical evaluation through physical tests. Through the execution of the project, significant improvement was observed in the technical and tactical aspects of the students, as well as in their physical and mental well-being.

Keywords: Sport; Women Soccer; Social Inclusion; Young; Academic.

INTRODUÇÃO

O Esporte é considerado um fenômeno mundial, tendo em vista que as práticas esportivas se disseminaram por todo o mundo. Além disso, o esporte exerce um papel relevante na vida do homem e na convivência em sociedade. A partir da revolução industrial no século XX, passou a ser uma ferramenta importante no dia a dia das relações sociais entre as pessoas. O esporte trata-se de um fenômeno social, que incorpora as várias faces da cultura da sociedade (Carvalho, 2021), sendo importante para os acontecimentos sociais enquanto fonte de produção cultural, tornando-se uma ferramenta fundamental para a compreensão dos acontecimentos contemporâneos (Almeida, 2010). Ademais, exerce importante papel na formação social do homem e da vida em sociedade, como fonte de transmissão de valores, na promoção de maior interação e inclusão social, sendo também uma ferramenta poderosa na promoção de saúde e de educação (Ribeiro, 2020).

No mundo contemporâneo, a prática de esportes promove o aumento da circulação de capital, criação de valores, comportamentos de respeito e convivência com outras pessoas. Além disso, o esporte é um instrumento poderoso para a promoção de saúde na população, visto que sua prática regular promove variados benefícios, tais como melhora dos sintomas de ansiedade e depressão, melhora a circulação sanguínea, o fortalecimento de músculos e articulações, além de reduzir os gastos da população com medicamentos (Morel & Salles, 2006).

Nesse contexto, o futebol se destaca por uma das modalidades esportivas mais populares do mundo, sendo considerado também como um fenômeno social no Brasil (Balzano & da Silva, 2018). A popularização do futebol se deu através de uma série de transformações histórico-políticas, culturais e sociais ocorridas

durante o século XX, período de sua grande disseminação (da Rosa, de Oliveira Jitsumori, Borges, & de Melo Ribeiro, 2020). Disseminado pela Europa, e praticado principalmente por homens, tornou-se um esporte institucionalizado e praticado em todo o mundo, tornando-se uma enorme ferramenta de inclusão social (Carvalho, 2021). Observando-se o contexto histórico ao qual se deu o surgimento do futebol, é importante ressaltar que, nessa época as mulheres enfrentavam uma série de preconceitos e restrições. Nesse sentido, o futebol feminino teve sua prática iniciada tempos depois, ainda com muito preconceito e proibições por parte da sociedade da época (Costa, 2017).

No Brasil, a prática do futebol de mulheres se iniciou nas praias e campos devido à ausência de times em uma única localidade, enfrentando diversas proibições e desafios no Brasil ao longo da história, chegando a ser proibido no país durante o governo do presidente Getúlio Vargas (Costa, 2017; Rubio & Veloso, 2019). As proibições foram provocadas devido aos valores sociais existentes na época, tais como a ideia de o esporte não ser adequado biologicamente para as mulheres, visto que era um esporte de alto impacto (Bandy et al, 2021). Além disso, as mulheres jogadoras de futebol estavam sempre associadas a falas sexistas preconceituosas pelos jornais da época (da Rosa et al., 2020; Votre & Mourão, 2003). Desse modo, o futebol feminino sofreu um grande atraso em seu desenvolvimento no Brasil.

Nesse contexto, apesar do surgimento de grandes eventos esportivos envolvendo o futebol feminino na década de 1990, o seu crescimento a nível internacional e nacional ocorreu de forma lenta (Vieira, Justo, & Mansano, 2018). O futebol feminino no Brasil ainda é pouco desenvolvido, apesar das ações para o desenvolvimento da modalidade realizadas pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), como a criação de campeonatos oficiais, repasse de verbas para incentivo aos clubes investirem no naípe, criação de campeonatos de base, e etc. (Ferreira, Salles & Mourão, 2015). Todavia, as ações realizadas para o crescimento do futebol feminino no país ficaram restritas principalmente ao eixo das regiões sudeste e sul, atingindo principalmente apenas os grandes centros e cidades já desenvolvidas (Morel & Salles, 2006).

Portanto, o esporte é uma ferramenta fundamental na promoção da inclusão e igualdade de gênero na sociedade (Ferreira, da Silva, Rosado & Lavorato, 2022; Pereira & Raiher, 2020). Dessa forma, o esporte pode ser utilizado como uma ferramenta impulsionadora da mulher na sociedade, tendo em vista que o esporte promove a idolatria dos indivíduos, gerando a figura de herói de um povo, definido por “Hesíodo”, como uma figura que se destaca diante as demais (Moura, 2021). Além disso, a inserção da mulher no futebol, que é tido como um esporte predominantemente masculino, se faz importante para promover a igualdade de gênero entre homens e mulheres (Broch, 2021; Ferreira, Bezerra, da Silva, Cerani & Lopes, 2019).

Nesse sentido, as universidades se tornam um importante local para o desenvolvimento e fortalecimento do futebol entre as mulheres, visto que se trata de um ambiente democrático e de desenvolvimento social. Assim, relatos de memória sobre ações que contribuam para o surgimento ou fortalecimentos de projetos que visem o futebol feminino passa ser relevante.

A ideia de criar de forma fixa uma equipe feminina voltada para o futebol feminino na UFS, surgiu a partir da oportunidade de participar dos Jogos Universitários Brasileiros (JUBS), no ano de 2022. Nesse ano surgiu a oportunidade de participar dessa competição, no entanto não tínhamos uma equipe formada, com treinos regulares, assim, o elenco que representou a instituição foi formado por meninas iniciantes que precisaram ser convidadas às pressas para participar da competição de nível nacional. No retorno dessa competição vimos a necessidade de criamos um projeto voltado para treinamento e desenvolvimento técnico tático do futebol feminino na UFS. Nesse contexto, o objetivo do presente estudo narrativo e descrever como foi estruturado e organizado um projeto de futebol feminino dentro de uma instituição de ensino superior do Brasil.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa narrativa/descritiva, do tipo relato de experiência de estudo de caso da equipe de Futebol Feminino da UFS, retratando a estruturação e organização, no espaço temporal de 12 meses, da equipe de futebol feminino da UFS. A população envolvida nesse relato de experiência foram 25 alunas e ex-alunas participantes do projeto e que preencheram o formulário de inscrição.

Ideia a concretização do Projeto.

A partir da tomada de decisão para a implantação do projeto de criação de uma de futebol feminino na UFS, apresentamos aqui conforme figura 1 o caminho didático metodológico que foi adotado para sua concretização:



Figura 1. Etapas do projeto.

01) Idealização, localização e organização do projeto

O projeto “FUTEBOL FEMININO NA UFS” foi criado no primeiro semestre letivo do ano de 2022, sendo idealizado por um discente do 5º semestre (à época) da graduação de Bacharelado em Educação Física sob supervisão de professores da instituição. A idealização do projeto ocorreu dentro da própria instituição, após ser observada a necessidade de desenvolver a modalidade entre as universitárias, tendo em vista a participação nos Jogos Universitários Brasileiros de Futebol do mesmo ano.

No ano anterior, A Universidade Federal de Sergipe havia recebido um convite para ir aos jogos universitários brasileiros de futebol, no entanto, ainda não existia um projeto de mulheres na modalidade dentro da instituição, sendo necessário convidar alunas que não possuíam vivência na modalidade, o que resultou em um desempenho altamente discrepante quando comparado com outras instituições. Desse modo, após o retorno da competição, o Futebol Feminino UFS foi criado visando oportunizar a prática e o desenvolvimento do futebol de mulheres dentro da universidade como instrumento de inclusão social,

A ideia era a concretização de um projeto contínuo que oportunizasse aulas práticas e teóricas, rodas de conversas e eventos baseados na temática. Inicialmente, foi realizado o agendamento do campo de futebol da instituição e dos espaços do Departamento de Educação Física necessários para as avaliações físicas que viriam a serem realizadas e a prática de futebol. O projeto foi desenvolvido com os seguintes objetivos:

Objetivos primários

- » Oportunizar a prática do futebol feminino dentro do ambiente universitário
- » Disseminar a prática e o conhecimento do futebol entre as mulheres;
- » Promover a interação social entre universitárias;
- » Promover benefícios relacionados à saúde física e mental das participantes.

Objetivos secundários

- » Formação de um time para representar a Universidade Federal de Sergipe em campeonatos locais, regionais e nacionais;
- » Realizar amistosos com outras equipes de futebol feminino no estado de Sergipe;
- » Participar em eventos esportivos representando a instituição.

02) Divulgação do projeto e recrutamento

Após vencermos a primeira etapa, definindo local de prática, alunos monitores, professores responsáveis, apoio da Coordenaria de Eventos Esportivos e Culturais da UFS, adentramos na segunda etapa, a definição de estratégia de divulgação do projeto e o convite as alunas para participar.

Inicialmente o projeto foi divulgado com a confecção de cartaz, que foram fixados em diversos murais espalhados pelo campus universitário, em rede sociais da UFS e de colaboradores, em seguida, foi criada a rede social do projeto, a fim de alcançar uma quantidade maior de mulheres e ter mais eficiência para a comunicação e resposta de possíveis dúvidas. O recrutamento se deu a partir do preenchimento de um formulário de inscrição online através do *Google Forms*. O presente formulário foi realizado para obtenção de informações como nome completo, contato pessoal e contato para casos de emergência.

03) Anamnese e Avaliação Física

Após inscrições das alunas e o prazo ser encerrado, com um bom número de inscritos, vinte e cinco alunas, a equipe técnica responsável pelo projeto, organizou

um formulário online, anamnese, solicitando informações referentes à prática regular de atividade física, restrições médicas para a prática de exercício físico, uso de medicamento prescrito por um médico, ocorrência de lesão ou comorbidade nos últimos seis meses. As questões do formulário foram realizadas tendo embasamento no questionário de avaliação da atividade física e saúde criado por Matsudo e colaboradores (2001), que após respostas das alunas foi tabulado, analisado para definição de planejamento.

Além da anamnese, foi organizado um protocolo de avaliação física com o objetivo de obter um parâmetro sobre o nível de condicionamento físico das participantes no momento de início no projeto, e usar essas informações para condução das atividades. Portanto, uma bateria de testes físicos foi realizada, consistindo em: Teste de cooper de 35m para avaliar a capacidade aeróbica; T test com bola para avaliar agilidade da condução de bola; corrida com mudança de direção para avaliar agilidade; *Counter movement jump* para potência de membros inferiores e *Anaerobic sprint test* para capacidade anaeróbica.

04) Avaliação dos resultados

Por fim, tendo em mãos os resultados da anamnese, dos testes físicos e das primeiras reuniões com as alunas, foi realizado um diagnóstico com os dados obtidos a definido o planejamento técnico, tático e físico que seriam desenvolvidos com as alunas.

A partir desse caminho didático metodológico, foi iniciada as atividades práticas e teóricas do projeto, que se reuniu duas vezes por semana para aulas práticas, além das atividades recomendadas para as alunas realizarem individualmente em casa, academias ou outros espaços.

Durante o período de 12 meses, tivemos eventos, palestras, cursos e treinamentos que nos permitiram apontar alguns dos resultados iniciais do projeto.

Primeiros resultados observados

Durante os primeiros 12 meses de atividades do projeto, foram desenvolvidas aulas com o objetivo de aprimorar as capacidades físicas gerais das alunas, como também de promover o ensino dos fundamentos e dos princípios táticos fundamentais da modalidade. Além disso, foram realizados pequenos eventos entre o grupo abordando temas referentes à história do futebol feminino no Brasil e ao entendimento das regras e nuances da modalidade. No total, há 25 mulheres frequentando de modo regular as aulas do projeto, cujas aulas/treinos ocorrem duas vezes na semana. Ademais, com a realização do projeto foi possível formar um elenco de futebol feminino para representar a universidade, conseguindo então participar de maneira competitiva dos Jogos Universitários Brasileiros de Futebol, realizado na cidade de Curitiba, Paraná, no ano de 2023.

a. Percepção sobre participação no projeto

Em relação à interação social, bem-estar físico e psicológico, as alunas relataram através de uma pequena entrevista que sentiram uma melhora significativa nesses aspectos após iniciarem sua participação nas aulas. Desse modo, a partir das aulas do projeto foi observada a criação de

laços de amizade, maior interação social entre as mesmas, maior sensação de segurança, diminuição dos sintomas de ansiedade e relatada melhora da autoestima. Além disso, foi possível observar o maior envolvimento das alunas do projeto com atividades extracurriculares dentro da Universidade, bem como, a busca pela entrada na seleção de futsal feminino da instituição e a criação de “babas”, para jogarem entre si através dos novos laços de amizade que foram criados.

- b. **Formação de equipe para representar a instituição**
A partir da organização e divulgação do projeto, tornou-se possível realizar a formação de um time para representar a universidade. Dessa forma, conforme ocorreu a evolução técnica e tática das participantes, surgiu a perspectiva de participar novamente dos Jogos Universitários Brasileiros de Futebol. Ademais, o projeto conseguiu abranger uma quantidade significativa de pessoas dentro da instituição, atraindo a maior participação de mulheres que já conhecem e praticam a modalidade, como também, estudantes iniciantes que não tinham oportunidade de praticar e buscaram o projeto para aprender sobre a modalidade.
- c. **Participação em eventos esportivos**
No contexto da participação de eventos esportivos, o projeto proporcionou a possibilidade de participação nos Jogos Universitários de Sergipe, em 2023, como também, a participação nos Jogos Universitários brasileiros de Futebol, realizado na cidade de Curitiba-PR, no mesmo ano, ocupando a 8º colocação no ranking geral da competição. Além disso, através do projeto foi promovido um evento sobre a história do futebol feminino envolvendo as copas do mundo.

CONCLUSÃO

Por fim, com a execução do projeto foi possível disseminar a prática do futebol feminino no contexto universitário local. Além disso, a prática da modalidade promoveu melhorias na saúde física e mental das praticantes, como também uma maior interação social, criação de laços de amizades entre as mesmas, maior nível de autoconfiança, como também, aumento do envolvimento com práticas esportivas dentro da universidade. Nesse sentido, em termos competitivos, o projeto contribuiu para uma nova participação nos Jogos Universitários Brasileiros de Futebol, possibilitando alcançar níveis competitivos satisfatórios em partidas contra equipes femininas com maior experiência e tradição na modalidade, além disso, foi alcançada a fase de quartas de finais da competição nacional universitária, um feito inédito na história da instituição. Dessa maneira, o projeto contribuiu para aumentar a quantidade de praticantes de futebol feminino no ambiente universitário em que é desenvolvido, sendo assim, pode servir de modelo para a implementação de futuros projetos semelhantes no contexto das universidades públicas do país visando o âmbito social e competitivo.

REFERÊNCIAS

- Almeida, P. (2010, 2015). *Futebol, Mercantilismo e Identidade no século XXI: Hegemonia e Contra-Hegemonia*.
- Balzano, O. N., & da Silva, G. F. (2018). Futebol a maior expressão popular do Brasil: movimentos decoloniais. *RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 10(38), 314-328.
- Bandy SJ. Estudos de gênero e esportes: uma perspectiva histórica. Ponto Urbe Revista do núcleo de antropologia urbana da USP. 2021(29).
- Broch, M. (2021). Histórico do futebol feminino no Brasil:: considerações acerca da desigualdade de gênero. *Temporalidades*, 13(1), 695-705.
- Carvalho, R. A. (2021). O futebol na sociedade capitalista contemporânea.
- Costa, L. M. d. (2017). O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, 13, 493-507.
- da Rosa, M. V., de Oliveira Jitsumori, C. I., Borges, A. M., & de Melo Ribeiro, M. E. (2020). Mulheres e futebol: um estudo sobre esporte e preconceito. *Revista Gênero*, 21(1), 190-218.
- Ferreira, H. J., Salles, J. G. d. C., & Mourão, L. (2015). Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. *Revista da Educação Física/UEM*, 26, 21-29.
- Ferreira, L. V., da Silva, D. C., Rosado, D. G., & Lavorato, V. N. (2022). MOTIVAÇÃO NA INSERÇÃO DA MULHER NO FUTEBOL FEMININO. *Caderno Científico UNIFAGOC de Graduação e Pós-Graduação*, 7(2).
- Ferreira, M. J. P., Bezerra, J. A. X., da Silva, K. V., Cerani, R. B., & Lopes, D. T. (2019). Preconceito no futebol feminino no Brasil: uma revisão narrativa. *Diálogos em Saúde*, 1(2).
- MATSUDO, S.; ARAÚJO, T.; MARSUDO, V.; ANDRADE, D. *et al.* Questionário internacional de atividade física (IPAQ): estudo de validade e reprodutibilidade no Brasil, 05-18. Search in, 2001.
- Morel, M., & Salles, J. G. d. C. (2006). Futebol feminino. *Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte*.
- Moura, D. L. (2021). Esporte, mulheres e masculinidades. *Esporte e Sociedade*(13).
- Pereira, M. C., & Raiher, A. P. (2020). A prática esportiva feminina no Brasil: ênfase na condição de pobreza. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 42(2), 1-12.
- Ribeiro, L. C. (2020). Futebol e política. *O futebol nas ciências humanas no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp*, 25-43.
- Rubio, K., & Veloso, R. C. (2019). As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. *Revista USP*(122), 49-62.

Vieira, T. M., Justo, J. S., & Mansano, S. R. V. (2018). Mulheres e futebol: análise de documentos do mundo esportivo brasileiro no Século XX. *Psicologia Revista*, 27, 519-543.

Votre, S., & Mourão, L. (2003). Women's football in Brazil: Progress and problems. *Soccer & society*, 4(2-3), 254-267.



PERCEÇÃO DOS ADOLESCENTES DO PROJETO ACADEMIA & FUTEBOL ACERCA DO FUTEBOL FEMININO

Tatiana da Silva Alcântara¹

Mabliny Thuany²

Marcos Lima Barbosa¹

Douglas Vieira¹

Thayse Natacha Gomes¹

Ailton Fernando Santana de Oliveira¹

RESUMO

O estudo teve como objetivo verificar qual a percepção dos alunos participantes de um projeto para ensino do futebol, quanto ao futebol feminino, antes e após assistir documentários referentes à modalidade. A pesquisa apresenta um designer qualitativo, realizado com participantes do projeto Academia & Futebol, desenvolvido na Universidade Federal de Sergipe. Os alunos, com idades entre 13 e 16 anos, responderam a percepção acerca do futebol feminino antes e depois de assistir aos documentários. Dos 24 presentes, 6 eram meninas e 17 eram meninos. Foram excluídos da amostra os que responderam apenas uma das percepções. Os resultados apontaram que antes de assistirem aos documentários, declararam o futebol feminino como bom e legal, diferente do que a grande maioria costuma ver, posteriormente, compreenderam melhor a relação do preconceito e a luta feminina no esporte.

Palavras-chave: futebol feminino; preconceito; sexismo.

PERCEPCIÓN DE ADOLESCENTES DEL PROYECTO ACADEMIA & FUTEBOL SOBRE EL FÚTBOL FEMENINO

RESUMEN

El estudio tuvo como objetivo verificar la percepción de los estudiantes que participan en un proyecto de enseñanza de fútbol, sobre el fútbol femenino, antes y después de ver documentales relacionados con este deporte. La investigación presenta un diseño cualitativo, realizada con participantes del proyecto Academia & Futebol, desarrollado en la Universidad Federal de Sergipe. Los estudiantes, de entre 13 y 16 años, respondieron a su percepción del fútbol femenino antes y después de ver los documentales. De los 24 presentes, 6 eran niñas y 17 niños. Fueron excluidos de la muestra aquellos que respondieron sólo una de las percepciones. Los resultados mostraron que antes de ver los documentales declararon que el fútbol femenino era bueno y legal, diferente a lo que suele ver la gran mayoría, después comprendieron mejor la relación entre los prejuicios y la lucha de las mujeres en el deporte.

Palabras clave: fútbol femenino; prejuicio; sexismo.

¹ Universidade Federal de Sergipe.

² Universidade de Porto.

PERCEPTION OF ADOLESCENTS FROM THE ACADEMIA & FUTEBOL PROJECT ABOUT WOMEN'S FOOTBALL

ABSTRACT

The study aimed to verify the perception of students participating in a project for teaching football, as for women's football, before and after watching documentaries related to the sport. The research presents a qualitative designer, carried out with participants of the project *Academia & Futebol*, developed at the Federal University of Sergipe. The students, aged 13-16, responded to the perception of women's football before and after watching the documentaries. Of the 24 participants, 6 were girls and 17 were boys. Those who answered only one of the perceptions were excluded from the sample. The results showed that before watching the documentaries, they declared women's football as good and legal, different from what the vast majority usually see, and later, they better understood the relationship between prejudice and women's struggle in sport.

Keywords: women's football; prejudice; sexism.

INTRODUÇÃO

A relação histórica nas diferenças entre os sexos conduz a necessidade de refletir para compreender o desenvolvimento da mulher na sociedade. A hierarquia centrada no homem construiu uma sociedade machista e misógina. Estes, detentores de poder, impuseram às mulheres quais deveriam ser o seu papel enquanto membro social, atribuindo-as principalmente aos deveres domésticos, e a serem “belas, recatadas e do lar”. Nesse sentido, há uma dominância majoritariamente masculina em diversos ambientes de cargos sociais e áreas de trabalho, visto que múltiplas possibilidades foram negadas às mulheres (Souza/ Ribeiro, 2021).

Nessa perspectiva, o sexismo e o preconceito se expressam em diferentes barreiras sociais, econômicas, e culturais, enfrentadas pelas mulheres, contribuindo para a invisibilidade e o enraizamento de pré-conceitos e exclusão da participação de mulheres em diferentes esferas sociais, incluindo os esportes. No contexto brasileiro, embora o futebol fosse considerado parte importante da cultura do país, ele foi negado às mulheres, pelo seu caráter violento, bem como ao fato da mulher ser identificada como frágil, com a justificativa de que seu organismo não estava apto para gerar demasiado esforço, além de prejudicar os órgãos e dificultar uma boa gestação (Oliveira, 2023)

Desse modo, para desconstruir a ideia equivocada de que meninas são mais delicadas, não podem ou não devem se esforçar tanto em atividades físicas, é necessário um envolvimento conjunto entre a esfera familiar e social. Além disso, sendo a escola o ambiente de maior contato social na infância e início da adolescência, torna-se outro meio para promover a participação conjunta entre meninos e meninas na prática esportiva, especialmente no futebol. Para maior difusão dessas atividades em grupos compostos por ambos os sexos, é preciso desfazer os valores que diferenciam o que é considerado brincadeira, jogo e esporte para meninas e meninos, e apresentar ações práticas que envolvam valores sólidos e garantam direitos iguais (Lima, 2017; Neves, 2013).

Logo, a desconstrução de um ideal “feminino” e “masculino” é importante dentro da sociedade brasileira, visto que esse tipo de padronização é estruturado, sendo repassado, sobretudo, por indivíduos do círculo de convívio. Partindo dessa

ideia, desmistificar os estereótipos especialmente ao longo da infância, contribuem para criação de sujeitos mais saudáveis, tanto psicologicamente quanto fisicamente, além disso, colaboram para uma sociedade mais harmônica, que respeite a diversidade e sobretudo às mulheres (Silva, Jorge, Ferreira, 2020). Portanto, o objetivo do estudo foi verificar e discutir acerca de qual é a percepção dos alunos participantes de um projeto para ensino do futebol, quanto ao futebol feminino, antes e após assistir documentários referentes à modalidade.

MÉTODOS

Design e amostra

Este trabalho apresenta um design transversal e qualitativo. A amostra inicial foi composta por 24 alunos, sendo excluídos aqueles que responderam apenas uma das percepções (antes ou depois do vídeo), como também os que não responderam nenhuma das perguntas. Todavia, após a exclusão dos alunos que não corresponderam aos critérios de inclusão, tivemos 17 alunos participantes da amostra, sendo 06 meninas e 11 meninos.

Os alunos da amostra compreendem idades entre 13 e 16 anos, participantes do projeto Academia & Futebol, projeto de extensão, desenvolvido na Universidade Federal de Sergipe, em São Cristóvão/Sergipe, Brasil, desde 2022. O projeto é desenvolvido com o propósito de oportunizar o acesso a prática esportiva de futebol e futsal para adolescentes/jovens com e sem deficiências, de ambos os sexos, com idades variando entre 13 e 21 anos. As atividades ocorrem nos turnos manhã e tarde, durante dois dias na semana. Todavia, a pesquisa foi realizada apenas com os alunos da turma da tarde e sem deficiência.

A pesquisa segue os termos éticos, visto que o responsável pelo aluno assina um termo de consentimento livre esclarecido para a entrada do participante no projeto.

Procedimentos para coleta dos dados e análise dos resultados

Os alunos participantes da amostra foram encaminhados à uma sala previamente reservada, logo depois responderam às perguntas subsequentes, de forma escrita:

1. Qual a sua percepção acerca do futebol feminino?
2. Qual jogadora você conhece?

Após coletar essas informações, os alunos assistiram os seguintes documentários: “Sissi” e o “*Eyes of the world – Marta*”, disponíveis no site da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), com duração de aproximadamente 28 e 15 minutos, respectivamente. Ambos apresentaram uma perspectiva histórica de conquistas e lutas de duas das grandes jogadoras camisa 10 da seleção brasileira feminina. Após assistir os documentários os alunos responderam novamente à primeira pergunta feita no início.

Para análise dos resultados, foi utilizado o método da Análise do Conteúdo (Bardin, 2011), a partir de categorias previamente definidas. Esse procedimento metodológico levou em consideração os registros das respostas dos entrevistados em forma manuscrita, antes e após assistir aos documentários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O quadro 1 apresenta as respostas dos alunos referentes ao entendimento sobre o futebol feminino pré e pós documentário. Tendo em vista o termo Análise do Discurso, que apresenta uma gama de definições e discussões, entre eles no que se refere a linguagem, a perspectiva deste modelo pode apresentar contextos socio-culturais como um firmamento para construção dos entendimentos progredindo para o dialeto. No entanto, ainda destaca uma importância para aceitação presentes de maneira intrínseca nos manuscritos (Nogueira, 2001).

Percebe-se, a priori, que a compreensão dos adolescentes acerca da modalidade praticada por meninas e mulheres é declarada como algo bom e legal, alguns outros apontam uma preferência pelo futebol masculino, além de considerar o futebol feminino como diferente do que a grande maioria costuma ver e acompanhar. Com base nas informações apresentadas, é possível verificar que após assistir aos documentários, há uma maior compreensão em relação aos preconceitos e luta feminina para promover espaço no que diz respeito a modalidade, e destaque também para persistência quando acredita-se em uma causa e tem-se um objetivo. Dentre as atletas mais citadas estão Marta e Formiga.

Quadro 1. Respostas dos alunos do Academia & Futebol sobre o futebol feminino.

PRÉ-DOCUMENTÁRIO	PÓS-DOCUMENTÁRIO	ATELETA REFERÊNCIA
O futebol feminino é indispensável, mas o futebol masculino é melhor.	O futebol feminino é incrível.	Marta.
Eu conheço algumas jogadoras porque acompanho mais o futebol masculino, mas o pouco que eu conheço sobre o futebol feminino eu acho incrível, tem várias jogadoras grandes no futebol, Marta, Debinha, Formiga, entre outras, elas mesmas sendo mulheres fazem esse esporte gigante.	O futebol feminino é muito marcante na história, mas infelizmente não muito reconhecido, as mulheres sofreram muito para chegar a esse nível hoje. Eu também achei interessante a história de Marta e de Sissi, a imperatriz e Marta a rainha do futebol, e hoje o futebol feminino é mais reconhecido porque teve muitas guerreiras no futebol no passado.	Marta, Debinha, Formiga.
O futebol feminino deveria existir porque antes só existia o futebol masculino e as meninas deveriam jogar com os meninos.	As meninas lutaram para conseguir jogar e representar seu país. Valeu apenas todo esforço delas, hoje elas têm a copa só delas.	Debinha, Marta, Duda.
Acho muito bom o jeito que elas jogam e a forma delas de esperança.	Achei muito bom o começo do futebol feminino e a forma delas para ser a melhor jogadora do mundo.	Marta.
Eu acho a mesma coisa que o futebol masculino, só que na maioria das vezes o futebol feminino tem muito preconceito nas partidas.	Eu aprendi que quando você quer uma coisa, você nunca pode desistir, e também não pode se importar com o que os outros falam.	Marta.
Eu acho muito legal e diferente, às vezes eu assisto, inclusive eu jogo futebol.	Eu aprendi que quando você quer uma coisa você nunca pode desistir e também não pode se importar com o que os outros falam.	

PRÉ-DOCUMENTÁRIO	PÓS-DOCUMENTÁRIO	ATELETA REFERÊNCIA
Futebol feminino tem muita diferença do futebol masculino tipo a força bruta que tem o futebol masculino, o salário que ganha os jogadores homens para o salário que as mulheres ganham.	Achei muito top e é muito legal a história sobre o futebol feminino e a Sissi uma grande jogadora. Gostei muito, futebol feminino não é proibido é arte.	Alisha Lehmann
Eu acho legal o futebol feminino, mas prefiro o masculino.	Não que eu prefira o masculino, mas depois disso os dois são incríveis.	Formiga, Marta, Sissi.
Eu acho do futebol feminino legal	Que mesmos os xingamentos e preconceitos elas são incríveis e conseguiram realizar o sonho.	Marta.
Bom e legal	Que as mulheres não podiam jogar bola que era um preconceito que não prestava	
O futebol feminino é bom porque antes de ter futebol feminino era só o masculino e as meninas sofriam com isso por estar jogando com homens.	Eu entendi que o futebol feminino era muito absurdo por elas serem mulher e os homens não acreditavam no potencial delas	Mata, Duda, Lelê.
O futebol feminino é muito bom	As mulheres em o direito de jogar elas tiveram a oportunidade de jogar em um tempo	Marta
Eu acho legal, divertido e diferente do que costumamos ver na maioria das vezes	Eu percebi que devemos persistir no que queremos, pois se desistirmos aí que nunca vamos conseguir, pois não tentamos	
Eu não acompanho muito o futebol feminino, mas conheço algumas jogadoras como: Marta, Formiga e outras que não lembro o nome agora, eu acho essa modalidade interessante, pois não é algo que estamos acostumados a acompanhar como no masculino.	Minha percepção sobre o vídeo é que o futebol feminino sofre muito preconceito por acharem que o futebol é somente para homens	Marta, Formiga
Eu não assisto o futebol feminino, mas eu acho bom porque tem muito esporte que não tem como jogar e eu acho muito bom.	Antes eu achava bom e depois de assistir eu achei muito melhor ainda e como tinha jogadora que eu não conhecia como Sissi e outras jogadoras	Marta
Acho muito interessante e muito incrível isso pois combate o machismo e a ideia de que o futebol só homem pode jogar e não é bem assim, enfim eu acho o futebol feminino incrível e maravilhoso até porque nós mulheres podemos fazer e jogar tudo aquilo que quisermos.	O futebol feminino tem avançado a cada dia, e isso é incrível e muito bom para nós mulheres.	Marta
Eu acho o futebol feminino bem interessante de uma oportunidade que antes não tinha, eu assisto de vez em quando só sei o nome de algumas jogadoras bom, Marta, Formiga e só	Antigamente eram machismo pelo motivo em que eram mulher, depois começa a ter copa do mundo feminino e começaram a ver diferente as coisas a lição é que não importa o que falem de você, só apenas não desista e siga em frente	Marta e Formiga

A participação feminina é marcada por conquistas que por muito tempo a história e batalhas que as envolvem foram divulgadas de maneira limitada. À vista disso, o estímulo à prática do futebol para mulheres foi escasso, ainda mais com a concepção de que essa modalidade era para homens. Fato este que corrobora para a formação de um ciclo cultural vicioso, repleto de paradigmas e preconceitos difíceis de serem rompidos (Salvini & Marchi Júnior, 2016). Levando isso em consideração, as mulheres são postas a todo instante em evidência, isso é, há uma necessidade de demonstrar suas capacidades para permanecer ou ingressar em determinado ambiente, portanto, as cobranças aumentam, cooperando também para o distanciamento do futebol. Semelhante a isso, na prática do futebol feminino, as mulheres estão constantemente sendo consideradas masculinizadas, comparadas com os homens e apelidadas, exemplo disso, “maria macho (Generoso, 2016).

Em um outro estudo investigou sobre a questão do incentivo à prática. A maioria das meninas destacaram que não houve estímulo de “ninguém”, mas relataram apoio dos familiares responsáveis, seja apoio motivacional ou econômico. Outras citam que há falta de encorajamento por parte dos professores, como até aspectos de violência física por meio da figura paterna, pois vislumbrava na agressividade uma maneira de distanciar a filha da prática do futebol (Ferreira, Bezerra, Silva, Cerani, & Lopes, 2019). Equivalente a isso, uma outra pesquisa reporta que por ser culturalmente um esporte considerado masculino, o futebol é facilmente estimulado para meninos desde a infância, objetivando também a manutenção de uma masculinidade, virilidade. Conforme o apresentado, valores nesse sentido fazem com que as meninas sejam pouco incentivadas por seus familiares e, por vezes, não aceitas pelos colegas em práticas conjuntas da modalidade, levando a inserção das meninas no meio futebolístico eventualmente na adolescência e por ação própria (Viana, 2012).

Uma outra fonte é encontrada que o investimento do futebol de mulheres, a repercussão na mídia e políticas públicas voltadas para desenvolver a prática entre elas é bem menor comparativamente ao futebol masculino. Desta forma, realça a importância de as escolas abordarem as questões de gêneros, especialmente os profissionais de educação física no que concerne às práticas esportivas, visando agregar, oportunizar as diferentes experiências motoras e relações sociais, além da possibilidade dessas ações reduzirem questões sexistas a serem transferidas para âmbitos distintos, contribuindo para formação do cidadão a longo prazo (Roque, 2020). Em contrapartida, o estudo tem como principais limitações o tamanho da amostra e a pouca variabilidade das perguntas, levando em consideração também a pequena quantidade de questionamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, tendo como objetivo do estudo verificar a percepção dos alunos acerca do futebol feminino, pode-se notar que os participantes conseguiram perceber, em parte, um pouco do tamanho da história, importância e representação das mulheres no futebol.

Fica claro, portanto, que por uma construção histórica e de padrão social, inúmeros direitos foram negados às mulheres, inclusive às práticas esportivas. De modo consequente, o preconceito e maneiras de segregá-las dos mais variados espaços são perpetuados por uma cultura nitidamente masculina. Entendendo que a transição da infância para a adolescência é um ponto crucial para constituição da personalidade e do ser social, abordar a temática do futebol feminino, especialmente no âmbito escolar e/ou projetos sociais, são fatores que corroboram para o entendimento das dificuldades e conquistas femininas, objetivando uma desestruturação do sistema misógino. Logo, para os alunos do Academia & Futebol, o futebol feminino não é o que muitos estão habituados a visualizar, entretanto, notaram os entraves da modalidade quando praticada por mulheres.

Posto isso, o trabalho em questão fornece informações para além do exposto, ou seja, nota-se que é importante gerar discussões, no âmbito de projetos como o Academia & Futebol, a respeito da inserção das meninas e mulheres no futebol, para que os jovens possam compreender as dificuldades que as meninas enfrentam na sociedade para exercer seu direito. Outrossim, denota uma relevância para que em algum momento meninos e meninas compartilhem um mesmo espaço e uma mesma vivência.

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Ferreira, M. J. P., Bezerra, J. A. X., Silva, K. V. d., Cerani, R. B., & Lopes, D. T. (2019).
- Preconceito no futebol feminino no Brasil: Uma revisão narrativa. *Diálogos em Saúde*, 1(2), 17.
- Generoso, N. H. P. (2016). *Mulheres, mídia, educação e futebol: a (des) construção do esporte no Brasil*. (Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo)), Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais.
- Lima, D. R. (2017). *A participação feminina no futebol nas aulas de educação física escolar: por quê não?* (Licenciatura em Educação Física Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Brasília.
- Neves, S. K. S. (2013). *O futebol feminino e sua inserção na área escolar: as dificuldades e o preconceito*. (Licenciatura em Educação Física Trabalho de Conclusão de Curso), Centro Universitário de Brasília, Brasília.
- Nogueira, C. (2001). A análise do discurso. In E. M. Fernandes & L. S. Almeida (Eds.), *Métodos e técnicas de avaliação: novos contributos para a prática e investigação* (Vol. 1, pp. 261): Centro de Estudos Educação e Psicologia.
- Oliveira, R. B. d. (2023). *A desvalorização do futebol feminino no Brasil*. (Bacharelado em Jornalismo Trabalho de Conclusão de Curso), Centro Universitário IBMR, Rio de Janeiro.
- Roque, L. A. d. O. (2020). *As dificuldades encontradas no futebol de campo feminino no Brasil*. (Licenciatura em Educação Física Trabalho de Conclusão de Curso), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia

Salvini, L., & Marchi Júnior, W. (2016). Guerreiras de chuteiras na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 30, 303-311.

Silva, P. I. R., Jorge, F. A., & Ferreira, F. M. d. N. (2020). Meninas e meninos: brincar e suas relações de gênero. *Ensino em Perspectivas*, 1(2), 1-7.

Souza, D. O. d. S., & Ribeiro, M. C. R. (2021). Mulheres no mundo do futebol em narrativas. In *Educação física e ciências do esporte: Uma abordagem interdisciplinar* (1 ed., Vol. 2, pp. 484). Guarujá: Editora Científica.

Viana, A. E. d. S. (2012). *As relações de gênero em uma escola de futebol: Quando o jogo é possível?* (Mestrado em Educação Física Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. (142p).



DESAFIOS DO FUTEBOL DE MULHERES EM RONDÔNIA

*Danúbia Daniela de Lima¹
Iranira Geminiano de Melo²
Xênia de Castro Barbosa³*

RESUMO

Este capítulo tem como objetivo contribuir para a reflexão acerca dos desafios do futebol de mulheres em Rondônia, considerando aspectos como participação, infraestrutura, financiamento, projetos sociais e expectativas de profissionalização. De modo específico, almeja-se pontuar as contribuições do Programa Academia & Futebol quanto ao estímulo ao setor. O estudo foi conduzido com base no Método Estudo de Caso. A aquisição de dados foi procedida mediante pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas. As análises foram realizadas em perspectiva temática, com fulcro no método da Análise de Conteúdo. Os resultados indicaram baixo estímulo ao segmento, políticas públicas assistemáticas e a possível persistência de preconceitos de gênero.

Palavras-chave: gênero, mulheres, futebol

DESAFÍOS DE FÚTBOL FEMENINO EN RONDÔNIA

RESÚMEN

Este capítulo tiene como objetivo contribuir a la reflexión sobre los desafíos del fútbol femenino en Rondônia, considerando aspectos como participación, infraestructura, financiamiento, proyectos sociales y expectativas de profesionalización. Específicamente, el objetivo es señalar las contribuciones del Programa Academia & Fútbol en términos de dinamización del sector. El estudio se realizó con base en el Método de Estudio de Caso. La adquisición de datos se realizó a través de investigación documental y entrevistas semiestruturadas. Los análisis se realizaron en una perspectiva temática, con base en el método de Análisis de Contenido. Los resultados indicaron bajo incentivo al segmento, políticas públicas asistemáticas y la posible persistencia de prejuicios de género.

Palabras-Clave: Género. Mujer. Fútbol

¹ Acadêmica do Mestrado em rede Nacional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) no Instituto Federal de Rondônia, *Campus* Porto Velho Calama e pesquisadora do Núcleo de Estudos históricos e Literários. (NEHLI/IFRO).

² Doutora em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. Líder do Grupo de Estudos Saúde, Sociedade e Tecnologia (GESSTEC/IFRO).

³ Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia e do Programa de Mestrado em Rede Nacional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Líder do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Históricos e Literários (NEHLI/IFRO).

WOMEN'S SOCCER CHALLENGES IN RONDÔNIA

ABSTRACT

This chapter aims to contribute to the reflection on the challenges of women's soccer in Rondônia, considering aspects such as participation, infrastructure, financing, social projects and expectations of professionalization. Specifically, the aim is to point out the contributions of the Academia & Futebol Program in terms of stimulating the sector. The study was conducted based on the Case Study Method. Data acquisition was carried out through documentary research and semi-structured interviews. The analyzes were carried out in a thematic perspective, based on the Content Analysis method. The results indicated low incentive to the segment, unsystematic public policies and the possible persistence of gender prejudices.

keywords: gender, women, soccer.

INTRODUÇÃO

Este capítulo tem como objetivo geral contribuir para a reflexão acerca dos desafios do futebol de mulheres em Rondônia, considerando aspectos como a participação, infraestrutura, financiamento, projetos sociais e expectativas de profissionalização. As reflexões ora apresentadas filiam-se ao campo epistemológico dos estudos de gênero, campo de investigação que se revela comprometido com a crítica social acerca das estruturas e dispositivos de poder que têm contribuído para a reprodução de relações humanas desiguais e violentas.

Quanto aos objetivos específicos, buscamos: (1) Pontuar as contribuições do Programa Academia & Futebol na promoção do esporte, desenvolvimento do futebol de mulheres e das pesquisas na área de políticas públicas de esporte e lazer; (2) Descrever a situação atual do futebol de mulheres, profissional e não profissional, no estado de Rondônia, buscando identificar os obstáculos que limitam o desenvolvimento das atletas.

O problema central desta investigação foi assim formulado: “Quais são as políticas públicas de esporte e lazer voltadas à promoção do futebol feminino rondoniense?”

O estudo foi conduzido com base no Método Estudo de Caso. A aquisição dos dados foi procedida mediante pesquisa documental e entrevistas de tipo semiestruturado. Para acesso às fontes de perfil documental utilizou-se o buscador Google, na rede mundial de computadores, utilizando-se o descritor “lei de esporte e lazer” e também se procedeu à coleta presencial nos seguintes órgãos: Superintendência de Juventude, Cultura, Esporte e Lazer (SEJUCEL-RO) e Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SEMES-Porto Velho).

No que se refere às entrevistas, foram realizadas o total de 16, sendo uma com o superintendente estadual de Juventude, Cultura, Esporte e Lazer do Estado de Rondônia, uma com o representante da Federação Rondoniense de Futebol e 14 com secretários e secretárias municipais de esporte e lazer, ou seus representantes. Os municípios representados na pesquisa foram: Alta Floresta do Oeste, Alvorada do Oeste, Ariquemes, Cabixi, Candeias do Jamari, Costa Marques, Espigão do Oeste, Governador Jorge Teixeira, Mirante da Serra, Nova União, Novo Horizonte do Oeste, Parecis, Porto Velho, Santa Luzia do Oeste. Destaca-se que a intenção era entrevistar os gestores esportivos dos 52 municípios que integram o Estado de Rondônia, e foi enviado e-mail a todos eles, contudo, apenas 14 aceitaram participar da pesquisa.

Os procedimentos para a realização das entrevistas com os gestores esportivos envolveram duas etapas: 1) o contato por e-mail e telefone para apresentação da pesquisa, agendamento das entrevistas; 2) a gravação das entrevistas.

As entrevistas tiveram início com a coleta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após confirmar o aceite, de forma gravada ou escrita, as perguntas do roteiro de entrevista foram apresentadas de maneira dialogada. As entrevistas foram realizadas de forma presencial, quando possível, e via *Google Meet*, conforme a preferência dos participantes da pesquisa. As entrevistas gravadas geraram dois arquivos: o primeiro constitui-se do registro de consentimento e o segundo, da entrevista, propriamente dita.

Como medida adotada para preservar, tanto quanto possível, a identidade dos colaboradores da pesquisa, optou-se por identificá-los pelos acrônimos GE-1, GE-2, GE-3... sendo GE: Gestor Esportivo, e o numeral que o acompanha indica a ordem das entrevistas. No caso da entrevista com o representante da Federação Rondoniense de Futebol, optou-se por identificá-lo como R1, tendo em vista que não se trata de um gestor público.

Para a degravação do áudio das entrevistas foi utilizado o *software* [®]Sonix (versão 2023), sendo que o arquivo da transcrição gerado pelo *software* foi conferido pela pesquisadora e ajustado do ponto de vista ortográfico e gramatical, antes de ser encaminhado aos respectivos colaboradores, para as conferências e eventuais acréscimos ou correções.

Os dados foram analisados com base na metodologia da Análise de conteúdo de Bardin (2016), o qual compreendeu a seguintes etapas:

1. Pré-análise: tratou-se de exploração inicial das fontes, visando organizá-las para subsidiar a sistematização das ideias acerca da pesquisa;
2. Leitura Flutuante: tratou-se de estabelecer contato inicial com o *corpus* documental, registrando as impressões e orientações sugeridas pela documentação;
3. Exploração do material: consistiu na organização das informações, a partir de operações de codificação, decodificação e enumeração dos temas mais recorrentes nas entrevistas;
4. Tratamento dos resultados obtidos e interpretação dos dados: envolveu inferências elaboradas a partir das leituras realizadas pela pesquisadora e de sua vivência enquanto profissional da área de Educação Física, bem como de elaboração de gráficos e quadros para facilitar a comunicação visual dos dados.

Os resultados indicaram baixo estímulo ao segmento, políticas públicas assistemáticas e a possível persistência de preconceitos de gênero.

Considerando que o desporto é um direito social constitucionalmente previsto e que o futebol é um dos esportes mais populares do Brasil, sendo desenvolvido nas modalidades educacional, de participação, de rendimento e de formação, entende-se que o estudo das políticas públicas de estímulo ao seu desenvolvimento é relevante do ponto de vista educacional e oportuniza a ampliação de conhecimentos socioculturais pertinentes para o ensino e a pesquisa na perspectiva da formação integral.

DESENVOLVIMENTO

É importante destacar que embora o futebol seja um dos esportes mais praticados no Brasil e no mundo, e em nosso país seja parte da identidade nacional, estudos acadêmicos que tratem do futebol de mulheres e das relações de gênero tangenciais a esta modalidade esportiva ainda são escassos. A presença de mulheres nessa literatura só recentemente começa a aparecer, como nos estudos de Stahlberg (2011), Machado (2022) e Santos (2022).

Em sua dissertação de mestrado, Stahlberg (2011), discute sobre como o futebol foi constituído como esfera cultural masculinizada, heterossexual e o que contribuiu para conformar representações sociais estereotipadas, que consideraram o corpo da mulher impróprio à prática dessa modalidade esportiva, e que consideraram até mesmo os espaços dos campos de futebol como espaços pouco adequados à presença feminina – embora estas sempre tenham se mostrado interessadas por esses espaços e neles adentrado, sejam como expectadoras, como trabalhadoras ambulantes, como faxineiras, e progressivamente, como árbitras, jogadoras, treinadoras, fisioterapeutas, dirigentes de clubes, dentre outras funções.

Para a autora, o crescente ingresso de mulheres nesses espaços e funções ligadas ao futebol é um ato “subversivo”, no sentido de que subverte as expectativas de gênero culturalmente estabelecidas. Esse ato é conquista e expressa um novo espectro de representações, o qual se posiciona contrário aos disciplinamentos tradicionalmente impostos ao corpo feminino.

Machado (2022), em sua pesquisa de doutoramento analisou os efeitos do marcador de gênero no processo de construção da carreira de mulheres como jogadoras de futebol. A pesquisadora analisou documentos impressos e realizou entrevistas semiestruturadas com nove jogadoras de futebol de um clube do interior paulista, sendo cinco da equipe principal e quatro das categorias de base, sendo que tais fontes lhe permitiram compreender os processos em meio aos quais essas mulheres se produzem como jogadoras de futebol e constroem sua subjetividade e identidades.

A autora (*op. cit.*) concluiu que categoria de análise gênero, quando tomada como recurso isolado, aplicado à compreensão das complexas relações de poder e disputas que constituem o universo futebolístico, é insuficiente, sendo necessário articulá-lo a outras categorias analíticas, tais como raça, etnia, poder e micropoder. Segundo a autora,

Além das dificuldades, preconceitos e sofrimentos relatados, campo macropolítico formado pelos sentidos mais estabilizados ao se falar sobre as mulheres no futebol, localizamos, também, movimentações micropolíticas produzidas no cotidiano que favorecem a permanência das mulheres numa instituição que lhes é hostil, bem como sinalizam potências embrionárias de um jeito outro de se fazer, jogar e viver o futebol. Nesse caso, seu aspecto de produção cultural ganha contornos, primando pela dimensão lúdica e prazerosa do jogar, pelo caráter de sociabilidade coletiva e de amizade na vida esportiva e pelas possibilidades de reinvenção de si, criando modos outros de subjetivação no jogo e na vida (Stahlberg, 2011, p. 6).

Santos (2022) também enfatizou que atualmente, a presença das mulheres no futebol é inequívoca, contudo, criticou a pouca visibilidade dada aos meios de comunicação acerca dessa presença. Segundo a autora, a cultura tem como um de seus elementos formadores o tipo de imagens e informações que circulam, de modo que a escolha por transmitir jogos masculinos e não transmitir jogos femininos, por exemplo, é uma escolha que impacta na reprodução de relações de gênero desfavoráveis às mulheres.

Atualmente, a estrutura hierárquica das entidades organizadoras do futebol feminino é a mesma que organiza e regula o futebol praticado por homens: FIFA, CONMEBOL, CBF e as federações estaduais (Sardinha, 2011). Ainda assim, o apoio ao futebol de mulheres, as políticas públicas e a cobertura jornalística ainda se mostra menor, se comparadas aos estímulos ao futebol masculino, o que sugere que, embora a figura feminina não seja uma novidade nas partidas de futebol e nos estádios desde o século passado, ainda persistem representações sociais de gênero que limitam a participação feminina no futebol, por entendê-lo como esporte de homem.

Em paralelo com a trajetória masculina da modalidade percebe-se que a história do futebol feminino oficial é recente e deve parte das conquistas significativas dos últimos anos, à obrigatoriedade dos times da série A terem um time feminino. (Sardinha, 2011), o que não implica em negar a dimensão de luta travada pelas mulheres para terem espaço a esse importante espaço da cultura. Em face dessas desigualdades estabelecidas ao longo do tempo, não podemos estabelecer comparativos entre o desempenho dos gêneros no esporte, ignorando fatos socioculturais e históricos que marcaram a trajetória feminina e sua relação com o futebol e outros esportes. De acordo Sardinha (2011, p. 98):

O primeiro deles é a ideia de que a prática por mulheres era nociva à saúde, ideias vindas da teoria higienista, que dizia que a maternidade da mulher deveria ser preservada. Outro aspecto é a falta de estudos fisiológicos sobre a mulher e os valores sexistas, que ainda hoje estão embutidos na sociedade, quando se referem ao comportamento e à conduta da mulher.

É importante lembrar que homens e mulheres exerciam – e em certa medida ainda exercem papéis distintos na sociedade. Tratava-se de um modelo social e cultural patriarcal pautado em diferenças morfológicas entre os gêneros, onde a posição da mulher era de submissão (Silva, 2021).

As políticas de exclusão das mulheres, segundo Goellner (2005), eram mantidas para que o ideal de feminino e masculino estabelecidos socialmente fosse preservado em nome da moral e da manutenção de costumes considerados pelos homens como os mais adequados. Qualquer flexibilização nessa ordem social poderia desestabilizar a estruturação de um espaço de sociabilidade criado e mantido sob domínio masculino, cuja justificativa para sua consolidação, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas (Goellner, 2005).

Por isso, ‘desde sua gênese, o futebol era tido como um esporte sinônimo de masculinidade, onde homens poderiam demonstrar suas habilidades e superioridade para com os outros’ (Azevedo, 2019). A prática desse esporte era tida como

incompatível com o corpo das mulheres. Somente no século XX, com as mudanças culturais resultantes das lutas feministas é que essas representações sociais começaram a se alterar.

No Brasil, mesmo no século XX, a interdição das mulheres à prática do futebol persistiu de maneira explícita por pelo menos três décadas (Almeida, 2019). Essa interdição, que operava de modo tácito e silencioso, foi explicitada durante a Ditadura do Estado Novo por meio do Decreto-Lei N.º. 3.199, de 14 de abril de 1941, que em seu artigo 54 estabeleceu que: “Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Tal ordenamento jurídico, imposto em um contexto de autoritarismo, revela não só o seu caráter antidemocrático, mas os preconceitos, interesse e valores morais em voga na época. Embora o número de mulheres praticantes do futebol não fosse tão expressivo, sua prática por elementos do gênero feminino era considerada uma transgressão “vulgar e nociva” à estrutura do corpo feminino, havia ainda uma preocupação das famílias abastadas com a suposta fragilidade feminina e a desonra do nome da família.

Somente em 1979 que houve a revogação das restrições sobre as práticas esportivas, porém as atividades permaneceram marginalizadas, posto que, as mulheres não tinham incentivo financeiro ou infraestrutura, não era permitido o uso das estruturas e arbitragem oficial disponível para o futebol masculino. Na sequência temos a regulamentação do Futebol Feminino exigida pela FIFA que ocorreu em 1983, um marco que também não trouxe consigo a liberdade e transformação necessária para a evolução do futebol feminino (Almeida, 2019).

Os esforços para assegurar o direito das mulheres ao/no futebol continuaram e a Federação Internacional de Futebol (FIFA, 2016, p. 6) traçou como objetivos

e) hacer todo lo posible por garantizar que todos aquellos que quieran practicar este deporte lo hagan en las mejores condiciones, independientemente del género o la edad; f) fomentar el desarrollo del fútbol femenino y la participación de las mujeres en todos los niveles de gobernanza del fútbol⁴.

O novo Estatuto reforçou em diversos momentos do texto a necessidade de equidade de gênero e afirmou seu compromisso com a luta contra as diversas formas de discriminação, inclusive o racismo. A afirmação desse compromisso é um reconhecimento das desigualdades existentes e ao mesmo tempo, indica um esforço de adequação das relações no futebol, tanto nas práticas em campo quanto na gestão do esporte.

Segundo Almeida (2019) o reconhecimento da necessidade de promover equidade de gênero foi uma das principais mudanças no Futebol Feminino que proporcionou o debate e organização de ações significativas para o Futebol nesta

⁴ Tradução livre para o português: e) fazer todos o possível para que todos aqueles que queiram praticar esta modalidade o façam nas melhores condições, independentemente do sexo ou da idade; f) incentivar o desenvolvimento do futebol feminino e a participação das mulheres em todos os níveis de governança do futebol.

modalidade, por parte das confederações e associações nacionais, contribuindo para fortalecer movimentos de mulheres futebolistas e de outras profissionais do futebol em diferentes partes do mundo, sendo essas ações importantes para a construção da igualdade de gênero, entretanto, a autora concluiu em sua análise que a luta por igualdade de gênero continua no Brasil, bem como, em outros países, pois há diversos elementos que ainda não foram alcançados, como a equivalência salarial, por exemplo. Desse modo, as mudanças no estatuto permanecem, em muitas regiões, como mera formalidade (Almeida, 2019).

As desigualdades de gênero se materializam de maneiras variadas, e segundo Almeida (2019) e também Silva (2021) é importante proceder a comparações sobre as importunidades e limites que homens e mulheres enfrentam. Segundo Silva:

A comparação é sim necessária, e pensar e discutir a desigualdade de gênero nos mais variados âmbitos inclusive no futebol, pois as mulheres são vítimas de discriminação de gênero e recebem salários inferiores em relação aos jogadores do sexo masculino. Enquanto o futebol masculino conta com alto investimento, publicidade, infraestrutura, grandes salários, múltiplas bases de treinamento, o futebol feminino à poucos conquista espaço, mas se encontra à margem. (Silva, 2021, p.20).

Um olhar de relance para a situação de homens e mulheres no futebol já nos permite perceber que temos um longo caminho a percorrer para que o futebol feminino atinja os mesmos patamares de investimentos e reconhecimento do esporte na categoria masculina. A superação desse cenário depende de políticas públicas específicas, pois segundo Sardinha (2011), o apoio das instituições que regulamentam o futebol, depende de ações governamentais que não se desenvolvem pela falta de prioridade e escassez de recursos, o que explica o pequeno número de equipes de futebol feminino em campeonatos profissionais femininos no Brasil.

Além disso, Salvador (2022) pontua que apesar dos esforços para assegurar o direito das mulheres no contexto esportivo, a desigualdade de gênero continua presente no desporto, porque permanecem em outros setores da vida social, como por exemplo, quando a incompreensão e falta de apoio familiar, as responsabilidades com a família, a sobrecarga com os trabalhos domésticos e outros elementos socioculturais inviabilizam a oportunidade de as mulheres jogarem futebol, ou participarem como espectadoras.

De acordo com a autora as mulheres são minoria no desempenho de funções como treinadoras, árbitras ou juízas, sendo a porcentagem de mulheres no futebol ainda menor nas estruturas administrativas, conforme a hierarquia de poder, ou seja, os cargos de dirigentes no desporto são ocupados predominantemente por homens, e o mesmo ocorre em relação ao número de atletas federadas e o nível/valor das premiações oferecidas ao futebol de mulheres (Salvador, 2022).

Essa discrepância pode ser constatada ao observamos o número de campeonatos profissionais brasileiros, enquanto os homens dispõem de cinco campeonatos nacionais profissionais, divididos em: Série A, Série B, Série C e Série D, temos apenas um campeonato profissional para as mulheres: a Copa do Brasil Feminina, que se divide em duas séries: A1 e A2 (CBF, 2023).

Autores como Brum *et al.* (2019), ressaltam as conquistas do futebol feminino brasileiro, dentre elas: 6 Campeonatos sul-americanos, o terceiro lugar e o

segundo lugar nos mundiais de 1999 e 2007, respectivamente, além do reconhecimento internacional de jogadoras brasileiras. Igualmente, Sardinha (2011) reconhece os esforços e as conquistas do futebol feminino brasileiro apesar da falta de estrutura, contudo, revela que o investimento é insuficiente para a ascensão do futebol feminino:

Entretanto, deve-se considerar que no Brasil, as instituições que regulamentam e direcionam o futebol e os clubes não oferecem uma estrutura organizacional adequada à prática do futebol feminino, não há incentivos estruturais e financeiros, o que faz com que haja um número pequeno de adeptas a esta prática, dispostas a investir numa carreira, poucas pessoas acompanhando a modalidade e faz de pessoas como René, figuras ilustres neste cenário (Sardinha, 2011, p. 97).

Portanto, podemos constatar que os obstáculos do passado foram vencidos apenas parcialmente, e as mulheres continuam tendo o seu direito ao esporte prejudicado. Atualmente, a falta de investimentos impacta diretamente a qualidade técnica e tática do futebol feminino brasileiro.

Contribuições do Programa Academia & Futebol na promoção do esporte e desenvolvimento do futebol de mulheres

O Programa Academia & Futebol é um programa do Governo Federal do Brasil ligado ao Ministério da Cidadania, que tem por objetivo garantir aos brasileiros e brasileiras o acesso à prática do futebol, futsal e *beach soccer*, e fomentar a produção e difusão de conhecimentos sobre estas modalidades esportivas em âmbito nacional.

O Programa se baseia em três pilares: ofertar futebol, *beach soccer* e futsal a crianças, adolescentes e jovens de seis a 23 anos; apoiar a estruturação de grupos de pesquisa e a pesquisa sobre futebol, futsal e direitos do torcedor; e realizar cursos e eventos científicos sobre futebol, futsal e direitos do torcedor. Estes pilares foram pensados com a finalidade de qualificar e ampliar a produção científica na área, contribuir para a difusão do conhecimento e a formação continuada de profissionais para atuar na gestão e em outros setores do futebol (BRASIL, 2020a).

Embora nas diretrizes referenciadas anteriormente estabeleça a faixa etária de seis a 23 anos, no Edital N° 1, de 3 de agosto de 2020, destinado à Seleção para apoio à Estruturação e ao Funcionamento do Programa Academia & Futebol-Centros de Desenvolvimento do Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor, foi estabelecido o atendimento até os 25 anos de idade, mas pelo menos 70% dos beneficiados devem ter entre seis e 17 anos (BRASIL, 2020b).

O Programa funciona a partir do fomento a instalação de centros de desenvolvimento do futebol em universidades públicas e institutos federais. A iniciativa é custeada com recursos do governo federal, mas incentiva o estabelecimento de parcerias locais e utilização de recursos provenientes de emendas parlamentares para fortalecimento das ações.

O Programa Academia & Futebol foi criado em 2019, pela Secretaria Nacional do Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor, vinculada ao Ministério da Cidadania, com o objetivo de implantar e desenvolver o futebol e suas derivações

por meio do fomento aos institutos e universidades federais. Atualmente, está presente em mais de 30 instituições. Seis termos de execução descentralizada foram firmados em 2019, atendendo às cinco regiões do país. Em 2020 foram assinados mais 25 termos e dois convênios, o que difundiu o Programa por todo o Brasil, abrindo oportunidade para a estruturação de novos grupos de pesquisa, de novas linhas de pesquisa dentro de grupos já existentes no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, e de novas ações de formação na área do futebol.

A Universidade Federal de Rondônia (UNIR) foi contemplada em 2019, assinou o Termo de Execução Descentralizada (TED) em 2020 e está desenvolvendo o projeto intitulado “Do Terrão aos Bancos da Universidade”, que tem como objetivo incentivar, desenvolver e democratizar o acesso à formação esportiva da modalidade futebol para crianças, adolescentes e adultos, garantindo o direito constitucional ao esporte como ferramenta para promoção de saúde, combate à violência e ociosidade (UNIR, 2020).

“Do Terrão aos Bancos da Universidade” foi aprovado no primeiro edital da Secretaria Nacional do Futebol em Defesa dos Direitos do Torcedor, e é coordenado pelo professor do Departamento de Educação Física Dr. José Roberto de Maio Godoi Filho.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), por sua vez, teve projeto aprovado no Edital N° 1, de 3 de agosto de 2020, por meio da Portaria N° 4, de 16 de dezembro de 2020 (BRASIL, 2020c). A proposta denominada “Academia & Futebol no IFRO” envolveu a implantação de um Centro de Excelência em Estudos do Futebol no IFRO *Campus* Porto Velho Calama; o desenvolvimento de cinco cursos de formação inicial e continuada de professores, estudantes de educação física e profissionais de projetos sociais de futebol do estado de Rondônia; e a implantação de um núcleo de treinamento de futebol na Aldeia Central do povo indígena Karitiana.

A implantação do Programa Academia & Futebol por meio do projeto de autoria do IFRO possibilitará a organização dos treinamentos, materiais e participação em competições fora da aldeia, fortalecendo a prática, melhorando o desempenho e as condições de treinamento do feminino e masculino. Além de fortalecer o vínculo do IFRO com a comunidade e o desenvolvimento de pesquisa, já que haverá o acompanhamento do comportamento da composição corporal, flexibilidade, força e resistência muscular, velocidade, do gasto calórico e da frequência cardíaca das crianças, adolescentes e jovens participantes do Núcleo de Treinamento Karitiana, a avaliação permitirá a prescrição de treinos personalizados para praticantes do futebol feminino.

A Universidade Federal de Rondônia e o Instituto Federal de Rondônia posicionam-se como instituições comprometidas com a pesquisa e o ensino do futebol e seus projetos se voltam à inclusão social de comunidades tradicionalmente alijadas de políticas públicas de esporte e lazer. No caso do projeto da Universidade Federal de Rondônia, destaca-se a contribuição do esporte para a elevação da escolaridade dos participantes. Já no que concerne ao projeto desenvolvido pelo IFRO, está pautado em componentes da educação intercultural e da educação unilateral.

Os projetos buscam aliar treinamento, técnica e tática com uma perspectiva educacional crítica e emancipadora de homens e mulheres no futebol, protagonistas do seu próprio processo formativo.

Desafios do futebol de mulheres, profissional e não profissional, no estado de Rondônia

A princípio observamos que não há estudos suficientes na área de políticas públicas de esporte e lazer no estado de Rondônia e a escassez de informações técnico-científicas comprometem o processo de desenvolvimento de políticas públicas efetivas, frente às demandas sociais. De acordo com o “Diagnóstico do Esporte e Lazer na Região Norte Brasileira – o existente e o necessário” (Soares, 2011):

Quanto à participação de mulheres nos projetos, os dados levantados informam um equilíbrio entre a participação de mulheres e homens na grande maioria dos projetos. Há uma tendência à predominância masculina nos projetos de esporte, principalmente os de alto rendimento, e feminina em projetos artísticos, como na área de dança, e nos voltados para a terceira idade. Assim, percebemos, uma tendência à continuidade da constituição cultural do gênero, historicamente construída, que define papéis e comportamentos também no campo das práticas corporais de esporte e lazer (homens fortes praticam esporte e mulheres mais frágeis fazem arte), representada de forma simbólica pela “natural” separação das práticas corporais entre homens e mulheres durante sua infância e juventude, até chegar à fase adulta.

O futebol de mulheres, tanto no nível profissional quanto no nível não profissional, não conta com políticas suficientes capazes de reverter essa histórica cultura de gênero que tem limitado a participação feminina nesse esporte como podemos observar em outro recorte do mesmo estudo, sobre a organização de campeonatos de futebol no estado de Rondônia. De acordo com o estudo acima referido, somente no ano de 2008 houve 200 equipes inscritas no campeonato interbairros de Porto Velho, contudo dessas apenas 20 foram femininas. A mesma situação se reproduziu nos municípios de Ji-paraná e Ouro Preto do Oeste, sempre com exígua participação feminina. O número de equipes femininas em relação ao número de equipes masculinas reflete a persistência de desigualdades estruturais de gênero.

A Federação de Futebol do Estado de Rondônia-FFER é a responsável por representar os clubes do estado junto à CBF, como também promover o esporte no estado. O principal campeonato do estado é o “Rondoniense Série A”, realizado desde 1945, em caráter profissional desde 1991, os campeões representam o estado nas competições no campeonato brasileiro de futebol – série D, copa do Brasil e Copa Verde (FFER, 2023).

A disputa do título estadual de futebol feminino também é realizada entre os clubes femininos rondonienses desde o ano de 2008, e as campeãs do Campeonato Rondoniense de Futebol Feminino representaram o estado de Rondônia na Série A3 do Campeonato Brasileiro. FFER, (2023).

A Federação de Futebol do Estado de Rondônia por via da Portaria nº 004, de 08 de agosto de 2022, seguindo as diretrizes adotadas pela Confederação Brasileira de Futebol, alertou os seus filiados quanto à obrigatoriedade de assegurar participação de mulheres em competições de base e também no futebol feminino profissional. A obrigatoriedade foi uma das mudanças mais importantes para o desenvolvimento do futebol feminino, a normativa é uma estratégia para alavancar o futebol feminino, no entanto, a medida ainda não surtiu o efeito esperado.

Os desafios do futebol profissional e não profissional de mulheres em Rondônia, considerando aspectos como participação, infraestrutura, financiamento, projetos sociais e expectativas de profissionalização não são diferentes dos do restante do país, ainda que os gestores municipais declarem que as atletas têm acesso a mesma estrutura oferecida aos atletas do futebol masculino que atualmente são atendidos com o mínimo necessário para a prática da modalidade.

Contudo, o número de mulheres praticantes da modalidade em escolinhas, times e competições é muito inferior aos números do futebol masculino, o que não condiz com a informação de que as rondonienses têm as mesmas oportunidades para a prática esportiva que os homens.

Em Rondônia, parte dos gestores entrevistados no contexto desta pesquisa afirmou que não têm em seu município atletas suficientes para a realização de competições de futebol de campo, portanto, é mais comum a prática do futsal ou futebol *society* em seus municípios. Como explica GE9:

No caso, aqui a gente não tem torneios de futebol feminino, mas temos times de futebol *society*, para fins de lazer. Futebol profissional de mulheres a gente também não tem. Então, no nosso município, como a gente não tem o profissional, então a gente não tem nada voltado especificamente para o futebol de mulheres, é a mesma situação do masculino, ou um pouco pior... A questão de estádios, questão de estrutura, laudo, essas coisas é a mesma coisa, são os mesmos desafios para o masculino e para o feminino, não tem tanta diferença” (GE9 – (FEER – Entrevista concedida a Danúbia Lima, 2022).

No que se refere à participação, a situação é a mesma em todos os municípios, embora afirmem que as futebolistas enfrentam os mesmos desafios, em outros momentos reconhecem que não têm o mesmo incentivo, como podemos depreender das considerações de GE3:

No momento, temos a programação do *Society* e Futsal, masculino e feminino, mas não temos no futebol de campo, devido ao número de jogadoras nas equipes femininas, então é complicado fazer o campeonato. Só é possível com a participação de outros municípios: Alta Floresta, Santa Luzia e Alto Alegre. Juntos fizemos um campeonato de mulheres intermunicipal e fizemos o regional, mas não temos um campeonato no município só de mulheres. Na escolinha tem o treinamento, mas não especificamente para o feminino. Tem apenas três ou quatro alunas que vão treinar junto com os meninos, na base de oito, nove anos (GE3 – Entrevista concedida a Danúbia Lima, 2023).

Ainda sobre a falta de atletas para a prática do futebol de campo GE6:

Aqui o futebol feminino é bem pouco praticado, sobretudo por falta de atletas. Todas as competições que promovemos, salvo a competição de futebol de campo, *society*, e salão são mistas, nós fazemos para o masculino e para o feminino também. Essa escola que eu acabei de dizer para você tem também 20% dos alunos do sexo feminino. Então, é uma escola feminina separada, mas que está dentro do mesmo projeto da escola, né? (GE6 – (Entrevista concedida a Danúbia Lima, 2023).

Perguntamos ainda aos nossos entrevistados como são organizadas as premiações em competições femininas da modalidade. Segundo GE2:

Conforme o número de equipes que você tem na competição a premiação é maior. O valor da taxa de inscrição é a o mesmo para times masculinos e para os femininos, e todo o recurso oriundo de inscrição, jogamos para a premiação. E aí, quando tem algum patrocínio, alguma outra coisa, algum parceiro que queira ajudar, juntamos todos esses valores para poder fazer uma premiação. Só que aí, como eu falei, a gente às vezes tem três equipes femininas, vem uma de Porto Velho, você tem quatro equipes, então, não tem como ser a mesma, porque a quantidade de equipes não supre (GE2 – Entrevista concedida a Danúbia Lima, 2023).

Como podemos observar no discurso dos entrevistados, o número de jogadoras de futebol de campo no estado, bem como, as condições adequadas para a prática esportivas estão muito aquém do necessário, embora a maior parte dos gestores esportivos afirme que há condições de equidade, cabe destacar que promover a igualdade não é suficiente, tendo em vistas as dessimetrias em que jogadores e jogadoras se encontram. Nesse caso, o mais recomendado não são as políticas equitativas, mas justamente as que consideram as diferenças e desafios específicos das mulheres. Não se pode tratar de maneira igual quem está em situação de histórica desigualdade.

CONCLUSÃO

A pesquisa apresentou uma reflexão acerca dos desafios do futebol de mulheres no estado de Rondônia, considerando aspectos como a participação, infraestrutura, financiamento, projetos sociais e expectativas de profissionalização. Foi evidenciado que o futebol rondoniense apresenta sérias limitações tanto em termos de infraestrutura quanto de financiamento, que constituem um entrave à profissionalização de futebolistas independente do sexo.

Entretanto, a literatura dialoga com os resultados obtidos em entrevista com gestores do esporte rondoniense na medida em que acordam que a participação, infraestrutura, financiamento e projetos sociais são desiguais em termos de gênero. Por haver maior investimento no futebol masculino, que também tem prioridade na utilização dos campos de futebol, somado aos diversos aspectos que historicamente limitam a participação das mulheres nas práticas corporais evidenciam ser crucial o desenvolvimento de políticas públicas voltadas à promoção do futebol de mulheres.

O Programa Academia & Futebol tem contribuído com a promoção do futebol em Porto Velho, porém, a falta de implementação do projeto aprovado em 2020 limita os alcances do Programa, principalmente porque o projeto “Do Terrão aos Bancos da Universidade” está voltado ao público masculino, ainda que não impeça a participação das meninas.

Em Rondônia, as pesquisas na área de políticas públicas de esporte e lazer assinalam pouca participação de mulheres em campeonatos de futebol, embora assumam que nos projetos sociais as oportunidades são similares para homens e mulheres. Dessa forma, pode-se afirmar que no futebol não profissional há espaço para inclusão de mulheres e no futebol profissional as oportunidades são mais limitadas.

A dupla jornada de trabalho, maiores responsabilidades no cuidado com os afazeres domésticos e cuidados com os filhos precisam de especial atenção no planejamento dessas políticas de inclusão das mulheres no futebol. Há que se distribuir igualmente os recursos para salários, mídia, infraestrutura, condições de treinamento e de competição de modo a suprimir o caráter subversivo presente no futebol, que tem, historicamente, colocado a mulher em uma situação inferior.

É também necessário investimentos em pesquisas que identifiquem limites e possibilidades da participação das mulheres no futebol, na perspectiva de indicar formas de superação dos entraves nas práticas de lazer, para a saúde, amadoras e profissionais nos 52 municípios que compõem o Estado de Rondônia.

REFERÊNCIAS

Almeida, Caroline Soares. (2019). O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. *FuLiA/UFMG*, v. 4, n. 1, p. 72-87. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/biblioteca/o-estatuto-da-fifa-e-a-igualdade-de-genero-no-futebol-historias-e-contextos-do-futebol-feminino-no-brasil/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

Azevedo, Wellygton Winicius de. (2019) *A percepção do torcedor em relação ao futebol feminino e masculino*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Capturado em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/24237>. 12/08/2023.

Brasil. (1941). República Federativa. *Decreto-Lei N.º. 3.199, de 14 de abril de 1941*. Rio de Janeiro: Presidência da República. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 02 dez. 2021.

Brasil. (2020). Secretaria Especial do Esporte, Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor. *Programa Academia & Futebol*. Brasília: Ministério da Cidadania. Disponível em: https://www.gov.br/cidadania/pt-br/noticias-e-conteudos/esporte/noticias_esporte/secretaria-especial-do-esporte-lanca-edital-para-estruturar-programa-academia-futebol-nas-universidades-federais/diretrizes-academia-futebol-2020.pdf. Acesso em: 02 dez. 2021.

Brasil. (2020b). Secretaria Especial do Esporte. *Edital N.º 1, de 3 de agosto de 2020*. Secretaria Especial do Esporte, Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos

Direitos do Torcedor, Programa Academia & Futebol. – Brasília. Ministério da Cidadania,. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=05/08/2020&jornal=530&pagina=5>”. Acesso em: 02 dez. 2021.

Brasil. (2020c). Secretaria Especial do Esporte. *Portaria N° 4, de 16 de dezembro de 2020*. Secretaria Especial do Esporte, Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor, Programa Academia & Futebol. – Brasília. Ministério da Cidadania. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/outros/programa-academia-futebol/portaria-no-4-de-16-de-dezembro-de-2020.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2021.

Brum, Monique Ferreira; Do Nascimento, Diego Ramos; Pereira, Erik Giuseppe Barbosa. (2019). Trajetória profissional das atletas da seleção brasileira de futebol feminino. *Arquivos em Movimento*, v. 15, n. 2. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/20842>. 12/08/2023.

CBF. *Campeonato Brasileiro Feminino* – Confederação Brasileira de Futebol. <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino?csrc=14977555358657079323>. Acesso em: 12/08/2023.

Fédération Internationale De Football Association. *Estatutos de La FIFA: Reglamento de Aplicación de los Estatutos; Reglamento del Congreso*. Zurique: FIFA, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2XudEhp>. Acesso em: 12/08/2023.

Goellner, S. V. (2005). Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, [S. l.]*, v. 19, n. 2, p. 143-151. DOI: 10.1590/S1807-55092005000200005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbef/article/view/16590>. Acesso em: 29 set. 2023.

Machado, Talita Vieira. (2022). Futebol e Mulheres no Brasil: Um jogo possível? 228f. Universidade Estadual Paulista: Programa de Doutorado em Psicologia. Tese (Doutorado em Psicologia). Assis: UNESP. Disponível em: <https://bvs.fapesp.br/pt/dissertacoes-teses/213864/futebol-e-mulheres-no-brasil-um-jogo-possivel>. Acesso em: 29 set. 2023.

Salvador, Joana Margarida da Silva. (2022). *Gênero e futebol: Dinâmicas entre mulheres e homens num contexto masculino*. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/26240>. Acesso em: 14 jun. 2023.

Santos, Aline Guerra. (2022). *Quem não sonhou em ser uma jogadora de futebol?* Documentário sobre histórias e vivências de mulheres que jogam futebol. 2022. 39 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/34336/1/QuemNaoSonhou.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2023.

Sardinha, Esperança Machado. (2017). A estrutura do futebol feminino no Brasil. *HÓRUS*, v. 6, n. 1, p. 92-110. Disponível em: <https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/revistahorus/article/view/993>. Acesso em: 12/08/2023.

Silva, Michel Francklin. (2021) *Futebol feminino no Brasil face a um cenário esportivo dominado por homens*. 2021. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/5559>. Acesso em: 28/09/2023.

Soares, Artemis de Araújo et al. (Org.). (2011). *Diagnóstico do Esporte e Lazer na Região Norte Brasileira: o existente e o necessário*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas. Capturado em: <https://bibliotecadigital.economia.gov.br/handle/123456789/597>. Acesso em: 28/09/2023.

Stahlberg, Lara Tejada. (2011). *Mulheres em campo: novas reflexões acerca do feminino no futebol*. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Capturado em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/225/4925.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28/09/2023.



RACISMO NO FUTEBOL: ABRE-SE UMA AGENDA DE PESQUISAS

Beatriz de França Alves¹

Cristiano Mezzaroba¹

Daniel Machado da Conceição²

RESUMO

Tem sido recorrente e vem aparecendo com bastante regularidade nos mais diversos veículos midiáticos os casos de racismo no Brasil (e também no mundo). São situações discriminatórias que ocorrem nos mais diversos espaços institucionais e sociais. E quando focamos nosso olhar ao universo do campo esportivo, o racismo também é um fenômeno que se evidencia, nas mais variadas modalidades, principalmente no futebol. Assim, neste ensaio, refletimos sobre a temática, propondo uma agenda de pesquisas envolvendo racismo e futebol: (a) racismo, futebol e mídia; (b) futebol, gênero e racismo; (c) produção acadêmica da Educação Física envolvendo racismo e futebol; (d) abordagens metodológicas envolvendo racismo e futebol; (e) racismo, futebol e as Humanidades. Com essa agenda de pesquisas, intencionamos contribuir quanto ao enfrentamento que o contemporâneo nos impõe em relação às compreensões do fenômeno do racismo nos mais variados contextos sociais, principalmente àqueles/as que compõem o campo educativo e formativo, permitindo identificar, conhecer, reconhecer, analisar e pautar discussões amplas que confrontam atitudes racistas nos mais variados espaços sociais e institucionais.

Palavras-chave: racismo; futebol; agenda de pesquisas.

RACISMO EN EL FÚTBOL: SE ABRE UNA AGENDA DE INVESTIGACIÓN

RESUMEN

Los casos de racismo en Brasil (y también en todo el mundo) han sido recurrentes y aparecen con bastante regularidad en los más diversos medios de comunicación. Son situaciones discriminatorias que se dan en los más diversos espacios institucionales y sociales. Y cuando centramos nuestra mirada en el mundo del deporte, el racismo también es un fenómeno que se hace evidente en los más variados deportes, especialmente en el fútbol. Por ello, en este ensayo reflexionamos sobre el tema, proponiendo una agenda de investigación que involucra el racismo y el fútbol: (a) racismo, fútbol y medios de comunicación; (b) fútbol, género y racismo; (c) producción académica de Educación Física involucrando racismo y fútbol; (d) enfoques metodológicos que involucran el racismo y el fútbol; (e) racismo, fútbol y Humanidades. Con esta agenda de investigación pretendemos contribuir al enfrentamiento que los tiempos contemporáneos nos imponen en relación a la comprensión del fenómeno del racismo en los más variados contextos sociales, especialmente los que conforman el campo educativo y formativo, permitiéndonos identificar, conocer, reconocer, analizar y orientar

¹ GEPESCEF/UFS.

² NEPESC/UFSC.

discusiones amplias que confrontan actitudes racistas en los más variados espacios sociales e institucionales.

Palabras clave: racismo; fútbol; agenda de investigación.

RACISM IN FOOTBALL: A RESEARCH AGENDA OPENS

ABSTRACT

Cases of racism in Brazil (and also around the world) have been recurring and appearing quite regularly in the most diverse media outlets. These are discriminatory situations that occur in the most diverse institutional and social spaces. And when we focus our gaze on the world of sports, racism is also a phenomenon that is evident in the most varied sports, especially in football. Therefore, in this essay, we reflect on the topic, proposing a research agenda involving racism and football: (a) racism, football and media; (b) football, gender and racism; (c) academic production of Physical Education involving racism and football; (d) methodological approaches involving racism and football; (e) racism, football and the Humanities. With this research agenda, we intend to contribute to the confrontation that contemporary times impose on us in relation to the understanding of the phenomenon of racism in the most varied social contexts, especially those that make up the educational and training field, allowing us to identify, know, recognize, analyze and guide broad discussions that confront racist attitudes in the most varied social and institutional spaces.

Keywords: racism; soccer; research agenda.

INTRODUÇÃO

Com essa agenda de pesquisas, procurar-se-á contribuir quanto ao enfrentamento que o contemporâneo nos impõe em relação às compreensões do fenômeno do racismo nos mais variados contextos sociais, principalmente àqueles/as que compõem o campo educativo e formativo, permitindo identificar, conhecer, reconhecer, analisar e pautar discussões amplas que confrontam atitudes racistas nos mais variados espaços sociais e institucionais.

Admitir que a sociedade brasileira seja preconceituosa é ainda, para muitos, algo impensável. O racismo no Brasil está fora de questão quando se trata do que está escrito na Constituição, mas quando essas determinações são colocadas em prática, a realidade que se mostra é outra, e diversos direitos são negados para a parcela da população que se enquadra como “minorias” em relação ao recorte étnico. Para combater essa realidade desigual, é preciso voltar para as origens do racismo na história do nosso país, é claro, mas também jogar luz sobre a dinâmica que permite a sua existência atualmente, quando ainda nem temos à vista um quadro de superação.

Considerando que o preconceito se baseia na ideia de uma hierarquia social, uma forma de saber por onde começar a derrubar essa pirâmide é pensar nos elementos que a mantém em pé, solidamente construída, tantos anos depois de debates e de estudos que resultaram em um maior entendimento internacional de que a humanidade se configura como “igual” em suas individualidades e culturas (Lévi-Strauss, 2010).

No esporte o cenário não difere, pois os negros ainda são os principais alvos de discriminação e preconceito. O grande exemplo que temos é o futebol, porque a sua visibilidade midiática é maior do que os demais desportos, e se torna evidente, por meio dos inúmeros escândalos raciais que se tornam públicos nesse

meio esportivo – lembremos, por exemplo, do recente caso envolvendo o jogador brasileiro Vinícius Júnior, em competição na Espanha em 2023.

O que se pode tirar de positivo neste contexto é que os jogadores e jogadoras vêm cada vez mais se posicionando contra tais atos discriminatórios pela cor da pele, mostrando que existe, sim, racismo no Brasil e ele é institucional e ordinário. Quando o negro/negra comete erros ou falha não se esperava nada diferente, por outro lado, quando ascende socialmente (como pela via do esporte) ele/ela começa a incomodar a estrutura de classe, por estar indo contra a lógica da sociedade ou o que ela espera, isto é, pessoas negras nas posições mais subalternas da sociedade, algo constituído historicamente (Da Conceição, 2023).

Hoje ainda existem muitos dilemas a serem quebrados nesse espaço, com alguns argumentos possíveis que chegam a explicar o preconceito racial no Brasil. É perceptível a recorrente enxurrada de casos e ações que vêm aparecendo com bastante regularidade nos mais diversos veículos midiáticos, racismo explícito no Brasil e em várias partes do mundo (Da Conceição & Vaz, 2023). São situações discriminatórias que ocorrem nos mais diversos espaços institucionais e sociais, o futebol é apenas mais um deles e provavelmente o que permite amplificar a discussão a respeito do racismo.

Antes de adentrarmos no mundo futebolístico, é necessário ressaltar que quando encontramos produções textuais, participamos de rodas de conversas ou de palestras que debatem sobre a temática do racismo, costumeiramente falam apenas das mazelas que o povo preto sofre, debatendo o conceito de genocídio e o que acontece com a população negra no Brasil.

Esse texto, em forma de ensaio, vem com um intuito diferente, configurando-se como um texto de abertura sobre o tema do racismo no futebol, que pensará uma agenda de pesquisas a ser desenvolvida nos próximos anos, trazendo a centralidade do debate ao racismo e futebol.

Com essa agenda procurar-se-á contribuir quanto ao enfrentamento que o tempo presente nos impõe em relação às compreensões do fenômeno do racismo nos mais variados contextos sociais, principalmente, àqueles(as) que compõem o campo educativo e formativo. Esperamos que essa atitude de enfrentamento dessa importante dimensão do contemporâneo ajude a identificar, conhecer, reconhecer, analisar e pautar discussões amplas que confrontam atitudes racistas nos mais variados espaços sociais e institucionais, contribuindo para uma postura antirracista (Ribeiro, 2019).

Sendo assim, elencamos 5 (cinco) eixos que nos próximos anos, cada um a seu tempo, serão priorizados e envolverão uma dimensão investigativa:

1. Racismo, futebol e mídia;
2. Futebol, gênero e racismo;
3. Produção acadêmica da Educação Física envolvendo racismo e futebol;
4. Abordagens metodológicas envolvendo racismo e futebol;
5. Racismo, futebol e as Humanidades.

O texto está dividido em duas partes: na primeira, trazemos uma breve explanação sobre racismo no futebol brasileiro durante o século XX; e na segunda, apontamos caminhos – cinco possibilidades – para uma agenda de pesquisas

acerca da temática e assim colaborar na educação antirracista e na formação dos futuros profissionais que atuarão no campo esportivo e educativo.

Racismo e futebol no Brasil durante o século XX

O mito de origem do futebol brasileiro tem início com jovens estudantes da elite paulista como prática escolar e competitiva. No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, permaneceu apartado das classes populares que deveriam apenas assistir aqueles com condições de praticar a modalidade com espírito amador (Silva & Votre, 2006; Wisnik, 2008).

Inúmeras restrições eram estabelecidas em regulamentos das primeiras equipes de futebol e nos regulamentos das competições, indicando ou exaltando os valores do chamado *olimpismo*, que apregoa um estatuto de classe, uma condição de cidadania e situação civilizatória. Portanto, todos os que não atendessem às características do *gentleman* ou da vida burguesa, estavam proibidos de praticar a modalidade de maneira institucionalizada (Santos, 2012a; Santos, 2012b; Pinto, 2020).

Esse primeiro momento é conhecido como o período amador do futebol brasileiro. Nas décadas de 1920 e 1930, outro período pode ser observado, o chamado “amadorismo marrom”, isto é, a inserção de atletas não brancos é inevitável, em contrapartida, ações para impedir esse avanço estão restritas à condição econômica e financeira. O espírito amador deve ser preservado a todo custo, não se aceita que um atleta seja pago para jogar bola. A estratégia pensada por dirigentes e proprietários de fábricas entusiastas da modalidade foi contratar os melhores atletas como funcionários em suas empresas e ceder os mesmos para participarem das equipes esportivas. Os atletas diretamente não recebiam salário ou premiações para jogar futebol, mas indiretamente seus honorários como trabalhadores era sua compensação (Filho, 2003; Wisnik, 2008).

Essa não foi uma prática exclusivamente brasileira, na série *The English Game* (2020), criada por Julian Fellowes, Tony Charles e Oliver Cotton, que compõe o catálogo do canal de *streaming* Netflix, apresenta a história dos escoceses Fergus Suter (1857-1916) e James Love (1858-1882), supostamente os dois primeiros profissionais do esporte na Inglaterra, contratados para trabalhar na fábrica do dirigente do time e liberados para jogar bola com a equipe da cidade. Décadas antes, o “amadorismo marrom” era uma prática que se iniciou nos primeiros clubes ingleses.

Após o período do “amadorismo marrom” no Brasil, a legislação e os regulamentos futebolísticos foram abrindo espaço para a presença de atletas oriundos das classes populares, trabalhadores que se consolidam como pés-de-obra. A inserção e aceitação de atletas não brancos e sem herança familiar torna os clubes e, principalmente, a seleção brasileira de futebol, muito mais representativa da diversidade étnica do país. O futebol, a partir do selecionado brasileiro, passou a ser representante da chamada “brasilidade”, uma condição única quando comparado com outras nações, ou seja, a mestiçagem ou miscigenação que deu certo (Milan, 2014).

Para entender esse apelo como uma inovação no período, é preciso destacar que no início do século os discursos e narrativas raciais, reconhecidas como

racismo científico (pseudocientífico), orientavam o entendimento da sociedade, isto é, valores religiosos, políticos, jurídicos, médicos, biológicos, geográficos, psicológicos, sociais etc., indicavam que o sangue e/ou a raça negra, era degenerada, impura, emocionalmente instável, propensa à violência e com baixa capacidade intelectual (Silva & Votre, 2006).

Resumindo, configurou-se uma representação dos negros e mestiços como selvagens, estavam em um estado primitivo da evolução social, fato que consequentemente impediria o desenvolvimento da sociedade brasileira, em razão do grande número de “cidadãos de cor”. Ações para corrigir essa mácula da sociedade brasileira foram as políticas imigratórias, inclusive, com embasamento eugenista, que culminaram com o que atualmente conhecemos como processo de branqueamento da nação e todas suas consequências.

Se o Brasil estava fadado ao fracasso, conforme as pseudociências da época, era preciso identificar potenciais e não apenas limitações. O racismo entrou em uma nova perspectiva, assimilacionista, considerando que o potencial do país estava na miscigenação, sensibilidade com a natureza adquirida das populações indígenas, a força e resistência física da população preta e a inteligência (civilização) da população branca. Ainda pautado no racismo geográfico e biológico, o conceito assimilacionista, diferentemente de ver apenas fraqueza, elevou o debate para o potencial da mistura. Logo, a seleção brasileira de futebol é um exemplo concreto do efetivo trabalho coletivo que, supostamente, representava a interação que acontece entre os brasileiros.

O mito da democracia racial surge no bojo desse debate com a introdução de uma nova perspectiva racial para o Brasil. Infelizmente, esse novo entendimento não foi suficiente para impedir atrocidades relacionadas aos casos de racismo no país. O “complexo de vira-latas” – expressão cunhada pelo escritor brasileiro Nelson Rodrigues, a partir do trauma da derrota da seleção brasileira por 2 x 1 para a seleção uruguaia em pleno Maracanã, em 1950, sendo Barbosa, o goleiro brasileiro, um atleta negro – persegue os atletas negros como um selo de qualidade inferior, pois, quando ganham, são heróis que merecem ser aplaudidos, mas quando perdem, as narrativas do passado justificam o insucesso. Lembrando que o cão vira-lata não tem dono, seu sangue é misturado, impuro e sem origem, ele não tem *pedigree*.

Na segunda metade do século XX o futebol brasileiro conquista três vezes a Copa do Mundo de Futebol Masculino, o que parece consolidar o mito da democracia racial e seus resultados. No entanto, o racismo, seja ele estrutural, institucional ou ordinário, é vivenciado não apenas na macro relação, é, sim, vivido nos interstícios, em micro relações, no cotidiano – o que talvez ajude a explicar a dificuldade de fazer com que a maioria da população assuma sua existência e o reconheça como prática discriminatória e incompatível com um mundo civilizado.

O desafio proposto é descortinar potencialidade em meio a um cenário tenebroso e ruidoso sobre as questões étnico-raciais. A questão não está restrita ao tipo de abordagem, ela é sobre antecipar o racismo, é uma postura antirracista, que compreende ações transformadoras. Compreendemos que o momento de desvelamento já existe há algum tempo, em torno de importantes agentes sociais e instituições (nem sempre reconhecidos/as como deveriam), mas que o século XXI

clama, então, pelo enfrentamento e eliminação desse triste comportamento humano, pela via da educação, da formação e também de instituições, pela política e pelo conjunto de veículos midiáticos.

Na sequência elencamos algumas das possibilidades que se configuram em uma agenda de pesquisa para pautar e pesquisar quanto à problemática que envolve racismo e futebol.

Possibilidades de uma agenda de pesquisa que se abre a partir da problemática do racismo e esporte (em geral) e do futebol (em particular)

Considerando o quadro elaborado em torno da temática que envolve racismo e futebol, identificamos a seguir 05 (cinco) possibilidades de abordagens investigativas no que se refere à essa relação, em que o conjunto de dados gerados pelas investigações poderá auxiliar na construção de elementos para a formulação de uma educação antirracista a partir do fenômeno esportivo, reconhecendo nele um “espelho” que potencializa a visualização de muitas práticas da sociedade contemporânea (suas ambiguidades, suas contradições, suas limitações, mas também, suas potencialidades).

a. Racismo, futebol e mídia

De acordo com Souza & Knijnik (2007), “[...] a mídia e o esporte são interdependentes, e é consenso que um é indispensável para o outro, isto é, o esporte vende a mídia e a mídia vende o esporte”. Com isso, a discriminação racial no esporte nem sempre vai se apresentar de forma visível por ser considerado algo “negativo” no meio midiático, às vezes ela pode estar presente nas entrelinhas, sendo preciso um olhar mais apurado para entendê-la.

Diante desse cenário, o que podemos fazer é utilizar a mídia ao nosso favor e fazer com que a temática chegue às salas de aulas para que seja trabalhado o “olhar crítico”, a partir do trabalho pedagógico do(a) professor(a) para com os(as) seus(suas) alunos(as), procurando discutir casos apresentados pela mídia, maneiras pelas quais a mídia aborda casos discriminatórios etc.

Além disso, podem ser produzidos conteúdos educacionais de maneira colaborativa, bem como, divulgar esses produtos tanto no contexto escolar como por redes sociais e canais institucionais. Dar visibilidade a atletas negros e negras e suas formas de atuação na sociedade, para além do contexto do campo esportivo, pode ser outra forma de trazer o debate e potencializá-lo. Esse conjunto de ações configura-se como sendo um trabalho de mídia-educação (Fantin, 2006).

Neste caso, o papel do professor seria disponibilizar para seus alunos temas geradores a respeito da temática – racismo e futebol –, para assim os alunos sentirem-se mobilizados e estimulados a refletir, discutir e problematizar tais questões, e com isso, produzir materiais, como vídeos, imagens e/ou textos para serem disponibilizados na *Internet* tendo como foco, a tematização e conscientização da comunidade escolar (e seu entorno – família, grupos de amigos etc.) e alertar a população a respeito

do racismo, pois nas redes sociais o intuito também seria alcançar o máximo de pessoas.

b. Futebol, gênero e racismo

Pensando na necessidade de discutir essa temática que envolve futebol, gênero e raça, fez-se necessário incluir o professor de Educação Física como agente social e pedagógico que lida diariamente com aspectos que podem indicar necessidades de como interagir pedagogicamente com tais situações.

É necessário conhecer sobre aspectos que se cruzam na dinâmica do futebol e do racismo, e nesse sentido, a dimensão que envolve gênero traz importantes contribuições para ampliar os conhecimentos em como a temática vem sendo pesquisada no Brasil, principalmente em relação à participação das mulheres no futebol, ainda mais quanto às mulheres negras e a dupla discriminação (ou tripla discriminação, se acrescentarmos outra variável aí, a de classe social: mulheres negras e pobres que jogam futebol).

Pesquisas podem ser feitas para pensar a respeito de como está o futebol de mulheres hoje, onde estão as mulheres pretas nesse espaço social/esportivo e como podem ser pensadas e articuladas estratégias que permitam/garantam maior visibilidade para o futebol feminino e negro. Conhecer e contactar mulheres negras jogadoras de futebol e entrevistá-las ou gravá-las pode ser outra estratégia para adentrar em tal contexto sociológico.

Pedagogicamente, podem ser realizadas pesquisas propositivas que proponham experimentações com documentários, filmes/séries, partindo da reflexão, da sensibilização e da elaboração crítica sobre tais conteúdos culturais para pensar em formas de intervenção na escola, considerando racismo, futebol e mulheres.

c. Produção acadêmica da Educação Física envolvendo racismo e futebol

Diante dos diversos casos de racismo no futebol que constantemente ocorrem, tendo sido relatados pelos veículos midiáticos, evidencia-se a presença do racismo no campo esportivo. Considerando que a Educação Física – como campo de conhecimento e de intervenção profissional – lida com o contexto esportivo, seja em espaços escolares/formativos, seja em instituições educacionais (não escolares) e mesmo com formação esportiva (inclusive de alto rendimento), torna-se importante investigar como esse referido campo vem problematizando, investigando, atuando e produzindo conhecimento nas relações que envolvem racismo, esporte (futebol de maneira particular) e Educação Física.

Assim, investigar tais relações em periódicos brasileiros de Educação Física pode trazer um levantamento e um mapeamento de como a produção acadêmica referente a tal conhecimento tem dado visibilidade a essas questões, permitindo conhecer conceitos, agentes sociais que têm se debruçado na temática, grupos de pesquisas espalhados pelo país que

têm dado atenção ao fenômeno, perspectivas epistemológicas, mobilização de ações diante da problemática etc.

Considerando a existência, a partir de 2023, do INCT – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro, a investigação torna-se uma importante atividade que pode ser vinculada ao Instituto (em especial, com a Linha “Mídias, Torcidas e movimentos antirracistas no futebol”, contribuindo com a mobilização do saber e das ações em prol de uma educação antirracista por meio do componente curricular Educação Física.

Nesse sentido, questiona-se: o que é possível extrair de um levantamento e mapeamento da produção sobre racismo, esporte e futebol em periódicos brasileiros de Educação Física ao longo das duas últimas décadas (de 2000 a 2022)? Que questões estão sendo problematizadas pela Educação Física brasileira em relação à temática que envolve racismo e esporte, mais especificamente o futebol? Que possibilidades de intervenção estão sendo anunciadas e testadas visando enfrentar esse drama social brasileiro? Que panorama pode ser elaborado sobre racismo e esporte pela Educação Física brasileira?

d. Abordagens metodológicas envolvendo racismo e futebol

No livro “Sala de aula e futebol”, Antunes (2014) incentiva o uso do futebol como ferramenta metodológica para aprender os mais diversos componentes curriculares, quando falamos sobre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Agora, quando apontamos o Ensino Superior, o método de ensino está restrito à comparação campo de futebol e sala de aula ou ao aprendizado das técnicas para prática da modalidade? A proposta deve apresentar ambas, pois, pensar o futebol, suas formas de prática ou audiência; amadorismo e profissionalização; ludicidade e produtividade; cooperação e competitividade; brincadeira e negócio; saúde e insalubridade; infantilidade e adultização; local e nacional/internacional; centro e periferia; doméstico e estrangeiro; “terrão” e arena; e, torcedor e torcida organizada, são apenas alguns dos temas macro a serem estudados, todos com possibilidades de recortes específicos.

As relações do estudo do futebol com as múltiplas dimensões da sociedade são possíveis com um conjunto de técnicas e instrumentos metodológicos que possam permitir observar e identificar as ações dos vários agentes que compõem esse campo de estudo sobre futebol. Os processos de iniciação, formação, profissionalização e pós-carreira de atletas e mesmo de não-atletas, são apenas algumas das temáticas que apresentam um vasto cenário que garante a construção de inúmeras hipóteses que devem ser analisadas a partir desse objeto de pesquisa (Giulianotti, 2010).

Nesse esforço de compreender o futebol como fenômeno social e de identificar como as teorias raciais impactam a modalidade, pesquisas etnográficas, bibliográficas, documentais, pesquisa-ação, grupo focal, entrevistas com personalidades do futebol, estudos de caso, formulários,

análise de documentários e análises fílmicas, metodologias envolvendo uso de *videogames*, entre outros (Demo, 1985; Goldenberg, 2000; Lakatos & Marconi, 2001; Alexandre, 2014), podem contribuir para o desvelamento da imbricada relação entre futebol e racismo.

e. Racismo, futebol e as Humanidades

O pensamento social brasileiro inicia seu percurso influenciado pelo modelo europeu e norte-americano, contribuições que estabelecem paradigmas com base em preconceitos e, conseqüentemente, implicações teóricas que se configuram como pessimistas para a formação nacional. Através do futebol é possível acompanhar o processo pelo qual nos constituímos, durante o século XX, como nação de várias “raças” (Bitencourt, 2009).

Portanto, pesquisar o desenvolvimento das Ciências Humanas no Brasil a partir do futebol, em paralelo com a teorização sobre o racismo, pode permitir pensar o país e suas transformações. Como exposto na parte introdutória, o futebol é um cenário propício para essa observação, pois, as relações de classe e raça são tensionadas em nossa sociedade, que visa encontrar seu lugar civilizatório.

Pensar essa relação a partir do desenvolvimento do futebol mostra o quanto essa modalidade, e o esporte como fenômeno social, tem capacidade de reproduzir as condições sociais, sejam elas nas relações de trabalho e/ou no amortecimento das tensões sociais. A relação do futebol e sociedade passa pela construção da nação, bem como sua integração, defesa, higiene, saúde, política social e reconhecimento internacional (Da Conceição, 2014; Gutterman, 2009).

Pesquisar a biografia de atletas, história dos clubes de futebol, impacto dos megaeventos e acontecimentos em determinado tempo histórico, pode garantir um rico processo de estudos e descobertas. Os profissionais da EF em formação podem dessa maneira contextualizar e compreender o processo histórico e a influência das teorias sociais que orientam as ações inter e intrapessoais no Brasil, principalmente, quando está em destaque o corpo negro e o lugar que deve ocupar na sociedade.

CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS

Uma educação antirracista como meta!

Ao fim deste ensaio, podemos constatar que o movimento não é de finalização, e sim de “começos”. A sinalização das cinco possibilidades de pesquisas que têm como centralidade racismo e futebol, e intersecções com mídias, gênero, campo científico, Educação Física e as Humanidades de forma geral por si só já evidenciam que o trabalho investigativo pode ser muito amplo, diverso e complexo.

Assim, essa proposta de agenda de pesquisas e ações que propomos ao longo do texto tem como foco principal, na sua totalidade, juntar pistas para se pensar em uma educação antirracista a partir do esporte, de forma geral, e do futebol,

de modo particular, compreendendo o fenômeno esportivo como uma importante via de espelhamento dos valores da sociedade atual.

REFERÊNCIAS

- Alexandre, Agripa F. (2014) *Metodologia científica e educação*. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- Antunes, Celso. (2014). *Sala de aula e futebol*. Petrópolis: Vozes.
- Bitencourt, Fernando G. (2009). Esboço sobre algumas implicações do futebol e da copa do mundo para o Brasil: identidade e ritos de alteridade. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 30, n. 3, p. 173-189. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/541>. Acesso em: 17 jun. 2023.
- Da conceição, Daniel M. (2014) O Estado em um de seus semblantes, a nação esportiva. *Mosaico Social – Revista do Curso de Ciências Sociais da UFSC*, Florianópolis, ano XII, n. 07. Disponível em: <https://cienciasociais.paginas.ufsc.br/files/2015/03/Texto-11-O-Estado-em-um-de-seus-semblantes-a-na%C3%A7%C3%A3o-esportiva.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2023.
- Da conceição, Daniel M. (2023). Entre vira-latas e heróis, o racismo no futebol brasileiro. *Captura Críptica: direito, política, atualidade*, Florianópolis, v. 12, n. 1. p. 224–248. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacriptica/article/view/6161>. Acesso em: 08 ago. 2023.
- Da Conceição, Daniel M.; VAZ, Alexandre F. O esporte em seu conteúdo racista: discursos legitimadores sobre a presença e a ausência de pessoas negras. In: Ferreira Júnior, Neilton de S.; Rubio, Katia (Org.) (2023). *Racismo e esporte no Brasil: um panorama crítico e propositivo*. São Paulo: Editora Tato; Grupo de Estudos Olímpicos.
- Demo, Pedro. (1985). *Metodologia científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas.
- Fantin, Monica. (2006) *Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália*. Florianópolis: Cidade Futura.
- Filho, Mário. (2003). *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Giulianotti, Richard (2010). *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria.
- Goldenberg, Mirian. (2000). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record.
- Gutterman, Marcos. (2009). *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto.
- Lakatos, Eva M.; Marconi, Marina de A. (2001). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.
- Lévi-Strauss, Claude. (2010). *Raça e história*. Lisboa: Editorial Presença.
- Milan, Betty. (2014). *O país da bola*. Rio de Janeiro: Record.

- Pinto, Ricardo. (2020). *História, conceito e futebol: racismo e modernidade no futebol fora do eixo (1889-1912)*. Curitiba: Appris.
- Ribeiro, Djamila. (2019). *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Santos, Evania. (2012a). *Racismo no futebol*. Brasília: Editora Ser.
- Santos, Ricardo P. dos. (2012b). “*Entre Rivais*”: futebol, racismo e modernidade no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924). Rio de Janeiro: Mauad X.
- Silva, Carlos A. F. da; Votre, Sebastião J. (2006). *Racismo no futebol*. Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora.
- Souza, J. S. S.; Knijnik, J. D. (2007). A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 21(1), p.35-48. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092007000100004>
- Wisnik, José Miguel. (2008). *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.



FUTEBOL¹ NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: O QUE SE ENSINA? O QUE SE APRENDE?

*David Romão Teixeira²
José Arlen Beltrão²
Murilo Moraes de Oliveira³*

RESUMO

Este texto tem como objetivo problematizar o que se ensina sobre futebol na educação escolar no nosso país, a fim de apontar alternativas que superem as orientações oficiais que fragmentam e descontextualizam o ensino desta que é a principal manifestação esportiva da cultura corporal brasileira. Amparados num referencial teórico que se dispõe a construir uma proposta para alterar radicalmente o estado atual do ensino do futebol nas nossas escolas, da Educação Infantil ao Ensino Médio, que crie condições de uma apropriação de outra qualidade, mais humana, em contraponto a forma social hoje predominante, demonstrada a partir da análise das atuais orientações curriculares que avançam na fragmentação e no esvaziamento dos conhecimentos científicos no ambiente escolar. Apresentamos reflexões oriundas dos nossos estudos e experiências profissionais que apontam para a superação do atual quadro de empobrecimento do ensino do futebol para nossas crianças e jovens que frequentam a rede oficial de ensino.

EL FÚTBOL EN LA EDUCACIÓN ESCOLAR: ¿QUÉ SE ENSEÑA? ¿QUÉ SE APRENDE?

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo problematizar lo que se enseña sobre fútbol en la educación escolar en nuestro país, con el fin de señalar alternativas que superen las directrices oficiales que fragmentan y descontextualizan la enseñanza de ésta, que es la principal manifestación deportiva de la cultura corporal brasileña. Apoyado en un marco teórico que pretende construir una propuesta para cambiar radicalmente el estado actual de la enseñanza del fútbol en nuestras escuelas, desde la Educación Infantil hasta la Secundaria, que cree condiciones para la apropiación de otra cualidad más humana, en contraposición a la social. forma hoy predominante, demostrado a partir del análisis de los lineamientos curriculares actuales que avanzan en la fragmentación y vaciamiento del conocimiento científico en el ámbito escolar. Presentamos reflexiones desde nuestros estudios y experiencias profesionales que apuntan a superar la situación actual de empobrecimiento en la educación futbolística de nuestros niños y jóvenes que cursan la red educativa oficial.

¹ Ao nos referirmos à expressão “futebol” neste texto, estamos contemplando todas as formas ou variantes pelas quais esta manifestação se apresenta no contexto escolar, seja ela futebol de campo, futsal, futebol society, futebol de travinha, dentre outras mais.

² Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

³ Rede Pública de Educação Básica do Estado da Bahia

FOOTBALL IN SCHOOL EDUCATION: WHAT IS TEACHED? WHAT IS LEARNED?

ABSTRACT

This text aims to problematize what is taught about football in school education in our country, in order to point out alternatives that overcome the official guidelines that fragment and decontextualize the teaching of football, which is the main sporting manifestation of Brazilian body culture. Supported by a theoretical framework that aims to build a proposal to radically change the current state of football teaching in our schools, from Early Childhood Education to High School, which creates conditions for the appropriation of another quality, more humanlike, in contrast to the social form today predominant, demonstrated from the analysis of current curricular guidelines that advance the fragmentation and emptying of scientific knowledge in the school environment. We present reflections from our studies and professional experiences that point to overcoming the current situation of impoverishment in football education for our children and young people who attend the official education network.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo problematizar o que se ensina sobre futebol na educação escolar brasileira. Ao longo de nossas trajetórias profissionais nos deparamos com o trato com o conhecimento sobre o futebol na condição de professores da educação básica e como formadores de professores de Educação Física. A partir dessas experiências é que apareceu a problemática que aqui será desenvolvida, a qual pode ser expressa pelas seguintes perguntas: O que o estudante da Educação Básica brasileira aprende sobre futebol na escola após passar pelo menos 14 anos de vida escolar? Entendemos que a resposta desta pergunta prescinde de uma primeira pergunta: O que a escola ensina sobre o futebol ao longo desses 14 anos da Educação Básica?

Em experiência recente com residentes do Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) apareceu uma forma comum na conduta dos estudantes com o futebol nas aulas de Educação Física no ambiente escolar. Segue trecho do relato de experiência dos residentes ao tratar do ensino do futsal numa turma de 7º ano, [...] ao chegar no “chão da escola” a primeira experiência estridente foi perceber que os alunos de modo geral não queriam saber do conteúdo histórico do Futsal e só se importavam em irem à quadra, pois, para eles aquilo seria o mais interessante.

De início alguns alunos chegavam a perguntar logo nos primeiros minutos de aula: “Professora, hoje vai ter quadra? Fala aí pra gente saber se precisamos nos comportar ou não”. Isso soava como um tom “ameaçador” e ao mesmo tempo permitia refletir como os alunos estão acostumados a pensar somente na prática e desconsiderar o conhecimento científico. Nota-se que o “comportar” destacado pelo aluno não estava ligado a prestar atenção na aula e/ou de querer participar para compreender o processo histórico, fundamentos, regras, táticas e técnicas do jogo, mas sim como uma ação em prol de uma compensação, que nesse caso seria ir para quadra (Silva, Santana & Santana, 2023).

Depois de no mínimo oito anos obrigatórios na Educação Básica é sugestivo que os estudantes entendam o ensino da Educação Física, em especial, do futsal dessa maneira. Pela nossa experiência, infelizmente, o referido relato não consiste numa excepcionalidade. Conforme nosso entendimento, exemplifica

uma condição muito comum em diferentes turmas nas escolas brasileiras, não por acaso esta é uma queixa constante dos residentes e estagiários do curso de Licenciatura em Educação Física. Podemos acrescentar ainda que o futebol ocupa um lugar de prioridade na oportunidade de uso de bolas nas quadras, porém o mesmo não significa que os estudantes dominem os conhecimentos necessários para conhecer o futebol em suas diversas dimensões. Em tom jocoso, inclusive, costumamos dizer que a aproximação que nossos alunos na escola básica têm, é ao “baba” (ou pelada, dependendo da região do Brasil), e não necessariamente ao futebol. Explicando a galhofa, o baba seria apenas o “jogar bola”, de forma livre, voluntária, assistemática, com regras ditadas pela conveniência dos jogadores e pelas limitações do espaço, algo que não seria problema se estivéssemos tratando de um momento de descontração, recreação, lazer e diversão. Contudo, aqui estamos falando do futebol enquanto conteúdo de ensino de uma disciplina escolar, portanto, de algo que para que seja compreendido e apreendido exige-se um trabalho de seleção, organização e sistematização do conhecimento de forma que, ao estudante, seja possível não somente “jogar bola”, mas sim conhecer o fenômeno futebol em suas mais diversas e ricas determinações. Ao mesmo tempo, que possuir maior domínio sobre o fenômeno e se objetivar nessa atividade de maneira mais livre, o sujeito ficaria mais próximo das máximas possibilidades desenvolvidas pelo gênero humano para o futebol.

Motivados pela necessidade de refletir sobre esse problema real e atual, partimos da hipótese de que “no país do futebol” as crianças e jovens conhecem muito pouco sobre o futebol, e a forma que a escola trata esse conhecimento tem muita responsabilidade nisso. Seja não valorizando o conhecimento sistematizado na sua prática pedagógica, seja sonogando o ensino e a experimentação do futebol para além do simples “jogar bola” ao longo da formação escolar.

Entendemos que a educação escolar tem a responsabilidade de ensinar conteúdos sistematizados cientificamente, os quais são importantes para compreender os fenômenos naturais e sociais, conteúdos esses que não estão necessariamente presentes nas demais esferas e relações da vida cotidiana. Nesse sentido, é que apresentamos a pergunta que sustenta esse ensaio sobre o que é ensinado e o que deve ser ensinado nas escolas sobre futebol, atividade que é uma das principais marcas da cultura corporal brasileira.

Nesse texto, iremos trazer reflexões sobre nossos estudos de doutoramento onde nos dedicamos a estudar o ensino da Educação Física na Pré-escola, no Ensino Médio e sobre o fenômeno Esporte, a partir da referência teórica do materialismo histórico e dialético, baseando pela abordagem Crítico-Superadora do ensino da Educação Física. Iremos enriquecer com as experiências desenvolvidas nas escolas públicas a partir do Programa PIBID e Residência Pedagógica.

Organizamos este ensaio apresentando num primeiro momento nosso ponto de partida teórico que explique o futebol. Em seguida, procuraremos nos documentos orientadores curriculares alguns indicativos do que conforma a atual realidade do ensino do futebol em nossas escolas, para isso analisaremos a Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2018) e discutiremos o Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB, 2020), Estado de nossa intervenção profissional direta. Por fim, iremos finalizar apresentando reflexões que se dispõem

em avançar no sentido da formação humana do ensino do futebol nos diferentes níveis da Educação Básica a partir de nossas perspectivas.

O Que Reconhecemos Como Conteúdos Escolares Do Futebol

Em 1992, na obra *Metodologia do Ensino da Educação Física*, os autores desse clássico da Educação Física já se perguntavam em relação ao futebol: “o que deveria ser do conhecimento do aluno para podermos afirmar ser ele o conhecedor?” (Coletivo de Autores, 2009, p.71), e como resposta apontaram alguns aspectos que corroboramos:

- » o futebol enquanto jogo com suas normas, regras e exigências físicas, técnicas e táticas;
- » o futebol enquanto espetáculo esportivo;
- » o futebol enquanto processo de trabalho que se diversifica e gera mercados específicos de atuação profissional;
- » o futebol enquanto jogo popularmente praticado;
- » o futebol enquanto fenômeno cultural que inebria milhões e milhões de pessoas em todo mundo e, em especial no Brasil (Coletivo de Autores, 2009, p.71).

Passados mais de 30 anos o que identificamos na realidade escolar não só justifica a atualidade dessa proposição, mas aponta que muito ainda precisa ser feito sobre o trato pedagógico na escola com os conteúdos do futebol nas aulas de Educação Física. Reconhecemos que o Futebol é uma atividade da cultura humana que no Brasil, em especial, não deve ser objeto de ensino exclusivo da Educação Física no ambiente escolar, já que este fenômeno atravessa outros campos do conhecimento, em função da sua relevância em nossa sociedade, favorecendo talvez abordagens interdisciplinares. Evidentemente, por se constituir uma atividade notadamente da cultura corporal, à Educação Física é depositada a responsabilidade do trato dos conhecimentos necessários para se compreender e explicar esse fenômeno.

Uma primeira coisa para aprofundar esse debate é entender o futebol como um esporte, uma atividade da cultura corporal, entendendo-a como:

[...] conjunto de atividades humanas que surgem, historicamente, a partir das relações sociais de trabalho; se efetivam por ações e operações que buscam satisfazer as necessidades humanas de primeira ordem ou a elas relacionadas, e que ao longo do desenvolvimento do gênero humano assumem uma autonomia relativa em relação ao processo de trabalho, pois passam a se orientar por outros significados e sentidos que não estão necessariamente vinculados diretamente ao processo produtivo da vida humana. Buscam, na reprodução social, satisfazer outras necessidades humanas não menos importantes e que concorrem no processo de humanização do ser, em geral são valorizadas em si mesmas.

Elas se caracterizam por envolver ações e operações conscientes orientadas por motivos sociais, sejam eles advindos da competição, da exercitação, do agonismo, da sublimação, do lúdico, do estético, da expressão rítmica, e tantos outros que surgem no curso do processo histórico. Com efeito, os motivos das

atividades da Cultura Corporal sofrem as determinações das condições materiais de existência (modo de vida), contudo, nesse processo, sempre haverá um motivo que irá assumir a função de momento predominante, que guiará a atividade numa dada direção. Na sociedade de classes sua socialização é restrita, uma vez que a mesma assume a forma de mercadoria, impondo uma formação limitada a maioria da população que não pode pagar para ter acesso, impedindo assim o pleno desenvolvimento das múltiplas potencialidades do ser social. O ensino escolar destas atividades passa obrigatoriamente pela apropriação dos fundamentos (técnico-objetal, axiológico e normativo/judicativo)⁴ destas atividades humanas onde é possível estabelecer uma relação consciente com a Cultura Corporal (Teixeira, 2018, pp. 49-50).

Nessa abordagem, o próprio fenômeno esporte vem sendo melhor precisado e qualificado nos últimos anos, pois o fato de termos nele uma produção humana muito popularizada, por vezes mais esconde do que revela quando estamos falando de trato com o conhecimento.

Assim, nossa concepção assenta-se no esporte enquanto prática social, manifestação da cultura corporal cuja gênese localiza esta atividade como possibilidade ulterior do jogo, e cuja principal característica que o distingue das demais manifestações da cultura corporal encontra-se expressa na contradição agonístico/lúdico, que representa os pólos da competição/superação e do gozo estético, em busca do atendimento a certas necessidades humanas, o que ocorre simultaneamente durante a prática esportiva. Na esfera esportiva também entendemos que esta contradição se desdobra nas práticas específicas entre os elementos do treino – ex. na busca da performance – e da prática livre – ex. buscando a fruição (Oliveira, 2018, p. 70).

Dito isso, passaremos a tecer algumas considerações sobre o trato pedagógico tradicionalmente dispensado ao esporte em nossa sociedade, onde inclui-se, logicamente, o futebol. O esporte, hegemônica e cotidianamente nos aparece como elemento trivial, um dado com o qual todos somos, de alguma forma, familiarizados, e que prescinde de maiores explicações. Assim, lastreados pelo senso comum, reconhecemos o esporte, ou as referências ao esporte, ou a uma espécie de “estilo esportivo” em incontáveis situações, produtos, iniciativas e diversas outras atividades espalhadas por todos os setores da atividade humana em todos os níveis. No mundo das campanhas publicitárias o esporte, e os atletas, são desde há muito parte das receitas pré-fabricadas do marketing, servindo para vender produtos diretamente ligados à prática esportiva – ou de modalidades esportivas – chegando também a outros produtos cuja única relação com o esporte talvez seja o fato de serem também invenções humanas. No caso brasileiro o futebol ocupa o lugar de destaque na representação do fenômeno esportivo.

⁴ Entendemos por *Fundamento Técnico-Objetal da Atividade*: Ação/Operação (técnica) consciente de acordo com sua especificidade sócio-histórica da atividade (necessidade, objeto, motivo). Atividade objetal = “[...] ação prática com os objetos, tanto no plano externo – manejo dos objetos reais – como no plano interno – manejo dos objetos em forma mental ou representativa” (Nota da tradução In: Luria, 1986, p.21, nota de rodapé); *Fundamento Axialógico da Atividade*: Valores que guiam o comportamento consciente no ato da ação; *Fundamento Normativo/Judicativo da Atividade*: Regras que disciplinam o ato da ação que são condicionadas pela Luta de Classes.

A abordagem cotidiana do futebol e do esporte em geral, presa à sua aparência, pode nos levar a ver essa manifestação como algo descolado do próprio homem, como se fosse possível colocar o esporte entre parênteses, esquecendo as condições de produção de sua existência. Se pudermos parafrasear Marx (2004) em sua crítica sobre o trato dispensado à propriedade privada pela economia de sua época, veremos que, em diversos âmbitos, o debate sobre o esporte parte precisamente daquilo que deveria explicar.

Se nos voltarmos para o que formalmente caracteriza o ensino do esporte, também identificaremos uma prática pautada nesse mesmo senso comum, pois frequentemente não se discute ou se aborda o esporte enquanto prática social, mas praticam-se “os esportes”. Confundindo o fenômeno com suas expressões fenomênicas, às vezes toma-se o esporte como se esse se encerrasse em “modalidades”, “institucionalizações”, “paixões”, “alto rendimento”, “técnicas e táticas”, “movimentos especializados” e mais tantas outras formas pelas quais o esporte em sua aparência se manifesta no nosso cotidiano. Contudo, as formas fenomênicas podem ser, muitas vezes, absolutamente contraditórias com a lei do fenômeno, com a estrutura da coisa e com seu núcleo interno essencial, ou o seu conceito correspondente (Kosik, 1976). Nesse nível de trato circunscreve-se uma práxis utilitária imediata e um senso comum que permite ao homem orientar-se no mundo, familiarizar-se com as coisas e manejá-las, sem, no entanto, compreendê-las.

Problematizar essas questões é importante pois, apesar de estar presente massivamente na vida cotidiana, mesmo que somente na esfera mercadológica do consumo dos subprodutos da indústria cultural esportiva de massa (Taffarel & Escobar, 2009), essa abordagem de senso comum com o esporte leva o conhecimento, em suas mais ricas determinações, a ser negado à maioria dos seres humanos. Isso, logicamente, apresenta consequências diretas para concepção de esporte compreendida e apreendida pelo conjunto da população, apresentando-se fragmentada, parcial, superficial e enviesada.

O esporte, portanto, no processo de apropriação por parte do sujeito, pode ser apreendido como um pseudoconceito. Por não ser objeto central desse texto, e também por questões de espaço, não aprofundaremos esse debate, mas resta importante pontuar que pseudoconceito é uma formulação de Vigotski e trata-se da forma mais desenvolvida dos tipos principais de pensamento por complexos. Entretanto, o pensamento por complexos não é o grau mais avançado de abstração que o desenvolvimento do pensamento pode alcançar. O grau mais avançado é o pensamento por conceitos. Neste, os verdadeiros conceitos, ou conceitos genuínos, resultam do avanço do ato real do pensamento, que se processa por via de operações racionais, de análises e sínteses cada vez mais elaboradas.

Assim, se entendemos que a apropriação do conhecimento se dá pelas sucessivas aproximações ao objeto, o movimento de desenvolvimento do pensamento deve se dar a partir da superação dos pseudoconceitos em direção aos verdadeiros conceitos. Isso exige atividades conscientemente dirigidas e orientadas para a apreensão das diferentes determinantes que compõem o objeto, ou seja, atividades não cotidianas.

Nesse momento, pedimos ao leitor que chegou até aqui que faça um esforço para recordar as aulas de futebol em que foi aluno, ou mesmo as aulas em

que foi/é professor: é possível a você afirmar que nessas aulas a atividade estava orientada para a apreensão das diferentes determinantes que compõem o objeto futebol? Ou, é possível afirmar que o trato pedagógico dispensado ao futebol era para além do que o aluno já tem acesso no seu cotidiano?

Pseudoconceitos assemelham-se aos conceitos em sua aparência, e por isso na esfera cotidiana, na práxis utilitária imediata e no senso comum permitem que as pessoas se orientem no mundo. Todavia, como possuem em sua essência uma estrutura diferente, temos como resultado uma relação com o fenômeno que é guiada pela aparência externa do objeto. O esporte e o futebol podem ser apropriados como pseudoconceitos quando se apreendem esses fenômenos somente a partir do cotidiano e das experiências empíricas, empreendidas em práticas fragmentadas e, muitas vezes, irrefletidas.

Abordar o esporte, o futebol, por uma via que entende que é possível explicar (e ensinar) o fenômeno como um todo a partir de suas partes ou da soma de suas partes (portanto, a partir de seus fragmentos), denota a persistência de uma forma de pensamento que entende que a melhor opção explicativa para esse objeto passa pelo seu fatiamento (portanto, pela sua fragmentação). Nessa ótica de pensamento, fortemente influenciada pelos ditames da lógica formal, nega-se a totalidade e as contradições que se expressam no fenômeno esportivo a partir das relações estabelecidas entre as múltiplas determinações que o compõem, tomando-se como se fosse a essência do fenômeno aquilo que, concretamente, corresponde à sua aparência.

Ao procurarmos apreender o esporte e o futebol, em suas mais ricas determinações, buscamos trabalhá-los como conceitos científicos, ou seja, como fenômenos cuja apreensão, no processo de apropriação e objetivação da prática social, permitam identificar seus traços essenciais e possibilidades de contribuição para o desenvolvimento humano. O debate requer, portanto, a adoção da via que não tece explicações fora do entrelaçamento da relação entre homem e sociedade, ou em outras palavras, requer partir do preceito apresentado pela Psicologia Histórico-Cultural de que a formação humana apresenta aspectos que se desenvolvem do exterior, da sociedade, para o interior, o homem, em um processo de idas e vindas cujo pólo determinante reside no primeiro elemento, o que nada mais é, segundo Martins (2013), do que a afirmação da natureza social do psiquismo humano.

No que concerne ao esporte e ao futebol, isso se apresenta pela exposição do valor dessas atividades em uma espécie de binômio formação da personalidade/sociedade, ou seja, pelo apontamento do lugar do esporte e do futebol nas relações sociais de produção. Entendemos que as relações conceituais que aparecem de forma mais ampla na sociedade apresentam consequências, ou refletem-se nas relações de ensino e aprendizagem que conformam a formação humana. Essa afirmação também encontra respaldo no Coletivo de Autores (2009, pp.69-70) ao dizer que o esporte “se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica”.

Entender o lugar do esporte nas relações de produção nos ajuda a entender o próprio lugar do futebol nessas mesmas relações, seja no âmbito mais geral, seja no Brasil. Afinal, o futebol ainda hoje é a manifestação esportiva que domina o imaginário do povo brasileiro. Seja no êxtase de um título, ou de uma vitória

conquistada nos últimos segundos, seja na tragédia de mais uma morte desnecessária ocorrida em confrontos de torcedores entre si ou com a polícia. Seja pela ilusão da ascensão social através do futebol (algo que sim, acontece, mas na forma de exceção e não como regra), que leva famílias já pobres a se endividarem ainda mais, e também pessoas a apostarem todos os seus sonhos em algo que, ao fim e ao cabo não depende somente delas, ou seja pela tentativa de fuga de um destino que parece previamente determinado e com pouquíssimas chances de alteração. Por fim, em que pese esse predomínio do futebol no cotidiano das pessoas, acreditamos que temos indícios para hipotetizar que a paixão do brasileiro pelo futebol não tem se convertido em um domínio do fenômeno, especialmente por uma perspectiva que leve à humanização.

Apresentado o nosso ponto de partida, agora iremos buscar entender o lugar do futebol no universo dos conteúdos escolares brasileiros, para isso analisaremos o que documentos oficiais curriculares atuais indicam sobre o ensino do futebol ao longo da Educação Básica.

Podemos apontar que nos últimos dez anos houve uma grande ofensiva de agentes empresariais na disputa dos rumos e orçamentos públicos da educação brasileira, este movimento ganhou maior força na crise da democracia e da política nacional, principalmente após o golpe de 2016. Condição que levou à aprovação aligeirada e nada participativa dos marcos orientadores da educação do país, um bom exemplo foi a produção da BNCC, hoje documento oficial que orienta os currículos da Educação Básica e por consequência os currículos de formação de professores.

Com o avanço da perspectiva educacional defendida pelos chamados reformadores empresariais da educação no Brasil (Ravitch, 2011; Freitas, 2012), mudanças significativas vêm sendo observadas na nossa educação pública. Por um lado, identificamos que ideias, rotinas e procedimentos de inspiração empresarial (principalmente no âmbito da gestão, mas não só), paulatinamente, são incorporados pelas escolas. Por outro, alterações em leis e normativos foram realizadas para favorecer a implementação dessa agenda.

Nesse sentido, o interesse em ingerir sobre o currículo de formação da juventude sempre ocupou centralidade na atuação dos reformadores empresariais da educação. Não por acaso, em 2013 criaram uma rede política denominada Movimento pela Base, formada por pesquisadores, personalidades políticas e entidades (em geral ligadas ao mundo empresarial), visando fomentar o debate, conquistar apoio e intervir na construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Com a aprovação da BNCC em 2018, a atuação do Movimento pela Base se voltou, principalmente, ao monitoramento de sua implementação pelos Estados e Municípios, que por sua vez assumem a tarefa de produzir seus respectivos documentos curriculares referenciados na BNCC.

Com a homologação da BNCC, as redes de ensino e escolas particulares terão diante de si a tarefa de construir currículos, com base nas aprendizagens essenciais estabelecidas na BNCC, passando, assim, do plano normativo propositivo para o plano da ação e da gestão curricular que envolve todo o conjunto de decisões e ações definidoras do currículo e de sua dinâmica (Brasil, 2018, p. 20).

Do ponto de vista pedagógico, a BNCC se fundamenta na pedagogia das competências, por considerar que essa perspectiva hegemoniza os currículos de Estados e Municípios e por entender que a sociedade contemporânea “[...] requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender [...]” (Brasil, 2018, p. 14), além do mais, as competências são o enfoque adotado nas avaliações internacionais organizadas pela OCDE, que coordena o PISA (Brasil, 2018, p. 13).

A BNCC é estruturada a partir de dez competências gerais para a educação básica, que “[...] se inter-relacionam e se desdobram no tratamento didático proposto para as três etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), articulando-se na construção de conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores [...]” (Brasil, 2018a, pp. 8-9). Essas competências gerais se desdobram em competências específicas em cada área de conhecimento, que por sua vez se relacionam com as habilidades de cada componente curricular, as quais “[...] representam as aprendizagens essenciais a serem garantidas no âmbito da BNCC a todos os estudantes” (Brasil, 2018, p. 33).

As competências são entendidas no documento como a capacidade de saber fazer, envolvendo tarefas tanto do cotidiano quanto do mundo do trabalho, conforme podemos observar:

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (Brasil, 2018a, p. 8).

A BNCC tende a promover uma padronização curricular nas escolas brasileiras, uma espécie de currículo mínimo, na medida em que determina as habilidades (aprendizagens essenciais) a serem desenvolvidas no chão da escola. Essa iniciativa concorre para um estreitamento curricular, para o apagamento das diversidades regionais, bem como corrobora com a hierarquização dos componentes curriculares.

Importa registrar que ao privilegiar o desenvolvimento de competências e habilidades, preterindo a socialização dos conhecimentos científicos, a BNCC incide sobre a natureza e a especificidade da educação escolar e retira dos jovens os instrumentos culturais para se alcançar as máximas possibilidades concebidas pelo gênero humano, isso que iremos demonstrar no caso do ensino do futebol logo a seguir.

Segundo a Anped (2018), a BNCC atinge negativamente a maioria da população brasileira, fundamentalmente a localizada nas camadas populares, ao promover o esvaziamento científico do currículo e, tendencialmente, retirar a possibilidade desses setores acessarem os conhecimentos mais desenvolvidos (científicos, culturais e artísticos). Em consequência, constata-se a destruição da escola como espaço de democratização do conhecimento. Essa ofensiva destruidora ocorre para atender aos interesses do mercado.

Se o produto da empresa escolar são estas aprendizagens, ela tem que ser medida e avaliada principalmente pelos seus resultados. Não há uma preocupação com a formação integral do estudante, com um desenvolvimento omnilateral

dessas novas gerações. Pelo contrário: se trata de um desenvolvimento estreitamente ligado à inserção produtiva das novas gerações (ANPED, 2018, p. 3).

A BNCC se vincula a outros dispositivos que visam criar melhores circunstâncias para o processo já em curso de privatização da educação pública, sedimentando as condições para a instituição generalizada dos vouchers na educação, transformando a educação de direito em serviço (Beltrão, 2019; Freitas, 2018).

Em relação à educação física, a despeito de recorrer indiscriminadamente a diferentes conceitos e categorias (cultura corporal de movimento, corporeidade e cultura corporal) sem a devida fundamentação e diferenciação, para se explicar a área e o que ela deveria ensinar, a BNCC assume a linguagem corporal como o objeto de ensino de ensino da educação física.

Esse objeto de ensino radica na subjetividade dos sujeitos e não apresenta objetividade independente, visto que o conhecimento a ser tratado é resultado da exploração do movimento e da gestualidade em práticas corporais resultado do processo de “[...] negociação de sentidos que estão em jogo na sua apreciação e produção” (Brasil, 2018, p. 483).

Após analisar o objeto de ensino da educação física na BNCC do ensino médio, Beltrão, Taffarel, & Teixeira (2020, p. 668) afirmam:

Como se pode constatar, a centralidade, assumida na BNCC do ensino médio para esse componente curricular, é a experiência, vivenciada através da livre exploração dos movimentos, o que possibilitará a relação entre sujeito e objeto, num processo onde os sentidos e significados sobre este objeto estarão em disputa, e o conhecimento será resultado dos consensos intersubjetivamente estabelecidos.

Considerando que não há objeto em-si-mesmo, sua existência se dá no plano da linguagem. Essa existência é produzida nas relações entre os sujeitos, mediadas pela linguagem. Nesse sentido, em relação às práticas corporais, a produção/significação deste objeto pelo sujeito e a comunicação dos sentidos atribuídos durante a experiência são os elementos fundamentais, são a forma como se constitui o objeto “linguagem corporal” (Beltrão, Taffarel, & Teixeira, 2020, p. 668).

Para o desenvolvimento das competências e habilidades vinculadas à educação física na BNCC, nem sempre a apropriação dos conhecimentos científicos e de formas mais complexas das atividades da cultura corporal são exigidas. Do mesmo modo, há uma sobrevalorização do praticismo, do tácito e do utilitário nesse documento (Beltrão; Taffarel; Teixeira, 2020). Para comprovar o que até aqui apontamos criticamente, é que optamos em apresentar como os atuais documentos orientadores curriculares tratam o ensino do Futebol ao longo da Educação Básica no Brasil e na Bahia, respectivamente na Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2018) e no Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB, 2019).

Na BNCC a referência à atividade futebol acontece sempre na forma de exemplo de modalidade esportiva, sem nenhum destaque ou especificidade em relação a outras modalidades esportivas. No documento o futebol aparece ligado a unidade temática Esporte, que é assim explicada:

[...] Esportes reúne tanto as manifestações mais formais dessa prática quanto as derivadas. O esporte como uma das práticas mais conhecidas da contemporaneidade, por sua grande presença nos meios de comunicação,

caracteriza-se por ser orientado pela comparação de um determinado desempenho entre indivíduos ou grupos (adversários), regido por um conjunto de regras formais, institucionalizadas por organizações (associações, federações e confederações esportivas), as quais definem as normas de disputa e promovem o desenvolvimento das modalidades em todos os níveis de competição. No entanto, essas características não possuem um único sentido ou somente um significado entre aqueles que o praticam, especialmente quando o esporte é realizado no contexto do lazer, da educação e da saúde. Como toda prática social, o esporte é passível de recriação por quem se envolve com ele (Brasil, 2018, p. 215).

Especificamente o futebol na BNCC está integrado à categoria esportes de invasão ou territorial,

[...]conjunto de modalidades que se caracterizam por comparar a capacidade de uma equipe introduzir ou levar uma bola (ou outro objeto) a uma meta ou setor da quadra/campo defendida pelos adversários (gol, cesta, touchdown etc.), protegendo, simultaneamente, o próprio alvo, meta ou setor do campo (basquetebol, frisbee, futebol, futsal, futebol americano, handebol, hóquei sobre grama, polo aquático, rúgbi etc.) (Brasil, 2018, p. 216).

A BNCC apresenta oito dimensões do conhecimento que são privilegiadas pelas delimitações das habilidades a serem desenvolvidas a partir do ensino das práticas corporais, entre elas o futebol. As dimensões mencionadas são: experimentação, uso e apropriação, fruição, reflexão sobre a ação, construção de valores, análise, compreensão, e protagonismo comunitário. O documento ressalta “que não há nenhuma hierarquia entre essas dimensões, tampouco uma ordem necessária para o desenvolvimento do trabalho no âmbito didático. Cada uma delas exige diferentes abordagens e graus de complexidade para que se tornem relevantes e significativas” (Brasil, 2018, p. 222). Algo que nos preocupa ao pensar a intencionalidade e a teleologia requerida no ensino escolar.

A BNCC não apresenta uma lógica de continuidade entre as etapas da educação básica, principalmente entre a Educação Infantil e as demais etapas (Ensino Fundamental e Ensino Médio). A Educação Infantil apresenta uma forma de organização por campos de experiência, diferente das áreas de conhecimento específicas nas outras etapas. Essa diferenciação apresenta impacto direto sobre o ensino do futebol já que na Educação Infantil não existe o componente curricular Educação Física, e nos campos de experiências existentes não existe nenhuma menção ao ensino dos esportes, muito menos do futebol, mesmo no campo de experiência “Corpo, gestos e movimentos”.

A existência do componente curricular Educação Física no Ensino Fundamental também não garante por si só o ensino do futebol, isto pode ser observado ao verificar que no documento somente a partir do terceiro ano é que o ensino do futebol é previsto de ser iniciado na escola, já que é quando existe a indicação dos esportes de invasão como objetos de conhecimento. Ainda assim, não significa ou não é garantia que o ensino do futebol se inicie neste referido ano, visto que são muitas modalidades esportivas que se enquadram nessa categoria.

Na melhor das hipóteses, considerando a indicação da BNCC, podemos apontar que do ponto de vista escolar somente a partir dos 8 anos de idade as crianças teriam acesso aos conhecimentos escolares vinculados ao futebol.

A partir desse período o documento aponta uma presença contínua dos esportes de invasão até o 9º ano, com distinções entre as habilidades a serem desenvolvidas. No Ensino Fundamental a BNCC apresenta que

[...] a Educação Física procurou garantir aos estudantes oportunidades de compreensão, apreciação e produção de brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura. As práticas foram trabalhadas visando: à identificação de suas origens e dos modos como podem ser aprendidas; ao reconhecimento dos modos de viver e perceber o mundo a elas subjacentes; ao compartilhamento de valores, condutas e emoções nelas expressos; à percepção das marcas identitárias e à desconstrução de preconceitos e estereótipos nelas presentes; e, também, à reflexão crítica a respeito das relações práticas corporais, mídia e consumo, como também quanto a padrões de beleza, exercício, desempenho físico e saúde (Brasil, 2018, p. 483).

No que se refere à descrição das habilidades a serem desenvolvidas e relacionadas ao ensino do futebol, o documento apenas faz referência ao período do Ensino Fundamental, conforme presente no quadro a seguir:

Quadro 1. Habilidades esporte de invasão – futebol.

HABILIDADES (ESPORTE DE INVASÃO – FUTEBOL)	
3º ao 5º ano	<p>(EF35EF05) Experimentar e fruir diversos tipos de esportes de campo e taco, rede/parede e invasão, identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo <u>protagonismo</u>.</p> <p>(EF35EF06) Diferenciar os conceitos de jogo e esporte, identificando as características que os constituem na contemporaneidade e suas manifestações (profissional e comunitária/lazer).</p>
6º ao 7º ano	<p>(EF67EF03) Experimentar e fruir esportes de marca, precisão, invasão e técnico-combinatórios, valorizando o trabalho coletivo e o <u>protagonismo</u>.</p> <p>(EF67EF04) Praticar um ou mais esportes de marca, precisão, invasão e técnico-combinatórios oferecidos pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas e respeitando regras.</p> <p>(EF67EF05) Planejar e utilizar estratégias para solucionar os desafios técnicos e táticos, tanto nos esportes de marca, precisão, invasão e técnico-combinatórios como nas modalidades esportivas escolhidas para praticar de forma específica.</p> <p>(EF67EF06) Analisar as transformações na organização e na prática dos esportes em suas diferentes manifestações (profissional e comunitário/lazer).</p> <p>(EF67EF07) Propor e produzir alternativas para experimentação dos esportes não disponíveis e/ou acessíveis na comunidade e das demais práticas corporais <u>tematizadas</u> na escola.</p>
8º ao 9º ano	<p>(EF89EF01) Experimentar diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) e fruir os esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate, valorizando o trabalho coletivo e o <u>protagonismo</u>.</p> <p>(EF89EF02) Praticar um ou mais esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate oferecidos pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas.</p> <p>(EF89EF03) Formular e utilizar estratégias para solucionar os desafios técnicos e táticos, tanto nos esportes de campo e taco, rede/parede, invasão e combate como nas modalidades esportivas escolhidas para praticar de forma específica.</p> <p>(EF89EF04) Identificar os elementos técnicos ou técnico-táticos individuais, combinações táticas, sistemas de jogo e regras das modalidades esportivas praticadas, bem como diferenciar as modalidades esportivas com base nos critérios da lógica interna das categorias de esporte: rede/parede, campo e taco, invasão e combate.</p> <p>(EF89EF05) Identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo e discutir alguns de seus problemas (<i>doping</i>, corrupção, violência etc.) e a forma como as mídias os <u>apresentam</u>.</p> <p>(EF89EF06) Verificar locais disponíveis na comunidade para a prática de esportes e das demais práticas corporais <u>tematizadas</u> na escola, propondo e produzindo alternativas para utilizá-los no tempo livre.</p>

Em relação ao Ensino Médio, o documento se limita a uma redação de quatro parágrafos, onde procuraram explicar a orientação a partir do que foi proposto no Ensino Fundamental, porém não apresentam maiores detalhes referentes às unidades temáticas e nem sobre objetos de conhecimento presentes na etapa anterior. As categorias do esporte também estão ausentes na discussão do ensino médio, limitando-se a menção genérica, enquanto que o futebol e as demais modalidades simplesmente não são citadas. Sobre essa etapa final da Educação Escolar a BNCC trata a Educação Física e seus conteúdos a partir da seguinte síntese:

No Ensino Médio, além da experimentação de novos jogos e brincadeiras, esportes, danças, lutas, ginásticas e práticas corporais de aventura, os estudantes devem ser desafiados a refletir sobre essas práticas, aprofundando seus conhecimentos sobre as potencialidades e os limites do corpo, a importância de se assumir um estilo de vida ativo, e os componentes do movimento relacionados à manutenção da saúde. É importante também que eles possam refletir sobre as possibilidades de utilização dos espaços públicos e privados que frequentam para desenvolvimento de práticas corporais, inclusive as aprendidas na escola, de modo a exercer sua cidadania e seu protagonismo comunitário. Esse conjunto de experiências, para além de desenvolver o autoconhecimento e o autocuidado com o corpo e a saúde, a socialização e o entretenimento, favorece o diálogo com as demais áreas de conhecimento, ampliando a compreensão dos estudantes a respeito dos fenômenos da gestualidade e das dinâmicas sociais associadas às práticas corporais (Brasil, 2018, p. 484).

É dentro desse contexto que o futebol é possível de ser trabalhado a partir das orientações da BNCC. Destacamos que a organização curricular descontinuada da Educação Infantil organizada em campos de experiência, e o Ensino Fundamental e Médio em áreas de conhecimento prejudica a lógica de organização do ensino do futebol, no sentido de pensar como seus conhecimentos podem estar presentes em toda vida escolar partindo dos elementos mais simples aos mais complexos.

A ausência da Educação Física no currículo da Educação Infantil é uma condição agravante na negação do ensino sistematizado do futebol desde a tenra idade, em companhia das demais atividades da cultura corporal brasileira e universal, pois não compreendemos que o campo Corpo, Gestos, e Movimento inclua o ensino da Educação Física nesta etapa de ensino, questão inclusive afirmada explicitamente pelos formuladores da propositura, e que repetidas vezes passa despercebida por estudiosos da Educação Física. “Não se trata de pensar em aulas de educação física na Educação Infantil, mas de reconhecer que o corpo está presente em todas as atividades, o que exige do professor refletir sobre o corpo, gestos e movimentos de uma perspectiva mais abrangente” (Brasil, 2018, p. 34).

Outro aspecto relevante desta orientação curricular que consideramos jogar contra o ensino sistematizado do futebol nas escolas é a incorporação da Educação Física na área de Linguagens, já que na nossa opinião ao fazer parte desta área é exigido dos conteúdos da cultura corporal uma supervalorização de algo que é secundário na maioria das atividades, que é a sua condição expressiva e comunicativa. Ao jogar futebol é verdade que queremos expressar ou comunicar

algo? Caso sua resposta seja sim, o quê por exemplo você quer intencionalmente expressar ou comunicar durante um baba, ou numa participação de uma partida profissional? Ao supervalorizar esta dimensão num espaço restrito do currículo fica comprometido o ensino de outros conteúdos relevantes para conhecer o futebol de forma sistematizada.

Precisamos dizer que o próprio Coletivo de Autores, obra que usamos como referência na discussão da Educação Física escolar, também contribui para essas considerações quando tratou da necessidade de “[...] elaboração de normas que correspondem ao novo objeto do conhecimento da Educação Física escolar: a expressão corporal como linguagem e como saber ou conhecimento” (Coletivo de Autores, 2012, p. 43). Mas, é preciso ser dito que alguns de seus autores como Escobar já fizeram uma avaliação crítica desta formulação:

[...] caímos na cilada das “linguagens” achando que as atividades corporais – jogos e outras – efetivamente seriam uma linguagem corporal. Foi depois que nos demos conta de que não havia nada de expressão corporal nas atividades dessa área de cultura, porque se você olha para o jogo, quem joga, o jogador, não está expressando nada, ele não está transmitindo nada para fora, porque está construindo algo que está simultaneamente consumindo. O jogo o está envolvendo, preocupando-o pela própria subjetividade da atividade e de seu objetivo implícito (Coletivo de Autores, 2012, p. 130).

Estudos mais recentes como de Teixeira (2018) e Nascimento (2014) já desenvolveram explicações que também reavaliam esta afirmação presente na obra matricial da abordagem Crítico-Superadora, reavaliações com as quais temos pleno acordo e recomendamos a leitura para maior aprofundamento deste debate.

Feitas as observações e constatações na BNCC, agora analisaremos o Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB). Este documento foi produzido no bojo das repercussões da aprovação da BNCC, o que provocou a reformulação curricular de todas as redes de ensino do Brasil, condição que levou a aprovação deste documento no ano de 2019. O DCRB é composto por três volumes e vários documentos de apoio.

O Volume 1 do DCRB contemplou as etapas referentes à Educação Infantil e Ensino Fundamental, já o Volume 2 abordará as ofertas do Ensino Médio Regular e da Educação Integral, além da modalidade de Educação Profissional e Tecnológica. Será, ainda, disponibilizado às comunidades escolares o Volume 3 do DCRB, em fase de elaboração, voltado às Modalidades de Ensino – Educação do Campo, Educação Escolar Quilombola, Educação Escolar Indígena, Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos (Bahia, 2020, p. s/d).

Concentramos para discussão sobre o futebol na análise do texto do volume 1 e 2, onde concentram a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Já na primeira observação é possível constatar que o DCRB é uma reprodução ampliada da BNCC, ou seja, ele reproduz os elementos essenciais do documento nacional e acrescenta algumas discussões introdutórias e explicativas no esforço de tentar contemplar a discussão regional.

No que se refere ao ensino da Educação Física como acontece na BNCC, questão aqui já criticada, o DCRB repete a condição de tratar a Educação Física na

área das Linguagens, situação que avaliamos influenciar na forma precária que o ensino do futebol aparece no currículo escolar. Um aspecto que merece destaque, é que aparece com muita frequência nos dois volumes analisados a presença de incorporação das referências explícitas das reflexões da abordagem Crítico-Superadora, especificamente do livro Metodologia do Ensino de Educação Física, principalmente para apontar princípios da organização do currículo e do objeto de ensino do componente curricular, aparece de forma mais frequente no volume 2 do documento, quando trata do Ensino Médio.

Essa incorporação das reflexões da abordagem Crítico-Superadora se deu na maioria das vezes no esforço de melhor explicar a proposta, porém nunca aparecendo como contraponto aos princípios norteadores da BNCC para as reformulações curriculares, não realizando uma superação por incorporação, mas sim uma incorporação para conservação.

Ao aprofundarmos na especificidade de como o ensino do futebol aparece na DCRB, a primeira observação possível de ser feita é que os problemas identificados na BNCC aqui se repetem, como a ausência de orientação para o trato do futebol na educação infantil, e também a ausência de outros esportes. Repete-se literalmente a BNCC, indicando apenas a presença dos esportes de invasão (onde se inclui o futebol) apenas a partir do terceiro ano do ensino fundamental. No que trata das habilidades previstas que envolvem a categoria esportes de invasão, só é possível observar acréscimos de uma nova habilidade na organização curricular do sexto e sétimo ano “(EF67EF05BA) Construir o conceito de esporte, identificando e diferenciando as principais características do elemento esporte, conhecendo e classificando os diferentes tipos de esportes (Bahia, 2020, p. 317)”; e outra também nova no oitavo e nono ano “(EF89EF01BA) Reconhecer, refletir e argumentar sobre as questões conceituais, culturais e históricas do esporte (Bahia, 2020, p. 320). Acréscimos que promovem mudanças irrisórias.

Na proposta para o Ensino Médio, o DCRB apresenta maior elaboração sobre a Educação Física se comparado à BNCC, condição que não altera a condição de incorporação para conservação. O que aparece de novo e que merece destaque é que a presença da Educação Física se restringe aos dois primeiros anos do Ensino Médio, o que nos permite afirmar que no Estado da Bahia conforme as orientações curriculares o ensino do futebol só é possível do terceiro ano do Ensino Fundamental até o segundo ano do Ensino Médio, ou seja, apenas em nove dos 14 anos da Educação Básica. É importante novamente lembrar que, como no caso da BNCC, o futebol não aparece explicitamente como objeto do conhecimento, ele está diluído dentro da categoria esporte de invasão, condição que não garante que o mesmo será tratado em todos estes nove anos possíveis.

Outro aspecto diferente na DCRB é a proposição de organização curricular da Educação Física no Ensino Médio em eixos, no primeiro ano com o eixo Ginástica, Exercício e Saúde; o eixo Lutas e Danças; e o eixo Jogos e Esportes, este último onde o futebol pode estar presente, e que é assim proposto:

- » Jogos populares e cultura local.
- » Origem das diversas modalidades esportivas e jogos presentes na comunidade local.
- » Discriminações e preconceitos no âmbito esportivo.

- » Jogos, esportes e lazer.
- » Diversidade, características e classificação dos esportes (Bahia, 2022, p. 161-162).

No segundo ano do Ensino Médio, o DCRB orienta a organização curricular da Educação Física em três eixos que apresentam o esporte como componente constituinte, são eles:

Eixos esporte e esporte adaptado

- » Esportes adaptados.
- » Possibilidades e realidades esportivas da comunidade local.
- » Práticas esportivas no tempo livre.
- » Discriminação e violência no esporte.
- » Lesões na prática esportiva.
- » Esporte espetáculo e de alto rendimento.

Eixos cultura digital e práticas alternativas

- » Práticas corporais com interação ou apropriação de tecnologias digitais.
- » Jogos e esportes em games.
- » Práticas corporais alternativas.
- » Bem-estar e qualidade de vida.
- » Estilo de vida ativo com tecnologias digitais.

Eixo esportes radicais

- » Esportes radicais urbanos.
- » Práticas corporais de aventura na natureza.
- » Primeiros socorros e prevenção de acidentes.
- » Consciência corporal e postural.
- » Esporte e estilo de vida (Bahia, 2022, p. 169).

É perceptível que igual na BNCC, os conhecimentos e conteúdo do futebol estão diluídos no universo da atividade esporte, no ensino fundamental nos esportes de invasão. A forma das orientações curriculares não apresenta uma garantia do ensino dos conteúdos essenciais do futebol e nem uma lógica de organização do grau de complexidade destes conteúdos ao longo dos anos de escolarização, já que suas descrições são sempre genéricas, sem destaque para a presença de fenômenos e atividades da cultura corporal que são prioritários de serem ensinados.

Reconhecemos que não poderíamos apontar alternativas crítico-superadoras do ensino escolar do futebol sem antes apresentar as orientações atuais que organizam o currículo das escolas e da própria Educação Física. Agora consideramos adequado apresentar reflexões que possam ser materializadas na prática real da sala de aula, oferecendo uma proposta de ensino do futebol que atenda estas orientações vigentes (que mantém o rebaixamento do conhecimento escolar sobre o futebol), até que as mesmas possam ser revogadas e substituídas, mas que ao mesmo tempo possibilite ensinar conteúdos que superem e enriqueçam a formação das crianças e jovens, para além do que está proposto nos documentos oficiais.

Para além do baba: contribuições para o ensino escolar do futebol nos diferentes ciclos de ensino

Os ciclos de escolarização, originalmente apresentados no Coletivo de Autores (1992) como uma proposta de periodização do desenvolvimento em oposição ao etapismo hegemonicamente presente no ambiente escolar, nos permitem pensar o ensino do futebol desde o início do processo de escolarização. Partiremos aqui da atualização dos ciclos proposta por Melo (2017), que leva em consideração as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural e da Teoria da Atividade. Desta forma, propõe a atualização dos ciclos com algumas mudanças e a adição de outros elementos que permitem melhor explicitar esta forma de organização. Seu objetivo é melhor adequar os ciclos à periodização do desenvolvimento, auxiliando o professor na criação das condições favoráveis para o desenvolvimento da atitude científica nos estudantes.

No primeiro ciclo, o de organização da identidade dos dados da realidade, que vai do berçário ao fim da Pré-escola (entre 4 meses e 5 anos de vida), a criança começa com uma visão sincrética da realidade, os dados aparecem (são identificados) de forma difusa, misturados, característica do desenvolvimento do pensamento sincrético. A partir da socialização há um gradativo aumento da realização de movimentos voluntários (ação) em relação aos involuntários, o que é a principal conquista no campo da sua motricidade. As crianças precisarão desenvolver neste ciclo a autonomia necessária que irá possibilitar uma crescente liberdade em relação à dependência dos adultos para realização das suas necessidades imediatas. Em relação ao ensino do futebol, particularmente o/a professor/a de Educação Física deve apresentar aos estudantes por meio do ensino sistematizado as propriedades, características e principais funções do objeto central da atividade futebol, a bola. Ao passo que é apresentado a bola e suas principais propriedades por meio do ensino intencional, rolando a bola no e com o bebê, quicando, empurrando com as mãos e pés, jogando para cima, e ensinando a jogar, com isso estaremos iniciando este ser social no universo da cultura corporal, em especial da atividade futebol.

Com o avanço promovido na sua motricidade, linguagem e pensamento, o/a professor/a vai incorporando novas informações de como manusear a bola, em especial com os pés, e também sempre nomeando este tipo de atividade, mesmo quando o bebê ainda não sabe falar. Neste momento a ação do professor se diferencia dos demais cuidadores das crianças, principalmente pela sua intencionalidade pedagógica, antecipando o acesso a esta manifestação da cultura corporal brasileira. Ainda que esta ação mesmo na aparência possa parecer com ação dos demais cuidadores destas crianças, como familiares, a conduta do professor/a se destaca pelo conjunto de conteúdos intencionalmente apresentados. No caso brasileiro, salvo algumas exceções, a maioria das crianças do berçário já possuem algum contato com o universo cultural do futebol, pela roupinha do time preferido dos familiares, pelas bolas que recebe de presente, por acompanhar ainda de forma inconsciente a transmissão de jogos e debates sobre o futebol no cotidiano de seus lares desde muito cedo, condições que propiciam uma apropriação cada vez maior do mundo objeto e das relações sociais.

Nesse ciclo o estudante se encontra no momento da “experiência sensível”, onde prevalecem as referências sensoriais na sua relação com o conhecimento. O estudante dá um salto qualitativo nesse ciclo em relação ao ensino do futebol quando: a) categoriza os principais objetos desta atividade, e além de organizar a identidade dos dados da realidade ele inicia a sistematização destes dados a partir de generalizações primárias; b) consegue nomear os objetos (bola, campo, camisas de time, traves e etc.) e relações resultantes do futebol (comemorar o gol, cantar músicas vinculadas ao futebol, reconhecer personagens/atletas, e etc), situações que contribuem no desenvolvimento do pensamento por complexo e avançam no sentido do pensamento conceitual; c) dominam as funções e operações diretas dos objetos do futebol, chutando a bola, conduzindo a bola com os pés, e agarrando a bola com as mãos numa crescente realização de novas ações (movimentos voluntários conscientes), e d) no fim deste período começam encenar, por meio de brincadeiras, partidas e jogos de futebol, que eles têm acesso na escola e no seu convívio social.

No segundo ciclo, o da iniciação à sistematização do conhecimento, que vai do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental, no que diz respeito ao ensino do futebol, pode-se ampliar o processo de reconhecimento do futebol e dos traços essenciais desta manifestação com os quais os alunos já teve certo contato, aprofundando o conhecimento sobre eles, identificando as regularidades e confrontando-os com as diferentes maneiras pelas quais esta manifestação da cultura corporal se expressa na realidade. Isto, por si só, já exige que se vá muito além de práticas irrefletidas em quadras ou outros espaços quaisquer, onde o futebol é apresentado composto por conteúdos basicamente restritos a técnicas ou regras impostas, frequentemente apartadas de seus significados sociais. O ensino do futebol neste ciclo requer considerar a atividade guia da época específica, e na idade escolar esta é a atividade de estudo.

Neste período a aprendizagem tem como sentido geral a aprendizagem mesmo, e os esforços para satisfazer os conhecimentos cognitivos se dão mediante a comunicação com os adultos (a popular fase do “por que?”). Isto não somente reforça para a importância do papel do professor e da intencionalidade, mas também alerta para a atenção que deve ser dada à qualidade do papel desempenhado pelo docente, assim como das fontes às quais a criança tem acesso para apreender o conhecimento.

No ensino do futebol, a contribuição deste fenômeno na formação do pensamento teórico pode contemplar, de forma sistematizada e mais aprofundada, elementos que permitam à criança se apropriar, cada vez mais, da história e de como veio se desenvolvendo o futebol, adquirindo conhecimentos de ordem filosófica, sociológica e política que se associem intencionalmente à própria prática da atividade. Ou seja, as estratégias do professor precisam imbricar estes elementos buscando destruir a dicotomia, ainda tão patente nas aulas de educação física, que divide a atividade em aulas/momentos teóricos e aulas/momentos práticos. Os momentos de vivência do futebol precisam ser entendidos não apenas como momentos onde se pratica, mas como momentos onde se aprende e onde se sabe o que se aprende, onde se problematiza o que se aprende. Precisamente por isso, cabe lembrar que para que a criança saiba o que está aprendendo, o professor tem que saber o que está ensinando.

Ao contrário do que ainda vemos em muitas formas de ensino do futebol onde a modalidade é “dividida” em suas “partes” através de exercícios estéreis que pouco ou nada tem a ver com o jogo em si, e depois “juntadas” em seu “todo” no fim do “treino” para que se faça o “coletivo”, o futebol enquanto conteúdo possui determinados comportamentos complexos culturalmente instituídos inerentes a si, que para que sejam ensinados não pressupõem divisão, por exemplo, de seus fundamentos. Ou seja, as ações inerentes à atividade futebol devem sempre ser pensadas em seus objetivos e em sua relação com o motivo da atividade, que se materializa no fenômeno como um todo, e não nas partes que o compõem. Cabe ao professor, desta maneira, empreender esforços neste sentido para que as ações possuam objetivos que sejam percebidos em sua relação com o motivo da atividade, de forma que possam ser convertidas em operações que efetivamente contribuam para a apropriação do futebol.

Neste processo, Oliveira (2018) sugere o recurso do uso dos três eixos que regulam a atividade esportiva – as regras, o instrumento e a organização da atividade – pois estes apresentam-se como instrumentos importantes para que o professor trabalhe o futebol, dando ênfase dentro deste conteúdo às ações necessárias para que os alunos, através das objetivações, possam, gradativamente, automatiza-las dentro da dinâmica do próprio jogo, transformando-as, ao fim do processo, em operações. Isto quer dizer que se estamos dando aula de futebol e em determinado momento queremos que nossos estudantes se apropriem mais do fundamento finalização, temos que pensar jogos e estratégias que privilegiem a apropriação deste fundamento sem retirá-lo da ideia e da dinâmica do jogo de futebol como um todo. Isso é completamente diferente da velha, recorrente e ineficaz estratégia de colocar nossos alunos em fila para chutar uma bola em direção ao gol. Quando muito, o que estas situações fragmentadas permitem é aprender a chutar bolas em condições muito específicas, como em situações onde a finalização pode ser executada com a bola de fato parada, como em uma penalidade ou em uma cobrança de falta direta.

Esta é uma via pela qual o professor, quando tratando o conteúdo futebol, pode utilizar para formar motivos para o estudo e para identificar entre os alunos, as possibilidades que surgem a partir de suas práticas e de seu cotidiano. Ao fazer uso dos três eixos que regulam a atividade esportiva (regras, instrumentos e organização da atividade esportiva) pode ampliar o conhecimento do futebol para muito além da prática de técnicas, podendo inclusive (e até devendo) partir dessa própria prática para apontar outros elementos que permeiam o esporte (como a violência, a homofobia, o machismo e o sexismo). Assim o professor pode cumprir com o papel de colocar seus alunos no enfrentamento de situações-problema que permitam expandir o universo do fenômeno sem se desvincular de seu ancoradouro material.

No terceiro ciclo, o da ampliação da sistematização do conhecimento, que vai do sexto ao nono ano, surge a possibilidade de se ampliar as sistematizações iniciadas anteriormente, indo além do cotidiano e formando em nossos alunos uma atitude científica perante a realidade, e, neste caso específico, perante ao futebol. Como predomina a comunicação íntima pessoal como a atividade guia neste momento, os jovens costumam formar suas relações a partir do “código de

companheirismo” (Elkonin, 1987). E é através dele que se formam os pontos de vista gerais sobre a vida, sobre o futuro, bem como as relações entre as pessoas, formando-se a autoconsciência como consciência social transladada no interior. Esta também é a fase dos ídolos, e neste quesito, pensamos ter o futebol um enorme impacto na vida dos adolescentes, pois atletas são frequentemente associados a heróis e tem sua vida fetichizada na mídia e nas redes sociais, seja em sua faceta pública (de atletas que são), seja em sua faceta privada (como pessoas).

Portanto, quando estamos falando deste ciclo de escolarização, cabe ao professor não somente trabalhar as características do seu grupo entendendo este código de companheirismo, mas também trazer para suas aulas referências de atletas que devam ser conhecidos não apenas pelos seus feitos competitivos, mas que também sirvam para problematizar quais contribuições estes sujeitos trazem para a sociedade de forma geral, ou como lutam (ou não) para as melhorias em suas próprias práticas esportivas de forma coletiva e/ou individual. Especialmente porque o professor pode não saber da conduta social de determinado atleta, mas no período em que vivemos, de redes sociais, influencers e seus consortes, seus alunos sem dúvida sabem.

Esta é uma possibilidade de superar, por incorporação, a cotidianidade esportiva que se apresenta para o adolescente. Ao se aproximar ou conhecer mais aqueles que são seus ídolos não pela forma espontânea e assistemática apresentada na mídia, mas de maneira intencional e organizada pelo professor, eles podem entrar em contato também com questões mais profundas e de grande importância que afetam a nossa sociedade, apreendendo mais elementos da realidade concreta que os permitam avançar em suas teorizações sobre a mesma. Ou seja, além de ampliar seu conhecimento sobre o futebol através do aprofundamento do conhecimento técnico e tático, tendo como referência a atuação de atletas que admiram, eles podem também melhor explicar e correlacionar os impactos desta modalidade esportiva na vida e na formação da própria identidade de milhões e milhões de brasileiros. Neste ciclo os estudantes já devem dominar os elementos necessários para organizar pequenos campeonatos, auto-organizados, construindo regras adequadas à demanda e as capacidades dos grupos adolescentes.

No quarto ciclo, o de aprofundamento da sistematização do conhecimento, há a viragem da atividade guia para a atividade profissional/de estudo que se volta também para a esfera intelectual-cognitiva. Nesta fase da vida do adolescente está se preparando para o futuro e para a sua entrada definitiva no mundo adulto. Ao adentrar a adolescência, o sujeito dispõe (ou pelo menos deve dispor) das ferramentas necessárias para atingir o máximo desenvolvimento do pensamento, o pensamento teórico. Nesta fase o futebol deve ser abordado não como somente um jogo, mas sim como o que ele efetivamente é na sociedade capitalista, um mercado de bilhões de dólares.

A frequente abordagem do futebol como prática irrefletida, recreativa ou mesmo de mera “atividade física”, quando existe, no ensino médio, não ajuda muito no processo de entendimento do que é, ou do tamanho do futebol no mundo do trabalho. Este pode ser, inclusive, um elemento a se problematizar de forma bem interessante em sala de aula, pois uma hipótese a ser levantada é que, mesmo entre os atletas profissionais, poucos sabem explicar o que é o futebol. Isto pode se

dever a alguns fatores, dentre eles a) a inserção desses sujeitos de forma extremamente prematura no mercado de trabalho do futebol, o que certamente atrapalha seus estudos e, b) a falta de relação entre o que se pode ensinar do futebol como conteúdo na escola, e aquilo que se exige, pelo mercado da bola, para desempenhar a função de atleta na forma de emprego. Acreditamos que estes são fatores que expressam de forma muito delineada as relações do futebol com a alienação do trabalho. No mundo do “pé de obra”, pouco se discute ou se fala do mundo do futebol de forma mais abrangente. Como exemplo disso podemos verificar que são raras as entrevistas com atletas de futebol onde se consiga abordar com essas pessoas temas que não sejam seu desempenho individual no jogo, lugares-comuns sobre o desempenho da equipe, e uma ou outra “resenha de vestiário”.

Espera-se que ao final desse ciclo, e portanto ao final de seu processo de escolarização básica, o aluno seja capaz de explicar o futebol não somente pelo jogo dentro de campo, pois esperamos que tenha desenvolvido seu pensamento tático e estratégico, mas também para além dele, entendendo as relações de exploração e exclusão que são a marca do futebol de alto rendimento no que diz respeito aos atletas, entendendo que o futebol, como legítima produção humana, expressa os interesses dos diferentes grupos sociais, assim como também as possibilidades acerca do futebol que não envolvem tornar-se atleta, afinal o mundo do trabalho em sua expressão no futebol demanda professores de educação física, técnicos, preparadores, médicos, jornalistas, fisioterapeutas, engenheiros e uma série de outras profissões que concorrem direta e indiretamente para a manutenção e crescimento deste mercado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão deste capítulo, reforçamos a defesa do ensino sistematizado do futebol na escola desde sua primeira etapa, que é a educação infantil, ensino este que ofereça aos estudantes condições de usufruírem desta atividade da cultura corporal brasileira nas suas máximas possibilidades para além da sua forma predominante, eivada de princípios e valores da atual forma social, degradante e mercadológica.

O ensino escolar deve ter o compromisso de elevar o padrão cultural do povo brasileiro, em especial nesta discussão, pois é fato que o futebol é indissociável da própria identidade de nossa gente. Demonstrar que é possível construir uma relação mais humana e saudável no trato com o futebol, como contraponto às tendências hegemônicas e oficiais que negam o conhecimento sistematizado, ou o tratam de forma inadequada (ou adequada, mas para atender interesses de mercado e de consumo alienado), era um dos objetivos da discussão aqui empreendida. Neste capítulo foram apresentadas questões relacionadas com o ensino do futebol que, longe de tentar resolver a questão, se propuseram a contribuir com um debate que entende a sua importância para a formação humana. Assim como também entende que a escola pública é o espaço privilegiado para apresentar este conhecimento de forma científica, sistematizada e gratuita para as crianças e jovens, em especial os filhos e filhas da classe trabalhadora.

REFERÊNCIAS

- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. (2018). *A proposta de BNCC do ensino médio: alguns pontos para o debate*. Nota ANPEd. 14 de maio de 2018. Recuperado de <http://www.anped.org.br/news/nota-anped-proposta-de-bncc-do-ensino-medio-alguns-pontos-para-o-debate>. Acesso em: 20 de maio de 2018.
- Bahia. (2020). *Documento curricular referencial da Bahia para educação infantil e ensino fundamental* (v. 1) / Secretaria da Educação do Estado da Bahia. – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020. 484 p.
- Bahia. (2022). *Documento Curricular Referencial da Bahia para o ensino médio* (v. 2) / Secretaria da Educação do Estado da Bahia. – Rio de Janeiro: FGV Editora. 563 p.
- Beltrão, J. A. (2019). *Novo ensino médio: o rebaixamento da formação, o avanço da privatização e a necessidade de alternativa pedagógica crítica na educação física*. 2019. 267 f. Tese (Doutorado em Educação) –Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Beltrão, J. A., Taffarel, C. N. Z., & Teixeira, D. R. (2020). A educação física no novo ensino médio: implicações e tendências promovidas pela reforma e pela BNCC. *Revista Práxis Educacional*, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 16, n. 43, p. 656-680, Edição Especial.
- Brasil. (2018a). MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular. Educação é Base – Ensino Médio*. MEC: Brasília, 2018a. Recuperado de http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf. Acesso em: 02 de fevereiro de 2019.
- Brasil. (2018b). Ministério da Educação. *Campos de experiências: efetivando direitos e aprendizagens na educação infantil*. São Paulo: Fundação Santillana.
- Coletivo de Autores (2009). *Metodologia do Ensino de Educação Física*. 2ª ed.rev.- São Paulo: Cortez.
- Elkonin, D. (1987). *Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia*. In: DAVIDOV, V; SHUARE, M. (Org.). *La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS* (antologia). Moscou: Progreso.
- Escobar, M. O. (2009). *Coletivo de Autores: a Cultura Corporal em questão*. In: Coletivo de Autores. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. 2ª ed.rev.- São Paulo: Cortez. p. 121-133.
- Freitas, L. C. (2012) Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério a destruição do sistema público de educação. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 119, p. 379-404, abr./jun.
- Freitas, L. C. (2018). *A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias*. São Paulo: Expressão Popular.
- Kosik, K. (1976). *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- Martins, L.M. (2013). *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica*. Campinas: Autores Associados.
- Marx, K. (2004) *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo.
- Melo, F. D. A. (2017). *O trato com o conhecimento da Educação Física escolar e o desenvolvimento do psiquismo: contribuições da teoria da atividade*. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador.
- Nascimento, C. P. (2014). *A atividade pedagógica da Educação Física: a proposição dos objetos de ensino e o desenvolvimento das atividades da Cultura Corporal*. 2014. 293 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Oliveira, M. M. (2018). *O trato com o conhecimento esporte na abordagem crítico-superadora*. 163 f. 2017. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- Ravitch, D. (2011). *National opportunity to learn summit*. Recuperado de https://www.wested.org/online_pubs/board/diane-ravitch-speech.pdf. Acesso em: 01 dez. 2016.
- Silva, C. F., Santana, L. S., & Santana, D. P. (2023). *O ensino do Futsal na escola: um relato de experiência da Residência Pedagógica*. [Manuscrito não publicado] [s.l.]: [s.n.].
- Taffarel, C., & Escobar, M. O. (2009). Cultura corporal e os dualismos necessários a ordem do capital. In: *Boletim Germinal-on-line*, n. 9.
- Teixeira, D. R. (2018). *Educação Física na pré-escola: contribuições da Abordagem Crítico-Superadora*. 2018. 159 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Recuperado de <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26748>. Acesso em: 04 jan. 2021.



O ENSINO E TREINO DO FUTEBOL POR MEIO DE JOGOS: REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Raul Victor Fernandes da Costa¹
Gabriel Vighini Garozzi¹
Rodrigo Azevedo Leitão²
Prospero Paoli^{3,4}
Otávio Guimarães Tavares da Silva⁵
Rodrigo Aquino¹

RESUMO

Este capítulo tem por objetivo discorrer sobre as bases epistemológicas que sustentam o ensino-treino do futebol, considerando o nosso posicionamento teórico, além de mostrar os principais efeitos agudos e crônicos da manipulação de diferentes constrangimentos em tarefas baseadas em jogos sobre o desempenho físico, técnico-tático e na dinâmica de ocupação dos espaços. A seleção adequada dos constrangimentos da tarefa é uma decisão crucial do treinador, visto que essa escolha influenciará diretamente as ações dos jogadores e suas respostas tático-técnicas e físico-fisiológicas. Portanto, o entendimento dos efeitos agudos e crônicos da manipulação de diferentes constrangimentos da tarefa, levando em consideração as características individuais dos jogadores e as demandas específicas do jogo, é essencial para maximizar os benefícios dessas atividades de ensino e treinamento.

ENSEÑAR Y ENTRENAR EL FÚTBOL A TRAVÉS DEL JUEGO: REFLEXIONES EPISTEMOLÓGICAS Y PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS

RESUMEN

Este capítulo tiene como objetivo discutir las bases epistemológicas que sustentan la enseñanza-formación del fútbol, considerando nuestro posicionamiento teórico, además de mostrar los principales efectos agudos y crónicos de la manipulación de diferentes limitaciones en tareas basadas en el juego sobre el rendimiento físico, técnico-tático y en el dinámica de la ocupación del espacio. La selección adecuada de las restricciones y limitaciones de las tareas es una decisión crucial para el entrenador, ya que esta elección influirá directamente en los

¹ Grupo de Estudo e Pesquisas em Ciências no Futebol (GECIF), LabSport, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, Brasil.

² CBF Academy, Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

³ Sport Clube Corinthians Paulista, São Paulo/SP, Brasil.

⁴ Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG, Brasil.

⁵ Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, Brasil.

ajustes de comportamiento de los jugadores y en sus respuestas táctico-técnicas y físico-fisiológicas. Por lo tanto, una selección cuidadosa de las limitaciones de las tareas, teniendo en cuenta las características individuales de los jugadores y las demandas específicas del juego, es esencial para maximizar los beneficios de estas actividades de entrenamiento.

TEACHING AND TRAINING FOOTBALL THROUGH GAMES: EPISTEMOLOGICAL REFLECTIONS AND PEDAGOGICAL PRACTICES

ABSTRACT

This chapter aims to discuss the epistemological bases that support soccer teaching-training, considering our theoretical positioning, in addition to showing the main acute and chronic effects of manipulating different constraints in game-based tasks on physical, technical-tactical performance and space occupation dynamics. The appropriate selection of task restrictions and constraints is a crucial decision for the coach, as this choice will directly influence the players' actions adjustments and their tactical-technical and physical-physiological responses. Therefore, careful selection of task constraints, taking into account individual player characteristics and specific game demands, is essential to maximize the benefits of these training activities.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer ao Programa Academia & Futebol da Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor do Ministério do Esporte do Brasil pelo apoio por meio de bolsas de pesquisa ao primeiro e último autor deste Capítulo. Também agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior - CAPES (código de financiamento 001).

INTRODUÇÃO

No contexto do ensino e treino do futebol, a compreensão das bases epistemológicas faz-se relevante para fundamentar as abordagens pedagógicas e metodológicas utilizadas no campo científico e prático. Bettega et al. (2021) destacam que é fundamental ao treinador o conhecimento das bases epistemológicas que norteiam sua atuação, de forma que suas ações possam se estabelecer a partir de intenções claras e coerentes. Abordagens e modelos são desenvolvidos para otimizar os processos de ensino e treino das habilidades que envolvem a tática e a técnica do jogo (Galatti, Reverdito, Scaglia, Paes & Seoane, 2014; Silva, Leonardo & Scaglia, 2021).

A literatura descreve a técnica esportiva como gestos motores relacionados ao “como fazer”, o “modo de fazer” e o saber “fazer o fazer”, enfatizando que estes gestos possuem três características fundamentais: eficiência (saber “como fazer”), eficácia (conseguir atingir o objetivo estabelecido pela finalidade da ação) e adaptação (aptidão para se ajustar a diferentes cenários do jogo), num processo de percepção-ação-decisão (Bayer, 1994; Garganta, 2009b). Quanto à tática, esta é descrita como a capacidade de gestão do tempo e espaço para resolver os problemas do jogo, estando relacionada ao “o que fazer”, “porque fazer” e “onde fazer”, e ainda às “razões do fazer” (Aquino & Menezes, 2022; Garganta, 2009).

Uma vez que, na prática do futebol, existe a forte associação e integração dos aspectos emocionais, técnicos, táticos e físicos do jogo (Leitão, 2009), o

ensino da modalidade constitui-se como um desafio não só aos jogadores, como também aos treinadores. Neste ínterim, diversas propostas de ensino emergem, podendo ser classificadas como tradicionais, partindo de princípios pedagógicos tradicionais, com destaque para o analítico-sintético, e modelos contemporâneos, pautados no ensino baseado no jogo, como o TGFU (*Teaching Games for Understanding*), o Sport Education, a Pedagogia Não-Linear, a Pedagogia do Jogo, a Periodização Complexa de Jogo e o Constraint Led Approach (Chow et al., 2006; Graça & Mesquita, 2007; Costa, Greco, Mesquita, Graça & Garganta, 2010; Leitão, 2009).

Nesse contexto, este capítulo tem por objetivo discorrer sobre as bases epistemológicas que sustentam o ensino-treino do futebol, considerando o nosso posicionamento teórico, além de mostrar os principais efeitos agudos e crônicos da manipulação de diferentes constrangimentos em tarefas baseadas em jogos sobre o desempenho físico, técnico-tático e na dinâmica de ocupação dos espaços.

Teorias do conhecimento e sua relação com o ensino-treino do futebol

As teorias do conhecimento desempenham um papel fundamental no ensino do futebol, visto que influenciam a forma como os treinadores abordam a prática esportiva, organizam os conteúdos e realizam a mediação do conhecimento no treino (Bettega et al., 2021). Nesse contexto, destacam-se o inatismo, o empirismo e o interacionismo (Aquino & Menezes, 2022).

O inatismo, influenciado pela corrente filosófica racionalista, destaca-se por sua abordagem naturalista e tradicional. Essa teoria, associada a pensadores como René Descartes, pressupõe que o conhecimento é inato e de origem divina (Dutra, 2000; Silva et al., 2021). No contexto do ensino do futebol, o inatismo enfatiza a intuição e a dedução como meios fundamentais de adquirir conhecimento. Nessa perspectiva, o jogador já nasce com uma capacidade biológica específica para o desempenho de uma determinada capacidade ou habilidade.

O principal papel do treinador está na “detecção” dos jogadores talentosos, deixando com que “naturalmente” se desenvolvam, sem que fatores externos atrapalhem seu sucesso. Ou seja, o processo de ensino e treino se torna secundário. O dom natural se torna mais importante do que práticas eficazes para promover o desenvolvimento do jogador. Essa visão de mundo traz consequências negativas para o processo de formação do jogador, como considerar apenas os “melhores” e rejeitar os “menos bons”, incluindo vieses no processo de seleção (por exemplo, classificar como melhores jogadores com maior idade biológica – efeito da idade relativa) (Garganta, 2009a).

Em contrapartida, o empirismo, cujo principal expoente é John Locke, adota uma posição oposta ao inatismo. Essa teoria defende que o conhecimento é adquirido por meio da experiência e do contato com o ambiente externo (Aquino & Menezes, 2022; Silva et al., 2021). No ensino do futebol, o empirismo enfatiza a importância dos estímulos provenientes do meio ambiente, com ênfase na observação e imitação. Nessa abordagem, o treinador desempenha um papel central ao transmitir conteúdos específicos e moldar comportamentos. Essa teoria do conhecimento sustenta uma visão de que o treinador é o detentor dos conhecimentos e

que o jogador apenas recebe este conhecimento. O processo de ensino e treino se torna essencial para o desenvolvimento do jogador, diferentemente do inatismo. Contudo, o jogador assume um papel secundário e o treinador primário. Como consequência, o processo de ensino e treino é centralizado no treinador e pautado na mecanização e automatização de comportamentos, padronizados de acordo com um referencial externo. Essa visão traz consigo um processo que valoriza a técnica pela técnica, descontextualizada do jogo. As relações treinador-jogador são unidirecionais.

Já a teoria do conhecimento interacionista propõe uma perspectiva abrangente e dinâmica. Supera a dicotomia entre a produção e a transmissão do conhecimento, considerando-o como resultado da interação entre sujeito e objeto, treinador e jogador (Aquino & Menezes, 2022; Dutra, 2000; Moraes, 1997). No ensino e treino do futebol, o interacionismo valoriza o conhecimento como um processo sistêmico, pessoal e em constante evolução. Nessa teoria, são incorporados princípios de correntes como o humanismo, cognitivismo, construtivismo, sociocultural e sistêmico, que ressaltam a importância do jogador como protagonista do seu próprio processo de aprendizagem. A interação entre o jogador, o treinador, os colegas de equipe e o contexto do jogo desempenha um papel crucial na formação do conhecimento do jogador. Portanto, se valoriza a relação mútua treinador-jogador-ambiente, de modo que as propostas baseadas no jogo se revelam como centrais no processo de ensino e treino. As abordagens baseadas no jogo, alinhadas ao interacionismo, reconhecem a interdependência entre técnica e tática, considerando o jogo como um contexto fundamental para o aprendizado do jogador (Aquino & Menezes, 2022; Bettega et al., 2021).

Contudo, é importante discutir e apresentar as diferentes abordagens de ensino e treino do futebol, elucidando suas contribuições para o processo de desenvolvimento do jogador.

Abordagens pedagógicas de ensino-treino no futebol

Diversas abordagens pedagógicas têm sido propostas visando aprimorar o processo de aprendizagem e de desenvolvimento dos jogadores. Por meio dessa análise, busca-se compreender as bases teóricas e práticas dessas abordagens, bem como seu impacto no ensino e treino do futebol (Galatti et al., 2014).

A abordagem tradicional, ou naturalista, no ensino e treino do futebol foca a imitação de modelos e a prática repetitiva de habilidades técnicas e táticas. Essa abordagem se baseia na ideia de que a aprendizagem ocorre principalmente por meio da observação e experiência prática de gestos específicos do jogo. Apesar de ser criticada por sua falta de enfoque no desenvolvimento cognitivo e na compreensão estratégica do jogo, essa abordagem ainda é amplamente utilizada em muitos programas de treinamento (Sannicandro, 2022), sustentada sobretudo em uma epistemologia inatista.

A abordagem comportamental no contexto do futebol se baseia na teoria comportamentalista da aprendizagem, que destaca o condicionamento e a modificação do comportamento por meio de reforços e punições. Nessa perspectiva, o treinador assume um papel central, fornecendo instruções claras e feedback

imediatamente para moldar o comportamento dos jogadores (Hallé Petiot, Aquino, Silva, Barreira & Raab, 2021). Essa abordagem possui fragilidades por sua falta de consideração da individualidade dos jogadores e pelo seu foco restrito em aspectos comportamentais.

A abordagem humanista no ensino e treino do futebol coloca o jogador no centro do processo de aprendizagem. Ela enfatiza o desenvolvimento pessoal, a autonomia e o respeito às necessidades individuais dos jogadores. Nessa abordagem, o treinador assume o papel de facilitador, incentivando a autoexpressão e a autodeterminação dos jogadores. A abordagem humanista busca promover o crescimento holístico dos jogadores, considerando não apenas seu desempenho técnico, mas também aspectos emocionais e sociais (Falcão, Bloom & Sabiston, 2020). No entanto, ainda se observa a prevalência do jogo pelo jogo, com foco no prazer pela prática, favorecendo o ambiente de jogo em detrimento ao ambiente de aprendizagem.

A abordagem cognitivista no ensino e treino do futebol aponta a importância dos processos mentais, como a percepção, a atenção, a memória e o pensamento estratégico. Essa abordagem busca desenvolver a tomada de decisão rápida e precisa dos jogadores, bem como sua compreensão tática do jogo. Nesse cenário, o treinador desempenha um papel ativo no fornecimento de informações relevantes e no estímulo ao raciocínio dos jogadores (Gréhaigne & Godbout, 1995).

A abordagem construtivista no contexto do futebol parte do pressuposto de que o conhecimento é construído ativamente pelo jogador. Ela enfatiza a interação entre o jogador e o ambiente de jogo, incentivando a exploração e a experimentação. Nessa abordagem, o treinador atua como um mediador, criando desafios e oportunidades de aprendizagem que estimulem a construção do conhecimento pelos jogadores. A abordagem construtivista valoriza a criatividade e a resolução de problemas por parte dos jogadores (Hallé Petiot et al., 2021).

A abordagem sociocultural, pautada nas ideias de Paulo Freire, defende o jogador na condição de sujeito crítico, ressaltando o papel emancipatório do sujeito, retirando o treinador do papel autoritário do que o próprio Freire chama de “educador bancário”. Nesse sentido, tanto o jogador quanto o treinador se tornam reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, sendo o treino um dos, se não o principal cenário da resolução dos problemas e situações específicas do jogo e, por isso, um cenário de aprendizagem tanto para o jogador como para o treinador (Bettega et al., 2021).

Por fim, a abordagem ecológica, ou ecológica-complexa, considera, no ensino e treino do futebol, o jogador e o ambiente de jogo como um sistema dinâmico e complexo. Ela busca compreender as interações entre os elementos do sistema, como jogadores, treinadores, colegas de equipe e o contexto competitivo. Essa abordagem evidencia a necessidade de adaptação e flexibilidade por parte dos jogadores, visando aperfeiçoar sua capacidade de lidar com a complexidade do jogo. Ou seja, os jogadores buscam informações do contexto para gerenciar e organizar suas ações a essas percepções, buscando coordenação e sinergia para que, em cada momento, obtenham algum tipo de vantagem competitiva (Bettega et al., 2021; Silva et al., 2021).

Estas abordagens de ensino e treino do futebol apresentam diferentes perspectivas teóricas e práticas, refletindo a diversidade de concepções sobre como os jogadores aprendem e se desenvolvem. Ainda, conforme Bettega et al. (2021), com o crescente preenchimento dos calendários esportivos e a redução no tempo de preparação e recuperação dos atletas, é importante uma abordagem de ensino que propicie a autonomia, liberdade, criatividade, emancipação e o senso crítico do indivíduo perante seu contexto social. Nesse contexto, destacamos a abordagem ecológica, visto sua grande compreensão da interação de fatores ambientais e individuais como fundamental para o processo de desenvolvimento das capacidades de habilidades inerentes ao jogo, possibilitando assim, a elaboração de desafios ajustados, que proporcionem uma participação mais ativa dos jogadores no seu próprio processo de aprendizagem.

Portanto, compreender as diferentes propostas de modelos de ensino e treino pautadas em diferentes abordagens pedagógicas torna-se necessário para que o treinador entenda sua missão no processo de desenvolvimento do jogador.

Modelos de ensino-treino no futebol

A partir das diversas abordagens pedagógicas e teorias do conhecimento, emergem diversos modelos de ensino e treino do futebol. Com o aprofundamento acerca destas abordagens, entende-se que estes modelos devem contemplar não só as habilidades técnico-táticas e capacidades físicas do jogador, mas também dar coerência construtiva as ações e interações dos jogadores, de forma que estes estejam integrados às demais dimensões do jogo enquanto uma dinâmica coletiva (Casarin, Reverdito, Greboggy, Afonso & Scaglia, 2011). Essas dinâmicas podem ser organizadas, dentro do jogo, de acordo com seus princípios operacionais (Bayer, 1994), que por sua vez estão divididos em princípios de ataque: a) conservação individual e coletiva da bola; b) progressão da equipe e da bola em direção ao alvo adversário; e c) finalização da jogada ao alvo visando obtenção do gol (ou ponto); e princípios de defesa: a) recuperação da bola; b) impedir progressão da bola e da equipe adversária em direção ao alvo; e c) proteção do alvo para impedir a finalização da equipe adversária. Leitão (2009) também define princípios operacionais de transição ofensiva e defensiva, sendo três deles de transição ofensiva: a) retirar a bola da zona de pressão; b) verticalizar o jogo ao ataque de forma apoiada (b1) ou de forma direta, lançada (b2); e c) afastar a bola do alvo de defesa; e três de transição defensiva: a) pressionar a bola a partir da região da perda; b) recompor atrás da linha da bola, ou de alguma referência posicional estabelecida; e c) interromper sequência ofensiva adversária com falta.

Com base nisso, os modelos de ensino buscam organizar conteúdos, como um padrão organizacional de acordo com suas características fundamentais, de modo a desenvolver a competência tática dos jogadores/alunos e das equipes, a partir de três conjuntos de capacidades relacionadas à tomada de decisão, à eficácia motora e às capacidades de comunicação e cooperação (Quina & Graça, 2011; Scaglia, Reverdito, Leonardo & Lizana, 2013).

Nesse ínterim, modelos de ensino e treino do futebol baseados em jogos emergem então como um meio bastante eficaz e com forte suporte da literatura quanto à sua eficácia pedagógica (Aquino et al., 2015; Casarin et al., 2011; Sarmento et

al., 2018). Ainda que o jogo, dentro da modalidade futebol, seja expresso por sua natureza aberta e uma grande possibilidade de ações, os modelos de treinamento a partir de jogos devem criar contextos específicos, desafiadores e de complexidade adequada ao objetivo pela relação jogador-treinador-ambiente para cada momento de ensino-aprendizagem-treinamento (Bettega et al., 2021; Quina & Graça, 2011; Scaglia, 2017). Por exemplo, a manipulação de determinadas características do jogo (por exemplo, dimensão da área de jogo, número de jogadores) influenciam nas demandas físicas e fisiológicas dos jogadores (Clemente et al., 2019; Halouani et al., 2019; HILL-HAAS et al., 2011; Ometto et al., 2018; Santos et al., 2021) bem como na orientação espacial e na eficácia técnica (Clemente et al., 2023; Clemente et al., 2020; Sarmiento et al., 2018).

Nessa perspectiva e, conforme Scaglia, Reverdito, Leonardo e Lizana (2013), pretende-se com a implementação de um certo padrão organizacional que, a partir das interações do jogador com estes jogos sejam produzidos componentes (emergências) continuamente diferentes, porém sem que ocorra a descaracterização do sistema, partindo do cumprimento da lógica do jogo (marcar pontos e não sofrer pontos). Há também um conjunto de invariantes que irão caracterizar as ações dentro destes padrões (Bayer, 1994): 1) bola; 2) espaço de jogo; 3) companheiros de equipe; 4) adversários; 5) alvos (para atacar e defender); e 6) regras específicas.

Estas composições corroboram para uma organização destes jogos em matrizes, visando contemplar um currículo de formação/instrução, a partir de competências gerais, específicas e contextuais. Aquino e Machado (2022), com base nas produções de Leitão (2009) e Scaglia et al. (2013) adaptam uma classificação destas matrizes em cinco níveis, os quais seriam: 1) Jogos fundamentais; 2) Jogos conceituais; 3) Jogos específicos; 4) Jogos contextuais; e 5) Jogos oficiais.

Os jogos fundamentais são aqueles voltados a estimular e desenvolver o indivíduo e sua percepção de si dentro do jogo (relação eu-bola-companheiro, eu-bola-alvo), para melhoria da eficiência e eficácia de seus gestos técnico-táticos com e sem a bola. Os jogos fundamentais, mais comumente terão configurações com menor número de indivíduos ativos na atividade, sendo apresentados como atividades individuais (ação de um jogador) e/ou de grupo (ações de dois até quatro jogadores). Importante que, antes de sua intencionalidade e da ênfase no polimento da execução de gestos técnicos, estas atividades devem ser desenvolvidas e contextualizadas como jogo.

Os jogos conceituais são caracterizados pela intenção clara de ensinar e desenvolver conceitos, ideias, princípios e regras de ação do jogo, diante de uma ampla variedade de situações desafiadoras que estão diretamente relacionadas ao que se deseja aprimorar e ensinar. Contudo, sob a perspectiva das funções e tarefas, estas não estão especializadas para cada posição de jogo. Dentro dessa matriz de jogo, os treinadores têm a capacidade de manipular tanto os elementos essenciais do jogo quanto os princípios operacionais de ataque, defesa e transições, com o objetivo de estimular os jogadores a vivenciarem uma diversidade de desafios táticos, envolvendo a manutenção da posse de bola, a progressão em direção ao alvo, a finalização, a recuperação da posse de bola, a preocupação em impedir o avanço da equipe adversária e a proteção ao alvo. O jogo conceitual se

apresenta principalmente como uma atividade em grupo (ação de dois até quatro jogadores) e em equipe (ações a partir de cinco jogadores).

São classificados jogos específicos aqueles cujo objetivo é transferir, desenvolver e aperfeiçoar os conteúdos trabalhados nos jogos conceituais, dentro de um contexto muito próximo do jogo formal e, essencialmente, com a especificidade de funções e tarefas especializadas de acordo com a posição de jogo de cada jogador. As principais manipulações nos jogos que compõem esta matriz estão relacionadas aos princípios operacionais (ataque, defesa e transições) e regras de ação. É também possível que sejam manipuladas outras invariantes do jogo formal, como a área de jogo e o número de jogadores, embora seja menos frequente. Leitão (2009) ainda considera uma subdivisão desta matriz, a qual denomina *Jogos de Situação*, onde o início do jogo é manipulado pelo treinador, de forma que possa se exercitar o comportamento específico da equipe em situações pontuais do jogo (por exemplo, a jogada sempre começa de um ponto específico do campo de jogo ou a partir de uma jogada de bola parada). Os jogos específicos são, fundamentalmente, atividades de equipe.

Os jogos contextuais consideram as características específicas do adversário, buscando gerar desafios específicos para os jogadores combinando os conceitos, ideias e regras de ação do jogo com fortalezas e fraquezas específicas de um confronto específico, a partir, principalmente, da manipulação dos princípios operacionais (ataque, defesa e transições), além de regras de ação, considerando as características de jogo do próximo adversário. A grande diferença desta matriz para o jogo específico está na relação da atividade com uma estratégia específica de jogo, elaborada conforme o próximo confronto, que é o “contexto” que dá nome à matriz. Os jogos contextuais são em sua maioria apresentados como atividades de equipe.

Por sua vez, o jogo oficial, é o jogo que guarda relação direta com o jogo formal, a competição, levando em consideração especificidades de cada faixa etária. Resumidamente, são as partidas oficiais e jogos amistosos.

Uma das principais características que permitem a diferenciação de um jogo em detrimento de outro está centrada na intencionalidade do treinador e sua interação com a atividade aplicada. Por exemplo, um determinado jogo pode ser utilizado tanto como jogo fundamental (nesse caso, a intervenção do treinador estará voltada para a estimulação do gesto técnico-tático) como jogo conceitual (a intervenção, então, estará voltada para conceitos táticos). Da mesma forma, um mesmo jogo poderá ser considerado como jogo contextual ou como jogo específico, dependendo de como o treinador configura as oposições impostas na atividade em relação a um próximo adversário ou contexto específico.

Algumas destas matrizes, mais especificamente os jogos fundamentais, jogos conceituais e jogos específicos, também serão categorizados e abordados na literatura sob a terminologia “jogos reduzidos” (ou jogos reduzidos condicionados) (Aquino & Machado, 2022). Por sua vez, os chamados jogos reduzidos compõem um meio de ensino-aprendizagem-treinamento de diversas situações contextualizadas dos princípios operacionais do jogo, através das quais são impostas restrições ou limitações aos jogadores durante a execução destas atividades. A

literatura classifica estas manipulações como constrangimentos da tarefa, dividindo-os em três grandes categorias: restrições do indivíduo; do ambiente; e da afontarefa (Davids, Araujo, Shuttleworth & Button, 2003; Newell, 1986). A manipulação destes constrangimentos permite não só uma melhor gestão do tempo de treinamento, como auxiliam na manutenção da essência e especificidade do jogo formal (Clemente, Afonso & Sarmiento, 2021; Halouani, Chtourou, Dellal, Chaouachi & Chamari, 2017; Hill-Haas, Dawson, Impellizeri & Coutts, 2011; Silva, 2017).

As restrições do indivíduo estão relacionadas às suas características individuais, como a posição de jogo específica do atleta, características físicas (por exemplo, nível de aptidão física) e psicológicas (por exemplo, motivação). Além disso, também compõe esse grupo de restrições características como idade cronológica e nível de experiência, visto que indivíduos com mais *expertise* tendem a buscar respostas mais precisas e mais rápidas aos diferentes contextos apresentados durante o jogo (Almeida, Ferreira & Volossovitch, 2012; Aquino & Machado, 2022).

Quanto às restrições do ambiente, estes estão atrelados a fatores físicos e sociais e, por tal, são aqueles de maior dificuldade de manipulação dentro do cenário de ensino-aprendizagem-treinamento. A temperatura, situação climática (por exemplo, chuva e umidade relativa do ar), altitude e o tipo de terreno de jogo são exemplos deste tipo de constrangimento (Aquino & Machado, 2022; Silva, 2017). Alguns autores também classificam interações sociais como parte deste grupo de restrições, como expectativas sociais, pressão ou apoio familiar e/ou do treinador e a relação do indivíduo com o local da realização de um jogo ou competição específico (por exemplo, disputar um campeonato mundial em seu país natal) são contextos que podem influenciar o rendimento esportivo do jogador (Araujo, 2009; Baldi, 2014; Silva, 2017).

Por fim, às restrições da tarefa são aquelas mais específicas à atividade, contemplando a manipulação das regras específicas do jogo. Estas restrições dizem respeito, dentre outras, à manipulação de regras específicas do jogo, ao uso (ou não) de equipamentos, às regras de pontuação, equilíbrio numérico (vantagem, desvantagem e igualdade numérica), tamanho do campo, restrição do número de toques na bola, duração do jogo e instruções do treinador (Aquino & Menezes, 2022; Baldi, 2014; Clemente et al., 2021; Silva, 2017). A configuração ou formato dos jogos também é um importante constrangimento, podendo o jogo ser classificado (sem considerar o goleiro) em quatro formatos: extremos (1 vs. 1), pequenos (2 vs. 2 até 4 vs. 4), médios (5 vs. 5 até 8 vs. 8) e grandes (9 vs. 9 até 11 vs. 11) (Owen, Wong, Paul & Dellal, 2014). Embora as restrições do indivíduo e do ambiente influenciem diretamente a resposta dos jogadores, é nos constrangimentos da tarefa que o treinador possui maior possibilidade de manipulação (Newell, 1986).

A manipulação destes constrangimentos vem sendo objeto de diversas investigações científicas, sendo que os resultados apontam que a manipulação de determinados constrangimentos favorecem cenários e situações específicas, que induzem o jogador/aluno a adaptações específicas a um novo contexto, seja a

partir dos aspectos físico-fisiológicos (Asian-Clemente, Rabano-Muñoz, Muñoz, Franco & Suarez-Arrones, 2021; Bujalance-Moreno, Latorre-Román & García-Pinillos, 2019; Clemente et al., 2023; Clemente et al., 2019; Santos et al., 2021), como dos aspectos técnico-táticos (Clemente et al., 2020; Clemente et al., 2021; Fernández-Espínola, Robles & Fuentes-Guerra, 2020; Sarmento et al., 2018; Chaves & Silva, 2019). Portanto, é importante compreender como a manipulação desses constrangimentos de forma aguda (sessões isoladas) ou crônica (programas de treinamento) influenciam no desempenho físico e técnico-tático.

Efeitos agudos do treinamento baseado em jogos

As respostas físicas, fisiológicas, técnicas e táticas podem sofrer diversas influências da manipulação de diferentes restrições da tarefa, do indivíduo e do ambiente, conforme os dados expressos na Tabela 1.

Tabela 1. Efeitos agudos de treinos baseados em jogos no futebol.

Restrição	Carga Interna	Carga Externa	Comportamento Tático	Ações Técnicas
Formato (número de jogadores)	Achados consistentes revelando aumento das medidas de carga interna em formatos menores	Achados inconsistentes revelando aumento da carga externa em formatos menores	Achados inconsistentes revelando aumento no alcance das ações táticas em formatos maiores <hr/> Achados consistentes revelando maior compactação dos defensores em jogos em desvantagem numérica.	Achados consistentes revelando aumentos na frequência de ações técnicas em formatos menores
Dimensão do Campo	Achados consistentes revelando aumento das medidas de carga interna em campos maiores	Achados consistentes revelando aumento das medidas de carga externa em campos maiores	Achados consistentes revelando aumento no espaço entre companheiros e exploração espacial em campos maiores.	Achados consistentes revelando aumentos na frequência de ações técnicas em campos menores
Método de Pontuação	Achados consistentes suportando a ideia de que o uso de goleiros reduz a carga interna	Achados consistentes apoiando a ideia de que o uso de goleiros reduz a carga externa.	Achados inconsistentes revelando que um maior número de alvos aumentará a distância entre companheiros e o tempo nos corredores laterais	Achados consistentes revelando aumento de passes durante jogos de posse de bola

Restrição	Carga Interna	Carga Externa	Comportamento Tático	Ações Técnicas
Restrição de Ação	Achados consistentes revelando aumento das medidas de carga interna promovidos pela limitação do número de toques na bola	Achados inconsistentes sobre efeitos da limitação de toques na bola sobre a carga externa	Nenhuma evidência encontrada	Achados consistentes revelando aumento de ações técnicas bem-sucedidas durante jogos livres
Missão Tática /Estratégica	Achados consistentes sugerindo a intensificação da carga interna ao uso de marcação homem-a-homem Achados consistentes revelando que o encorajamento verbal aumenta a carga interna durante os jogos	Achados inconsistentes sobre efeitos do tipo de marcação sobre a carga externa	Achados consistentes revelando efeitos de instruções verbais específicas (ex.: defensivas ou ofensivas) na compactação e espalhamento dos jogadores	Achados consistentes revelando efeitos de instruções verbais específicas (ex.: defensivas ou ofensivas) sobre as ações técnicas realizadas
Regime de Treinamento	Achados inconsistentes sobre os efeitos de regimes contínuos e intermitentes sobre a carga interna.	Achados consistentes sugerindo a intensificação da carga externa em regimes intermitentes Achados consistentes sugerindo a intensificação da carga externa em pequenos turnos comparando a longos turnos.	Nenhuma evidência encontrada	Achados inconsistentes acerca dos efeitos da duração dos rounds sobre as ações técnicas
Fatores Contextuais	Nenhuma evidência encontrada	Achados consistentes revelando que melhor nível competitivo aumenta a carga externa durante os jogos.	Achados consistentes apoiando a ideia de que jogadores mais experientes performam melhores comportamentos táticos durante os jogos e exploram mais o campo.	Achados consistentes revelando que a fadiga mental gera queda no aproveitamento das ações técnicas

Nota 1. Adaptado de Clemente, Afonso e Sarmento, 2021.

Nota 2. Consistente: consenso das revisões em apresentar uma determinada tendência; Inconsistente: não consenso das revisões ou achados equívocos relatados pelas revisões quanto à tendência das evidências.

Conforme proposto por Karl Newell, a compreensão destas restrições pode ser utilizada como base teórica para entender o movimento humano, que nesse caso é expresso através das ações de jogo (Newell, 1986). Se um determinado constrangimento é alterado, as ações de jogo correspondentes também sofrerão alterações (Aquino & Machado, 2022).

Considerando as respostas físico-fisiológicas, diversos estudos mostraram importantes alterações nas respostas de jogadores de acordo com a manipulação de diversas restrições. As medidas mais comumente avaliadas por estes estudos estão distribuídas entre as de carga interna – frequência cardíaca (FC), percepção subjetiva de esforço (PSE) pós exercício e concentração de lactato sanguíneo – e de carga externa – com maior recorrência, as distâncias percorridas por cada jogador ou grupo de jogadores em diferentes faixas de velocidade (Clemente et al., 2021).

Os principais estudos sobre os efeitos agudos do treinamento baseado em jogos sobre as respostas de carga interna demonstram que a manipulação de diferentes constrangimentos parece atuar de forma independente, promovendo significativas alterações nas respostas obtidas. Jogos com menor quantidade de jogadores (1 vs. 1 até 4 vs. 4) estão associados a um aumento nas demandas fisiológicas, ocasionando o aumento da FC, das concentrações de lactato e da PSE, quando comparados a jogos de maiores configurações (a partir de 5 vs. 5), independente da faixa etária dos jogadores (Sarmiento et al., 2018). Estudos com atletas profissionais de futebol demonstraram que em jogos de 1 vs. 1 os valores de FC obtidos foram aproximadamente 90% da FC_{máx}, enquanto em jogos médios (5 vs. 5 até 8 vs. 8) estes valores caem para próximo de 85% da FC_{máx}, com uma queda progressiva para 81% da FC_{máx} em jogos de 9 vs. 9 até 11 vs. 11 (Dellal et al., 2012; Hill-Haas et al., 2011; Little & Williams, 2007).

Quando considerados os resultados de carga externa, jogos com a combinação de um baixo número de jogadores (2 vs. 2 até 4 vs. 4) e área relativa menor que 100 m² por jogador estimulam maiores quantidade de acelerações e desacelerações (Lacome, Simpson, Cholley, Lambert & Buchheit, 2018). Em contrapartida, estudos com áreas relativas maiores que 100 m² por jogador e maior número de jogadores (por exemplo, 9 vs. 9 até 11 vs. 11) demonstram maiores valores de distância total percorrida, distância total percorrida em alta velocidade (geralmente, acima de 19,8 km/h) e quantidade de sprints (geralmente acima de 25,2 km/h) em comparação com configurações menores e média (Owen et al., 2014). Ainda, resultados indicam que a presença de “apoios” e “coringas” tende a diminuir a intensidade do jogo para os jogadores e o jogador “apoio” tende a percorrer menores distâncias em comparação aos demais jogadores (Hill-Haas et al., 2011), sendo esta estratégia uma boa alternativa de mediação da intensidade da atividade para a reinclusão de atletas em retorno de lesão (Aquino & Machado, 2022).

Considerando as ações técnicas, pequenos formatos (2 vs. 2 até 4 vs. 4) estão associados a um maior número de ações técnicas realizadas (por exemplo, passes, recepções, dribles e finalizações) do que formatos médios e grandes (a partir de 5 vs. 5). Quanto à área relativa por jogador, áreas menores que 100 m² por jogador tendem a aumentar de forma significativa a quantidade de ações técnicas. Todavia, estudos demonstram que áreas maiores que 100 m² por jogador e formatos médio-grandes (7 vs. 7 até 11 vs. 11) tendem a facilitar a manutenção da posse

de bola (Clemente et al., 2020). Estudos demonstram ainda que, para determinadas ações técnicas específicas como passes longos (com distâncias maiores de 30 metros), cruzamentos, cabeceio e finalizações de longa distância é necessário que sejam utilizadas maiores áreas de jogo – por exemplo, acima de 150 m² por jogador (Aquino & Machado, 2022). O uso de jogadores “apoio” está relacionado ao aumento da eficácia das ações técnicas, apesar de uma redução da frequência de algumas ações técnicas ofensivas (por exemplo, dribles), e à uma menor frequência de ações defensivas (Sanchez-Sanchez et al., 2017; Torrents et al., 2016).

Outra restrição que influencia as ações técnicas dos jogadores é a relação comprimento-largura do campo de jogo. Campos menores em comprimento estão relacionados a mais ações de finalizações, uma vez que os alvos (gols) estão mais próximos, enquanto campos mais longos em comprimento estão mais comumente associados à posse de bola, uma vez que é necessária uma maior preparação de uma situação de finalização bem-sucedida (Folgado, Bravo, Pereira & Sampaio, 2019). Segundo et al. (2021) complementam ainda que, formatos retangulares (maior largura ou maior comprimento) favorecem a realização de passes longos em detrimento de formatos quadrados (mesmas medidas de largura e comprimento).

Quanto ao aspecto tático, estudos de revisão sistemática demonstram que a manipulação do formato do jogo (número de jogadores) e da área do jogo impactam diretamente sobre as ações dos jogadores durante os jogos (Clemente et al., 2023; Clemente et al., 2021). Formatos extremos e pequenos (1 vs. 1 até 4 vs. 4) estão associados ao aumento de ações táticas individuais (por exemplo, princípios de penetração e contenção), enquanto formatos médios e grandes (5 vs. 5 até 11 vs. 11) são recomendados para o desenvolvimento de ações táticas grupais e coletivas. Formatos menores também estão relacionados ao aumento na dispersão dos jogadores, concomitante ao aumento da regularidade dos movimentos destes jogadores. Ainda, em áreas relativas por jogador idênticas, o uso de jogadores “apoios” ocasionou aumentos na posse de bola e no espaço efetivo de jogo, enquanto maiores desequilíbrios numéricos indicam uma maior regularidade e melhor organização espacial da equipe em inferioridade.

Aquino e Machado (2022) descrevem outras restrições da tarefa, dentre elas: métodos de pontuação, regras, regime de treinamento e encorajamento/instruções do treinador como ajustes e condições da tarefa. Estes ajustes também podem exercer influências diretas sobre as respostas físicas, técnicas e táticas dos jogadores. A presença de goleiros e alvos/balizas em tamanho oficial, por exemplo, tende a reduzir a carga externa, o espaço efetivo de jogo e a eficiência de ações técnicas do que em comparação com jogos com pequenos alvos/balizas ou outras formas de pontuação, como parar a bola em uma área demarcada na linha de fundo ou a manutenção da posse de bola por um determinado tempo ou determinada sequência de passes (Halouani, Chtourou, Dellal, Chaouachi & Chamari, 2014; Hill-Haas et al., 2011; Sarmiento et al., 2018). Quando da utilização de pequenos alvos/balizas, a posição destes também irá implicar na dinâmica de posicionamento e no direcionamento das ações técnicas do jogo, uma vez que, com os alvos/balizas nas laterais do campo, haverá um aumento de passes no sentido lateral

do campo, enquanto a presença destes alvos/balizas somente ao fundo do campo ocasionará no aumento do número de passes no sentido frontal (Clemente et al., 2020). Isso impacta na dinâmica de ocupação do espaço da equipe, em amplitude e profundidade.

Outras manipulações, como a limitação de toques na bola, instruções específicas de marcação e encorajamento verbal contínuo também estão relacionadas ao aumento da carga fisiológica e as respostas de carga externa dos jogadores, em especial o número de acelerações e desacelerações. A limitação da ação do jogador para 1 toque na bola, ao mesmo tempo que aumenta o número de passes, aumenta o número de erros e bolas perdidas (Dellal et al., 2012). Além disso, o uso constante e excessivo de regras de restrição de toques pode condicionar o comportamento dos jogadores a padrões restritos de solução dos problemas do jogo, baseado unicamente em ações de passe, desconsiderando possibilidades de progressão através da condução da bola ou do drible (Aquino & Machado, 2022).

Batista et al. (2019) demonstraram em um estudo com jogadores semiprofissionais que, o incentivo do treinador com instruções defensivas ocasionou aumento na frequência de bolas recuperadas e aumento da compactação defensiva (menor espaço ocupado pela defesa) e, por sua vez, o fornecimento de instruções ofensivas resultou em maior número de passes e aumento de espaço efetivo de jogo. Estes achados indicam que a atuação do treinador durante os jogos pode potencializar a percepção do jogador para ações e comportamentos específicos dentro do jogo.

Praça et al. (2021) investigaram também o impacto da exclusão da regra do impedimento sobre o comportamento tático de jogadores, concluindo que a presença do impedimento induz a comportamentos menos exploratórios dos jogadores. Outro estudo abordando esta restrição concluiu que a presença da regra de impedimento causa redução nas respostas de carga externa dos atletas (Custódio et al., 2022).

Quando abordados os demais tipos de restrição definidos por Newell, poucos estudos se propuseram em analisar e compreender os efeitos das restrições do indivíduo e do ambiente junto à tarefa (Clemente et al., 2020; Clemente et al., 2021; Sarmento et al., 2018). Machado et al. (2019) concluem em seu estudo que, em jogos de 3 vs. 3 e 4 vs. 4, jogadores mais velhos (Sub-17) apresentaram melhor desempenho tático e técnico em relação aos mais jovens. Complementam ainda que, com um maior número de manipulação das regras, os jogadores mais jovens demonstraram maiores dificuldades na resolução dos problemas táticos do jogo. Nunes e colaboradores (2021) demonstraram em seu estudo que, em jogadores mais jovens (Sub-11) houve maior impacto na carga externa e na PSE dos jogadores em função da manipulação das dimensões do campo. Os autores justificam que, com o avançar da idade e o desenvolvimento das competências específicas de jogo, existe uma tendência de que os jogadores se organizem e se ajustem de forma otimizada ao espaço de jogo.

Por fim, dentre as restrições da tarefa, a relação entre o tempo de exercício-intervalo também é comumente investigada e influencia diretamente sobre as respostas físicas, técnicas e táticas dos jogadores. Quanto à duração dos jogos,

a realização de 4 séries de 5 minutos em jogos de 3 vs. 3 resultou em maiores distâncias percorridas e distâncias percorridas acima de 85% da velocidade pico (obtida via teste de Carminatti) em comparação com jogos na mesma configuração realizados em 2 séries 10 minutos e 1 série de 20 minutos (Alcântara et al., 2021). Quanto ao tempo de recuperação entre as séries, estudos indicam que intervalos de 1 a 2 minutos podem ser suficientes para a manutenção da eficácia técnica dos jogadores (Clemente et al., 2020). Aquino e Machado (2022) ainda enfatizam que é importante que se tenha conhecimento do objetivo da atividade e da demanda física para qual cada jogo é estruturado no momento do planejamento do número de séries e tempo de atividade. Ressaltam ainda que intervalos muito longos podem causar a diminuição da atenção dos jogadores e prejudicar a dinâmica do jogo.

O nível de desempenho tático e técnico é outra restrição do indivíduo investigada. Machado et al. (2019) concluem que, mais relevante que a idade cronológica, o nível de desempenho tático dos atletas influencia o desempenho da equipe e o comportamento exploratório em tarefas com diferentes níveis de dificuldade, sendo que, quando a dificuldade da tarefa está nivelada ao nível de desempenho tático dos jogadores, o comportamento exploratório destes jogadores é potencializado. Concomitantemente, existem indícios de que jogadores com melhor conhecimento tático processual percorrem maiores distâncias durante jogos reduzidos (Praça et al., 2017).

Outros importantes resultados indicam que os critérios de composição das equipes também impactam sobre as respostas dos jogadores ao exercício. Praça, Silva, Sousa, Morales e Greco (2020) compararam jogos de 3 vs. 3 e demonstram que, equipes formadas por jogadores da mesma posição (por exemplo, 3 defensores) apresentaram maiores distâncias totais percorridas em comparação com equipes formadas por jogadores de posições diferentes (por exemplo, 1 defensor, 1 meio-campista e 1 atacante). Em outro estudo, foi observado que a composição das equipes baseado na potência aeróbia dos jogadores resultaram baixo impacto no desempenho tático dos jogadores (Praça, Sousa & Greco, 2019).

Quando abordadas as restrições do ambiente, existem evidências de que jogos de 4 vs. 4 realizados em grama natural estão relacionados a um maior número de acelerações e desacelerações quando comparados aos jogos realizados em grama artificial (López-Fernández et al., 2019). A forma como são demarcados os campos de jogo para os jogos também parece ter influência direta sobre as respostas dos jogadores. Coutinho et al. (2020) demonstram que a utilização de marcadores nos cantos das áreas demarcadas resultou em menor número de ações técnicas ofensivas e menor sincronização da equipe em amplitude e profundidade do que em comparação com o uso de linhas contínuas ou tracejadas. Todavia, o uso de linhas contínuas e tracejadas resultou em menor espaço efetivo de jogo e menor número de passes.

Efeitos crônicos do treinamento baseado em jogos

Os efeitos crônicos do treinamento baseado em jogos estão expostos na Tabela 2.

Tabela 2. Adaptações crônicas a programas de treino com jogos no futebol.

	Desempenho Aeróbio	Desempenho Neuromuscular	Habilidades Técnico-Táticas	Dimensão Psicológica
Adaptações a programas baseados em jogos reduzidos	Evidências consistentes para melhoria do VO ₂ máx ou desempenho aeróbio em testes de campo.	Evidências inconsistentes para melhora do desempenho de saltos, <i>sprints</i> lineares, capacidade de <i>sprints</i> repetidos e mudança de direção.	Consistentes evidências para melhoria de ações técnico-táticas específicas.	Evidências consistentes para melhoria da satisfação

Nota 1. Adaptado de Clemente, Afonso e Sarmento, 2021.

Nota 2. Consistente: consenso das revisões em apresentar uma determinada tendência; Inconsistente: não consenso das revisões ou achados equivocados relatados pelas revisões quanto à tendência das evidências.

Estudos de revisão revelaram que os jogos são um meio efetivo para o aprimoramento da aptidão aeróbia em jovens praticantes de futebol e podem ser empregados para obter melhorias de desempenho comparáveis aos treinamentos convencionais de resistência (por exemplo, treinamento intervalado de corrida fora do contexto de jogo), com a vantagem adicional de estimular simultaneamente os aspectos táticos e técnicos específicos do jogo (Hill-Haas et al., 2011; Moran et al., 2019). Concomitantemente, outra revisão sistemática com meta-análise demonstrou efeitos superiores no desempenho de corridas de alta intensidade após programas de treinamento baseados em intervalos (por exemplo, treinamento intervalado de alta intensidade – HIIT – com intervalos curtos/longos) em comparação com intervenções baseadas exclusivamente em jogos, embora não tenham sido observadas diferenças significativas no desempenho de saltos e mudança de direção (Clemente et al., 2023).

Pesquisas demonstram que, em especial para jovens praticantes, o treinamento a partir de jogos potencializa melhorias no desempenho físico, técnico e tático. Aquino et al. (2016), registraram que, após um regime de 22 semanas de treinamento com jogos reduzidos, os jogadores aumentaram em mais de 20% as distâncias percorridas em moderada e alta-velocidade (acima de 13,1 km/h) durante jogos específicos (“coletivos”), bem como houveram melhoras na área de ocupação da equipe e espalhamento dos jogadores ao fim da temporada. Outro estudo com meta-análise demonstrou efeitos positivos de programas de treinamento com jogos na capacidade de mudança de direção, habilidade de realizar sprints repetidos e aprimoramento do desempenho em sprints de 10 e 20 metros (Hammami, Gabbett, Slimani & Bouhlel, 2018).

Um outro estudo de revisão com meta-análise indica que o treinamento baseado em jogos está relacionado a adaptações crônicas relacionadas à potência aeróbia – indicando evidências consistentes da melhora do VO₂máx – das habilidades técnicas e táticas – indicando evidências da eficácia para a melhoria de habilidades técnicas e táticas específicas – e de aspectos psicológicos – evidenciando

melhorias no engajamento com o treino e motivação dos jogadores pelo treinamento com jogos reduzidos (Clemente et al., 2021).

Entretanto, como enfatizado por Aquino e Machado (2022) é importante ressaltar algumas limitações dos estudos nessa área, visto que parte das pesquisas foi realizada com jovens praticantes durante a pré-temporada, limitando assim as informações a respeito de eventuais benefícios em longo prazo do uso de jogos para o desenvolvimento da aptidão física em jogadores profissionais durante a temporada competitiva. Além disso, são necessários mais estudos sobre os efeitos crônicos dos jogos reduzidos no desempenho tático e técnico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seleção adequada das restrições e constrangimentos da tarefa é uma decisão crucial do treinador, uma vez que essa escolha influenciará diretamente os ajustes comportamentais dos jogadores e suas respostas tático-técnicas e físico-fisiológicas (Clemente et al., 2020). Os constrangimentos da tarefa permitem ao treinador modificar as condições essenciais do jogo, adaptando-as de forma ampla às necessidades específicas do treinamento.

Ao planejar o ensino e treino por meio de jogos, é essencial considerar o impacto dos constrangimentos na resposta aguda dos jogadores. Por exemplo, Clemente et al. (2019) argumentam que um jogo, realizado em formato reduzido, pode oferecer aos jogadores a oportunidade de vivenciar acelerações e desacelerações similares às encontradas em uma partida real, promovendo a especificidade do jogo. No entanto, pode não proporcionar a mesma dose e densidade de corridas de alta intensidade. Além disso, o formato do jogo pode limitar a capacidade de replicar ações específicas de determinados jogadores ou de desenvolver sinergias posicionais.

A individualidade dos jogadores também deve ser considerada na seleção dos constrangimentos da tarefa. Em jogos com pequena dimensão e relação numérica, por exemplo, pode haver uma limitação na adequação posicional, tornando os diferentes aspectos de desempenho mais similares entre os jogadores envolvidos (Clemente et al., 2020). À medida que o formato do jogo aumenta, aumentam também as possibilidades de interação e ação do jogador dentro do jogo, porém os constrangimentos da tarefa podem afetar a exposição dos jogadores à carga característica de suas capacidades individuais e restringir ações típicas do jogo formal (Aquino & Machado, 2022; Clemente et al., 2023).

A seleção dos constrangimentos da tarefa nos jogos é um desafio complexo para o treinador. Cada combinação de constrangimentos acarreta alterações nas respostas dos jogadores, e a decisão de usar ou não usar um determinado constrangimento terá implicações diretas em suas respostas (Clemente et al., 2020). É importante considerar a dinamicidade do contexto do jogo e a heterogeneidade dos efeitos promovidos pela manipulação dos constrangimentos.

Em resumo, a seleção cuidadosa dos constrangimentos da tarefa, levando em consideração as características individuais dos jogadores e as demandas específicas do jogo, é essencial para maximizar os benefícios dessas atividades de

treinamento (Fernández-Espínola et al., 2020; Hill-Haas et al., 2011). A contínua investigação e aprimoramento das estratégias de utilização dos constrangimentos da tarefa nos jogos são fundamentais para o desenvolvimento do conhecimento científico nessa área, o que também contribui para uma prática baseada na ciência.

REFERÊNCIAS

- Alcântara, C. H., Teixeira, A. S., Teixeira, R. M., de Oliveira Dutra, G., Nakamura, F. Y., Castagna, C., & da Silva, J. F. (2021). Manipulation of number of players and bouts duration in small-sided games in youth soccer players. *Sport Sciences for Health*, 17(3), 597-605. <https://doi.org/10.1007/s11332-020-00715-6>
- Almeida, C., Ferreira, A., & Volossovitch, A. (2012). Manipulating Task Constraints in Small-Sided Soccer Games: Performance Analysis and Practical Implications. *The Open Sports Sciences Journal*, 5, 174-180.
- Aquino, R. L. de Q. T. de, & Menezes, R. P. (2022). Abordagens tradicionais e centradas no jogo para o ensino dos esportes coletivos de invasão. *Conexões*, 20(Abril), e022002. <https://doi.org/10.20396/conex.v20i00.8666344>
- Aquino, R., Cruz Gonçalves, L. G., Palucci Vieira, L. H., Oliveira, L. P., Alves, G. F., Pereira Santiago, P. R., & Puggina, E. F. (2016). Periodization training focused on technical-tactical ability in young soccer players positively affects biochemical markers and game performance. *Journal of Strength and Conditioning Research*, 30(10), 2723-2732. <https://doi.org/10.1519/JSC.0000000000001381>
- Aquino, R. L. D. Q. T., Marques, R. F. R., Gonçalves, L. G. C., Vieira, L. H. P., Bedo, B. L. D. S., Moraes, C. De, Menezes, R. P., Santiago, P. R. P., & Puggina, E. F. (2015). Proposta de sistematização de ensino do futebol baseada em jogos: Desenvolvimento do conhecimento tático em jogadores com 10 e 11 anos de idade. *Motricidade*, 11(2), 115-128. <https://doi.org/10.6063/motricidade.3724>
- Aquino, R., & Machado, J. C. (2022). Treinando por meio de jogos no futebol e no futsal : Princípios norteadores para uma melhor gestão do processo de ensino e treinamento. In *Treinamento Físico e Avaliação Física no Futebol e Futsal* (pp. 1-38).
- Araújo, D. (2009). O desenvolvimento da competência tática no desporto : o papel dos constrangimentos no comportamento decisional. *Motriz. Revista de Educação Física*, 537-540.
- Asian-Clemente, J., Rabano-Muñoz, A., Muñoz, B., Franco, J., & Suarez-Arrones, L. (2021). Can Small-side Games Provide Adequate High-speed Training in Professional Soccer? *International Journal of Sports Medicine*, 42(06), 523-528. <https://doi.org/10.1055/a-1293-8471>
- Baldi, M. F. (2014). *Treino tático no futebol: efeito das modificações de jogos reduzidos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Batista, J., Goncalves, B., Sampaio, J., Castro, J., Abade, E., & Travassos, B. (2019). The influence of coaches' instruction on technical actions, tactical behaviour, and external workload in football small-sided games. *Montenegrin Journal of Sports Science and Medicine*, 8(1), 29-36. <https://doi.org/10.26773/mjssm.190305>

Bayer, C. (1994). *O ensino dos desportos colectivos*. Lisboa: Dinalivros.

Bettega, Otávio Baggiotto; Machado, João Cláudio; Pasquarelli, Bruno Natale; Aquino, Rodrigo; Scaglia, A. J. (2021). Pedagogia do esporte: Bases epistemológicas e articulações para o ensino esportivo. *Revista Inclusiones*, 8, 185-213.

Bujalance-Moreno, P., Latorre-Román, P. Á., & García-Pinillos, F. (2019). A systematic review on small-sided games in football players: Acute and chronic adaptations. *Journal of Sports Sciences*, 37(8), 921-949. <https://doi.org/10.1080/02640414.2018.1535821>

Casarin, R. V., Reverdito, R. S., Greboggy, D. D. L., Afonso, C. A., & Scaglia, A. J. (2011). Modelo De Jogo E Processo De Ensino No Futebol: Princípios Globais E Específicos. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 17(3), 133-152. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.16302>

Chow, J. Y., Davids, K., Button, C., Shuttleworth, R., Renshaw, I., & Araujo, D. (2006). Nonlinear pedagogy: a constraints-led framework for understanding emergence of game play and movement skills. *Nonlinear Dynamics, Psychology, and Life Sciences*, 10(1), 71-103.

Clemente, F. M., Afonso, J., Castillo, D., Arcos, A. L., Silva, A. F., & Sarmiento, H. (2020). The effects of small-sided soccer games on tactical behavior and collective dynamics: A systematic review. *Chaos, Solitons and Fractals*, 134, 109710. <https://doi.org/10.1016/j.chaos.2020.109710>

Clemente, F. M., Afonso, J., & Sarmiento, H. (2021). Small-sided games: An umbrella review of systematic reviews and meta-analyses. *PLoS ONE*, 16(2 February). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0247067>

Clemente, F. M., Sarmiento, H., Rabbani, A., Van Der Linden, C. M. I. (Niels., Kargarfard, M., & Costa, I. T. (2019). Variations of external load variables between medium- and large-sided soccer games in professional players. *Research in Sports Medicine*, 27(1), 50-59. <https://doi.org/10.1080/15438627.2018.1511560>

Clemente, F. M., Praça, G. M., Aquino, R., Castillo, D., Raya-González, J., Rico-González, M., Afonso, J., Sarmiento, H., Silva, A. F., Silva, R., & Ramirez-Campillo, R. (2023). Effects of pitch size on soccer players' physiological, physical, technical, and tactical responses during small-sided games: a meta-analytical comparison. In *Biology of Sport*. 40(1), 111-147. <https://doi.org/10.5114/biolport.2023.110748>

Costa, I. T., Greco, P. J., Mesquita, I., & Garganta, J. (2010). O Teaching Games for Understanding (TGfU) como modelo de ensino dos jogos desportivos coletivos. *Revista Palestra*, 10, 69-77.

Coutinho, D., Gonçalves, B., Travassos, B., Folgado, H., Figueira, B., & Sampaio, J. (2020). Different Marks in the Pitch Constraint Youth Players' Performances During Football Small-sided Games. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 91(1), 15-23. <https://doi.org/10.1080/02701367.2019.1645938>

Custódio, I. J. O., Dos Santos, R., de Oliveira Ildefonso, R., Andrade, A., Diniz, R., Peixoto, G., Brecht, S., Praça, G. M., & Chagas, M. H. (2022). Effect of Small-Sided Games with and without the Offside Rule on Young Soccer Players: Reliability of Physiological Demands. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(17), 10544. <https://doi.org/10.3390/ijerph191710544>

Davids, K., Araújo, D., Shuttleworth, R., & Button, C. (2003). Acquiring Skill in Sport: A Constraints-Led Perspective. *International Journal of Computer Science in Sport*, 2(April 2017), 31-39.

Dellal, A., Owen, A., Wong, D. P., Krustup, P., van Exsel, M., & Mallo, J. (2012). Technical and physical demands of small vs. large sided games in relation to playing position in elite soccer. *Human Movement Science*, 31(4), 957-969. <https://doi.org/10.1016/j.humov.2011.08.013>

Dutra, L. H. de A. (2000). *Epistemologia da aprendizagem*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 136.

Falcão, W. R., Bloom, G. A., & Sabiston, C. M. (2020). The impact of humanistic coach training on youth athletes' development through sport. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 15(5-6), 610-620. <https://doi.org/10.1177/1747954120933975>

Fernández-Espínola, C., Robles, M. T. A., & Fuentes-Guerra, F. J. G. (2020). Small-sided games as a methodological resource for team sports teaching: A systematic review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(6), 1884. <https://doi.org/10.3390/ijerph17061884>

Folgado, H., Bravo, J., Pereira, P., & Sampaio, J. (2019). Towards the use of multidimensional performance indicators in football small-sided games: the effects of pitch orientation. *Journal of Sports Sciences*, 37(9), 1064-1071. <https://doi.org/10.1080/02640414.2018.1543834>

Galatti, L. R., Reverdito, R. S., Scaglia, A. J., Paes, R. R., & Seoane, A. M. (2014). Pedagogia do Esporte: tensão na ciência e o ensino dos Jogos Esportivos Coletivos. *Revista Da Educação Física/UEM*, 25(1), 153. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v25i1.21088>

Garganta, J. (2009a). Identificação, selecção e promoção de talentos nos jogos desportivos: factos, mitos e equívocos. In G. T. Fernandez & A. Montero (Eds.), *Actas do II Congreso Internacional de Deportes de Equipo*. Editorial yCentro de Formación de Alto Rendimiento.

Garganta, J. (2009b). Trends of tactical performance analysis in team sports: bridging the gap between research, training and competition. *Revista Portuguesa de Ciências Do Desporto*, 9(1), 81-89. <https://doi.org/10.5628/rpcd.09.01.81>

Graça, A., & Mesquita, I. (2007). A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 7(3), 401-421.

Gréhaigne, J. F., & Godbout, P. (1995). Tactical knowledge in team sports from a constructivist and cognitivist perspective. *Quest*, 47(4), 490-505. <https://doi.org/10.1080/00336297.1995.10484171>

Hallé Petiot, G., Aquino, R., Silva, D. C. da, Barreira, D. V., & Raab, M. (2021). Contrasting Learning Psychology Theories Applied to the Teaching-Learning-Training Process of Tactics in Soccer. *Frontiers in Psychology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.637085>

Halouani, J., Chtourou, H., Dellal, A., Chaouachi, A., & Chamari, K. (2014). Physiological responses according to rules changes during 3 vs. 3 small-sided games in youth soccer players: stop-ball vs. small-goals rules. *Journal of Sports Sciences*, 32(15), 1485-1490. <https://doi.org/10.1080/02640414.2014.899707>

Halouani, J., Chtourou, H., Dellal, A., Chaouachi, A., & Chamari, K. (2017). Soccer small-sided games in young players: rule modification to induce higher physiological responses. *Biology of Sport*, 34(2), 163-168. <https://doi.org/10.5114/biolSport.2017.64590>

Halouani, J., Ghattasi, K., Bouzid, M. A., Rosemann, T., Nikolaidis, P. T., Chtourou, H., & Knechtel, B. (2019). Physical and Physiological Responses during the Stop-Ball Rule During Small-Sided Games in Soccer Players. *Sports*, 7(5), 117. <https://doi.org/10.3390/SPORTS7050117>

Hammami, A., Gabbett, T., Slimani, M., & Bouhlel, E. (2018). Does small-sided games training improve physical fitness and team-sport-specific skills? A systematic review and meta-analysis. *The Journal of Sports Medicine and Physical Fitness*, 58(10), 1446-1455. <https://doi.org/10.23736/S0022-4707.17.07420-5>

Hill-Haas, S., Dawson, B., Impellizzeri, F., & Coutts, A. (2011). Physiology of small-sided games training in football: a systematic review. *Journal of Sports Medicine*, 41(3), 199-220.

Lacome, M., Simpson, B. M., Cholley, Y., Lambert, P., & Buchheit, M. (2018). Small-sided games in elite soccer: Does one size fit all? *International Journal of Sports Physiology and Performance*, 13(5), 568-576. <https://doi.org/10.1123/ijssp.2017-0214>

Leitão, R. A. A. (2009). *O JOGO DE FUTEBOL: investigação de sua estrutura, de seus modelos e da inteligência de jogo, do ponto de vista da complexidade* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Little, T., & Williams, A. G. (2007). Measures of Exercise Intensity During Soccer Training Drills With Professional Soccer Players. *Journal of Strength and Conditioning Research*, 21(2), 367-371. <https://doi.org/10.1519/00124278-200705000-00013>

López-Fernández, J., Gallardo, L., Fernández-Luna, Á., Villacañas, V., García-Unanue, J., & Sánchez-Sánchez, J. (2019). Pitch size and game surface in different small-sided games. Global indicators, activity profile, and acceleration of female

soccer players. *Journal of Strength and Conditioning Research*, 33(3), 831-838. <https://doi.org/10.1519/jsc.0000000000002090>

Machado, J. C., Barreira, D., Tealdo, I., Travassos, B., Júnior, J. B., Santos, J. O. L. Dos, & Scaglia, A. J. (2019). How Does the Adjustment of Training Task Difficulty Level Influence Tactical Behavior in Soccer? *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 90(3), 403-416. <https://doi.org/10.1080/02701367.2019.1612511>

Machado, J. C., Ribeiro, J., Palheta, C. E., Alcântara, C., Barreira, D., Guilherme, J., Garganta, J., & Scaglia, A. J. (2019). Changing rules and configurations during soccer small-sided and conditioned games. How does it impact teams' tactical behavior? *Frontiers in Psychology*, 10(JULY), 1554. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01554>

Moraes, M. C. (1997). *O Paradigma Educacional Emergente* (16a ed.). São Paulo: Papirus, 240.

Moran, J., Blagrove, R. C., Drury, B., Fernandes, J. F. T., Paxton, K., Chaabene, H., & Ramirez-Campillo, R. (2019). Effects of Small-Sided Games vs. Conventional Endurance Training on Endurance Performance in Male Youth Soccer Players: A Meta-Analytical Comparison. *Sports Medicine*. 49(5), 731-742. <https://doi.org/10.1007/s40279-019-01086-w>

Newell, K. M. (1986). Constraints on the Development of Coordination. *Motor Development in Children: Aspects of Coordination and Control*, 341-360. https://doi.org/10.1007/978-94-009-4460-2_19

Nunes, N. A., Gonçalves, B., Davids, K., Esteves, P., & Travassos, B. (2021). How manipulation of playing area dimensions in ball possession games constrains physical effort and technical actions in under-11, under-15 and under-23 soccer players. *Research in Sports Medicine*, 29(2), 170-184. <https://doi.org/10.1080/15438627.2020.1770760>

Ometto, L., Vasconcellos, F. V. A., Cunha, F. A., Tealdo, I., Souza, C. R. B., Dutra, M. B., O'Sullivan, M., & Davids, K. (2018). How manipulating task constraints in small-sided and conditioned games shapes emergence of individual and collective tactical behaviours in football: A systematic review. *International Journal of Sports Science and Coaching*, 13(6), 1200-1214. <https://doi.org/10.1177/1747954118769183>

Owen, A. L., Wong, D. P., Paul, D., & Dellal, A. (2014). Physical and technical comparisons between various-sided games within professional soccer. *International Journal of Sports Medicine*, 35(4), 286-292. <https://doi.org/10.1055/s-0033-1351333>

Praça, G. M., Bredt, S. G. T., Torres, J. O., Custódio, I. J. O., Andrade, A. G. P., Morales, J. C. P., Chagas, M. H., & Greco, P. J. (2017). Influence of numerical superiority and players' tactical knowledge on perceived exertion and physical and physiological demands in soccer small-sided games. *Revista de Psicologia Del Deporte*, 27(2), 31-38.

Praça, G. M., Chagas, M. H., Bredt, S. G. T., Andrade, A. G. P., Custódio, I. J. O., & Rochael, M. (2021). The influence of the offside rule on players' positional

dynamics in soccer small-sided games. *Science and Medicine in Football*, 5(2), 144-149. <https://doi.org/10.1080/24733938.2020.1819559>

Praça, G. M., Silva, M. V., E Sousa, R. B., Morales, J. C. P., & Greco, P. J. (2020). Physical demand in soccer small-sided games: Influence of team composition. *Revista Brasileira de Medicina Do Esporte*, 26(3), 230-233. <https://doi.org/10.1590/1517-869220202603211701>

Praça, G. M., Sousa, R. B. E., & Greco, P. J. (2019). Influence of aerobic power on youth players' tactical behavior and network properties during football small-sided games. *Sports*, 7(3), 73. <https://doi.org/10.3390/sports7030073>

Quina, J., & Graça, A. (2011). O ensino do jogo de futebol: um modelo híbrido de desenvolvimento da competência tática. *Biblioteca Digital Do IPB*, 1-16. <http://hdl.handle.net/10198/6954>

Sanchez-Sanchez, J., Hernández, D., Casamichana, D., Martínez-Salazar, C., Ramirez-Campillo, R., & Sampaio, J. (2017). Heart rate, technical performance, and session-RPE in elite youth soccer small-sided games played with wildcard players. *Journal of Strength and Conditioning Research*, 31(10), 2678-2685. <https://doi.org/10.1519/JSC.0000000000001736>

Sannicandro, I. (2022). From Traditional Approach to Ecological Dynamics Approach with the Italian Young Soccer Players. *Advances in Physical Education*, 12(03), 201-216. <https://doi.org/10.4236/ape.2022.123016>

Santos, F. J., Verardi, C. E. L., de Moraes, M. G., Pessôa Filho, D. M., Macedo, A. G., Figueiredo, T. P., Ferreira, C. C., Borba, R. P., & Espada, M. C. (2021). Effects of pitch size and goalkeeper participation on physical load measures during small-sided games in sub-elite professional soccer players. *Applied Sciences (Switzerland)*, 11(17), 1-12. <https://doi.org/10.3390/app11178024>

Sarmento, H., Clemente, F. M., Harper, L. D., Costa, I. T. da, Owen, A., & Figueiredo, A. J. (2018). Small sided games in soccer—a systematic review. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 18(5), 693-749. <https://doi.org/10.1080/24748668.2018.1517288>

Scaglia, A. J. (2017). Pedagogia do Jogo: O processo organizacional dos Jogos Esportivos Coletivos enquanto modelo metodológico para o ensino. *Revista Portuguesa de Ciências Do Desporto*, 2017(S1A), 27-38. <https://doi.org/10.5628/rpcd.17.S1A.27>

Scaglia, A. J., Reverdito, R., Leonardo, L., & Lizana, C. (2013). O Ensino Dos Jogos Esportivos Coletivos: As Competências Essenciais E a Lógica Do Jogo Em Meio Ao Processo De Organizacional Sistêmico. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 19(4), 227. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.37893>

Segundo, J. F. de S. N., Vieira, J. P., Ventura, A. P., Wan-Zuit, J. V., Pereira, G. S., Sanches, P. H. C., Teixeira, A. S., & da Silva, J. F. (2021). Tactical rule and pitch size change the physical and technical performance of young soccer players during small-sided games. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, 23. <https://doi.org/10.1590/1980-0037.2021v23e70479>

Silva, D. C. (2017). *Jogos reduzidos e condicionados: influência dos constrangimentos de tarefa sobre as ações táticas individuais e coletivas* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil.

Silva, L. F. N., Leonardo, L., & Scaglia, A. J. (2021). Epistemologia da prática pedagógica no esporte. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 25(274), 145-163. <https://doi.org/10.46642/efd.v25i274.2344>

Chaves, P. H. T., & Silva, J. K. R. M. (2019). Treinamento de futebol: a influência dos jogos reduzidos e condicionados no processo de aprendizagem do jogador de futebol – uma revisão da literatura. *Revista Brasileira de Futebol*, 12(2), 57-73.

Torrents, C., Ric, A., Hristovski, R., Torres-Ronda, L., Vicente, E., & Sampaio, J. (2016). Emergence of exploratory, technical and tactical behavior in small-sided soccer games when manipulating the number of teammates and opponents. *PLoS ONE*, 11(12). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0168866>



INFLUÊNCIA DE DIFERENTES TAREFAS MOTORAS SOBRE ASPECTOS FÍSICOS E COGNITIVOS DE ATLETAS DE FUTEBOL E FUTSAL: UM ESTUDO PILOTO

Leandro Henrique Alburquerque Brandão¹

Tiago Augusto Nunes Ribeiro¹

Wesclay José de Andrade Santos²

Newton Benites Carvalho Lima²

Ramon Bruno Travassos³

Pablo Rodrigo Santos Pinto²

RESUMO

Nas categorias de base do futebol e futsal é comum que tarefas motoras de corrida com mudança de direção e exercícios coordenativos sejam realizados antes da parte principal do treinamento, podendo influenciar negativamente indicadores físicos e cognitivos dos atletas. Comparar os efeitos de protocolos com tarefas motoras coordenativas, corrida com mudança de direção e com as duas tarefas combinadas sobre indicadores de desempenho físico e cognitivo em atletas de futebol e futsal. A amostra foi composta por 7 jogadores (3 atletas de futebol e 4 atletas de futsal) da categoria sub-15, que foram submetidos a três protocolos experimentais (corrida, coordenativo, combinado) e um controle. Antes e após cada condição, os atletas foram avaliados por meio das medidas de altura do salto vertical (*counter movement jump* - CMJ), tempo de resposta no teste de *stroop*, percepção de fadiga mental e esforço. Os dados foram expressos em média e desvio padrão e a normalidade multivariada, igualdade das matrizes de covariância e outliers multivariados foram verificados por meio do teste de Shapiro Wilk, M de box e Mahalanobis, respectivamente. Uma análise de variância multivariada (MANOVA) seguida por *post hoc* de Bonferroni e tamanho do efeito *eta* parcial quadrático foram utilizados, adotando $p=0,05$. A análise multivariada demonstrou que após os protocolos de corrida e combinado os atletas reduziram a altura do salto vertical (Corrida: $p=0,015$; $n_2p=0,221$ e fadiga Combinado: $p=0,001$; $n_2p=0,375$). Além disso, após todos os protocolos os atletas apresentaram aumento na percepção de esforço (Corrida: $p<0,001$; $n_2p=0,787$; Coordenativo: $p<0,001$; $n_2p=0,546$; Combinado: $p<0,001$; $n_2p=0,653$), percepção de fadiga mental (Corrida: $p<0,001$; $n_2p=0,479$; Coordenativo: $p<0,001$; $n_2p=0,522$; Combinado: $p<0,001$; $n_2p=0,620$) e no tempo de resposta no teste de *stroop* (Corrida: $p<0,001$; $n_2p=0,451$; Coordenativo: $p<0,001$; $n_2p=0,640$; Combinado: $p<0,001$; $n_2p=0,652$). Quando comparados a condição controle, foi observado diferença estatisticamente significativa na variável tempo de resposta favorável aos protocolos coordenativo ($p=0,001$) e combinado ($p=0,006$). No entanto, a percepção de fadiga mental foi maior quando os indivíduos executaram o protocolo de corrida ($p=0,015$)

¹ Programa de Pós-Graduação em Ciências do Esporte, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

² Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, Brasil.

³ Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

e combinado ($p=0,021$) em relação ao controle. Além disso, os participantes apresentaram maior percepção de esforço após os protocolos de corrida ($p=0,006$) e combinado ($p=0,006$) quando comparados com o protocolo coordenativo e percepção de fadiga similar entre os protocolos experimentais. As tarefas motoras de corrida com mudança de direção, coordenativa e combinada aumentam de maneira similar a percepção de fadiga mental e o tempo de resposta no teste de *stroop*. Além disso, a inclusão de atividades de corrida pode potencializar o aumento da percepção de esforço e redução da altura do salto vertical.

INFLUENCIA DE LAS DISTINTAS TAREAS MOTRICES EN LOS ASPECTOS FÍSICOS Y COGNITIVOS DE LOS DEPORTISTAS DE FÚTBOL Y FÚTBOL SALA: UN ESTUDIO PILOTO

RESUMEN

En las categorías base del fútbol y el fútbol sala, es común que se realicen tareas motoras de carrera con cambios de dirección y ejercicios coordinativos antes de la parte principal del entrenamiento, lo que puede influir negativamente en los indicadores físicos y cognitivos de los atletas. Comparar los efectos de los protocolos que incluyen tareas motoras coordinativas, carreras con cambios de dirección y la combinación de ambas sobre los indicadores de rendimiento físico y cognitivo en los atletas de fútbol y fútbol sala. La muestra estuvo compuesta por 7 jugadores (3 futbolistas y 4 futbolistas sala) de la categoría sub-15, quienes fueron sometidos a tres protocolos experimentales (carrera, coordinación, combinado) y un grupo de control. Antes y después de cada condición, se evaluó a los atletas mediante medidas de altura del salto vertical (counter movement jump - CMJ), tiempo de respuesta en la prueba de Stroop, percepción de fatiga mental y esfuerzo. Los datos se expresaron en promedio y desviación estándar, y se verificó la normalidad multivariada, la igualdad de las matrices de covarianza y los valores atípicos multivariados mediante las pruebas de Shapiro Wilk, M de Box y Mahalanobis, respectivamente. Se utilizaron un análisis de varianza multivariada (MANOVA), seguido de un post hoc de Bonferroni y el tamaño del efecto eta parcial al cuadrado, adoptando $p < 0,05$. El análisis multivariado mostró que después de los protocolos de carrera y combinado, los atletas redujeron la altura del salto vertical (Carrera: $p = 0,015$; $\eta^2p = 0,221$ y fatiga Combinado: $p = 0,001$; $\eta^2p = 0,375$). Además, después de todos los protocolos, los atletas experimentaron un aumento en la percepción de esfuerzo (Carrera: $p < 0,001$; $\eta^2p = 0,787$; Coordinación: $p < 0,001$; $\eta^2p = 0,546$; Combinado: $p < 0,001$; $\eta^2p = 0,653$), percepción de fatiga mental (Carrera: $p < 0,001$; $\eta^2p = 0,479$; Coordinación: $p < 0,001$; $\eta^2p = 0,522$; Combinado: $p < 0,001$; $\eta^2p = 0,620$) y tiempo de respuesta en la prueba de Stroop (Carrera: $p < 0,001$; $\eta^2p = 0,451$; Coordinación: $p < 0,001$; $\eta^2p = 0,640$; Combinado: $p < 0,001$; $\eta^2p = 0,652$). Cuando se compararon con la condición de control, se observó una diferencia estadísticamente significativa en la variable de tiempo de respuesta a favor de los protocolos coordinativos ($p = 0,001$) y combinados ($p = 0,006$). Sin embargo, la percepción de fatiga mental fue mayor cuando los individuos realizaron el protocolo de carrera ($p = 0,015$) y combinado ($p = 0,021$) en comparación con el control. Además, los participantes experimentaron una mayor percepción de esfuerzo después de los protocolos de carrera ($p = 0,006$) y combinado ($p = 0,006$) en comparación con el protocolo coordinativo, y una percepción de fatiga similar entre los protocolos experimentales. Las tareas motoras de carrera, coordinación y combinadas aumentan de manera similar la percepción de fatiga mental y el tiempo de respuesta en la prueba de Stroop. Además, la inclusión de actividades de carrera puede potenciar el aumento de la percepción de esfuerzo y la reducción de la altura del salto vertical.

INFLUENCE OF DIFFERENT MOTOR TASKS ON PHYSICAL AND COGNITIVE ASPECTS OF FOOTBALL AND FUTSAL ATHLETES: A PILOT STUDY

ABSTRACT

In the base categories of soccer and futsal it is common for running motor tasks with changes of direction and coordination exercises to be carried out before the main part of training,

which can negatively influence the athletes' physical and cognitive indicators. To compare the effects of protocols with coordinative motor tasks, running with change of direction, and the two tasks combined on physical and cognitive performance indicators in soccer and futsal athletes. The sample consisted of 7 players (3 soccer and futsal players and 4 only futsal players) from the under-15 category, who were subjected to three experimental protocols (running, coordinative, combined) and a control. Before and after each condition, the athletes were evaluated by measuring vertical jump height (Counter Movement Jump - CMJ), response time in the Stroop test, perception of mental fatigue, and effort. Data were expressed as mean and standard deviation and multivariate normality, equality of covariance matrices, and multivariate outliers were verified using the Shapiro Wilk, M box, and Mahalanobis tests, respectively. A multivariate analysis of variance (MANOVA) followed by Bonferroni *post hoc* and quadratic partial *eta* effect size were used, adopting $p < 0.05$. Multivariate analysis demonstrated that after the running and combined protocols, athletes reduced their vertical jump height (Running: $p = 0.015$; $n_2p = 0.221$ and Combined fatigue: $p = 0.001$; $n_2p = 0.375$). Furthermore, after all protocols, athletes showed an increase in perceived effort (Running: $p < 0.001$; $n_2p = 0.787$; Coordinative: $p < 0.001$; $n_2p = 0.546$; Combined: $p < 0.001$; $n_2p = 0.653$), perceived fatigue mental (Running: $p < 0.001$; $n_2p = 0.479$; Coordinative: $p < 0.001$; $n_2p = 0.522$; Combined: $p < 0.001$; $n_2p = 0.620$) and response time in the Stroop test (Running: $p < 0.001$; $n_2p = 0.451$; Coordinative: $p < 0.001$; $n_2p = 0.640$; Combined: $p < 0.001$; $n_2p = 0.652$). When compared to the control condition, a statistically significant difference was observed in the response time variable in favor of the Coordinative ($p = 0.001$) and combined ($p = 0.006$) protocols. However, the perception of mental fatigue was greater when the individuals performed the running ($p = 0.015$) and combined ($p = 0.021$) protocol compared to the control. Furthermore, participants showed a greater perception of effort after the running ($p = 0.006$) and combined ($p = 0.006$) protocols when compared to the Coordinative protocol and a similar perception of fatigue among the experimental protocols. Running, coordinative and combined motor tasks similarly increase the perception of mental fatigue and response time in the Stroop test. Furthermore, the inclusion of running activities can potentialize the increase effort perception and reduce vertical jump height.

INTRODUÇÃO

No futebol e futsal, assim como inúmeras modalidades esportivas, há a inclusão de diferentes meios e métodos de treinamento, seja para promover estresse físico e cognitivo, ou até mesmo como uma maneira de preparação para que os atletas iniciem o momento principal do treinamento. Tais atividades podem provocar alta demanda física e fisiológica (Mohr et al., 2005), assim como também podem demandar alta carga cognitiva oriunda da alta vigilância, atenção sustentada, recolhimento e processamento de informações (processos cognitivos) e fatores emocionais exigidos principalmente antes e durante o treinamento e competição (Cárdenas et al., 2017), podendo favorecer a redução do desempenho físico e cognitivo (Van Cutsem et al., 2017). Além disso, em geral, atletas de categorias de base, especialmente atletas de nível escolar, geralmente estão inseridos em atividades escolares que demandam processamento auditivo e atenção sustentados durante longos períodos (>50 min), situação que também contribui com a redução do desempenho dos atletas (Thompson et al., 2020). Baseado nisso, pode-se observar que atividades intrínsecas e extrínsecas ao ambiente do treinamento podem interferir no desempenho físico e cognitivo dos atletas.

A influência de tarefas motoras sobre aspectos físicos e cognitivos tem sido investigada por meio de aplicação de protocolos de indução da fadiga física e

mental em atletas de futebol de diferentes categorias. Alguns autores utilizaram protocolos com exercícios de corrida intermitente de alta intensidade para induzir a fadiga física (Pellegrino et al., 2018) e atividades de atenção sustentada computadorizada para provocar fadiga mental (Gantois et al., 2020). Coutinho et al. (2017) projetaram e executaram um protocolo de exercícios coordenativos (tarefa motora) que demandam atenção sustentada para provocar fadiga mental em atletas de futebol. Apesar de utilizarem protocolos com tarefa motora para induzir fadiga mental, os autores não observaram fadiga física, verificada por meio da análise da altura do salto vertical. Os autores também observaram aumento na percepção de fadiga mental dos participantes por meio de escala analógica visual (EVA), porém, nenhuma medida de desempenho cognitivo (i.e., tempo de reação ou quantidade de acertos no teste de stroop) foi avaliada no estudo. Esta informação seria importante uma vez que a fadiga mental pode prejudicar as funções executivas, incluindo o controle inibitório, e conseqüentemente aumentar o tempo de reação para responder e a taxa de erro (Fuster et al., 2021)

Por outro lado, outros estudos identificaram reduções no desempenho de endurance após protocolos de fadiga mental em diferentes modalidades esportivas, incluindo o futebol (Kunrath et al., 2020; Smith et al., 2018; Van Cutsem et al., 2017). No entanto, as capacidades anaeróbia, força máxima e potência não são afetadas pelo efeito da fadiga mental, como demonstrado anteriormente (Van Cutsem et al., 2017). Em contraponto, protocolos baseados em sprints repetidos apresentam redução significativa na altura do salto vertical após a realização dos sprints quando comparado com o baseline (Pinheiro et al., 2022). Dessa forma, para protocolos programados por meio de tarefas motoras coordenativas e sprints repetidos é interessante utilizar métodos de avaliação direcionados a capacidade de salto vertical com intuito de detectar reduções no desempenho físico de atletas e constatar o efeito desses protocolos sobre capacidades de força e potência, como realizado por Coutinho et al. (2017) e Pinheiro et al. (2022). Além disso, comparar como esses diferentes protocolos de tarefa motora alteram a altura do salto vertical pode nos direcionar quanto a influência dessas intervenções sobre componentes neuromusculares dos atletas da categoria de base.

As escalas de percepção de esforço e fadiga mental também são utilizadas como *manipulation checks*, que tem como propósito observar a influência desses protocolos sobre variáveis perceptivas (Costa et al., 2022; Coutinho et al., 2017, 2018; Rubio-Morales et al., 2022). Nesse sentido, evidências têm demonstrado aumento da percepção de esforço após protocolos de fadiga mental (Coutinho et al., 2017, 2018; Smith et al., 2016) e essas mudanças são atribuídas, principalmente a alterações em neurotransmissores no córtex motor (Bortolotti, 2016). A alteração de neurotransmissores no córtex cingulado anterior é uma proposta para explicar mudanças na percepção de fadiga mental associadas a fadiga mental (Fortes et al., 2019). Similarmente, tarefas utilizadas pra promover fadiga física podem afetar a percepção de fadiga mental, como demonstrado anteriormente por Rubio-Morales et al. (2022). Os autores observaram elevada percepção de fadiga mental nos voluntários após 30 minutos de exercício em uma bicicleta ergométrica (Rubio-Morales et al., 2022). Dessa forma, tanto os protocolos de fadiga mental quanto físico podem aumentar a percepção de esforço e fadiga

mental. Apesar de identificarem tais efeitos, os estudos mencionados anteriormente apenas avaliaram a percepção de esforço e fadiga mental em momentos após a realização dos protocolos. Essa situação permite que outras tarefas realizadas anteriormente e que podem promover fadiga mental (i.e., períodos longos de estudo ou períodos longos no celular) interfiram nos valores apresentados após o protocolo, provocando viés de medida. Além disso, exercícios com característica contínua podem provocar respostas diferentes sobre a percepção de fadiga mental em relação a exercícios intermitentes (Van Cutsem et al., 2017).

Dessa forma, verificar como protocolos com tarefa motora coordenativa, corrida e combinado alteram os diferentes aspectos físicos e cognitivos mencionados até aqui ajudam a entender como essas tarefas afetam os atletas. Além disso, comparar esses protocolos podem direcionar ainda mais sobre a real contribuição de cada tarefa motora sobre a fadiga física e mental de atletas de futebol e futsal. Sendo assim, o objetivo do presente estudo foi comparar a influência de protocolos baseado em diferentes tarefas motoras sobre aspectos físicos e cognitivos em atletas de futebol e futsal da categoria sub-15. Espera-se que após os protocolos coordenativo e combinado os atletas aumentem o tempo de resposta, no teste de *stroop*. Espera-se ainda que esta redução seja superior à redução observada no protocolo de corrida. Espera-se que após os protocolos de corrida e combinado ocorra redução na altura do salto vertical, enquanto que não é esperada alteração para a tarefa coordenativa. Espera-se que os três protocolos sejam capazes de aumentar a percepção de esforço. Espera-se também que o protocolo de corrida não altere a percepção de fadiga mental. No entanto, é esperado que os protocolos coordenativo e combinado sejam capazes de aumentar a percepção de fadiga mental dos participantes.

MÉTODOS

Delineamento experimental e procedimentos de coleta de dados

O presente estudo trata de uma intervenção experimental, contrabalanceada, na qual, jogadores de futebol sub-15 foram submetidos a três protocolos baseados em diferentes tarefas motoras, além de um protocolo controle. Antes e após a realização a execução de todas condições experimentais e controle foram obtidas medidas de caráter físico e cognitivo. A altura do salto vertical e o tempo de resposta no teste de *stroop*, assim como percepção de esforço e fadiga mental foram verificadas. No primeiro dia dos procedimentos, os atletas executaram a familiarização, no qual os procedimentos de avaliação e intervenção, bem como todos os exercícios que foram utilizados nos protocolos foram demonstrados e executados pelos participantes na quadra de futsal onde os atletas eram habituados a treinar. Em seguida e separado por 48 horas, os atletas realizaram os protocolos de intervenção e controle executados em uma quadra de futsal e em uma sala de aula fechada, livre de barulhos externos, do uso de celulares e quaisquer outros aparelhos eletrônicos alheios a coleta de dados, respectivamente. Um dia antes de cada uma das quatro intervenções, um sorteio foi realizado para definir qual protocolo seria executado na coleta do dia seguinte. A execução dos protocolos obedeceu a seguinte ordem definida nos sorteios: Protocolo 1: Combinado; Protocolo

2: Controle; Protocolo 3: Corrida com mudança de direção (MD); Protocolo 4: Coordenativo. A figura 1 ilustra como foram conduzidos os procedimentos de coleta do estudo piloto.

Antes de iniciar os protocolos, os indivíduos responderam as escalas de percepção de esforço e fadiga mental, levando em consideração as atividades realizadas ao longo do dia, que exigiram esforço físico e cognitivo dos participantes. Em seguida, os voluntários realizaram exercícios preparatórios para execução do salto com contramovimento, que consistiu na execução de 10 repetições do exercício de agachamento, 5 sprints de 20 metros, 5 saltos verticais com mãos livres e 5 repetições de salto com contramovimento. Logo após a execução do salto, os atletas eram designados a sentar-se à frente de um dos computadores posicionados no local de coleta para realização do teste de *stroop*. Os atletas foram orientados a responder aos estímulos do teste de *stroop* o mais rápido possível e duas medidas de teste foram realizadas antes da medida principal. O mesmo computador foi utilizado para a realização das duas medidas de cada atleta, ou seja, o computador 1 foi utilizado pelo atleta 1 nos momentos pré e pós. Todo procedimento de coleta de dados foi realizado 60 minutos antes do início dos treinamentos de futsal, que era programado para a noite.

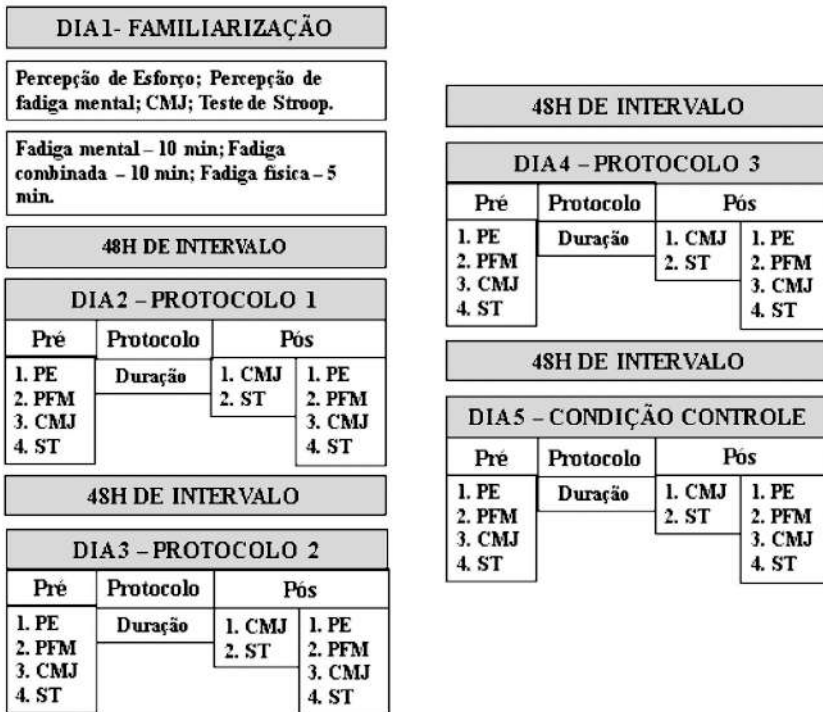


Figura 1. Descrição dos procedimentos de avaliação e intervenção do estudo.

Nota: A ordem dos eventos expostos na figura pode ser alterada em função do protocolo sorteado para os dias de intervenção. PE: Percepção de esforço; PFM: Percepção de fadiga mental; CMJ: Counter movement jump; ST: Stroop test.

Participantes

Inicialmente, 12 atletas foram indicados pelo treinador para fazer parte da investigação. Após critérios iniciais, oito atletas foram selecionados para participar da coleta de dados, porém, um atleta não concluiu todos os procedimentos de avaliação e foi excluído das análises. Sendo assim, sete atletas (14.7 ± 0.49 anos; 61.6 ± 8.69 kg; 20.68 ± 3.68 kg/m²) finalizaram todos os procedimentos e foram incluídos nas análises. A tabela 1 descreve os dados de *baseline* dos participantes. Fizeram parte da amostra do presente estudo, atletas de futebol e/ou futsal da categoria sub-15, que participaram de ao menos uma competição oficial de futebol e/ou futsal em nível nacional, regional ou escolar antes do período de coleta de dados, livres de qualquer tipo de lesões musculares, ligamentares, tendíneas ou esqueléticas nos três meses que antecederam as coletas de dados, obedecendo uma rotina de no mínimo três sessões semanais de treinamento. Foram excluídos atletas que apresentarem algum desconforto ou lesão de qualquer caráter ao longo da avaliação e/ou intervenção, não conseguirem executar de maneira satisfatória as tarefas coordenativas propostas para os protocolos coordenativo e combinado, ou não concluírem algumas das etapas do estudo. Todos os participantes incluídos na pesquisa foram orientados a executar apenas os treinamentos programados previamente. A participação dos voluntários no estudo se deu após a leitura, esclarecimento e assinatura dos termos de assentimento livre e esclarecido (TALE) e termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) pelos participantes e pelo responsável pelos atletas, respectivamente. Após ser submetido à apreciação, o presente estudo foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais sob parecer número 5.758.876 (CAAE: 59836022.0.0000.5149).

Tabela 1. Características dos atletas selecionados para participar do estudo.

	Participantes Média ± Desvio Padrão
Idade (anos)	14,7 ± 0,49
Peso Corporal (kg)	61,6 ± 8,69
Estatura (cm)	173,00 ± 0,08
IMC (kg/m ²)	20,68 ± 3,68
Índice de Fadiga (%)	16,02 ± 16,27
Duração média do protocolo de corrida (min)	20,33 ± 1,34

Protocolos de intervenção e controle

O protocolo coordenativo foi baseado na atividade descrita por Coutinho et al., (2017), o qual descreveu sete tarefas coordenativas com e sem bola realizadas ao longo de uma escada de agilidade durante 20 minutos. Os vídeos⁴ que

⁴ Os materiais audiovisuais a respeito das tarefas coordenativas utilizadas no presente estudo estão disponíveis no link <https://shre.ink/mNqF>

demonstram todas as tarefas utilizadas foi apresentado aos voluntários antes de iniciarem a familiarização. Além disso, um pesquisador familiarizado executou todos os exercícios na ordem em que os participantes deveriam realizar. Em seguida, todos os participantes experimentaram cada um dos sete exercícios. Feedbacks sobre a execução, bem como correções foram realizadas pelos pesquisadores. Cinco exercícios sem bola e dois exercícios com bola foram executados pelos participantes. Segundo Coutinho e colaboradores (2017), adicionar exercícios coordenativos com bola aumenta a demanda de atenção e conseqüentemente a carga cognitiva da tarefa motora. Nesse sentido, o presente estudo também irá utilizar exercícios com bola. Os voluntários realizaram uma passagem em cada atividade, retornando para o ponto inicial da escada de agilidade e seguindo para o exercício subsequente.

Uma versão modificada da avaliação de habilidade de repetir sprints (*repeated sprint ability test*) proposto por Pellegrino et al. (2018) foi utilizado no presente estudo. Os autores mencionados anteriormente realizaram uma série de 10 repetições de corrida em maior velocidade possível ao longo de 40 m, com mudança de direção de 180° a cada 20 m. No presente estudo, os voluntários executaram três séries com 10 repetições cada, obedecendo intervalo de recuperação de 25 segundos entre cada sprint e 02:30 minutos entre cada série. Cinco segundos antes de iniciar o próximo sprint os atletas foram convidados a retornar ao ponto de partida para aguardar o início do próximo estímulo (Pellegrino et al., 2018). A duração total do protocolo variou conforme o desempenho dos atletas apresentando duração média de $20,33 \pm 01,34$ minutos. O tempo de execução de cada sprint foi anotado para posterior cálculo do índice de fadiga obtido por meio do incremento no tempo de execução da corrida em relação ao sprint mais rápido como proposto pela equação [(tempo mais rápido – último tempo) / tempo mais rápido*100] (Jiménez-Reyes et al., 2019).

O protocolo combinado foi realizado somando o protocolo coordenativo ao de corrida com mudança de direção. Os atletas realizaram tarefas coordenativas mencionadas anteriormente ao longo de uma escada de agilidade e em seguida realizaram uma corrida a máxima velocidade possível com 180° de mudança de direção. Durante o protocolo combinado, 45 m foram percorridos, nos quais, nos primeiros 5 m foram realizados os exercícios coordenativos, em seguida os participantes percorreram 40 m com mudança de direção (180°) a cada 20 m. Ao final da tarefa de corrida os indivíduos retornaram ao início da escada, aguardando o período de recuperação. A duração total do protocolo foi estipulada em 20 minutos, iniciando cada estímulo com a realização da atividade coordenativa e finalizando com a corrida de maneira imediatamente após atividade anterior (tarefa coordenativa).

Durante a condição controle, os atletas foram orientados a assistir a um vídeo documentário emocionalmente neutro durante 20 minutos. Estudos têm utilizado protocolos similares com exposição de vídeos documentários apresentados em televisão para controlar pesquisas experimentais que observaram os efeitos de tarefas cognitivas sobre o desempenho de atletas de diferentes categorias e modalidades esportivas (Fortes et al., 2019; Gantois et al., 2020; Kunrath et al., 2020), os quais não têm demonstrado haver mudanças significativas em parâmetros físicos

e cognitivos dos participantes após assistirem o documentário. Uma sala fechada, em temperatura ambiente, isenta de utilização de smartphones e ruídos externos foi utilizada para realização do protocolo controle.

Procedimentos de avaliação

Medidas objetivas e subjetivas foram utilizadas para verificar a influência dos protocolos sobre parâmetros físicos e cognitivos dos atletas. A altura do salto vertical com contra movimento (CMJ) foi utilizada (Bosco et al., 1983) para verificar o estado de prontidão neuromuscular dos participantes (Claudino et al., 2017) antes e após os protocolos experimentais e controle, utilizando um tapete de contato. O participante foi orientado a estar em cima de um tapete e ao sinal do avaliador, o participante realizou uma flexão de joelho alcançando aproximadamente 90°, seguido imediatamente por um salto vertical. Por ser uma medida comum aos atletas no cotidiano do clube, nenhuma familiarização será implementada. Além disso, a fim de evitar quaisquer alterações nos valores basais dos atletas, a atividade preparatória para o salto foi realizada conforme rotina preconizada pelos avaliadores, na qual os atletas realizaram dez agachamentos sem carga externa, cinco sprints de 20 metros, cinco saltos verticais e cinco saltos com contra movimento. Três saltos foram realizados pelos participantes em cada momento de avaliação, obedecendo pelo menos 15 segundos entre os saltos. A média dos três ensaios foi calculada e utilizada para análise. Um estudo de meta-análise demonstrou que a média da altura de três saltos é sensível para detectar mudanças no desempenho do salto por redução provocada pela fadiga (Claudino et al., 2017). A confiabilidade do CMJ para detectar a fadiga foi testada anteriormente e apresentou os valores CV: 2,6%; e ICC (95% IC): 0,97 (0,92-0,98) (Jiménez-Reyes et al., 2019).

O controle inibitório e a atenção sustentada são componentes da função executiva avaliados no teste de *stroop* (Graf et al., 1995). Sendo assim, a função executiva foi verificada após os protocolos experimentais e controle. O teste foi conduzido individualmente, no qual os participantes foram perguntados sobre a cor da palavra, que pode ser diferente do significado dela (por exemplo, a palavra “vermelho” pode aparecer na cor “verde”, a palavra “azul” em “vermelho” e etc.). O teste com 36 palavras divididas em três etapas, cada uma com 12 respostas foi realizado. Variações entre estímulos controle (retângulo colorido com uma das cores: vermelho, verde, azul e preto), congruentes (palavra e cor têm o mesmo significado) e incongruentes (palavra e cor têm significado diferente) (Fortes et al., 2019; Gantois et al., 2020) foram adotados no teste. Os participantes foram incentivados a responder de maneira correta e o mais rápido possível cada estímulo que apareceu na tela. A quantidade de acertos e o tempo que o participante precisou para responder cada estímulo foi verificado. A média do tempo de resposta e quantidade de acerto em todas as etapas foi utilizada para posterior análise.

Medidas subjetivas de avaliação do esforço físico e fadiga mental também foram implementadas no presente estudo. Uma escala de percepção de esforço (PE) de 1 a 10 foi utilizada para verificação do esforço físico percebida pelos participantes durante os protocolos experimentais e controle. O voluntário respondeu à pergunta “como foi o seu exercício?” apontando na escala o número que reflete o esforço percebido por ele em relação ao protocolo executado. A carga

interna total da sessão foi calculada por meio de uma equação proposta previamente (Foster et al., 2001), na qual o valor apontado na escala foi multiplicado pela duração total da sessão do protocolo de acordo com a equação: $PE_{sessão} = PE * duração da sessão$. A escala analógica visual (VAS) de 100mm foi utilizada para mensurar o nível de fadiga mental experimentado pelos participantes, os quais foram orientados a marcar com uma linha vertical o nível de fadiga mental percebido por eles (Kunrath et al., 2020). Medidas subjetivas de fadiga mental são amplamente utilizadas em estudos no futebol e demonstraram ser sensíveis ao acometimento dessa condição em atletas dessa modalidade (Fortes et al., 2019; Kunrath et al., 2020). Os valores de percepção de fadiga mental obtidos em cada protocolo foram convertidos em cm e posteriormente analisados.

Análise Estatística

Os dados foram expostos em média e desvio padrão. A normalidade multivariada foi testada por meio do teste de Shapiro-Wilk e a igualdade das matrizes de covariância foi analisada por meio do teste de M de box. Além disso, o teste de igualdade das variâncias do erro de Levene também foi realizado para verificar homogeneidade das variâncias univariada. Ausência de outliers multivariados também foi observado utilizando a distância de Mahalanobis, considerado outliers observações com valor maior que 18,47. Multicolinearidade foi verificada por meio de correlação de Pearson. Análise de variância multivariada (MANOVA) de medidas repetidas para dois fatores – protocolo (em quatro níveis – protocolos de fadiga física, mental, combinada e controle) e tempo (dois níveis – momento pré e pós) foi conduzida para comparar as médias. A análise post hoc de Bonferroni foi utilizado como ferramenta complementar para identificar em quais comparações houve diferenças estatisticamente significativas, considerando $p < 0,05$. Análise de variância (ANOVA) foi utilizada para comparar a variável quantidade de acertos, que foi utilizada como medida de engajamento, devido a quantidade de palavras (36) utilizada no teste, que quando comparada com outros estudos (como por exemplo as 64 utilizada no estudo de Fortes *et al.* (2019) foi considerada pequena. O tamanho do efeito *eta* parcial quadrático foi calculado considerando um efeito pequeno ($0,02 \leq \eta^2_p < 0,13$), médio ($0,13 < \eta^2_p < 0,26$), ou grande ($\eta^2_p > 0,26$). Todos os procedimentos estatísticos serão realizados por meio do software SPSS (*Statistical Package for Social Science*) for Windows®, versão 19.0.

RESULTADO

A análise de variância multivariada indicou que houve diferença significativa entre os protocolos no modelo proposto para análise dos dados [Traço de Pillai = 1,703; $F(24, 58) = 3,117$; $p < 0,001$; $n^2_p = 0,68$]. Também foi observado efeito “protocolo” sobre as variáveis dependentes percepção de fadiga mental no momento pós [$F(3, 24) = 4,933$; $p = 0,008$; $n^2_p = 0,38$]; percepção de esforço nos momentos pré [$F(3, 24) = 3,056$; $p = 0,048$; $n^2_p = 0,276$] e pós [$F(3, 24) = 44,49$; $p < 0,001$; $n^2_p = 0,848$] e tempo de resposta no teste de *stroop* no momento pós [$F(3, 24) = 7,355$; $p = 0,001$; $n^2_p = 0,479$].

O resultado das análises demonstrou que houve efeito significativo dos protocolos de corrida MD e combinado em relação ao tempo, provocando redução do desempenho no salto vertical (Corrida: $p=0,015$; $n^2_p=0,221$ e combinado: $p=0,001$; $n^2_p=0,375$). Além disso, após executarem os protocolos experimentais, os atletas apresentaram aumento significativo dos valores da percepção de fadiga mental (Corrida: $p<0,001$; $n^2_p=0,479$; Coordenativo: $p<0,001$; $n^2_p=0,522$; Combinado: $p<0,001$; $n^2_p=0,620$) e percepção de esforço (Corrida: $p<0,001$; $n^2_p=0,787$; Coordenativo: $p<0,001$; $n^2_p=0,546$; Combinado: $p<0,001$; $n^2_p=0,653$). Ademais, os atletas também aumentaram de maneira significativa o tempo de resposta para responder aos estímulos no teste de stroop (Corrida: $p<0,001$; $n^2_p=0,451$; Coordenativo: $p<0,001$; $n^2_p=0,640$; Combinado: $p<0,001$; $n^2_p=0,652$).

Na variável tempo de resposta no teste de *stroop* foi observado diferença significativa quando o protocolo controle foi comparado com o coordenativo ($p=0,001$) e o Combinado ($p=0,006$). Por outro lado, os protocolos de corrida ($p=0,015$), combinado ($p=0,021$) apresentaram maiores valores de percepção de fadiga mental quando comparados ao protocolo controle. Na variável percepção de esforço, quando comparado com a condição controle os protocolos experimentais apresentaram maior valor (corrida: $p<0,001$; coordenativo: $p<0,001$; combinado: $p<0,001$). Além disso, os atletas apresentaram maior valor de percepção de esforço após realizarem os protocolos de corrida ($p=0,006$) e o combinado ($p=0,006$) em comparação com o protocolo coordenativo. A comparação entre os protocolos de corrida e coordenativo não apresentou diferença estatisticamente significativa. Em relação ao salto vertical, nenhuma comparação apresentou significância estatística. A quantidade de acertos no teste de *stroop*, utilizada como uma medida de engajamento na tarefa de *stroop* não apresentou diferença significativa em relação ao tempo [$F(1, 24) = 0,122$; $p=0,729$]. Também não foi verificada diferença significativa quando os protocolos foram comparados [$F(3, 24) = 1,673$; $p=0,199$].

Tabela 2. Média e desvio padrão apresentados antes e após os protocolos experimentais e controle nas variáveis altura do salto vertical (cm), tempo de resposta no teste de stroop, percepção de esforço e fadiga mental.

	Protocolo Combinado		Protocolo de Corrida		Protocolo Coordenativo		Protocolo Controle	
	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós
CMJ (cm)	32,19 4 3,45	30,25 4 2,63*	34,04 4 3,36	31,71 4 2,51*	33,36 4 2,60	32,43 4 3,98	32,81 4 2,88	32,37 4 2,88
Tempo de resposta (s)	43,18 4 1,33	52,05 4 2,08 ^{ab}	43,55 4 2,16	49,42 4 4,96*	44,51 4 1,40	53,14 4 4,32 ^{ab}	44,41 4 2,37	45,00 4 1,56
Percepção de esforço (U.A)	4,86 4 1,68 ^a	8,43 4 0,79 ^{bc}	3,43 4 0,98	8,43 4 0,54 ^{ac}	3,29 4 2,22	6,14 4 1,77 ^a	2,43 4 0,79	2,29 4 1,11
Percepção de fadiga mental (cm)	3,33 4 1,63	5,86 4 1,54 ^a	4,08 4 1,53	5,99 4 2,34 ^a	3,17 4 1,52	5,24 4 1,91	2,91 4 1,20	2,61 4 1,60
Quantidade de acertos (n^o)	35,14 4 1,06	35,14 4 0,69	35,43 4 0,78	34,86 4 0,90	35,43 4 0,53	35,57 4 0,54	35,14 4 1,46	35,86 4 0,38

Nota: CMJ; Salto com contramovimento. (*) Diferença estatisticamente significante em relação ao tempo (pM0,05). (a) Diferença estatisticamente significante em relação ao protocolo controle (pM0,05). (b) Diferença estatisticamente significante em relação ao protocolo fadiga física (pM0,05). (c) Diferença estatisticamente significante em relação ao protocolo mental (pM0,05). (d) Diferença estatisticamente significante em relação ao protocolo combinado (pM0,05).

DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi comparar o efeito de diferentes tarefas motoras sobre aspectos físico e cognitivo de atletas de futebol e futsal. Os principais achados do presente estudo foram o aumento o significativo da percepção de fadiga mental do protocolo de corrida em comparação com o controle, embora não tenha apresentado diferença estatisticamente significativa ao longo do tempo.

Alguns autores tem demonstrado que protocolos com característica motora podem aumentar a percepção de fadiga mental (Rubio-Morales et al., 2022). O aumento observado nessa variável pode ter sido causado pela característica do protocolo de alta intensidade e relativamente longa duração. Protocolos com essas características exigem alta demanda mental para manutenção do ritmo e também autoconfiança o que pode ter aumentado a percepção de fadiga mental dos atletas (Van Cutsem et al., 2017). A teoria do esgotamento do ego ajuda a justificar a influência de tarefas físicas na percepção da fadiga mental, a qual atribui a redução da performance a depleção de determinadas áreas do cérebro, nesse caso, o córtex motor devido a característica do exercício. Além disso, essa teoria também estabelece que quanto mais longa e mais intensa for a tarefa motora, maior o esgotamento de outras áreas do cérebro como córtex cingulado anterior, diminuindo assim o desempenho geral (Rubio-Morales et al., 2022). Essa teoria também pode explicar o aumento do tempo de resposta observado no teste de *stroop* após todos os protocolos experimentais (corrida, coordenativo e combinado).

Apesar de apresentarem diferença significativa na comparação com a condição controle, isso não foi observado na comparação entre o pré e pós intervenção. A conversão dos valores de milímetro para centímetros e o tamanho da amostra pequeno podem ter contribuído para que as análises não apontassem para diferença estatisticamente significativa ao longo do tempo, uma vez que outros estudos tem observado diferença significativa utilizando a escala em milímetros (Rubio-Morales et al., 2022). Essa questão também foi observada no presente estudo por meio do aumento da percepção de esforço após o protocolo coordenativo, que igualmente, apresentou diferença significativa quando comparado a condição controle, o que não ocorreu quando comparado ao longo do tempo. Coutinho et al. (2017) aplicaram uma intervenção com sete exercícios coordenativo e verificaram aumento da percepção de esforço após a realização do protocolo. Outros estudos tem justificado o aumento da percepção de esforço por conta do aumento da intensidade do feedback aferente dos sistemas fisiológicos periféricos; pelo aumento da intensidade do comando motor central; e pela alteração do processamento desses sinais neurais no cérebro, independentemente se a origem do sinal for da porção periférica ou de descargas corolárias do comando motor central (Van Cutsem et al., 2017).

Diminuição da altura do salto vertical foi observada para os protocolos de corrida e combinado em comparação com o momento inicial, mas não foi observada no protocolo coordenativo. Esse resultado corrobora com os achados de Coutinho et al. (2017), os quais também não observaram diferença significativa na altura do salto vertical quando aplicou um protocolo de exercícios coordenativos similar ao aplicado no presente estudo. Nesse estudo, a medida foi aplicada como *manipulation check* que é um ou mais conjuntos de avaliações utilizadas

para verificar a eficácia de uma manipulação, garantindo que o protocolo utilizado provoque fadiga mental sem promover fadiga física aos participantes. Dessa maneira, Coutinho et al. (2017) constataram que o protocolo induziu fadiga mental, uma vez que demonstrou aumento na percepção de fadiga mental, no entanto não provocou fadiga física, constatado pela inalteração da altura do salto vertical. Protocolos com o objetivo de induzir de fadiga mental é efetivo para de reduzir o exercício subsequente com característica de resistência (*i.e.*, tempo até exaustão corrida de longa duração), no entanto, sem afetar atividades com característica neuromuscular, como é o salto vertical (Marcora et al., 2009; Van Cutsem et al., 2017). Pellegrino et al. (2018) aplicaram um protocolo de corrida similar ao utilizado no presente estudo e comparou o desempenho físico durante pequenos jogos realizados antes e após a corrida e verificaram diminuição no número de sprints, acelerações e distância de sprints. Porém, apesar de considerar o protocolo como fisicamente fatigante, os autores não utilizaram *manipulation check* para garantir a efetividade do protocolo para induzir a fadiga.

Uma das limitações do presente estudo está no tamanho amostral dos participantes, uma vez que para esse estudo não foi realizado cálculo do tamanho da amostra, que é considerado pequeno ($n=7$). No entanto, para o presente estudo a amostra foi pareada, na qual os sujeitos foram comparados com ele mesmo e os 7 indivíduos realizaram todas as condições experimentais e controle. No entanto, para futuras pesquisas é interessante incluir um tamanho amostral adequado e conseqüentemente, incluir mais participantes para aumentar a validade externa dos dados. Outra limitação está relacionada a falta de controle em relação a intensidade dos protocolos aplicados no presente estudo. Medidas de frequência cardíaca máxima e média, poderiam ser verificadas ao longo dos protocolos a fim de comparar a faixa de intensidade que os atletas alcançaram. No entanto, a percepção de esforço também pode ser considerada como uma medida de intensidade do exercício e foi obtida ao longo das coletas de dados. Como trata-se de um estudo piloto, para a pesquisa principal, resoluções para essas limitações serão implantadas e maior controle das variáveis e amostra será realizado.

CONCLUSÃO

Os achados do presente estudo indicam que tarefas motoras de corrida, coordenativa e combinada induzem aumento da percepção de fadiga mental e tempo de resposta no teste de *stroop* de maneira similar. No entanto, a percepção de esforço e a altura do salto vertical são mais afetados pelos protocolos que incluem corrida de alta intensidade (*i.e.*, Protocolo de corrida e combinado). Esses resultados orientam em relação a necessidade de verificação de variáveis afetadas por esse tipo de protocolo antes do treinamento de atletas da categoria sub-15 para monitorar possíveis reduções de desempenho antes da tarefa principal.

REFERÊNCIAS

Bortolotti, H. (2016). *Regulação cerebral e percepção de esforço durante exercício incremental* Henrique Bortolotti *Regulação cerebral e percepção de esforço durante exercício incremental* São Paulo.

- Bosco, C., Luhtanen, P., & Komi, P. (1983). A simple method for measurement of mechanical power in jumping. *European Journal of Applied Physiology*, *50*, 273–282. <https://doi.org/10.1525/abt.2010.72.7.10>
- Cárdenas, D., Conde-González, J., & Perales, J. C. (2017). La fatiga como estado motivacional subjetivo. *Revista Andaluza de Medicina Del Deporte*, *10*(1), 31–41. <https://doi.org/10.1016/j.ramd.2016.04.001>
- Claudino, J. G., Cronin, J., Mezêncio, B., McMaster, D. T., McGuigan, M., Tricoli, V., Amadio, A. C., & Serrão, J. C. (2017). The countermovement jump to monitor neuromuscular status: A meta-analysis. *Journal of Science and Medicine in Sport*, *20*(4), 397–402. <https://doi.org/10.1016/j.jsams.2016.08.011>
- Costa, I. T. ; Dambroz, F. ; & González-Víllora, S. (2022). Exploring the effects of physical fatigue on cognitive performance of youth soccer players performance of youth soccer players. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 1–16. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2022.2134437>
- Coutinho, D., Gonçalves, B., Travassos, B., Wong, D. P. ; Coutts, A. J. ; & Sampaio, J. (2017). Mental fatigue and spatial references impair soccer players' physical and tactical performances. *Frontiers in Psychology*, *8*(1645), 1–12. <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85029695428&doi=10.3389%2Ffpsyg.2017.01645&partnerID=40&md5=50f7dbb55abf2bbe4d66d1d57e0d6ad2>
- Coutinho, D., Gonçalves, B., Wong, D. P., Travassos, B., Coutts, A. J., & Sampaio, J. (2018). Exploring the effects of mental and muscular fatigue in soccer players' performance. *Human Movement Science*, *58*(October 2017), 287–296. <https://doi.org/10.1016/j.humov.2018.03.004>
- Fortes, L. S., Lima-Junior, D., Nascimento-Júnior, J. R. A., Costa, E. C., Matta, M. O., & Ferreira, M. E. C. (2019). Effect of exposure time to smartphone apps on passing decision-making in male soccer athletes. *Psychology of Sport and Exercise*, *44*(May), 35–41. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2019.05.001>
- Foster, C., Florhaug, J., Franklin, J., Gottschall, L., Hrovatin, L., Parker, S., Doleshal, P., & Dodge, C. (2001). A New Approach to Monitoring Exercise Training. *Journal of Strength and Conditioning Research*, *15*(1), 109–115.
- Fuster, J., Caparrós, T., & Capdevila, L. (2021). Evaluation of cognitive load in team sports: Literature review. *PeerJ*, *9*, 1–26. <https://doi.org/10.7717/peerj.12045>
- Gantois, P., Caputo Ferreira, M. E., Lima-Junior, D. de, Nakamura, F. Y., Batista, G. R., Fonseca, F. S., & Fortes, L. de S. (2020). Effects of mental fatigue on passing decision-making performance in professional soccer athletes. *European Journal of Sport Science*, *20*(4), 534–543. <https://doi.org/10.1080/17461391.2019.1656781>
- Graf, P., Uttl, B., & Tuokko, H. (1995). Color- and Picture-Word Stroop Tests: Performance Changes in Old Age. *Journal of Clinical and Experimental Neuropsychology*, *17*(3), 390–415. <https://doi.org/10.1080/01688639508405132>
- Jiménez-Reyes, P., Pareja-Blanco, F., Cuadrado-Peñañiel, V., Ortega-Becerra, M., Párraga, J., & González-Badillo, J. J. (2019). Jump height loss as an indicator of

fatigue during sprint training. *Journal of Sports Sciences*, 37(9), 1029–1037. <https://doi.org/10.1080/02640414.2018.1539445>

Kunrath, C. A., Nakamura, F. Y., Roca, A., Tessitore, A., & Tealdo Da Costa, I. (2020). How does mental fatigue affect soccer performance during small-sided games? A cognitive, tactical and physical approach. *Journal of Sports Sciences*, 38(15), 1818–1828. <https://doi.org/10.1080/02640414.2020.1756681>

Marcora, S. M., Staiano, W., & Manning, V. (2009). Mental fatigue impairs physical performance in humans. *Journal of Applied Physiology*, 106(3), 857–864. <https://doi.org/10.1152/jappphysiol.91324.2008>

Mohr, M., Krusturup, P., & Bangsbo, J. (2005). Fatigue in soccer: A brief review. *Journal of Sports Sciences*, 23(6), 593–599. <https://doi.org/10.1080/02640410400021286>

Pellegrino, G. C., Paredes-Hernández, V., Sánchez-Sánchez, J., García-Unanue, J., & Gallardo, L. (2018). Effect of the fatigue on the physical performance in different small-sided games in elite football players gabriel. *The Journal of Strength and Conditioning Research*, 29(1), 37–46.

Pinheiro, G. de S., Drummond, M., Almeida, A., Szmuchrowski, L., & Couto, B. (2022). The Effect of a Repeated Sprint Training Session on Neuromuscular Acute Fatigue. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 27(289), 42–55. <https://doi.org/10.46642/efd.v27i289.2682>

Rubio-Morales, A., Díaz-García, J., Barbosa, C., Habay, J., López-Gajardo, M. Á., & García-Calvo, T. (2022). Do Cognitive, Physical, and Combined Tasks Induce Similar Levels of Mental Fatigue? Testing the Effects of Different Moderating Variables. *Motor Control*, 1–19. <https://doi.org/10.1123/mc.2022-0042>

Smith, M. R., Coutts, A. J., Merlini, M., Deprez, D., Lenoir, M., & Marcora, S. M. (2016). Mental fatigue impairs soccer-specific physical and technical performance. *Medicine and Science in Sports and Exercise*, 48(2), 267–276. <https://doi.org/10.1249/MSS.0000000000000762>

Smith, M. R., Thompson, C., Marcora, S. M., Skorski, S., Meyer, T., & Coutts, A. J. (2018). Mental Fatigue and Soccer: Current Knowledge and Future Directions. *Sports Medicine*, 48(7), 1525–1532. <https://doi.org/10.1007/s40279-018-0908-2>

Thompson, C. J., Noon, M., Towilson, C., Perry, J., Coutts, A. J., Harper, L. D., Skorski, S., Smith, M. R., Barrett, S., & Meyer, T. (2020). Understanding the presence of mental fatigue in English academy soccer players. *Journal of Sports Sciences*, 38(13), 1524–1530. <https://doi.org/10.1080/02640414.2020.1746597>

Van Cutsem, J., Marcora, S., De Pauw, K., Bailey, S., Meeusen, R., & Roelands, B. (2017). The Effects of Mental Fatigue on Physical Performance: A Systematic Review. *Sports Medicine*, 47(8), 1569–1588. <https://doi.org/10.1007/s40279-016-0672-0>



COMPARAÇÃO DOS GOLS REALIZADOS EM CINCO CAMPEONATOS CONTINENTAIS DE FUTEBOL

*Ian Bianchini Veiga¹
João Eduardo P. S. Junior²
Júlia Barreira²*

RESUMO

Diversos estudos analisaram o padrão dos gols nos diferentes campeonatos de futebol. Porém, até o presente momento, nenhum desses estudos comparou todos os campeonatos continentais no mesmo trabalho. Assim, o objetivo deste estudo foi analisar os gols marcados nas últimas edições de todos os campeonatos continentais de futebol, incluindo UEFA Euro (Europa), AFC Copa Asiática (Ásia), Copa das Nações Africanas da CAF (África), Copa Ouro da CONCACAF (América do Norte, Central e Caribe) e CONMEBOL Copa América (América do Sul). Analisamos as 213 partidas e os 526 gols marcados através dos vídeos disponíveis em plataformas *online*. Para cada gol marcado foram coletadas informações referentes ao período da partida, situação de jogo, tipos de jogo (jogo aberto ou bola parada), parte do corpo utilizada, número de toques na bola, zona de gol, posição de jogo, condição (escalação inicial ou reserva) do jogador e a forma como a bola foi recebida (passe certo, rebote ou erro do adversário, pênalti ou falta). Os resultados mostraram características semelhantes entre os cinco campeonatos continentais. Destacamos que a Euro e a Copa Ouro tiveram as maiores médias de gols por jogo e as equipes ficaram menos dependentes do lance de bola parada. Os primeiros e últimos quinze minutos do segundo tempo indicam uma atenção especial da comissão técnica como períodos de maior incidência de gols. As informações fornecidas neste estudo apoiam treinadores e profissionais do esporte no desenvolvimento de programas de treinamento e estratégias de jogo mais coerentes com as demandas de seus campeonatos.

Palavras-chave: Análise de Jogo; Desempenho; Tática.

COMPARACIÓN DEL GOLES EN CINCO CAMPEONATOS CONTINENTALES DE FÚTBOL

RESUMEN

Diversos estudios han analizado el patrón de puntuación de goles en los distintos campeonatos de fútbol. Sin embargo, hasta el momento ninguno de estos estudios ha comparado todos los campeonatos continentales en un mismo trabajo. Así, el objetivo de este estudio fue analizar los goles marcados en las últimas ediciones de todos los campeonatos continentales de fútbol, incluyendo la Eurocopa (Europa), la Copa Asiática AFC (Asia), la Copa Africana de Naciones CAF (África), la Copa Oro de la CONCACAF (Norte América, Centro y Caribe) y CONMEBOL Copa América (Suramérica). Analizamos los 213 partidos y los 526 goles marcados a través de los vídeos disponibles online. Para cada gol marcado recogimos información sobre el período del partido, situación de juego, tipos de juego (juego abierto o a balón parado), parte del cuerpo

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP).

² Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

utilizada, número de toques al balón, zona de gol, posición de juego, condición (alineación inicial o reserva) del jugador y la forma en que recibió el balón (pase correcto, rebote o error del oponente, pênalti o falta). Los resultados mostraron características similares entre los cinco campeonatos continentales. Destacamos que la Eurocopa y la Copa Oro tuvieron el promedio más alto de goles por partido y los equipos fueron menos dependientes de las jugadas a balón parado. Los primeros y últimos quince minutos de la segunda parte indican una especial atención por parte del cuerpo técnico como periodos de mayor incidencia de goles. La información proporcionada en este estudio ayuda a los entrenadores y profesionales del deporte a desarrollar programas de entrenamiento y estrategias de juego que sean más coherentes con las exigencias de sus campeonatos.

Palabras clave: Análisis de Juego; Rendimiento; Táctica.

COMPARISON OF GOAL-SCORING PATTERN IN FIVE CONTINENTAL FOOTBALL CHAMPIONSHIPS

ABSTRACT

Several studies have analyzed the goals scoring pattern in the different football championships. However, until the present moment, none of these studies have compared all continental championships in the same work. Thus, the aim of this study was to analyze the goals scored in the last editions of all continental football championships, including UEFA Euro (Europe), AFC Asian Cup (Asia), CAF African Nations Cup (Africa), CONCACAF Gold Cup (North America, Central and Caribbean) and CONMEBOL Copa América (South America). We analyzed the 213 matches and 526 goals scored through the videos available online. For each goal scored we collected information regarding the period of the match, game situation, types of play (open play or set play), part of the body used, number of touches on the ball, goal scoring zone, playing position, condition (starting lineup or reserve) of the player and the way the ball was received (correct passing, rebound or error from the opponent, penalty or foul). The results showed similar characteristics among the five continental championships. We emphasize that the Euro and the Gold Cup had the highest average of goals per match and teams were less dependent on the set play. The first and final fifteen minutes of the second half indicate a special attention of the coaching staff as periods with the highest incidence of goals. The information provided in this study support coaches and sport professionals in developing training programs and game strategies that are more coherent with the demands of their championships.

Keywords: Match Analysis; Performance; Tactic.

INTRODUÇÃO

Os fatores que afetam o desempenho individual e coletivo no futebol têm recebido crescente atenção na literatura científica. A análise dos padrões de gols e as estratégias de ataque bem-sucedidas têm sido as principais áreas de interesse na análise de jogos de futebol (Pratas et al., 2018). Ao reconhecer o jogo como um fenômeno complexo, dinâmico e imprevisível, os gols podem acontecer de diferentes formas, sendo, portanto, um desafio estabelecer um caminho exato para marcar um gol (Mackenzie & Cushion, 2013). No entanto, a análise de vários jogos pode revelar comportamentos e estratégias habitualmente utilizados e que frequentemente levam ao gol. Os fatores contextuais, ações e eventos que ocorrem em ordem sequencial antes do gol marcado representam conhecimentos importantes para os treinadores no planejamento do treinamento, na criação de oportunidades de chute e na conversão das tentativas (Schulze et al., 2021). Desse modo, é importante desenvolver investigações sobre os padrões de marcação de gols, fornecendo

informações que possam ser úteis para os treinadores na elaboração de estratégias que consigam maximizar o sucesso da equipe (Kubayi & Toriola, 2019).

Diversos estudos foram desenvolvidos com o objetivo de analisar os padrões de marcação de gols em diversos campeonatos de futebol. A Copa do Mundo recebeu especial atenção da literatura dada a sua importância econômica, política e social. Foram analisados diferentes aspectos relacionados aos gols, como taxa de gols por campeonato, placar final, período da partida em que os gols foram marcados, tipos de gols marcados (jogo aberto ou bola parada), parte do corpo usado para marcar o gol, o número de toques na bola antes do gol, a zona de gol e a posição e condição de jogo (titular, reserva) do jogador que marcou o gol (Acar et al., 2008; Njororai, 2013; Kubayi & Toriola, 2019). Essas variáveis são denominadas estáticas por representarem uma variedade de indicadores de desempenho relacionados à realização de gols (Pratas et al., 2018). Apesar das suas limitações, a abordagem estática representa uma das formas mais simples de coleta e análise de dados e, ao mesmo tempo, fornece informação útil para a tomada de decisão dos treinadores.

Alguns estudos investigaram temporadas específicas da Copa do Mundo, como Alemanha 2006 (Armatas et al., 2007; Acar et al., 2008), África do Sul 2010 (Njororai, 2013) e Rússia 2018 (Vergonis et al., 2019; Kubayi, 2020). Outros investigaram mais de uma temporada mostrando o comportamento longitudinal ao longo dos anos (López, 1999; Njororai, 2013; Smith & Lyons, 2017; Kubayi & Toriola, 2019). Por exemplo, Njororai (2013) apresenta um dos estudos mais robustos por ter analisado um amplo período de tempo das Copas do Mundo. O autor analisou os gols marcados desde a primeira Copa do Mundo, em 1930, até a temporada de 2010. Determinando uma taxa de gols de 2,3 gols por partida, sendo a maioria deles em jogo aberto (75,86%) e menos em lances de bola parada (24,14%). A análise longitudinal revelou que a média de gols por partida diminuiu ao longo dos anos, indicando uma melhor organização defensiva e uma maior competitividade entre as seleções nacionais. O autor demonstrou que a maioria dos gols originaram de finalizações realizadas por meio de chutes e não de cabeça e foram marcados no segundo tempo, principalmente nos últimos quinze minutos. Mais gols foram marcados dentro da grande área do que fora, e os atacantes marcaram a maioria dos gols.

Embora esses estudos anteriores tenham fornecido informações importantes sobre os padrões de gols, a análise da Copa do Mundo mascara as diferenças continentais entre as equipes nacionais. Armatas & Mitrotasios (2014) forneceram uma análise mais específica, investigando os gols na Euro 2012. Os autores identificaram que a maior incidência de gols ocorreu no segundo tempo, principalmente nos últimos quinze minutos, bem como, os gols foram mais frequentes com bola em movimento e dentro da grande área. Da mesma forma, Oliveira et al. (2021) compararam a ocorrência de gols na Copa América e na Eurocopa, ambas na edição de 2016. Encontraram maior predominância de gols com o pé direito e que a maioria dos gols na Copa América ocorreram nos primeiros quinze minutos das partidas enquanto a incidência na Eurocopa foi maior nos últimos quinze minutos das partidas. Santos (2020) também analisou os gols da Copa América, no entanto da edição de 2019 e constatou uma distribuição igualitária entre os gols

do primeiro e do segundo tempo, e que a maior parte dos gols foi concretizada com o pé direito e após assistência do companheiro de equipe.

Apesar de que existam iniciativas de investigação dos campeonatos continentais, temos apenas um estudo que tenha investigado todos os campeonatos ao mesmo tempo. Ahmad et al. (2020) analisaram os gols marcados em todos os campeonatos continentais de futebol, porém, investigaram apenas os períodos da partida em que os gols foram marcados, ou seja, primeiro tempo, segundo tempo ou prorrogação. Outras variáveis poderiam fornecer informações mais detalhadas sobre as diferenças entre os campeonatos e a definição de estratégias de forma mais precisa em relação às características de cada torneio. Portanto, o objetivo do estudo foi analisar os gols marcados nas últimas edições de todos os campeonatos continentais de futebol, incluindo a UEFA Euro (Europa), AFC Copa Asiática (Ásia), Copa das Nações Africanas da CAF (África), Copa Ouro da CONCACAF (América do Norte).

MÉTODOS

Amostra

A Tabela 1 apresenta as características dos campeonatos analisados neste estudo. Importante destacar que a Copa das Nações da Oceania, organizada pela OFC, foi excluída deste estudo, tendo em vista que a sua última edição, que ocorreria em 2020, foi cancelada por causa da pandemia do Covid-19. Foram analisados 526 gols em 213 partidas.

Tabela 1. Características do campeonato de cada confederação continental.

Campeonato	Euro	Copa Asiática	Copa das Nações Africanas	Copa Ouro	Copa América
Continente	Europa	Ásia	África	América do Norte e Central	América do Sul
Confederação	Uefa	AFC	CAF	CONCACAF	CONMEBOL
Ano	2020	2019	2021	2021	2021
Gols	142	130	100	100	65
Jogos	51	51	52	31	28
Gols/Jogos	2,8	2,5	1,9	3,2	2,3

Procedimentos

Foram utilizados vídeos oficiais disponíveis no site Footballia.net para realizar a análise das partidas. A reprodução foi realizada em *software* Media Player® e todas as variáveis foram registradas em planilhas do Microsoft Excel®. Dois cientistas esportivos qualificados, com experiência no futebol, foram treinados para realizar todas as análises adotando os mesmos critérios. Procedimentos

semelhantes foram utilizados por estudos anteriores que investigaram padrões de marcação de gols no futebol (Furley et al., 2017; Kubayi & Toriola, 2019). Cada gol foi analisado quatro vezes. A primeira vez em velocidade normal, enquanto a segunda e terceira com pontos de interrupção determinados pelo observador. A quarta vez foi uma semana depois para garantir a confiabilidade dos dados.

As variáveis analisadas neste estudo incluíram o placar final; período da partida em que foram marcados os gols (primeiro tempo, segundo tempo, prorrogação); tempo de jogo em que o gol foi marcado dividido em períodos de quinze minutos; tipos de gols marcados (jogo aberto ou bola parada); qual parte do corpo foi utilizada para fazer o gol (pé direito; pé esquerdo; cabeçada; outra parte do corpo); o número de toques na bola antes do gol (1; 2; 3...); zona de finalização (pequena área; grande área; fora da grande área; marca penal), a posição de jogo (zagueiro, meio-campista, atacante) e condição (escalação titular, reserva) do jogador que marcou o gol, e a forma como a bola foi recebida (passe certo, rebote ou erro do adversário, pênalti ou falta). Utilizamos os mesmos critérios de estudos anteriores (Acar et al., 2008; Njorarai, 2013; Kubayi & Toriola, 2019). As informações sobre a posição tática de cada jogador foram coletadas nos sites oficiais das Confederações Continentais (UEF: www.uefa.com; AFC: www.the-afc.com; CAF: www.cafonline.com; CONCACAF: www.concacaf.com; CONMEBOL: www.conmebol.com).

Análise estatística

Os dados obtidos foram tabulados em planilhas do Microsoft Excel® e importados para o *software Statistical Package for Social Sciences*® (SPSS) para todas as análises estatísticas. A estatística descritiva (frequências, média e desvio padrão) foi utilizada para resumir os dados. O teste Qui-Quadrado foi utilizado para comparar a frequência de ações entre os cinco campeonatos. O teste Kruskal-Wallis foi utilizado para comparar o número de toques na bola antes da finalização entre campeonatos. O nível de significância foi adotado em $p < 0,05$.

RESULTADOS

A Tabela 2 demonstra o padrão dos gols dos cinco campeonatos continentais. Encontramos diferença significativa apenas em relação à situação do jogo. Na Euro e na Copa Ouro a grande maioria dos gols foi marcada em jogo aberto, 71,8% e 77,5% respectivamente, enquanto nos restantes campeonatos há maior frequência de lances de bola parada. No geral, a maioria dos gols foi marcada no segundo tempo da partida, dentro da grande área e após passes certos. A maioria dos gols foi marcada pelos atacantes titulares. Ainda assim, vale destacar que especialmente no campeonato da CONMEBOL houve uma participação maior dos meio-campistas na realização dos gols.

Tabela 2. Características dos gols marcados em cinco campeonatos continentais.

	Eurocopa da UEFA 2020		AFC Copa Asiática 2019		CAF Copa das Nações Africanas 2021		Copa América CONMEBOL 2021		Copa Ouro da CONCACAF 2021		Qui-Quadrado	
	n	%	n	%	N	%	n	%	n	%	n	%
Período da partida	Primeiro tempo	52	36,6	61	46,9	41	41	29	44,6	40	44,9	
	Segundo tempo	83	58,5	67	51,5	58	58	36	55,4	48	53,9	p-valor=0,217
	Prorrogação	7	4,9	2	1,5	1	1	0	0	1	1,1	$\chi^2 = 10,73$
Tempo	1 - 15	12	8%	7	5%	10	10%	9	14%	16	18%	
	16 - 30	16	11%	22	17%	14	14%	7	11%	17	19%	
	31 - 45	19	13%	28	22%	12	12%	12	18%	4	4%	p-valor=0,143
	46 - 60	30	21%	16	12%	18	18%	12	18%	18	20%	$\chi^2 = 31,38$
	61-75	24	17%	20	15%	20	20%	10	15%	12	13%	
76-90	24	17%	25	19%	16	16%	10	15%	15	17%		
Extra	17	12%	12	9%	10	10%	6	9%	7	8%		
Situação	Jogo aberto	102	71,8	81	62,3	62	62	39	60	69	77,5	p-valor=0,043
	Bola parada	40	28,2	49	37,7	38	38	26	40	20	22,5	$\chi^2 = 9,84$
	Passado certo	99	69,7	80	61,5	68	68	40	61,5	66	74,2	
Forma como a bola foi recebida	Rebote	11	7,7	13	10	4	4	9	13,8	2	2,2	
	Erro do adversário	12	8,5	11	8,5	11	11	4	6,2	9	10,1	p-valor=0,113 $\chi^2 = 23,01$
	Pênalti	9	6,3	15	11,5	11	11	6	9,2	8	9	
	Falta	1	0,7	9	6,9	3	3	3	4,6	2	2,2	

	Eurocopa da UEFA 2020		AFC Copa Asiática 2019		CAF Copa das Nações Africanas 2021		Copa América CONMEBOL 2021		Copa Ouro da CONCACAF 2021		Qui-Quadrado
	n	%	n	%	N	%	n	%	n	%	
Pé direito	62	43,7	76	58,5	45	45	33	50,8	50	56,2	
Pé esquerdo	43	30,3	31	23,8	36	36	19	29,2	22	24,7	p-valor=0,226 x ² =15,28
Cabeçada	27	19	21	16,2	14	14	9	13,8	15	16,9	
Outra parte	0	0	0	0	2	2	1	1,5	0	0	
Pequena área	35	24,6	33	25,4	28	28	21	32,3	19	21,3	
Marca penal	9	6,3	15	11,5	11	11	6	9,2	8	9	p-valor=0,862
Grande área	79	55,6	62	47,7	49	49	30	46,2	51	57,3	x ² = 6,931
Fora da grande área	19	13,4	20	15,4	12	12	8	12,3	11	12,4	
Atacante	79	55,6	73	56,2	62	62	28	43,1	51	57,3	
Meio-campista	36	25,4	39	30	24	24	28	43,1	25	28,1	p-valor=0,348 x ² =8,926
Defensor	17	12	16	12,3	11	11	6	9,2	11	12,4	
Titular	125	88	115	88,5	86	86	55	84,6	75	84,3	p-valor=0,859
Reserva	17	12	15	11,5	14	14	10	15,4	14	15,7	x ² =1,310

A Tabela 3 mostra o número de gols por partida e de toques na bola do jogador antes do gol ser marcado. O campeonato CAF apresentou um número significativamente menor de gols por partida em comparação aos campeonatos UEFA e CONCACAF. Não encontramos diferença significativa no número de toques na bola entre os cinco campeonatos. Notamos também que a maioria das finalizações foi precedida de 1 a 3 toques na bola (Figura 1).

Tabela 3. Número de gols por partida e toques na bola do jogador antes do gol ser marcado.

Variável	Taça Europeia da UEFA 2020	Copa Asiática de Seleções 2019	CAF Copa das Nações Africanas 2021	Copa América CONMEBOL 2021	Copa de Ouro da CONCACAF 2021	valor p
Gols por partida	2,7 (1,6)*	2,5 (1,6)	1,9 (1,5)	2,3 (1,6)	2,8 (1,7)*	0,034
Toques na bola	1,7 (1,5)	1,7 (1,3)	1,6 (1,3)	1,3 (0,7)	1,6 (1,1)	0,503

Legenda. Dados apresentados como média (desvio padrão); *diferença significativa em relação à CAF ($p < 0,05$).

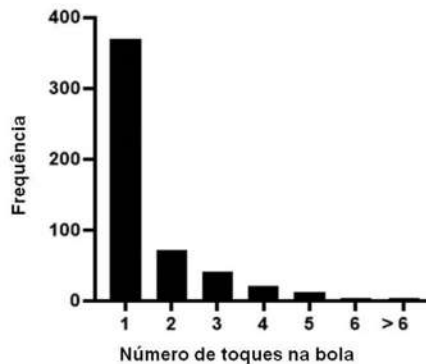


Figura 1. Número de toques na bola considerando os cinco campeonatos continentais.

DISCUSSÃO

O baixo número de gols marcados durante uma partida é uma das características do futebol atual e compreender os fatores que contribuem para o seu sucesso é fundamental para planejar o treino e estabelecer estratégias de jogo (Phukan et al., 2015; Kalinowski et al., 2019). Portanto, o objetivo deste estudo foi analisar os padrões de marcação de gols nas últimas edições dos campeonatos continentais de futebol. No geral, encontramos um padrão semelhante de marcação de gols entre os campeonatos continentais, com a maioria dos gols sendo marcados no segundo tempo da partida, dentro da grande área e após passe certo. Além disso, a maioria dos gols foi marcada pelos atacantes titulares. Estes resultados corroboram que os padrões de marcação de gols em jogos de elite apresentam uma demanda e um padrão semelhantes e não estão relacionados com um determinado

continente, época ou estilo de jogo relacionado com o país (Alberti et al., 2013). Ainda assim, a principal diferença encontrada entre os torneios foi quanto à situação em que os gols foram marcados. Na Euro e na Copa Ouro a maioria dos gols foi marcada em jogo aberto, enquanto nos demais campeonatos houve maior frequência de lances de bola parada.

Nossas descobertas mostram que a maioria dos gols originou de jogo aberto e sua incidência é maior (~75%) nos campeonatos Europeu e Sul-Americano indicando que essas equipes buscam a construção de jogo, por disporem de ideias e recursos que favorecem o desempenho da equipe para superarem o adversário, enquanto equipes dos outros continentes investem grande parte de suas ações ofensivas em lances de bola parada. Entretanto, Silva et al. (2022) constataram que as equipes finalistas da UEFA Champions League entre 2017 e 2020 fizeram mais gols via trocas de passes quando comparadas às equipes Sul-Americanas finalistas da CONMEBOL Libertadores neste período.

Armatas & Mitrotasios (2014), Kubayi & Toriola (2019), López (1999), Oliveira et al. (2021) e Vergonis et al. (2019) encontraram resultados semelhantes mostrando que há diferenças quanto a situação que levou ao gol nos campeonatos. Em alguns deles os gols foram mais marcados em jogo aberto e em outros em jogo de bola parada. Armatas et al. (2007) verificaram que na Copa do Mundo de 2006, dos gols que se originaram de bolas paradas 26,7% foram marcados após cobrança de escanteio, 33,3% após cobrança de falta (direta ou indireta), 33,3% após cobrança de pênalti e 6,7% após cobrança de lateral.

Portanto, é possível dizer que não existe um padrão definido, pois diversos fatores podem influenciar a situação de jogo em que os gols foram realizados, sendo um dos principais fatores o modelo de jogo adotado pela equipe. O modelo de jogo é criado a partir das ideias do treinador, jogadores que compõem o grupo, cultura do clube e cultura local, possibilitando muitas formas de jogar e de compreender o jogo.

Em todos os campeonatos continentais, constatamos que a maioria dos gols foi marcada no segundo tempo da partida, principalmente no primeiro (45-60) e final (76-90) minutos. Esses resultados corroboram estudos anteriores que mostram maior incidência de gols no início (Ahmad et al., 2020; Armatas & Mitrotasios, 2014; Kubayi e Toriola, 2019; Kunzel et al., 2018; Oliveira et al., 2021; Rissati, 2018) ou no final do segundo tempo de jogo (Armatas et al., 2009; Alberti et al., 2013; Njororai, 2014; Gürkan et al., 2017). A maior incidência de gols no início deste período pode ser consequência da intervenção do treinador principal e comissão técnica durante o intervalo do jogo. As análises de desempenho realizadas durante o primeiro tempo fornecem informações importantes para os treinadores adaptarem suas estratégias e aumentarem as chances de sucesso.

A maior incidência de gols no final do segundo tempo pode ter diferentes motivos, entre eles o cansaço físico e mental que se acumula durante a partida são as principais causas (Krustrup et al., 2006; Smith et al., 2016). O desgaste dos jogadores tanto por fatores fisiológicos, perda da capacidade de organização tática e execução correta da técnica (Neto, 2023), levando a um maior número de falhas técnicas (Russell et al., 2011). Por fim, a capacidade de concentração dos atletas também pode ser afetada, sendo ocasionada pelas intensidades das

partidas e distâncias percorridas (Neto, 2023) interferem diretamente no desempenho dos jogadores.

Além disso, as equipes podem adotar estratégias de ataque mais arriscadas nos últimos momentos da partida, na tentativa de alterar o placar (Ferguson, 2013; Njororai, 2014). Dessa forma, os últimos quinze minutos do segundo tempo parecem ser um período crítico da partida que deve ser priorizado pelos treinadores na definição das estratégias de jogo.

Verificamos também, que a maior parte dos gols foi marcada após um passe certo, através de passagens de curta, média ou longa distância, em diversas direções. Resultado do futebol de elite, em outros níveis, como investigado por Andrade et al. (2015), Njororai (2013), Santos (2020) e Vergonis et al. (2019) também identificaram esse padrão. É perceptível a importância do jogo coletivo, uma vez que é mais fácil cumprir um objetivo trabalhando em equipe do que individualmente, por isso a coletividade tática vem ganhando mais destaque no futebol. Sendo assim, com espaços cada vez mais reduzidos e menos tempo para a tomada de decisão, os jogadores tendem a definir a jogada com poucos toques na bola (1 a 3). Esses achados também são encontrados nos estudos de Führer (2014) e Wang & Qin (2020), mostrando que o modo de jogar, com sistemas defensivos mais compactados, menos espaço e tempo para os jogadores, tornam as jogadas com muitos toques na bola próximas da meta adversária, muitas vezes inviáveis.

A maioria dos chutes que resultam em gol foi executada a partir de chutes com o pé direito, seguidos de chutes com o pé esquerdo e de cabeça. Certamente isso ocorre, em razão de que a maior parte da população mundial é destra, não sendo diferente no ambiente futebolístico. Constatamos também, que a grande área é o local do campo mais utilizado para a realização das finalizações que resultam em gol, possibilitando mais espaço e ângulo para a finalização, assim como, não necessitando de um chute tão potente para finalizar de fora da grande área. Além disso, é possível que a pequena área seja mais congestionada de defensores, dificultando a sua ocupação livre de marcação para finalizar ao gol. Esses resultados também foram encontrados por diversos outros autores (Armatas & Mitrotasios, 2014; Führer, 2014; Kubayi & Toriola, 2019; López, 1999; Njororai, 2013; Oliveira et al., 2021; Santos, 2020).

Como esperado, em linha com outros estudos (Armatas & Mitrotasios, 2014; Führer, 2014; Kubayi & Toriola, 2019; Njororai, 2013; Wang e Qin, 2020), os jogadores que mais marcaram gols foram os atacantes, até porque são os que jogam mais próximos do gol adversário e têm como principal função marcar gols para o time. O padrão se repete também em outras competições como a Copa do Mundo, sendo observado que 57,81% dos gols foram realizados pelos atacantes, 30,72% pelos meio-campistas e 11,45% pelos defensores na edição de 2014 (Araújo & Navarro, 2015).

No entanto, é importante ressaltar que os meio-campistas possuem um grande potencial para aumentar a quantidade de gols marcados, como foi constatado na Copa América, onde os meio-campistas dividiram a artilharia com os atacantes. Além disso, apenas uma pequena parcela de no máximo 15% dos gols foi marcada por jogadores reservas. Apesar disso, não podemos deixar de destacar a importância dos jogadores reservas dentro de uma partida, já que a maior parte

dos gols acontece no segundo tempo devido a uma queda no desempenho gerado pelo desgaste físico. Um jogador descansado pode ser importante tanto para ajustes na parte defensiva, como para proporcionar mudanças ofensivas e imprimir um novo ritmo ao jogo, favorecendo a equipe conquistar a vitória na partida.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que o padrão de gols é bastante semelhante entre os cinco campeonatos continentais analisados. A maioria dos gols foi marcada no segundo tempo da partida, principalmente no início (46-60) e no final (76-90) do período. Os atacantes e jogadores titulares foram os principais responsáveis por marcar os gols. Os gols foram marcados dentro da grande área e após passe certo. Vale ressaltar que os jogadores tocaram algumas vezes (1 a 3 toques) na bola antes de marcar o gol, reforçando a necessidade de tomada de decisão rápida nessas situações. Ainda assim, os torneios apresentaram diferenças quanto à situação em que os gols foram marcados. A Euro e a Copa Ouro apresentaram mais gols marcados em jogo aberto. Portanto, com base em nossas descobertas e estudos anteriores, constatamos que o padrão de gols não está relacionado a um determinado continente, temporada ou estilo de jogo relacionado ao país. Porém, a maioria dos estudos desenvolvidos até o momento analisaram as variáveis estáticas da partida. Estudos futuros poderão investigar com mais profundidade as variáveis dinâmicas e suas diferenças entre os campeonatos. Além disso, a maioria dos estudos foi realizada no futebol masculino para investigar se o mesmo padrão será encontrado nas partidas femininas de acordo com diferentes continentes, temporadas e países.

REFERÊNCIAS

- Acar, M. F., Yapicioglu, B., Arikan, N., Yalcin, S., Ates, N. & Ergun, M. (2008). Analysis of goals scored in the 2006 World Cup. In *Science and football VI* (pp. 261-268). Routledge.
- Ahmad, F. M.; Puad, S. M. S. M. & Alauddin, A. N. M. (2020). Analysis of goal scoring in all continent soccer tournament. *Jurnal Intelek*, 15(2), 146-153. Disponível em: <https://myjms.mohe.gov.my/index.php/intelek/article/view/15916>
- Alberti, G., Iaia, F. M., Arcelli, E., Cavaggioni, L., & Rampinini, E. (2013). Goal scoring patterns in major European soccer leagues. *Sport Sciences for Health*, 9, 151-153. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11332-013-0154-9>
- Andrade, M. T., Santo, L. C. E., Andrade, A. G. P. & Oliveira, G. G. A. (2015). Análise dos gols do Campeonato Brasileiro de 2008 – Série A. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 37(1), 49-55. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/Wy8PWcMCTTBb9ZgJQJ8BXHg/?lang=pt>
- Araújo, J. H. F. F & Navarro, A. C. (2015). Análise quantitativa dos gols realizados durante a Copa do Mundo de 2014 em relação a posição do jogador (defensor,

- meio-campista e atacante). *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 7(25), 338-341. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/347/293>
- Armatas, V., Yiannakos, A., Papadopoulou, S., & Galazoulas, C. (2007). Analysis of the set-plays in the 18th football World Cup in Germany. *Physical training*. Disponível em: https://ejmas.com/pt/2007pt/ptart_galazoulas_0710.html
- Armatas, V., Yiannakos, A., Papadopoilou, S., & Skoufas, D. (2009). Evaluation of goals socred in top ranking soccer matches: greek “superleague” 2006-2007. *Serbian Journal of Sports Sciences*, 3(1), 39–43. Disponível em: <https://sjss.sportsacademy.edu.rs/archive/details/full/evaluation-of-goals-scored-in-top-ranking-soccer-matches-greek-%E2%80%9Csuperleague%E2%80%9D-2006-07-44.html>
- Armatas, V. & Mitrotasios, M. (2014). Analysis of goal scoring patterns in the 2012 European Football Championship. *The Sport Journal*. Disponível em: <https://thesportjournal.org/article/analysis-of-goal-scoring-patterns-in-the-2012-european-football-championship/>
- Ferguson, A. (2013). *My Autobiography*. Londres: Hodder & Stoughton.
- Führer, P. D. (2014). *Futebol: análise descritiva dos gols do Campeonato Brasileiro de 2013 – Série A*. (Monografia) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre (RS). Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/101734>
- Furley, P., Noël, B. & Memmert, D. (2017). Attention towards the goalkeeper and distraction during penalty shootouts in association football: a retrospective analysis of penalty shootouts from 1984 to 2012. *Journal of Sports Sciences*, 35, 873-879. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27292083/>
- Gürkan, O., Ertetik, G., Müniro lu, S. (2017). Analysis of goals scored in UEFA Champions League by the time periods. *International Journal of Science Culture and Sport*, 5(3), 140-147. Disponível em: <https://dergipark.org.tr/en/download/article-file/363972>
- Kalinowski, P., Bojkowski, Ł. & liwowski, R. (2019). Motor and psychological predispositions for playing football. *TRENDS in Sport Sciences*, 2(26), 51-56. Disponível em: http://www.tss.awf.poznan.pl/files/2019/Vol%2026%20no%202/2_Kalinowski__TSS_2019_226_51-54.pdf
- Krustrup, P., Mohr, M., Steensberg, A., Bencke, J., Kjaer, M. & Bangsbo, J. (2006). Muscle and blood metabolites during a soccer game: implications for sprint performance. *Medicine & Science in Sports & Exercise*, 38(6), 1165-1174. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16775559>
- Kubayi, A. & Toriola, A. (2019). Trends of goal scoring patterns in soccer: a retrospective analysis of five successive FIFA World Cup Tournaments. *Journal of Human Kinetics*, 69(1), 231-238. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6815073/pdf/hukin-69-231.pdf>
- Kubayi, A. (2020). Analysis of goal scoring patterns in the 2018 FIFA World Cup. *Journal of Human Kinetics*, 71(1), 205-210. Disponível em: <https://sciendo.com/article/10.2478/hukin-2019-0084>

Kunzel, R.; Crescent, L. B.; Siqueira, O. D. & Garlipp, D.C. (2018). Análise dos gols marcados no futebol de campo masculino dos Jogos Olímpicos de 2016. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 10(37), 157-163. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/564>

Lopéz, M. G. (1999). Desarrollo y finalización de las acciones offensive: comparative analysis USA 94, Francia 98 y Liga Española 98-99. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 1-18. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd17a/mundial.htm>

Mackenzie, R. & Cushion, C. (2013). Performance analysis in football: a critical review and implications for future research. *Journal of Sports Sciences*, 31(6), 639-676. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23249092/>

Neto, A. R. (2023). Incidência temporal de gols na Copa do Mundo de Futebol: uma descrição histórica. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 15(62), 132-138. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1329>

Njororai, W. W. S. (2013). Analysis of goals scored in the 2010 World Cup Soccer tournament held in South Africa. *Journal of Physical Education and Sport*, 13(1), 6-13. Disponível em: https://scholarworks.uttyler.edu/hkdept_fac/7/

Njororai, W. W. S. (2014). Timing of goals scored in selected European and South American soccer leagues, FIFA and UEFA tournaments and the critical phases of a match. *International Journal of Sports Science*, 4(6A), 56-64. Disponível em: https://scholarworks.uttyler.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1007&context=hkdept_fac

Oliveira, L.C.M.S., Velten, M.C.C. & Silva, S.A. (2021). Copa América x Eurocopa, particularidades e similaridades: um estudo comparativo dos gols na edição 2016. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 13(52), 21-30. Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/15734/1/ARTIGO_CopaAm%3%a9ricaEurocopa.pdf

Phukan, S., Singh, O.J. & Thapa, S. (2015). Analysis of goal scoring pattern at Inter College Football Tournament. *International Journal of Applied Research*, 1, 219-220. Disponível em: <https://www.allresearchjournal.com/archives/2015/vol1issue8/PartD/1-8-26-133.pdf>

Pratas, J.M.; Volossovitch, A. & Carita, A.I. (2018). Goal scoring in elite male football: a systematic review. *Journal of Human Sport and Exercise*, 13(1), 218-230. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/72465/6/JHSE_Pratas.pdf

Rissati, J. P. M. (2018). Incidência temporal de gols no futebol: análise do Sul-Americano sub-20. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 10(36), 23-26. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/531/443>

Russel, M., Benton, D. & Kingsley, M. (2011). The effects of fatigue on soccer skills performed during a soccer match simulation. *International Journal of Sports Physiology and Performance*, 6, 221-233. Disponível em: https://core.ac.uk/reader/5901201?utm_source=linkout

- Santos, A. E. E. (2020). *Análises dos gols marcados na CONMEBOL Copa América Brasil 2019*. (Monografia) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB). Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/20132/1/AEES03122020.pdf>
- Schulze, E., Julian, R. & Meyer, T. (2021). Exploring Factors Related to Goal Scoring Opportunities in Professional Football. *Science and Medicine in Football*, 1–8. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35475738/>
- Silva, J. M. G. (1997). *Modelação táctica do jogo de futebol: estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) – FADEUP, Universidade do Porto, Porto, Portugal. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/10267>
- Silva, L. R. N., Júnior, A. L. G., Júnior, J. B. G. L., Prado, H. R. M., Wolfart, D., Kalil, L. R. & Scaglia, A. J. (2022). Análise dos gols marcados pelas equipes finalistas da CONMEBOL Libertadores e UEFA Champions League (2017-2020). *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 14(57), 94-101. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1216>
- Smith, M.R., Zeuwts, L., Lenoir, M., Hens, N., De Jong, L.M. & Coutts, A.J. (2016). Mental fatigue impairs soccer-specific decision-making skill. *Journal of Sports Sciences*, 34(14), 1297-1304. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26949830/>
- Smith, R. A., & Lyons, K. (2017). A strategic analysis of goals scored in open play in four FIFA World Cup football championships between 2002 and 2014. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 12(3), 398-403. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1747954117710516>
- Vergonis, A.; Michailidis, Y.; Mikikis, D.; Semaltianou, E.; Mavrommatis, G.; Christoulas, K. & Metaxas, T. (2019). Technical and tactical analysis of goal scoring patterns in the 2018 FIFA World Cup in Russia. *Facta Universitatis, Series: Physical Education and Sport*, 17(2), 181-193. Disponível em: <http://casopisi.junis.ni.ac.rs/index.php/FUPhysEdSport/article/view/5365>
- Wang, H. & Qin, Y. (2020). Analysis of shooting and goal scoring patterns in the 2019 France Women's World Cup. *Journal of Physical Education and Sport*, 20(6), 3080-3089. Disponível em: <https://efsupit.ro/images/stories/noiembrie2020/Art%20418.pdf>



ANÁLISE DA CARREIRA ESPORTIVA E LESÃO DO LIGAMENTO CRUZADO ANTERIOR DE ATLETAS DE FUTSAL

*Ben Hur Soares¹
Adriano Pasqualotti¹
Rudy José Nodari Junior²
Estélio Henrique Martins Dantas³*

RESUMO

O futsal é uma modalidade que proporciona emoções a todos os simpatizantes, seja de uma simples participação ao sonho de ser um atleta profissional. No entanto, a carreira esportiva é cercada por muitos desafios, requer dedicação, sistematização de treinos e abandono da convivência social, e é compreendida pela transição do desenvolvimento no esporte, dê de sua iniciação, até o encerramento. Dentre as diversas lesões que permeiam a vida do atleta, destaca-se a lesão do ligamento cruzado anterior (LCA). Nesse sentido, o objetivo geral deste estudo foi avaliar se a dermatoglia define uma marca de risco de lesão no LCA de atletas de futsal. Participaram destes estudos 212 homens, ex-atletas de futsal, 85 com lesão de LCA e 127 sem lesão, com idade média de 39,1 4 9,0 anos. Os instrumentos utilizados foram um questionário estruturado com perguntas baseadas na transição da carreira esportiva e da aposentadoria, e o método dermatoglífico para análise dos padrões de impressão. Ocorreu associação estatisticamente significativa do padrão de impressão do dedo indicador da mão esquerda (χ^2 : 9,875; df: 4; $p = 0,043$) e do dedo mínimo da mão direita (χ^2 : 11,978; df: 3; $p = 0,007$). O grupo com lesão do ligamento cruzado anterior apresentou maior padrão de impressão de verticilo desenho S (WS) nesses dois dedos; já o grupo sem lesão apresentou maior quantidade de padrões de impressão de verticilo (W) do dedo mínimo da mão direita. As quantidades de linhas (total por dedo, total por mãos e total global) não apresentaram diferenças estatisticamente significativas. Conclui-se que marcas de individualidade biológica específicas podem ser utilizadas para sinalizar maior risco de lesão de ligamento cruzado anterior de atletas de futsal.

Palavras-chave: Dermatoglia; Lesão; Ligamento cruzado anterior; Carreira esportiva; Saúde.

¹ Universidade Passo Fundo – UPF

² Salus Dermatoglia, INOVALE, Brazil

³ Universidade Tiradentes – UNIT

ANÁLISIS DE LA CARRERA DEPORTIVA Y LESIÓN DEL LIGAMENTO CRUZADO ANTERIOR DE DEPORTISTAS DE FÚTBOL SALA

RESUMEN

El fútbol sala es una modalidad que aporta emociones a todos los aficionados, ya sea desde una simple participación hasta el sueño de ser deportista profesional. Sin embargo, la carrera deportiva está rodeada de muchos desafíos, requiere dedicación, sistematización de la formación y abandono de la convivencia social, y se entiende por la transición del desarrollo en el deporte, desde su inicio hasta su fin. Entre las diversas lesiones que permean la vida de un deportista destaca la lesión del ligamento cruzado anterior (LCA). En este sentido, el objetivo general de este estudio fue evaluar si los dermatoglifos definen una marca de riesgo para lesión del LCA en deportistas de fútbol sala. En estos estudios participaron 212 hombres, ex deportistas de fútbol sala, 85 con lesión del LCA y 127 sin lesión, con una edad media de 39,1 4 9,0 años. Los instrumentos utilizados fueron un cuestionario estructurado con preguntas basadas en la transición y retiro de la carrera deportiva y el método dermatoglífico para el análisis de patrones de impresión. Hubo asociación estadísticamente significativa entre el patrón de impresión del dedo índice de la mano izquierda (χ^2 : 9,875; gl: 4; $p = 0,043$) y el dedo meñique de la mano derecha (χ^2 : 11,978; gl: 3; $p = 0,007$). El grupo con lesión del ligamento cruzado anterior tuvo un mayor patrón de impresión en verticilo S (WS) en estos dos dedos; el grupo sin lesión, en cambio, presentó mayor cantidad de patrones de impresión de verticilos (W) del dedo meñique de la mano derecha. El número de líneas (total por dedo, total por mano y total global) no mostró diferencias estadísticamente significativas. Se concluye que se pueden utilizar marcas de individualidad biológica específicas para indicar un mayor riesgo de lesión del ligamento cruzado anterior en deportistas de fútbol sala.

Palabras clave: Dermatoglíficos; Lesión; Ligamento cruzado anterior; Carrera deportiva; Salud.

ANALYSIS OF THE SPORTS CAREER AND INJURY OF THE ANTERIOR CRUCIATE LIGAMENT OF FUTSAL ATHLETES

ABSTRACT

Futsal is a modality that provides emotions to all supporters, whether from a simple participation to the dream of being a professional athlete. However, the sports career is surrounded by many challenges, it requires dedication, systematization of training and abandonment of social coexistence, and is understood by the transition of development in sport, from its initiation to its end. Among the various injuries that permeate an athlete's life, the injury to the anterior cruciate ligament (ACL) stands out. In this sense, the general objective of this study was to evaluate whether dermatoglyphics defines a risk mark for ACL injury in futsal athletes. 212 men participated in these studies, former futsal athletes, 85 with ACL injury and 127 without injury, with a mean age of 39.1 4 9.0 years. The instruments used were a structured questionnaire with questions based on sports career transition and retirement, and the dermatoglyphic method for analysis of impression patterns. There was a statistically significant association between the printing pattern of the index finger of the left hand (χ^2 : 9.875; df: 4; $p = 0.043$) and the little finger of the right hand (χ^2 : 11.978; df: 3; $p = 0.007$). The group with injury to the anterior cruciate ligament had a greater pattern of whorl impression drawing S (WS) in these two fingers; the group without injury, on the other hand, presented a greater amount of whorl impression patterns (W) of the little finger of the right hand. The number of lines (total per finger, total per hand and global total) did not show statistically significant differences. It is concluded that specific biological individuality marks can be used to indicate a higher risk of anterior cruciate ligament injury in futsal athletes.

Keywords: Dermatoglyphics; Lesion; Anterior cruciate ligament; Sports career; Health.

INTRODUÇÃO

A carreira de um atleta de futsal, pode ser limitada ou encerrada pela ocorrência de lesões, tais como a rotura do ligamento cruzado anterior (LCA). O método dermatoglífico, vem sendo utilizado como delineador e preditor de um perfil, agregando características oriundas das marcas fetais. Cruzar estas linhas, propõem o desenvolvimento de um prognóstico preventivo no processo de lesão do LCA. Nesse contexto, o presente capítulo, busca responder a seguinte pergunta: Marca dermatoglífica pode ser utilizada para caracterizar risco de lesão do ligamento cruzado anterior de atletas de futsal?

Uma das formas que vêm sendo utilizada para caracterização das peculiaridades do ser humano e o método dermatoglífico, que utiliza as impressões digitais como marcas do desenvolvimento fetal, uma vez que elas são desenvolvidas durante o terceiro e o sexto meses de gestação e estas, permanecem estáveis durante toda a vida, uma vez que as impressões digitais são imutáveis (Nodari Junior; Fin, 2016). As cristas epidérmicas e os padrões formados por elas são objetos de investigação da dermatoglia.

Para Nodari Junior (2015), a dermatoglia é ainda uma importante ferramenta na observação da predisposição ao desenvolvimento de determinadas patologias, ou seja, a presença ou ausência da linha da digital pode indicar que a pessoa poderá desenvolver características de aptidão física, alguma doença ou fragilidade, desta forma, apresenta-se como um método possível de identificação das individualidades biológicas.

A ruptura do LCA é uma lesão severa, que resulta em instabilidade funcional e distúrbios articulares degenerativos (SILVA et al., 2021verbov), a sua maior incidência se dá nos esportes em que há grande quantidade de movimentos rotacionais, tais como o futebol, basquete e futsal, podendo ocorrer também por um mecanismo de estresse em varo com rotação interna, assim como, em movimentos de hiperextensão e outros traumas diretos (Santos et al., 2014), e totalizam mais de 250 mil casos por ano (Ferretti et al., 1992; Bjordal et al., 1997).

Seu tratamento envolve custo financeiro bastante significativo, considerando-se que é estimado um gasto de aproximadamente 17 mil dólares com intervenção cirúrgica e reabilitação de um paciente com essa lesão (Da Silva et al., 2012). As implicações físicas, mentais, emocionais e econômicas da lesão do LCA têm motivado a realização de análises dos fatores de risco e dos mecanismos envolvidos na lesão, para que estratégias preventivas eficazes possam ser adequadamente estabelecidas (Alentorn-Geli et al., 2009; Hewett et al., 2006). A adequada identificação de fatores de risco para essa lesão permite a implementação de condutas preventivas, visando modificar esses fatores, minimizando o índice dessa importante lesão, especialmente na carreira atlética.

Sendo assim, verificar e determinar marcas do desenvolvimento fetal, por meio da dermatoglia, presente em atletas e ex-atletas de futsal, que possam identificar o perfil destes indivíduos, caracterizantes por terem sido acometidos por rompimento do LCA, torna-se um marco na ciência, pois a partir destes achados torna-se possível prever o risco e prevenir a incidência desta lesão na população em geral, minimizando desta forma o risco e transtornos gerados por ela. A

utilização de padrões já postos na ciência bem como a inclusão de metodologias inovadoras, podem viabilizar um melhor entendimento desta condição. Neste caso, sugere-se a observação de dados como: idade que ocorreu a lesão, tempo de vida útil como atleta quando ocorreu a lesão e tempo de vida útil após a ocorrência dela, dermatoglifia e fatores relacionados a sua qualidade de vida, pré e pós rompimento de LCA.

Sabendo que saúde e doença são processos e não estado (Gottlieb et al., 2007), compreender as caracterizações destes indivíduos, levam a ciência a entender qual é a fórmula preditora deste quadro, ou seja, traçar um perfil dermatoglífico para indivíduos acometidos pela lesão de LCA, a ponto de que estes parâmetros possam representar um caminho a ser seguido ou ainda, de forma preventiva. Considerando a relação entre a dermatoglifia, os indicadores traçados com relação às idades de vida da ocorrência da lesão, idade de atuação profissional e a de vida útil como atleta pós-lesão, tem-se como hipótese a existência de uma marca dermatoglífica que possa caracterizar a predisposição da lesão de LCA em atleta e ex-atleta de futsal.

DIFERENCIAÇÃO ENTRE ATLETA E DESPORTISTA

A própria lei tratou de diferenciar as situações de prática do desporto, onde é possível entender, que para as modalidades de desporto educacional e de participação, o indivíduo que as desempenha, é na verdade, o desportista, enquanto no caso do desporto de rendimento, quem o pratica é o atleta, razão pela qual é possível afirmar que todo atleta é um desportista, mas nem todo desportista é atleta (Melo Filho, 2011). Sendo assim, o atleta é o indivíduo que pratica desporto de rendimento, isto é, aquele praticado na busca de resultados e integração de pessoas e nações, com observância das legislações nacionais e internacionais, nos termos do inciso III, do Art. 3º a Lei Pelé.

O atleta pode ser profissional ou amador, mas deve viver do esporte, daí tirar o seu sustento, seja por meio de contrato especial de trabalho desportivo, seja por incentivo de bolsas e patrocínios (Miguel, 2014).

Para tornar-se um atleta de elite, no mundo moderno, é necessário ter disciplina para treinar por muitos anos, dedicação quase que exclusiva para o esporte e, em geral, iniciar a carreira esportiva em idades muito precoces. Brandão (2004), afirma que é grande a expectativa dos jogadores de alto nível de se tornarem atletas de sucesso nacional e internacional, já que essa conquista mobiliza a atenção de investimentos financeiros e tem grande espaço na mídia. Nesse contexto, os atletas profissionais ganham, como consequência, vantagens econômicas, notoriedade e, de fato, prestígio. Para os atletas de alto rendimento, o esporte é a energia que move a vida, é o marco de sua identidade (Brandão et al., 2001).

Entre os desafios enfrentados na construção da carreira, Paína e colaboradores (2018) destacam: longas horas de treinamento, restrição de atividades sociais, distanciamento dos núcleos familiares e afetivos, grande expectativa da família, dificuldades no gerenciamento do estresse e ansiedade (destacando a síndrome de Burnout); equilíbrio emocional; risco elevado de lesões esportivas graves que podem comprometer a trajetória e saúde psicofísica. Na pesquisa, consideram

também ex-jogadores de futebol que indicaram ganho de peso após a aposentadoria, assim como elevado número de infiltrações de medicamentos no joelho durante o trabalho como atleta e dor crônica nesta articulação após o término da carreira.

De acordo com Alfermann (2005), a carreira esportiva é composta de uma sequência de sucessivas fases, com períodos de transição, identificadas como: a transição do esporte infantil para o juvenil, seguida da transição para o júnior e, finalmente, para o adulto, a transição do esporte amador para o profissional e a transição para o término da carreira esportiva.

Sobre alguns aspectos da profissionalização de futebolistas já conhecidos pela literatura antropológica, destaca-se o significativo contingente de meninos e adolescentes que “apostam” na profissionalização (Rial, 2008; Damo, 2005, 2009; Almeida et al., 2013), além da dedicação quase exclusiva ao treinamento e a aquisição do capital corporal exigido pelo recrutamento profissional (Damo, 2005; Rigo et al., 2018; Darby, 2013). Além disso, a grande mobilidade, ou circulação, nos termos de Rial (2008), antes mesmo da referida profissionalização (Rigo et al., 2018; Carter, 2011). Para Matos e colaboradores (2014) as extensas cargas de treinamento no esporte profissional são necessárias para o aprimoramento do desempenho esportivo e da forma física, isto porque as adaptações biológicas ocorrem quando os atletas são submetidos a altas cargas de exercícios (duração, intensidade e frequência dos estímulos), o que acontece frequentemente. Entretanto, segundo estes autores a elevação nas exigências e cargas de atividades podem não gerar somente adaptações positivas como também trazer prejuízos ao desportista.

As horas dedicadas aos treinos, o gerenciamento do estresse e da ansiedade, as relações afetivas, o risco de lesões e outras particularidades pertinentes à profissionalização, e rotina desses trabalhadores, podem comprometer suas trajetórias e a saúde psicofísica destes atletas (Paína et al., 2018). Complementando essas observações, Cruz-Ferreira e colaboradores (2015) destacam que esta modalidade esportiva exigente em nível tático e físico, sendo caracterizada principalmente pelo “[...] intenso contato físico, movimentos curtos, rápidos e não contínuos, tais como aceleração, desaceleração e mudanças rápidas de direção. Os jogadores treinam no seu limite máximo, ficando susceptíveis a várias lesões”.

Paína e colaboradores (2018), enumeram diversas consequências que a profissionalização no esporte pode trazer ao sujeito que investe nesta atividade, tais como: o alto índice de lesões, riscos psíquicos, físicos e sociais, que é um fator de risco para qualidade de vida. Neste sentido, Kunrath e colaboradores (2018), afirmam que as altas cargas de treinamentos e exercícios associadas ao estresse geram uma fadiga mental que modifica, inclusive, a dinâmica do movimento dos jogadores. Ou seja, colocam em risco as capacidades psicomotoras dos atletas. Meurer e colaboradores (2017), apontam que existem fatores capazes de contribuir para uma lesão, tais como: lesões anteriores, desequilíbrio muscular, fadiga, pouca hidratação, condicionamento físico, dieta, sono irregular, descanso e idade. Tudo isso, pode acarretar com o término de carreira no esporte e como profissão, refere-se assim, ao momento em que os atletas se desengajam do envolvimento como colaboradores de um clube, encerrando suas atividades laborais

como atleta. Partindo para uma etapa de transição, entre estar e ser atleta e iniciar a carreira de aposentadoria esportiva.

Desengajamento e a aposentadoria do atleta

Ao envelhecer, a população sofre com diversos estigmas, e um dos mais frequentes, tange às questões da improdutividade, da inutilidade e da baixa possibilidade de aprender algo novo. Tais conjecturas acerca daqueles que estão nesta fase, respingam em diversos aspectos da vida social, incluindo o mercado de trabalho, o qual absorve essa visão e fecha suas portas à empregabilidade para essa parcela da sociedade (Pereira et al., 2021). Neste planejamento, verificam-se questões relacionadas às condições financeiras e de saúde, como um dos principais limitadores da autonomia no envelhecimento (Faller et al., 2015; Brito et al., 2018). Além disso, mudanças nas questões previdenciárias influenciam diretamente neste aspecto (BRASIL, 2015). Neste processo de transição, nos deparamos com a necessidade de manter um vínculo trabalhista, respeitando as leis da previdência social, e outros pelas limitações impostas pela idade, que muitas vezes são previamente determinadas pelos desgastes físicos, lesões e redução de sua qualidade de vida. Nessa perspectiva, o indivíduo vivencia com tensão essa nova fase, tendo dificuldades de estabelecer o seu novo papel e seu novo lugar na sociedade. Ao investigar as representações sociais desta etapa, no geral, verificam-se aspectos ligados à inatividade e inutilidade com o avançar dos anos (Brito et al., 2018; Faller et al., 2015).

Dessa forma, o término desta carreira é o resultado de muitos elementos e, frequentemente, uma combinação de fatores individuais e influências sociais. Apresenta-se como causas uma variedade de razões, que podem ser voluntárias (decisão por livre escolha) ou involuntárias (sem livre escolha). Como exemplo, podemos citar a idade, novos interesses emergentes, fadiga psicológica, dificuldades com a equipe técnica, resultados esportivos em declínio, problemas de contusão ou de saúde, e o não-selecionamento para os jogos (Wylleman et al., 1999). A rotina de trabalho, o ritmo acelerado, pouco tempo de descanso, muitas exigências físicas e psicológicas, e fatores psicossociais como estresse, ansiedade, depressão e conflitos de relações (Dejours; Abdoucheli, 2011).

Melo e Rubio (2017), observaram que os motivos principais para a finalização da carreira de um atleta é o número de lesões, fadiga e cansaço, ou ainda, ao declínio físico e a aparição de doenças (Araújo et al., 2018; Brito et al., 2018; Mendes et al., 2018), a comparação do seu estado atual a sua juventude (Brito et al., 2018; Mendes et al., 2018), ressaltando a percepção de que a idade já estava atrapalhando.

Futsal: modalidade esportiva e recreativa

Nas últimas décadas, o futsal aumentou sua popularidade e evoluiu para um esporte espetacular, envolvendo uma enorme audiência (Roxburgh, 2008), no que concerne aos números de praticantes, se caracteriza como uma modalidade esportiva dinâmica que envolve diversas capacidades físicas para realização dos fundamentos técnicas-táticos (Kunze et al., 2016; Pestana et al., 2017). A disciplina esportiva mais reconhecida no nível mundo é futebol; nomeado de acordo

com contextos como futebol, *futbol*, entre outros. Este esporte praticado em nível profissional alcançou registrar cerca de 270 milhões de jogadores ativos de acordo com a Federação Internacional de Associações de Futebol (FIFA, 2019).

A modalidade está entre os 4 esportes mais praticados no Brasil, com mais de 11 milhões de praticantes, contando com mais de 310 mil atletas vinculados a mais de 4 mil clubes espalhados por todo país (Ribeiro, 2010). No Brasil, a prática desse esporte é popular e recebe destaque por ser o país com mais títulos mundiais da modalidade (CBFS, 2015). Essa popularidade demanda mais informações sobre os aspectos específicos da prática esportiva, como é o caso dos motivos que levam as pessoas a iniciarem e permanecerem praticando o esporte (Costa et al., 2019).

Neste esporte, os atletas realizam uma sucessão de esforços intensos e breves em ritmos diferentes, com um nível de exigência funcional muscular muito alto, como nas corridas, nos saltos, nas movimentações táticas e na técnica de condução de bola, solicitando desses atletas a mobilização máxima de suas capacidades funcionais, velocidade e força (Gomes; Silva, 2002; Baldaço et al., 2010; Brunoro, 2017), com duração variável (Wagner et al., 2014; Spieszny; Zubik, 2018). O elevado nível desta condição, é necessário para que o atleta evite sofrer fadiga excessiva durante o transcórre do jogo (Suhartoyo et al., 2019), sendo um importante componente, para ser um jogador de futsal.

A sistematização do programa de treinamento inclui uma adequada periodização, quantificação das cargas e controle das respostas fisiológicas dos atletas. A aplicação de uma adequada carga de treinamento é um dos fatores fundamentais para proporcionar adaptações positivas com conseqüente melhoria do desempenho, sendo que cargas insuficientes não são capazes de proporcionar tais adaptações, bem como cargas excessivas proporcionam adaptações negativas, como o *overtraining* (Freitas et al., 2012).

Para Rubio (2004), quando se trata de rendimento os esforços são para alcançar o máximo da capacidade do atleta e da equipe, para regredir os pontos negativos e ressaltar as capacidades dos atletas. Jogos de futsal não são feitos apenas como esporte recreativo, mas tornou-se um esporte competitivo que é contestado em vários eventos regionais, nacionais e internacionais. Maryami (2017) explica que estas competições de futsal tem sido uma forma de melhorar a conquista. De acordo com Justinus (2011), o futsal exige técnicas e táticas especiais por se tratar de um jogo complexo, portanto, para Kusuma e colaboradores (2019), os jogos exigem boa condição física do praticante em alto nível para que possa almejar conquistas. Nestes componentes, destaca-se resistência, força e agilidade profunda por um tempo relativamente longo, e diferente de outras modalidades, é um esporte com muito alta intensidade, por isso requer boas habilidades físicas, além de técnicas e táticas para os jogadores (Alvarez et al., 2008).

A incidência destas lesões em jogadores profissionais está aumentando, sendo a principal causa de afastamento destes atletas. Esta condição influencia no desempenho físico e provavelmente psicológico, afetando a estrutura do atleta e da equipe (Dorta, 2011). Os agravos mais comuns nestes atletas são as lesões musculoesqueléticas desportivas que se manifestam por alterações nos músculos, nervos, tendões e ligamentos, articulações e cartilagens, abrangendo processos

inflamatórios e degenerativos que acometem todo o sistema musculoesquelético (Neto et. al., 2020).

Anatomia do joelho

O joelho serve como um elo entre a coxa e a perna, responsável por suportar a maior parte do peso corporal em posição de pé (Almeida et al., 2020). Segundo Gozzi (2016), o joelho é o maior complexo articular do nosso corpo, é responsável por absorver impactos dos membros inferiores e dar estabilidade durante a marcha. É constituído por três ossos (fêmur, tíbia e patela) que originam duas articulações, a femorotibial e a femoropatelar, sendo uma articulação complexa, estabilizada por ligamentos, músculos e pela cápsula articular (Kjaer et al., 2003; Han et al., 2008; Kapandji, 2010; Pinheiro; Sousa, 2015; Almeida et al., 2020).

Na articulação femorotibial temos quatro estruturas, sendo elas: o ligamento cruzado posterior, menisco lateral e menisco medial. Os meniscos são responsáveis por darem estabilidade a articulação femorotibial, além de funcionarem como amortecedores de impactos para o joelho. Já os ligamentos servem de estabilização para todo o joelho. Além disso, no joelho estão localizados os ligamentos colaterais (medial e lateral), que impedem movimentos excessivos em varo e valgo (Gozzi, 2016), que controlam o movimento do joelho anteroposteriormente (Kjaer et al., 2003; Kapandji, 2010), e na angulação varo-valgo quando o joelho está em extensão, já em flexão não acontece desta forma (Temponi et al., 2015).

O LCA é constituído por tecido fibroso, composto de fibras de colágeno e elastina envoltas em uma matriz de água e proteoglicanos, mas a distribuição das fibras de colágeno não é homogênea, o fascículo anterior contém mais colágeno do que fascículo posterior e, além disso, a porção do centro contém mais colágeno do que o distal e o proximal (Agel et al., 2016; Ahmad et al., 2006). Tendo sua origem na parte medial interna do côndilo femoral, com inserção central no plano tibial, percurso caudal-medial-frontal, seu peso é 20g e seu comprimento é 35 mm, em média e um diâmetro de 22 a 41 mm de comprimento, sendo as fibras anteriores as que têm maior comprimento, largura de 7 a 12 mm e uma área de seção transversal entre 28 e 57 mm², este último não é uniforme em todo o comprimento do ligamento, mas é ligeiramente maior na porção distal (Forriol et al., 2008; Luzzi et al., 2011; Pinheiro; Sousa, 2015).

Ele é estreito no centro, proeminente na parte de baixo e menos extenso na parte de cima. É composto ainda por duas principais bandas: a Pósterio-lateral (PL) e a Antero-medial (AM). O LCA é um importante estabilizador da articulação do joelho, sendo ele um dos responsáveis por evitar que a tíbia se anteriorize em relação ao fêmur, já sua função secundária é a rotação externa e interna do joelho que se apresenta sem sustentação de cargas (Luzzi et al., 2011; Pinheiro; Sousa, 2015).

Fisiopatologia da lesão do LCA

Segundo Meurer e colaboradores (2017), em clubes da União das Associações Europeias de Futebol, os atletas chegam a ter 28 lesões a cada mil horas de exposição em jogos, enquanto na América do Sul e na Ásia o número pode chegar a até 43 e 22 lesões por mil horas de jogo, respectivamente.

A prática de esporte por atletas jovens se tornou a principal causa de lesões musculoesqueléticas nessa população, em aproximadamente 75% (Abernethy; Bleakley, 2007; Darrow Et Al., 2009; Emery, 2003; Kaeding; Léger-St-Jean; Magnussen, 2017). A lesão do LCA é uma das lesões ligamentares do joelho mais comuns, daí a reconstrução deste ser uma das cirurgias mais frequentemente realizadas (Ritchie; Parker, 1996; Frobell et al., 2010), sendo este o ligamento mais estudado do corpo humano (Frobell et al., 2010). No esporte, as lesões do sistema musculoesquelético apresentam incidência de 4,0 lesões por mil horas de treino e 13,8 lesões por mil horas de jogo (Hootman et al., 2007). Além disso, as lesões em jovens atletas, representam aproximadamente 40% dos atendimentos médicos de emergência nessa população nos EUA (Darrow et al., 2009).

Cerca de 70% de lesões do LCA ocorrem no esporte, e tem maior incidência em atletas, principalmente jogadores de futebol, ou em indivíduos ativos (Araujo et al., 2018), em atletas jovens (geralmente entre 15 e 25 anos de idade, mas com maior risco entre 10 e 19 anos), em pacientes com hemartrose traumática aguda do joelho, mostrou uma incidência de 60-70% de Lesões do LCA.

Essas lesões interferem no desempenho do atleta na atividade praticada e impactam negativamente na saúde física e mental, pois aumentam a chance de incapacidade física e interrupção precoce da carreira esportiva, uma vez que os atletas lesionados podem apresentar frustração, perda de identidade e distúrbios de sono (Lohmander et al., 2007; Von Rosen et al., 2018),

Lesões intra-articulares do joelho, são patologias que afetam a qualidade de vida daquelas pessoas que sofrem tais lesões (Almeida et al., 2020), dentre elas, o LCA é afetado em mais de 50% das lesões ligamentares (Kaya et al., 2018) e 50% das lesões do joelho (Musahl; Karlsson, 2019). A lesão do LCA, ocorre quando o ligamento é forçado além da sua aptidão elástica, podendo ocorrer uma ruptura parcial ou total. As lesões ligamentares podem classificar-se em grau I, II e III (Pinheiro; Sousa, 2015). Na lesão de grau I existe uma ligeira lesão ligamentar, um estiramento, mantendo-se a estabilidade da articulação. Na lesão de grau II, ocorre uma ruptura parcial das fibras do ligamento, originando um ligamento frouxo. Por último, as lesões de grau III caracterizam-se por uma ruptura total do ligamento, causando assim instabilidade articular (Gould, 1993; Pinheiro; Sousa, 2015). Por outro lado, o mecanismo de lesão mais comum é a rotação do fêmur na tíbia durante um movimento excessivo em valgo (pivô) (Nessler et al., 2017). Da mesma forma, a patomecânica do LCA está associada à hiperextensão do joelho, isoladamente ou em combinação com a rotação interna da tíbia (Hewett et al., 2016).

É consenso na literatura que aproximadamente 70% das lesões do LCA ocorrem por mecanismos de lesão sem contato (Hewett et al., 2006; Sutton e Bullock, 2013), porém a definição de lesão sem contato pode variar de um estudo para outro. Uma lesão sem contato é aquela que ocorre na ausência de contato jogador-a-jogador; uma lesão por contato é o resultado de um golpe direto no joelho.

Delineamento

Trata-se de um estudo exploratório-analítico. Participaram de nossa pesquisa 212 ex-atletas de futsal, sendo 85 com presença de lesão do LCA e 127 sem a presença

de lesão, todos do sexo masculino e de nacionalidade brasileira, espanhola e italiana, e que competiram em ligas nacionais e internacionais; 82,5% dos atletas são de raça branca, 11,0% pardos e 6,5% negros; 77,9% dos atletas são destros. A média geral de idade dos atletas quando pararam de atuar profissionalmente ficou em $39,1 \pm 9,0$ anos; já a média geral da idade de início de treinamento específico para a modalidade de futsal ficou em $9,4 \pm 3,8$ anos.

Protocolo

O protocolo que utilizamos para definição das marcas de individualidade biológica foi a dermatoglia proposta por Cummins e Midlo (1961). Para captura, processamento e análise das marcas, utilizamos o método validados por Nodari Junior e colaboradores (2008; 2014). Utilizado o leitor biométrico digital Watson Mini para a digitalização das impressões. Após a coleta das imagens, identificamos as quantidades de linhas e o tipo de padrão de impressão de todos os dedos de ambas as mãos (Nodari et al., 2014; Alberti et al., 2018). As mãos foram codificadas, respectivamente, como ME e MD; já os dedos das mãos foram identificados com os códigos entre D1 e D5, sendo que D1 identifica o polegar, D2 o dedo indicador, D3 o dedo do meio, D4 o dedo anelar e D5 o dedo mínimo; já SQTLE e SQTLD identificam os somatórios das linhas dos dedos de ambas as mãos; SQTLE identifica o somatório total das linhas e D10 a quantidade de deltas de todos os dedos de ambas as mãos. Os padrões de impressão de arco, alça radial, alça ulnar, verticilo e verticilo desenho S foram identificados, respectivamente, com os códigos A, LR, LU, W e WS (Figura 1).



Figura 1. Demonstrativo da coleta das digitais, denominação dos dedos, marcação dos pontos e contagem da quantidade de linhas dos dedos.

Fonte: Autores (2022).

Resultados

A Figura 2 apresenta os resultados da comparação da idade dos atletas com e sem a presença da lesão de LCA quando pararam de atuar profissionalmente.

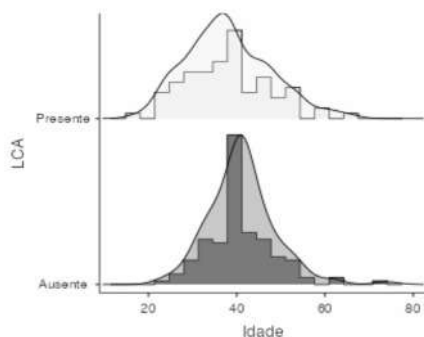


Figura 2a. Densidade.

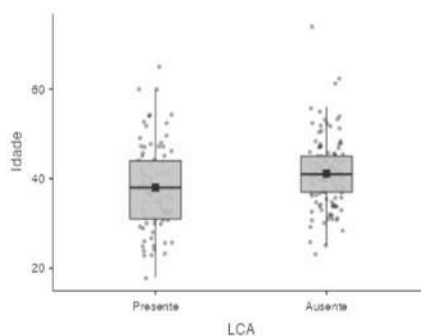


Figura 2b. Distribuição.

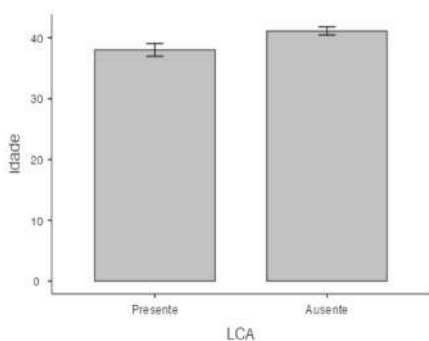


Figura 2c. Média e erro-padrão

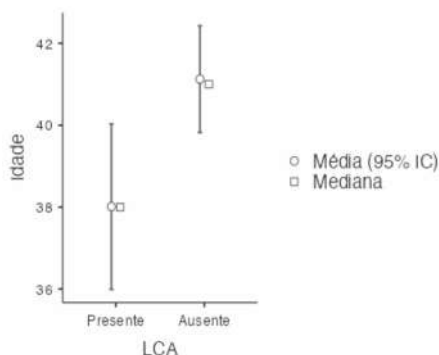


Figura 2d. Média, mediana e IC95%

LCA	Média	Mediana	Desvio-padrão	Erro-padrão	t / p
Ausente	41,1	41,0	7,7	0,67	-2,660
Presente	38,0	38,0	9,5	1,03	0,008

Figura 2. Idade dos atletas com e sem a presença de lesão de LCA.

Fonte: Autores (2022)

Nota: teste t de Student; diferença estatisticamente significativa para $p < 0,05$.

A média da idade dos atletas dos grupos com e sem a presença da lesão de LCA quando pararam de atuar profissionalmente apresentou diferença estatisticamente significativa ($t = -2,660$; $p = 0,008$). As tabelas 1 e 2 e a Figura 2 apresentam, respectivamente, os resultados do teste omnibus da razão de verossimilhanças, os coeficientes do modelo de regressão e as médias marginais das variáveis categóricas modeladas.

Tabela 1. Teste omnibus da razão de verossimilhanças.

Preditor	χ^2	df	p
LCA	1,605	1	0,205
Padrões de impressão	606,254	4	<0,001
Mãos	0,050	1	0,823
LCA x Padrões de impressão	18,188	4	0,001
LCA x Mãos	0,028	1	0,867
Padrões de impressão x Mãos	1,836	4	0,766
LCA x Padrões de impressão x Mãos	6,221	4	0,183

Fonte: Autores (2022).

Nota: Modelagem das variáveis categóricas de presença e ausência de lesão de LCA, padrões de impressão e mãos; regressão Log-linear; diferença estatisticamente significativa para $p < 0,05$.

Tabela 2. Coeficientes do modelo de regressão Log-linear.

Preditor	Estimativas	Erro-padrão	Z	p
Intercepto	3,664	0,160	22,879	<0,001
LCA				
Presente Ausente	0,268	0,213	1,261	0,207
Padrões de impressão				
A WS	-0,445	0,256	-1,736	0,083
LR WS	0,187	0,217	0,861	0,389
LU WS	2,282	0,168	1,357	<0,001
W WS	1,292	0,181	7,148	<0,001
Mãos				
Direita Esquerda	0,050	0,224	0,224	0,823
LCA x Padrões de impressão				
(Presente Ausente) x (A WS)	-1,408	0,459	-3,070	0,002
(Presente Ausente) x (LR v WS)	-1,228	0,349	-3,515	<0,001
(Presente Ausente) x (LU WS)	-0,665	0,228	-2,921	0,003
(Presente Ausente) x (W WS)	-0,713	0,252	-2,835	0,005
LCA x Mãos				
(Presente Ausente) x (Direita Esquerda)	-0,050	0,299	-0,167	0,867
Padrões de impressão x Mãos				
(A WS) x (Direita Esquerda)	-0,091	0,363	-0,250	0,802
(LR WS) x (Direita Esquerda)	0,070	0,300	0,234	0,815
(LU WS) x (Direita Esquerda)	-0,109	0,235	-0,464	0,642

Preditor	Estimativas	Erro-padrão	Z	p
(W WS) x (Direita Esquerda)	0,050	0,252	0,200	0,841
LCA x Padrões de impressão x Mãos				
(Presente Ausente) x (A WS) x (Direita Esquerda)	0,091	0,649	0,140	0,889
(Presente Ausente) x (LR WS) x (Direita Esquerda)	0,777	0,457	1,701	0,089
(Presente Ausente) x (LU WS) x (Direita Esquerda)	-0,083	0,321	-0,259	0,796
(Presente Ausente) x (W WS) x (Direita Esquerda)	0,157	0,350	0,449	0,653

Fonte: Autores (2022).

Nota: Modelagem das variáveis categóricas LCA, padrões de impressão e Mãos; regressão Log-linear; diferença estatisticamente significativa para $p < 0,05$.

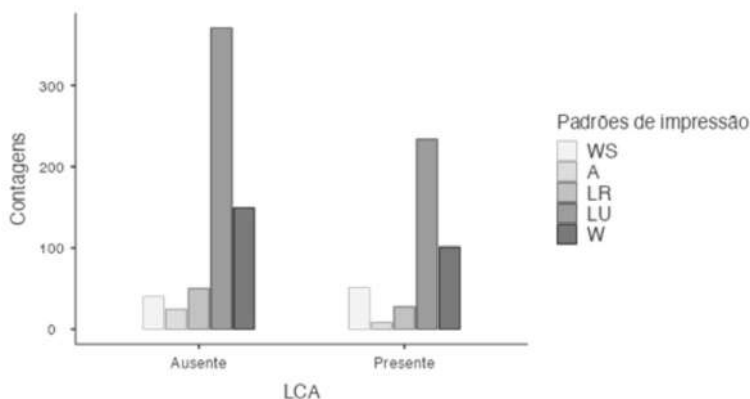


Figura 3. Médias marginais estimadas de presença e ausência de lesão de LCA versus padrões de impressão.

Fonte: Autores (2002).

Nota: Modelagem das variáveis categóricas de presença e ausência de lesão de LCA e padrões de impressão; regressão Log-linear; diferença estatisticamente significativa para $p < 0,05$.

O modelo Log-linear apontou associação entre as variáveis categóricas de presença e ausência de lesão de LCA versus padrões de impressão. A Tabela 3 apresenta os resultados da comparação da quantidade de linhas por dedos e mãos quanto à presença e ausência de lesão de LCA.

Tabela 3. Média da quantidade de linhas por dedos e mãos quanto à presença e ausência de lesão do ligamento cruzado anterior.

Quantidade de linhas	LCA	Média	Desvio-padrão	Erro-padrão	t / p
MESQL1	Presente	13,9	5,5	0,6	-0,914
	Ausente	14,6	5,1	0,46	0,362
MESQL2	Presente	9,1	5,1	0,55	0,094
	Ausente	9,1	5,5	0,49	0,925
MESQL3*	Presente	10,9	4,5	0,49	0,519
	Ausente	10,5	5,5	0,49	0,604
MESQL4	Presente	13,3	4,6	0,50	0,516
	Ausente	12,9	5,5	0,49	0,607
MESQL5	Presente	12,3	4,5	0,49	1,650
	Ausente	11,3	4,7	0,42	0,101
MDSQL1	Presente	15,9	5,2	0,56	0,442
	Ausente	16,4	4,5	0,40	0,659
MDSQL2	Presente	9,9	5,4	0,59	-0,796
	Ausente	8,9	5,9	0,52	0,427
MDSQL3	Presente	10,7	4,6	0,49	1,161
	Ausente	10,5	5,0	0,45	0,247
MDSQL4*	Presente	13,2	4,6	0,50	0,199
	Ausente	12,5	5,5	0,49	0,843
MDSQL5	Presente	12,2	4,8	0,52	0,943
	Ausente	11,9	4,7	0,42	0,347
SQTLE	Presente	59,5	18,5	2,00	0,455
	Ausente	58,3	20,1	1,79	0,650

Quantidade de linhas	LCA	Média	Desvio-padrão	Erro-padrão	t / p
SQTLD	Presente	61,8	18,9	2,05	0,553
	Ausente	60,3	19,9	1,77	0,581
SQTL	Presente	121,3	35,9	3,90	0,515
	Ausente	118,6	38,8	3,45	0,607
D10	Presente	13,4	3,2	0,35	1,694
	Ausente	12,6	3,5	0,31	0,092

Fonte: Autores (2022).

Nota: teste t de Student; diferença estatisticamente significativa para $p < 0,05$. * O teste de Levene é significativo ($p < 0,05$), sugerindo a violação do pressuposto da homogeneidade de variâncias

As médias das quantidades de linhas não apresentaram diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$) para os grupos com e sem a presença da lesão. A Tabela 4 apresenta os resultados da associação entre os padrões de impressão por mãos quanto à presença e ausência de lesão do ligamento cruzado anterior.

Tabela 4. Associação entre os padrões de impressão por mãos quanto à presença e ausência de lesão do ligamento cruzado anterior.

Mãos	LCA	Padrões de impressão					χ^2 p
		A	LR	LU	W	WS	
Esquerda	Presente	8	18	257	91	51	15,072 0,005
		24,2%	27,7%	40,2%	39,1%	56,7%	
	Ausente	25	47	382	142	39	
		75,8%	72,3%	59,8%	60,9%	43,3%	
Direita	Presente	8	42	212	112	51	18,015 0,001
		25,0%	44,2%	37,1%	41,6%	55,4%	
	Ausente	24	53	360	157	41	
		75,0%	55,8%	62,9%	58,4%	44,6%	
Global	Presente	16	60	469	203	102	27,125 < 0,001
		24,6%	37,5%	38,8%	40,4%	56,0%	
	Ausente	49	100	742	299	80	
		75,4%	62,5%	61,2%	59,6%	44,0%	

Fonte: Autores (2022).

Nota: arco: A, alça radial: LR, alça ulnar: LU, verticilo: W, verticilo desenho S: WS; teste do Qui-quadrado; diferença estatisticamente significativa para $p < 0,05$.

Ocorreu associação estatisticamente significativa do padrão de impressão tanto para a mão esquerda ($\chi^2 = 15,072$; $df = 4$; $p = 0,005$) quanto para a direita ($\chi^2 = 18,015$; $df = 4$; $p = 0,001$); houve associação também entre análise global das mãos e padrão de impressão ($\chi^2 = 27,125$; $df = 4$; $p < 0,001$). O padrão de impressão alça radial da mão esquerda, o padrão de impressão alça ulnar da mão direita e o padrão de impressão radial de forma global de análise das mãos apresentaram associação para ausência de lesão; já o padrão de impressão verticilo desenho S (WS) apresentou associação para presença de lesão de LCA nas três comparações realizadas (mão direita, mão esquerda, forma global de análise das mãos). A Tabela 5 apresenta os resultados da associação entre os padrões de impressão por dedos quanto à presença e ausência de lesão do ligamento cruzado anterior.

Tabela 5. Associação entre os padrões de impressão por dedos quanto à presença e ausência de lesão do ligamento cruzado anterior.

Dedos	LCA	Padrões de impressão					p
		A	LR	LU	W	WS	
MED1	Presente	2 (33,3%)	3 (42,9%)	40 (38,1%)	18 (35,3%)	22 (51,2%)	2,994
	Ausente	4 (66,7%)	4 (57,1%)	65 (61,9%)	33 (64,7%)	21 (48,8%)	0,559
MED2	Presente	4 (30,8%)	11 (26,8%)	33 (41,3)	24 (40,7%)	13 (68,4%)	9,875
	Ausente	9 (69,2%)	30 (73,2%)	47 (58,8%)	35 (59,3)	6 (31,6%)	0,043
MED3	Presente	2 (22,2%)	1 (9,1%)	63 (41,7%)	14 (43,8%)	5 (55,6%)	6,839
	Ausente	7 (77,8%)	10 (90,9%)	88 (58,3%)	18 (56,3%)	4 (44,4%)	0,145
MED4	Presente	0 (0,0%)	1 (50,0%)	49 (38,9%)	28 (40,6%)	7 (63,6%)	5,380
	Ausente	4 (100,0%)	1 (50,0%)	77 (61,1%)	41 (59,4%)	4 (36,4%)	0,250
MED5	Presente	0 (0,0%)	2 (50,0%)	72 (40,7%)	7 (31,6%)	4 (50,0%)	1,812
	Ausente	1 (100,0%)	2 (50,0%)	105 (59,3%)	15 (68,2%)	4 (50,0%)	0,770

Dedos	LCA	Padrões de impressão					p
		A	LR	LU	W	WS	
MDD1	Presente	2 (66,7%)	2 (66,7%)	31 (32,3%)	30 (43,5%)	20 (48,8%)	5,814
	Ausente	1 (33,3%)	1 (33,3%)	65 (66,7%)	39 (56,5%)	21 (51,2%)	0,213
MDD2	Presente	2 (13,3%)	27 (45,0%)	23 (32,9%)	23 (46,9%)	10 (55,6%)	9,347
	Ausente	13 (86,7%)	33 (55,0%)	47 (67,1%)	26 (53,1%)	8 (44,4%)	0,053
MDD3	Presente	3 (30,0%)	4 (33,3%)	60 (39,2%)	12 (41,4%)	6 (75,0%)	4,780
	Ausente	7 (70,0%)	8 (66,7%)	93 (60,8%)	17 (58,6%)	2 (25,0%)	0,311
MDD4	Presente	1 (25,0%)	4 (40,0%)	33 (31,1%)	40 (44,9%)	7 (46,9%)	2,494
	Ausente	3 (71,0%)	6 (60,0%)	61 (64,9%)	49 (55,1%)	8 (53,3%)	0,646
MDD5	Presente	*	5 (50,0%)	65 (40,9%)	7 (21,2%)	8 (80,0%)	11,978
	Ausente	*	5 (50,0%)	94 (59,1%)	26 (78,8%)	2 (20,0%)	0,007

Fonte: Autores (2022).

Nota: arco: A, alça radial: LR, alça ulnar: LU, verticilo: W, verticilo desenho S: WS; teste do Qui-quadrado; diferença estatisticamente significativa para $p < 0,05$. * nenhuma contagem registrada neste dedo para o padrão arco ($df = 3$).

Ocorreu associação estatisticamente significativa do padrão de impressão de verticilo desenho S (WS) do dedo indicador da mão esquerda (MED2 | $\chi^2 = 9,875$; $df = 4$; $p = 0,043$) no grupo com presença de lesão de LCA. Houve associação também para o padrão de impressão de verticilo (W) e de verticilo desenho S (WS) para o dedo mínimo da mão direita (MED5) ($\chi^2 = 11,978$; $df = 3$; $p = 0,007$). O grupo com presença de lesão LCA apresentou maior quantidade de padrões de impressão de verticilo desenho S (WS); já o grupo sem presença de lesão apresentou maior quantidade de padrões de impressão verticilo (W). A Tabela 6 apresenta o padrão de impressão verticilo desenho S (WS) e o diagnóstico final para presença e ausência de lesão do ligamento cruzado anterior.

Tabela 6. Associação entre o padrão de impressão verticilo desenho S (WS) e o diagnóstico final para presença e ausência de lesão do ligamento cruzado anterior.

Padrão de impressão WS	Diagnóstico final de LCA		Total
	Presente	Ausente	
Presente	102	80	182
Ausente*	748	1.190	1.938
Total	850	1.270	2.120

Fonte: Autores (2022).

Nota: * Demais padrões de impressão (A, LR, LU, W).

A sensibilidade (taxa de verdadeiros positivos = $a/(a+c)$) ficou em 0,120. Indica a capacidade de a presença do padrão de impressão WS detectar corretamente os atletas de futsal com a presença de lesão de LCA (doença/condição). A especificidade (taxa de verdadeiros negativos = $d/(b+d)$) ficou em 0,937. Indica a capacidade de a ausência do padrão de impressão WS excluir corretamente os atletas de futsal sem a presença de lesão de LCA (doença/condição). A Figura 4 apresenta o Gráfico de Corte entre os coeficientes de especificidade e sensibilidade.

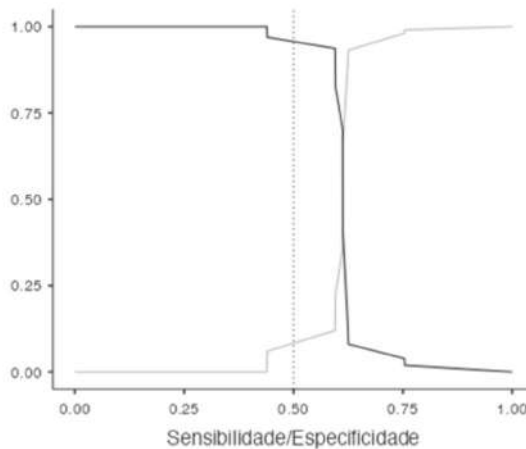


Figura 4. Gráfico de Corte.

Fonte: Autores (2022).

A acurácia $((a+d)/(a+b+c+d))$ ficou em 0,609. Avalia a proporção de todos os testes corretos de presença de padrão de impressão WS versus presença de lesão de LCA e de ausência de padrão de impressão WS versus ausência de lesão de LCA (verdadeiros positivos e verdadeiros negativos), sobre todos os resultados obtidos. O valor preditivo positivo $(VPP = a/(a+b))$ ficou em 0,560. Indica qual a probabilidade de um atleta de futsal com teste positivo realmente tenha a condição de lesão de LCA; já o valor preditivo negativo $(VPN = d/(c+d))$ ficou em 0,614. Indica qual a probabilidade de um atleta de futsal com teste negativo realmente não tenha a condição. A razão de verossimilhança para teste positivo (*likelihood ratio* | sensibilidade/ $(1-(d/(b+d)))$) ficou em 1,905. Indica qual é a probabilidade de se encontrar um teste positivo em um atleta com a condição de lesão de LCA, comparado a um atleta sem a condição de lesão de LCA. A chance para o diagnóstico final de LCA estar presente quando o padrão de impressão WS é detectado (102/80) ficou em 1,275; já a chance de ausência de LCA quando diagnosticado o padrão de impressão WS (748/1.190) ficou em 0,629. A razão de chance (OR) para detecção de presença de diagnóstico final de LCA, em comparação com a ausência (1,275/0,629), ficou em 2,028 (IC95% = (1,493; 2,756)). Uma vez que o IC95% do OR não abrange o valor 1, isso implica que a detecção do padrão de impressão WS em um atleta de futsal com achados de exame clínico sugestivos de presença para o diagnóstico final de LCA é aproximadamente de 1,5 a 2,8 vezes mais provável de indicar a presença de lesão do que quando não é detectado.

DISCUSSÃO

Dividimos esta seção em três subtítulos: i) Diagnóstico por dermatoglia, tempo de carreira e idade de aposentadoria do atleta; ii) Quantidade de linhas definidas por dermatoglia; iii) Padrões de impressão. Em todos esses subtítulos apresentamos uma descrição concisa e precisa dos resultados experimentais que foram encontrados, as interpretações que efetuamos sobre esses resultados, bem como as conclusões experimentais que extraímos dos achados que encontramos.

Diagnóstico por dermatoglia, tempo de carreira e idade de aposentadoria do atleta

Diagnósticos clínicos realizados com base na dermatoglia podem representar um robusto instrumento para a observação prévia de doenças geneticamente predispostas. Estudos genéticos podem fornecer um método adicional de predição, auxiliando na prevenção de possíveis problemas relacionados à saúde (Kahn et al., 2009; Nodari Junior; Fin, 2016; Fin et al., 2022). Todo organismo é único, e possui um traço epigenético, herdado e gerado no desenvolvimento do feto no útero (Yohannes, 2015). A definição dos padrões de impressão está intrinsecamente relacionada ao funcionamento do sistema nervoso central; as marcas definidas nesse período de desenvolvimento podem ser utilizadas como método simples e prático para prognóstico de condições de saúde (King et al., 2009). Marcas de individualidade biológica podem permitir a descoberta de potenciais inatos do indivíduo (Nodari Junior et al., 2008). Combinações de variantes genéticas e marcas

de individualidade biológica, apontadas por diagnóstico dermatoglífico, podem ser utilizadas para avaliar o risco de lesão de LCA. Nossa pesquisa foi delineada para identificar marcas dermatoglíficas (linhas e padrões de impressão) que poderiam estar relacionadas ao diagnóstico de lesão de LCA.

A maioria das modalidades esportivas apresentam tempo de atuação do atleta relativamente curto (Agresta et al., 2008). A transição de carreira se refere ao momento em que o atleta se prepara para deixar de realizar treinamentos e de participar de competições. O término da carreira esportiva produz efeitos que repercutirão no estilo de vida pessoal do ex-atleta (Rocha et al., 2020). Há uma necessidade de o ex-atleta se adaptar a nova condição de vida. Passará assumir diferentes papéis que não necessariamente se relacionam à atividade que realizava no passado (Mello; Rubio, 2017). Conforme a modalidade esportiva que o atleta pratica, sua carreira esportiva pode durar entre 15 e 25 anos (Wylleman; Rosier, 2016). O término da carreira esportiva ocorre em média aos $35,7 \pm 3,83$ anos (AGRESTA et al., 2008). A média da idade encontrada em nosso estudo foi superior, ficam em $41,1 \pm 7,7$ anos para o grupo com presença de LCA e $38,0 \pm 9,5$ anos para o grupo sem a presença de LCA.

Quantidade de linhas definidas por dermatoglia

Em relação à quantidade de linhas, a comparação efetuada entre os grupos com e sem lesão de LCA, em nosso estudo não encontramos diferenças estatisticamente significativas. Esse achado é análogo à quantidade de linhas encontradas por impressões digitais em mulheres com câncer de mama (Fin et al., 2022). A média da quantidade total de linhas (SQTL) não apresentou diferença estatisticamente significativa ($t = 0,515$; $p = 0,581$) entre o grupo com presença de lesão de LCA ($121,3 \pm 35,9$ linhas totais) e o grupo com ausência de lesão ($118,6 \pm 38,8$ linhas totais). Estes resultados são similaridades aos marcadores dermatoglíficos encontrados em atletas de futsal masculino de alto rendimento ($124,6 \pm 40,8$ linhas totais) (Nodari Junior et al., 2022). Os resultados de nossa pesquisa são parecidos ao estudo que analisou as quantidades de linhas de atletas de futsal femininas de alto rendimento ($121,7 \pm 39,2$ linhas totais) (Alberti et al., 2019). Nesses dois estudos a média da quantidade de linhas foi significativamente diferente. Entretanto, os autores compararam a média da quantidade de linhas entre atletas de alto rendimento com pessoas que praticam esse mesmo esporte, mas que não são atletas de alto rendimento.

Outro estudo encontrou média estatisticamente diferente da quantidade de linhas nos dedos MESQL5 e MDSQL4 (Baretta et al., 2015). A média da quantidade de linhas foi maior no grupo denominado “nível de alta aptidão física” quando comparado a média encontrada do grupo “nível de baixa aptidão física”. Um estudo que analisou as marcas de individualidade biológica como mecanismo para o prognóstico de cardiopatias, os autores detectaram que a média da quantidade de linhas no dedo MDSQL5 foi significativamente maior no grupo cardiopatia quando comparada a média encontrada no grupo controle (Stefanes;

Nodari Junior, 2015). Em nosso estudo os resultados não apontaram diferença estatisticamente significativa ($t = 0,943$; $p = 0,347$) entre as médias da quantidade de linhas do grupo com presença de lesão de LCA ($12,2 \pm 4,8$ linhas) e do grupo com ausência de lesão ($11,9 \pm 4,7$ linhas). Os achados de nossa pesquisa são similares aos encontrados em uma pesquisa que analisou a capacidade motora de velocidade de crianças e adolescentes (JESUS et al., 2019).

Padrões de impressão

Quanto aos padrões de impressão, em nossa pesquisa foram detectadas diferenças estatisticamente significativas no dedo indicador da mão esquerda (MED2 | $\chi^2 = 9,875$; $df = 4$; $p = 0,043$) e no dedo mínimo da mão direita (MED5 | $\chi^2 = 11,978$; $df = 3$; $p = 0,007$). Em ambos os dedos (MED2 e MED5) o grupo com presença de lesão apresentou associação estatisticamente significativa na quantidade do padrão de impressão de verticilo desenho S (WS); já o grupo sem a presença de lesão de LCA o padrão de impressão de verticilo (W) apresentou associação no dedo MED5. Considerando as características inatas, identificar marcas nas impressões digitais que se diferenciam entre os grupos investigados pode ser um fator determinante para o prognóstico de lesão de LCA. Em nossa pesquisa a prática regular de treinos, o volume de jogos realizados, viagens efetuadas e vida regrada dos atletas se repete em ambos os grupos avaliados. Isso demonstra que o fenótipo está agindo de forma similar em ambos os grupos. A identificação de algumas marcas específicas do genótipo que se diferenciam de forma significativa eleva a probabilidade de indicação de um atleta de futsal vir sofrer lesão de LCA.

Um estudo encontrou associação estatisticamente significativa do padrão de impressão de presilha ulnar (LU), em todos os dedos de ambas as mãos, entre mulheres com diagnóstico de câncer de mama na comparação com o grupo controle (Baretta et al., 2016), em nossa pesquisa esse padrão apresentou maior prevalência no grupo de atletas sem a presença de lesão de LCA. A diferença de resultados, um dos estudos associando a marca ao grupo com a presença da condição e nosso estudo indicando para a ausência da condição, pode sugerir que há uma condição que não analisamos que potencializou o resultado encontrado. Entretanto, devemos ressaltar que a mostra do outro estudo contemplou apenas mulheres, fato que pode justificar o porquê da diferença de associação encontrada.

O estudo que analisou a capacidade motora de velocidade entre crianças e adolescente encontrou associação estatisticamente significativa do padrão de impressão de presilha radial (LR) nos dedos da mão esquerda MED1 e MED5, e nos dedos da mão direita MDD1, MDD3 e MDD5 (JESUS et al., 2019). Em nossa pesquisa esse padrão de impressão não apresentou associação entre os grupos analisados.

CONCLUSÃO

Nosso estudo teve como objetivo determinar se atletas de futsal apresentam marcas de individualidade biológica que podem ser utilizadas para identificar risco de lesão de LCA. Foram encontradas marcas de individualidade biológica significativamente diferentes entre os grupos. Nossos achados sugerem que há diferentes marcas de individualidade biológica observadas em atletas de futsal com a presença de lesão de LCA que estão associadas a tipos exclusivos de padrões de impressão e em dedos específicos.

As marcas de individualidade biológica apresentadas pela dermatoglia podem auxiliar no prognóstico da lesão de LCA de atletas de futsal. Entretanto, há a necessidade de analisar níveis diferentes de desempenho e que envolvam comparações intersexuais de diferentes grupos étnicos para determinar quais são as características distinguíveis das marcas de individualidade biológica nos diferentes grupos analisados.

REFERÊNCIAS

- ABERNETHY, L.; BLEAKLEY, C. Strategies to prevent injury in adolescent sport: a systematic review. *British journal of sports medicine*, v. 41, n. 10, p. 627-638, 2007. DOI: 10.1136/bjsm.2007.035691
- AGEL, J.; ROCKWOOD, T.; KLOSSNER, D.; COLLEGIATE, A.C.L. Injury Rates Across 15 Sports: National Collegiate Athletic Association Injury Surveillance System Data Update (2004-2005 Through 2012-2013). *Clin J Sport Med*. v. 26, n. 6, p.518-523. 2016. DOI: 10.1097/JSM.0000000000000290
- AHMAD, C.S.; CLARK, M.; HEILMANN, N.; SCHOEB, S.; GARDNER, T.R.; LEVINE, W.N. Effect of Gender and Maturity on Quadriceps-to-Hamstring Strength Ratio and Anterior Cruciate Ligament Laxity. *The American Journal of Sports Medicine*. v. 34, n. 3, p. 370-375. 2006. DOI: 10.1177/0363546505280426
- ALENTORN-GELI E.; MYER, G.D.; SILVERS, H.J.; SAMITIER, G.; ROMERO, D.; LÁZARO- HARO, C.; Cugat, R. Prevention of non-contact anterior cruciate ligament injuries in soccer players. Part 1: Mechanisms of injury and underlying risk factors. *Knee Surgery. Sport Traumatol Arthrosc*. v. 17, n. 7, p. 705-29. 2009. DOI: 10.1007/s00167-009-0813-1
- ALFERMANN, D. *Career transition and concomitant changes in athletes*. In: Proceedings of the 11th World Congress of Sport Psychology; Austrália. Sidney: International Society of Sport Psychology, 2005.
- ALMEIDA, A. K.; DE LA ROSA SANTANA, J. D.; SANTIESTEBAN, L. L. E.; PEÑA, A. M. F.; LABRADA, G. D. La articulación de la rodilla: lesión del ligamento cruzado anterior. *Rev Cient 2 Dic*, v. 3, n. 1, p. 1-6. 2020.
- ALMEIDA, C.A.; JAHNECKA. L. As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação. *Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais*, v, 3, n, 1, p.178-198. 2020.

ALMEIDA, C.S. de; PISANI, M.S.; JAHNECKA, L. De apostas, promessas e sonhos: alguns projetos interrompidos e facilitados de futebolistas não-célebres, *Espaço Plural*, n, 29, p. 170-192. 2013.

ÁLVAREZ, D.; GÓMEZ, D.; PACHANO CONTRERAS, D. Actualización Bibliográfica del Mecanismo de Lesión sin Contacto del LCA. *Revista de la Asociación Argentina de Traumatología del Deporte*, v. 25, n. 1, p. 50-58. 2018.

ARAÚJO, G. C.; ABREU, M. B.; SANDES, M. T. S.; BORGES, M. R.; SILVA, M. M. The effectiveness of electrochemistry in Acute treatment in football players. *Revista de Ciências Humanas*, Paripiranga, v. 1, n. 2, p. 47-53. 2018.

BALDAÇO, F.; CADÓ, V.; SOUZA, J.; MOTA, C.; LEMOS, J. Análise do treinamento proprioceptivo no equilíbrio de atletas de futsal feminino. *Revista Fisioterapia em Movimento*. v. 23, n. 2, p. 183-192. 2010. I: 10.1590/S0103-51502010000200002

BARETTA, E.; PIZZI, S.; FIN, G.; FIEDLER, M. M.; NODARI JUNIOR, R. J. *Impressões digitais como marcadores genéticos de aptidão cardiorrespiratória*. In: Anais do XXI Seminário de Iniciação Científica. E, VIII Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão. E, VI Mostra universitária, 2015, Videira. Pesquisa e Inovação: inserção social e científica na comunidade regional. Joaçaba: Unoesc, 2015. v. 1. p. 297-297.

BARETTA, E.; SARTORI, G.; FIN, G.; NODARI JUNIOR, R. J. *Marcas Dermatoglíficas em mulheres com câncer de mama*. 2016. *Congresso Internacional De Atividade Física, Nutrição E Saúde*, (1). Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/CIAFIS/article/view/2856>

BJORDAL, J.M.; ARNLY, F.; HANNESTAD, B.; STRAND, T. Epidemiology of anterior cruciate ligament injuries in soccer. *Am J Sports Med*, v.25, n.3, p. 341-345. 1997.

BRANDÃO, M.R.F. *O lado mental do futebol*. In: Barros Neto TL, Guerra I, editores. *Ciência do futebol*. Barueri: Manole, 2004. p.203-220.

BRANDÃO, M.R.F.; WINTERSTEIN, P.; AGRESTA, M.; PINHEIRO, C.; AKEL, M.C.; MARTINI, L. Career transitions of former brazilian top level athletes. In: Papaioannou A, Goudas M, Theodorakis Y. In the dawn of the new millennium. *Programme and Proceedings of the 10th World Congress of Sport Psychology*, Skiathos, Greece. Thessaloniki: Christodoulidi, 2001;1-2.

BRASIL. Aposentadoria: sancionada fórmula 85/95 para aposentadoria por tempo de contribuição. Recuperado em: <http://www.previdencia.gov.br/2015/11/aposentadoria-sancionada-formula-8595-de-aposentadoria/>. 2015

BRITO, D. C. O.; ORDÓÑEZ, S. F. R.; BRITO, P. R. F. Tratamiento funcional de la lesión de ligamento cruzado anterior de la rodilla: una revisión. *La Ciencia al Servicio de la Salud*, v. 10, n. 2, p. 51-59. 2019. DOI: 10.47244/cssn.Vol10.Iss2.326

BRUNORO, J. C. *Futebol 100% Profissional*. 15ª ed. São Paulo: Gente, 2017. 254 p.

- CARTER, T. “Re-Placing Sport Migrants: Moving beyond the Institutional Structures Informing International Sport Migration”. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 48, n. 1, p. 66–82, 2011.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO, CBFS. (2015). *O esporte da bola pesada que virou paixão*. Texto recuperado em 19 out. 2018: [Http://www.cbfs.com.br/2015/futsal/origem/index.html](http://www.cbfs.com.br/2015/futsal/origem/index.html)
- COSTA, A.D.J.B.; GONÇALVES, M.P.; BATISTA, R.P.R.; JÚNIOR, J.R.A.N. A motivação está associada às experiências esportivas de jovens praticantes de futsal? *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, Brasília, v.9, nº 3, 2019.
- CRUZ-FERREIRA, A.; MARUJO, A.; FOLGADO, H.; FILHO, P.G.; FERNANDES, J. Programas de exercício na prevenção de lesões em jogadores de futebol: uma revisão sistemática. *Rev Bras Med Esporte*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 236-241, 2015.
- CUMMINS, H.E.; MIDLO, C.H. *Finger Prints, Palms and Soles an Introduction To Dermatoglyphics*. Dover Publications, inc. New York, 1961.p.333.
- DA SILVA, R.S; FERREIRA, A.L.G.; VERONESE, L.M.; DRIUSSO, P.; SERRÃO, F.V. Relação entre hiperpronação subtalar e lesões do ligamento cruzado anterior do joelho: revisão de literatura. *Fisioter Mov*, v.25, n.3, p.679-88. 2012.
- DAMO, A.S. “The training of football players”. *Vibrant-Virtual Brazilian Anthropology*, v.6, n.2, 2009.
- DAMO, A. *Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França* (Tese de Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, BRASIL, 2005.
- DARBY, P. “Moving Players, Transversing Perspectives: Global Value Chains, Production Networks and Ghanaian Football Labour Migration”. *Geoforum*, v.50, p.43–53, 2013.
- DARROW, C. J.; COLLINS, C.G.; QUINTAL, E.E.; COMSTOCK, R.A. Epidemiology of severe injuries among United States high school athletes: 2005-2007. *The American journal of sports medicine*, v. 37, n. 9, p. 1798-1805, 2009.
- DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E. *Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho*. In: Dejours, C., Aduchei, E. & Jayet, C. (Org.). *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo, 2011: Atlas, 119-145.
- DORTA, H. S. A atuação da hidroterapia na lesão do ligamento cruzado anterior (LCA). *Brazilian Journal of Health*, v. 2, n. 3, p. 151-156. 2011.
- EMERY, C. A. Risk factors for injury in child and adolescent sport: a systematic review of the literature. *Clinical Journal of Sport Medicine*, v. 13, n. 4, p. 256-268, 2003.

FALLER, L., TESTON, E., & MARCON, S. A velhice na percepção de idosos de diferentes nacionalidades. *Texto & Contexto – Enfermagem*, v. 24, n. 1, p. 128-137. 2015

FERRETTI, A.; PAPANDREA, P.; CONTEDEUCA, F.; MARIANI, P.P. Knee ligament injuries in volleyball players. *Am J Sports Med*, v. 20, n. 2, p. 203–207. 1992.

FIFA. *Laws of the Game*. Zurich: Fédération Internationale de Football Association (FIFA). 2020. 232 p.

FIFA. *Futsal LOTG 2010/2011*, Disponível em: http://www.fifa.com/mm/document/affederation/generic/51/44/50/spielregelnfutsal_2010_11_e.pdf, 2016.

FIN, G.; JESUS, J. A.; BENETTI, M.; NODARI JÚNIOR, R. J. La práctica de actividad física en mujeres con cáncer de mama: asociación entre factores motivacionales y características dermatoglíficas. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, v. 22, n. 1, p. 176-189. 2022. DOI: 10.6018/cpd.444431

FIN, W.; SOARES, B; BONA, C. C.; VILASBOAS, R.; MATZENBACHER, F. Potencia aeróbia em atletas de futsal de diferentes níveis competitivos. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v. 12, n. 49, p. 339-45. 2020.

FREITAS, V. H.; MILOSKI, B.; BARA FILHO, M. G. Quantificação da carga de treinamento através do método percepção subjetiva do esforço da sessão e desempenho no futsal. *Rev. bras. cineantropom. Desempenho hum.*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 73-82, 2012.

FORRIOL, F.; MAESTRO, A. Y.; VAQUERO, M. J. El ligamento cruzado anterior: metodología y función. *Trauma Fundación MAPFRE*, v.19, n. 1, p.7-18. 2008.

FROBELL, R.B.; ROOS, E.M.; ROOS, H.P.; RANSTAM, J.; LOHMANDER, L.S. A randomized trial of treatment for acute anterior cruciate ligament tears. *N English J Med*, v. 363, n. 4, p. 331-42. 2010.

GOMES, A. C.; SILVA, S. G. *Preparação física no futebol: características da carga de treinamento*. In: Silva, F. M. (org.). *Treinamento desportivo: aplicações e implicações*. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2002.

GOTTLIEB, G.; WAHLSTEN, D.; LICKLITER, R. The Significance of Biology for Human Development: A Developmental Psychobiological Systems View. *In book: Handbook of Child Psychology*. June 2007. DOI: 10.1002/9780470147658.chps0105

GOULD, J.A. *Fisioterapia na Ortopedia e na medicina do Esporte*. São Paulo: Manole, 1993. p. 293-322.

GOZZI, R. #006 – *Articulação do Joelho*. 2016. Disponível em: <anatomiafacil.com.br/006-articulacao-do-joelho/>. Acesso em 22 maio 2019.

HAN, H.S.; SEONG, S.C.; LEE, S.; LEE, M.C. Anterior Cruciate Ligament Reconstruction. *Clinical Orthopaedics and Related Research*, v.466, n. 1, p. 198-204. 2008.

HEWETT, T. E.; MYER, G. D.; FORD, K. R.; PATERNO, M. V.; Y QUATMAN, C. E. Mechanisms, prediction, and prevention of ACL injuries: Cut risk with three sharpened and validated tools. *J Orthop Res*, v.34, n. 11, p. 1843–1855. 2016. DOI: 10.1002/jor.23414.

HEWETT, T.E.; MYER, G.D.; FORD, K.R. Anterior Cruciate Ligament Injuries in Female Athletes. Part 1, Mechanisms and Risk Factors. *The American Journal of Sports Medicine*. v. 34, n. 2, p. 299-311. 2006.

HOOTMAN, J. M.; DICK, R.; AGEL, J. Epidemiology of collegiate injuries for 15 sports: summary and recommendations for injury prevention initiatives. *Journal of athletic training*, v. 42, n. 2, p. 311, 2007.

JESUS, J. A. J.; ZANONI, E. M.; SILVA, H. L.; BARETTA, E.; SOUZA, R.; ALBERTI, A.; FIN, G.; NODARI JÚNIOR, R. J. Dermatoglyphics and its relationship with the speed motor capacity in children and adolescents. *International Journal of Development Research*, v.09, n.03, p. 26430-26434. 2019.

JUSTINUS, L. *Inspirasi dan Spirit Futsal*. Raih Asa Sukses. 2011.

KAEDING, C. C.; LÉGER-ST-JEAN, B. Y; MAGNUSSEN, R. A. Epidemiology and diagnosis of anterior cruciate ligament injuries. *Clin Sports Med.*, v. 36, n. 1, p. 1–8. 2017.

KAHN, H. S., GRAFF, M., STEIN, A. D., & LUMEY, L. H. (2009). A fingerprint marker from early gestation associated with diabetes in middle age: the Dutch Hunger Winter Families Study. *International Journal of epidemiology*, v. 38, n. 1, p. 101- 109. 2009. DOI: 10.1093/ije/dyn158

KAPANDJI, A. *Fisiologia articular*. Madrid: Médica Panamericana. 2010: 98-132. (6a ed.) (2010).

KAYA, D.; CALIK, M.; CALLAGHAN, M. J.; YOSMAOGLU, B.; DORAL, M. N. Proprioception After Knee Injury, Surgery and Rehabilitation. En: Kaya, Defne. Proprioception in Ortho-paedics, Sports Medicine and Rehabilitation. *Springer, Cham*, p. 123-142. 2018. DOI: 10.1007/978-3-319-66640-2_10

KING, S.; MANCINI-MARÏE, A.; BRUNET, A.; WALKER, E.; MEANEY, M.J.; LAPLANTE, D.P. Prenatal maternal stress from a natural disaster predicts dermatoglyphic asymmetry in humans. *Dev Psychopathol*, v. 21, n. 2, p. 343-353, 2009. DOI: 10.1017/S0954579409000364

KJAER, M.; PETER MAGNUSSON E MICHAEL KROGSGAARD. *Compêndio de medicina desportiva. Ciência básica e aspectos clínicos da lesão desportiva e da actividade física*. Instituto Piaget, 2003.

KUNRATH, C. A.; CARDOSO, F.; NAKAMURA, F. Y.; TEOLDO, I. Mental fatigue as a conditioner of the tactical and physical response in soccer players: A pilot study. *Human Movement*, v.19, n. 3, p. 16-22. 2018.

KUNZE, A.; SCHLOSSER, M. W.; BRANCHER, E. A. Análise das técnicas de goleiro mais utilizadas durante os jogos de Futsal masculino. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo, v. 8, n. 30. p. 228-234. 2016.

KUSUMA, M. N. H., SYAFEI, M., & RILASTIYO, D. The Effect of Nutritional Status, Level of Physical Activity and Hemoglobins on Physical Endurance. *JUARA. Jurnal Olahraga*, v. 4, n. 2, p. 186–195. 2019.

LIZZI, L.; SILVA, G.L.; EBERHARD, K.; SARTORI, M.R.; BAGNARA, I.C. Exercícios de contração isométrica para recuperação Pós-operatório do ligamento cruzado anterior. *EFDeportes.com, Revista Digital*, Buenos Aires, v. 16, n.160. 2011.

LOHMANDER, L.S.; ENGLUND, P.M.; DAHL, L.L.; ROOS, E.M. The longterm consequence of anterior cruciate ligament and meniscus injuries: Osteoarthritis. *American Journal of Sports Medicine*. v.35, p.1756–69. 2007. DOI: 10.1177/0363546507307396

MARYAMI, D. Perfil Kondisi Fisik Pemain Putih Abu-Abu Futsal Universitas Negeri Yogyakarta (PAF UNY) Menuju Women Pro Futsal League Tahun 2016. *Journal Student*, UNY. 2017.

MATOS, F. O.; SAMULSKI, D. M.; LIMA, J. R. P.; PRADO, L. S. Cargas elevadas de treinamento alteram funções cognitivas em jogadores de futebol. *Rev Bras Med Esporte*, São Paulo, v. 20, n. 5, p. 388-392, 2014.

MELLO, G.F.; RUBIO, K. Mulheres atletas olímpicas brasileiras: início e final de carreira por modalidade esportiva. *R. Bras. Ci. e Mov*, v. 25, n. 4, p. 104-116. 2017. DOI: 10.31501/rbcm.v25i4.7672

MELO FILHO, A. *Nova Lei Pelé: avanços e impactos*. Rio de Janeiro: Maquinária, 2011, p. 49.

MENDES, J.; MASSI, G.; WILLIG, M.; ZIESEMER, N.; SILVA, A.; CARVALHO, T. Representações sociais da velhice e do cuidado enunciadas por acadêmicos de fonoaudiologia e de enfermagem. *Distúrbios da Comunicação*, v. 30, n. 2, p. 402-410. 2018.

MEURER, M.C.; SILVA, M.F.; BARONI, B.M. Strategies for injury prevention in Brazilian football: Perceptions of physiotherapists and practices of premier league teams. *Phys Ther Sport*, v.28, p.1-8. 2017.

MIGUEL, R.G.A. Atleta: definição, classificação e deveres. *Revista eletrônica [do] Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região*, Curitiba, PR, v. 3, n. 29, p. 51-61. 2014.

MUSAHL, V. Y.; KARLSSON, J. Anterior cruciate ligament tear. *N Engl J Med.*, v. 380, n. 24, p. 2341–2348. 2019. DOI: 10.1056/NEJMcp1805931

NESSLER, T.; DENNEY, L.; Y SAMPLEY, J. ACL injury prevention: what does research tell us? *Curr Rev Musculoskelet Med.*, v.10, n. 3, p. 281-288. 2017. DOI: 10.1007/s12178-017-9416-5

NETO, J.S.N.; ANDRADE, C.; GIRÃO, P.I.F.; GUIMARÃES, D.F.; BEZERRA, A.K.T.G.; GIRÃO, M.V.D. Análises das faltas e lesões desportivas em atletas de futebol por meio de recursos audiovisuais de domínio público. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo. v.12. n.47. p.31-38. 2020.

NODARI-JUNIOR, R.; FIN, G. *Dermatoglyphic: Fingerprints as a marker gene and embryo development*. Sallus Dermatoglifia, 2015.

NODARI JUNIOR, R.J. HEBERLE, A.; FERREIRA-EMYGDIO, R.; IRANY-KNACKFUSS, M. Impressões Digitais para Diagnóstico em Saúde: validação de Protótipo de Escaneamento Informatizado. *Rev de Salud Púb*, v. 10, n. 5, p. 767-776, 2008.

NODARI JUNIOR R. J.; HEBERLE, A.; FERREIRA-EMYGDIO, R.; IRANY KNACKFUSS, M. Dermatoglyphics: Correlation between software and traditional method in kineanthropometric application. *Rev Andal Med Deporte*, v. 7, n. 2, p. 60-65. 2014.

NODARI JUNIOR, R. J.; Fin, G. *Dermatoglifia: impressões digitais como marca genética e de desenvolvimento fetal*. Joaçaba: Ed. Unoesc, 2016. 84 p.

NODARI JUNIOR, R. J., ALBERTI, A., GOMES DE SOUZA VALE, R., PINHEIRO, C. J. B., MARTINELLI COMIM, C., FIN, G., DANTAS, E. H. M., SOARES, B. H., SOUZA, R. Características dermatoglíficas de jogadores de futsal de alto desempenho. *RBFF – Revista Brasileira De Futsal E Futebol*, v. 14, n. 57, p. 130-136. 2022.

PAÍNA, D. M.; FECHIO, J. J.; PECCIN, M. S.; PADOVANI, R. C. Avaliação da qualidade de vida, estresse, ansiedade e coping de jogadores de futebol de campo da categoria sub-20. *Contextos Clínic*, São Leopoldo, v. 11, n. 1, p. 97-105. 2018.

PEREIRA, G. A.; ITABORAHY, M. Q.; GRAVINA DE FARIA, J.; CARNEIRO DE MORAES, B. E., DOS REIS, F. M.; ALVAREZ SARAIVA, M. D. F.; DUTRA FRANCO, L. A perspectiva do mercado de trabalho ante à inserção do idoso: um estudo sobre os mecanismos de manutenção da vida laboral prolongada. *Revista Vianna Sapiens*, v. 12, n.1, p. 1- 29. 20121.

PESTANA, E. R.; NAVARRO, A.C.; SANTOS, Í. J. L. M.; CUNHA, M. L. A.; ARAÚJO, M. L. GOMES DE CARVALHO, W. R. Análise dos gols e tendência com a equipe campeã em um campeonato de Futsal regional do Brasil. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo, v. 9, n. 34, p. 327-332. 2017.

PINHEIRO, A; SOUSA, C. V. Lesão do Ligamento Cruzado Anterior: Apresentação Clínica, Diagnóstico e Tratamento. Lisboa: Revista Portuguesa de Ortopedia e Traumatologia. *Portuguese Journal of Orthopaedics and Traumatolog*, v. 23, n.4, p. 320-329. 2015.

RIAL, C. “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v.14, n.30, p. 21-65, 2008.

RIBEIRO, C. V. A. *Ministério Público – Reflexões Sobre Princípios e Funções Institucionais*. Editora Atlas. 2010.

RIGO, L.C; DA SILVA, D.V.; RIAL, C.S.M. “Formação de jogadores em clubes de uma cidade do interior: circulação, escolarização e inserção no futebol profissional”. *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 263-274. 2018.

RITCHIE, J.R.; PARKER, R.D. Graft selection in anterior cruciate ligament revision surgery. *Clin Orthop*, v. 325, p.65–77. 1996.

ROCHA, H. P. A. D.; MIRANDA, I.S.; SILVA, A.L.C.; COS, F.R. A dupla carreira esportiva no Brasil: Um panorama na agenda das políticas públicas. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, v. 7, n. 2, p. 52-59, 2020. DOI: 10.22456/1982-8918.109456

ROXBURGH, A. “The technician futsal,” Newsletter for coaches UEFA, Supply 4, p. 1-12. 2008.

RUBIO, K. Rendimento esportivo ou rendimento humano?: O que busca a da psicologia do esporte?. *Psicol. Am. Lat.*, México, n.1, fev. 2004.

SANTOS, G. P.; ASSUNÇÃO, V. H. S.; MARTINEZ, P. F.; CHRISTOFOLETTI, G.; OLIVEIRA JÚNIOR, S. A. Incidência de lesões desportivas e supratreinamento no futebol. *Revista ConScientia e Saúde*, v. 13, n. 2, p. 203-210. 2014. DOI: 10.5585/ConsSaude.v13n2.4735

SILVA, C.R; BERNARTT, M.L.; PASSOS, A.A.; PELOSO, F.C. Para uma definição do envelhecimento no mundo contemporâneo: do percurso histórico a formação da rede global cidades e comunidades amigáveis à pessoa idosa (OMS). *Cadernos Zygmunt Bauman*, v. 11, n. 25, p. 1-21. 2021.

SPIESZNY, M.; ZUBIK, M. Modification of Strength Training Programs in Handball Players and its Influence on Power During the Competitive Period. *Journal of Human Kinetics*, v. 63, p. 149-160, 2018.

STEFANES, V. S.; JUNIOR, R. J. N. impressão digital como marca Genética no prognóstico de Cardiopatias. *Unoesc & Ciência – ACBS Joaçaba*, v. 6, n. 2, p. 203-208, 2015

SUHARTOYO, T.; BUDI, D.; KUSUMA, M.; SYAFEI, M.; LISTIANDI, A.; HIDAYAT, R. Identifikasi Kebugaran Jasmani Siswa SMP Di Daerah Dataran Tinggi Kabupaten Banyumas. *Physical Activity Journal*, v. 1, n. 1, p. 8–17. 2019.

SUTTON, K.M.; BULLOCK, J. M. Anterior Cruciate Ligament Rupture: Differences between Males and Females. *Journal of the American Academy of Orthopaedic Surgeons*, v. 21, n.1, p. 41- 50. 2013.

TEMPONI, E. F.; CARVALHO JÚNIOR, L.H.; COTTET, B.S.; CHAMBA, P. Lesão parcial do ligamento cruzado anterior: diagnóstico e tratamento. *Rev. Brás. Ortop*, Belo Horizonte, v.50, n.1, p. 9-15. 2015.

VON ROSEN, P.; KOTTORP, A.; FRIDÉN, C.; FROHM, A.; HEIJNE, A. Young, talented and injured: Injury perceptions, experiences and consequences in adolescent elite athletes. *European journal of sport science*, v, 18, n. 5. p. 731-740, 2018.

WAGNER, H.; FINKENZELLER, T.; WÜRTH, S.; VONDU VILLARD, S. P. Individual and Team Performance in Team-Handball: A Review. *J Sports Sci Med*. v. 13, n. 4, p. 808-816, 2014.

WYLLEMAN, P. A developmental and holistic perspective on transitioning out of elite sport. *Associação Americana de Psicologia*. v. 1, p. 201 – 216. 2019.

WYLLEMAN, P.; ROSIER, N.; DE KNOP, P. *Career transitions*. In: Schinke, R.; Macgannon, K.; Smith, B. (Ed.). *Routledge international handbook of sport psychology*. 1. ed. London: Routledge, 2016. p.111-118.

YOHANNES S. Dermatoglyphic meta-analysis indicates early epigenetic outcomes & possible implications on genomic zygosity in type-2 diabetes. *F1000Research*. v. 5, p. 1-15. 2015. DOI: 10.12688/f1000research.6923.



FUTEBOL 3 TEMPOS EM UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO EM PORTO ALEGRE, BRASIL

*Marcel Bica de Souza¹
Alberto Reinaldo Reppold Filho²*

RESUMO

Este estudo tem como objetivo descrever a visão de jovens sobre a participação no Futebol 3 Tempos (F3T), uma tecnologia social usada em projetos esportivos para pessoas em situação de vulnerabilidade. O objetivo do F3T é promover o desenvolvimento pessoal e social dos participantes. O estudo foi exploratório-descritivo e utilizou uma abordagem qualitativa. Participaram do estudo seis jovens (três do sexo feminino e três do masculino), com idades entre 13 e 17 anos, que frequentam um projeto esportivo social na cidade de Porto Alegre, na região sul do Brasil. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, que abordaram os seguintes aspectos: a) compreensão dos objetivos; b) motivos para participação; c) efeitos na vida diária; d) dificuldades na participação; e) aprimoramento da metodologia. O material das entrevistas foi submetido à análise de conteúdo. Os resultados mostraram que os participantes compreendem os objetivos do F3T de promover desenvolvimento pessoal e social. Sobre os motivos para a participação, foram apontados: prática do futebol, diálogo e comunicação em grupo; resolução de conflitos de forma pacífica; colaboração e respeito aos outros; e inclusão de gênero. Em relação aos efeitos na vida diária, os participantes mencionaram a ajuda em questões comportamentais, como respeito ao próximo e solidariedade. As dificuldades na participação estão relacionadas principalmente à inclusão de gênero. Com relação ao aprimoramento da metodologia, os participantes destacaram a necessidade de tornar o primeiro e o terceiro tempos mais dinâmicos e de pensar em novas regras e possibilidades para que o desenvolvimento dos três tempos do jogo promovesse de fato a participação de todos.

Palavras-chave: esporte, futebol, futebol 3 tempos, projeto social.

FÚTBOL 3 TIEMPOS EN UN PROYECTO SOCIAL DE DEPORTE EN PORTO ALEGRE, BRASIL

RESUMEN

Este estudio pretende describir las percepciones de los jóvenes sobre su participación en Fútbol 3 Tiempos (F3T), una tecnología social utilizada en proyectos deportivos para personas en situación de vulnerabilidad. El objetivo del F3T es el desarrollo personal y social. El estudio fue exploratorio-descriptivo y utilizó un enfoque cualitativo. Participaron en el estudio seis jóvenes (tres de sexo femenino y tres de sexo masculino), con edades entre los 13 y los 17 años, que asisten a un proyecto deportivo social en la ciudad de Porto Alegre, en la región sur de Brasil. Los datos se recogieron mediante entrevistas semiestruturadas, que abordaron los siguientes aspectos: a) comprensión de los objetivos; b) razones para participar; c) efectos

¹ Serviço Social da Indústria do Rio Grande do Sul.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

en la vida cotidiana; d) dificultades para participar; e) mejoras en la metodología. El material de las entrevistas se sometió a un análisis de contenido. Los resultados mostraron que los participantes comprenden los objetivos del F3T de promover el desarrollo personal y social. Las razones para participar fueron: jugar al fútbol, el diálogo y la comunicación en grupo; la resolución pacífica de conflictos; la colaboración y el respeto a los demás; y la inclusión de género. En cuanto a los efectos en sus vidas, los participantes mencionaron la ayuda en cuestiones de comportamiento, como el respeto a los demás y la solidaridad. Las dificultades en la participación están relacionadas sobre todo con la inclusión de género. En cuanto a la mejora de la metodología, los participantes destacaron la necesidad de dinamizar el primer y tercer tiempos y de pensar en nuevas reglas y posibilidades para que el desarrollo de los tres periodos del juego promoviera realmente la participación de todos.

Palabras clave: deporte, fútbol, fútbol 3 tiempos, proyecto social.

FOOTBALL3 IN A SOCIAL SPORTS PROJECT IN PORTO ALEGRE, BRAZIL

ABSTRACT

This study aims to describe young people's views on participating in Football3 (F3), a social technology used in sports projects for people in vulnerable situations. The aim of F3 is to promote personal and social development. The study was exploratory-descriptive and used a qualitative approach. Six young people took part in the study (three females and three males), aged between 13 and 17, who attend a social sports project in the city of Porto Alegre, in the southern region of Brazil. The data was collected through semi-structured interviews, which covered the following aspects: a) understanding of the objectives; b) reasons for taking part; c) effects on daily life; d) difficulties in taking part; e) improvements in the methodology. The material from the interviews was subjected to content analysis. The results showed that the participants understand the objectives of F3 to promote their personal and social development. The reasons for taking part were: practicing football, dialogue and communication in a group; resolving conflicts peacefully; collaboration and respect for others; and gender inclusion. Regarding the effects on their lives, the participants mentioned help with behavioral issues, such as respect for others and solidarity. Difficulties in participation are mainly related to gender inclusion. With regard to improving the methodology, the participants highlighted the need to make the first and third periods more dynamic and to think of new rules and possibilities so that the development of the three periods of the game really promoted everyone's participation.

Keywords: sport, football, football3, social project.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a segunda metade dos anos de 1980 marcou as preocupações com políticas sociais voltadas a crianças e jovens em situação de vulnerabilidade (Farah, 2007)³. Nas décadas que se seguiram, houve um aumento de programas, projetos e ações sociais para atender às necessidades deste público, inclusive na área do esporte, auxiliando no combate à exclusão social.

A Constituição Federal, aprovada em 1988, reconheceu o esporte com um direito do cidadão e um dever do Estado (Brasil, 1988). Neste cenário, o esporte conquistou espaço, sendo considerado um importante instrumento para o desenvolvimento pessoal e social de crianças e jovens, que além de promover benefícios físicos, contribui para a sociabilização (Sanches; Rubio, 2011).

³ Sobre a desigualdade no Brasil, ver: Campello, T. et al. (2018). Faces da desigualdade no Brasil: um olhar sobre os que ficam para trás. *Saúde debate*, 42, 3 (especial), 54-66.

O termo “esporte educacional” adquiriu um conteúdo próprio, diferenciando-se do esporte de alto rendimento e do esporte de lazer, no vocabulário técnico da política pública, compondo leis e documentos oficiais. O esporte educacional passou, assim, a ser tratado como um tipo específico de intervenção pedagógica, que contribui para os processos de transformação social (González et al., 2014; Hiramã; Montagner, 2012).

Nos anos de 1990, ganharam força os projetos sociais de esporte desenvolvidos por entidades públicas e organizações não-governamentais voltados à promoção da cidadania (Ministério do Esporte, 2004; Instituto Ayrton Senna, 2004; Murad, 2007; Thomassim; Stigger, 2009). Estes projetos vêm, desde então, se multiplicando (Melo, 2008; Mello; Ferreira Neto; Votre, 2009). Embora não excluam a identificação e desenvolvimento de talentos esportivos, os projetos sociais de esporte têm o propósito contribuir para a inclusão social (Oliveira, 2009; 2016). Segundo Long (2002), o esporte é utilizado nos projetos sociais como instrumento para o enfrentamento de problemas sociais, relacionando-se com aspectos ligados à educação, redução da criminalidade, promoção da saúde e desenvolvimento pessoal.

O crescimento dos projetos sociais ensejou o desenvolvimento de tecnologias sociais voltadas a atender de maneira qualificada ao público que deles participa. O conceito de tecnologia social surgiu no âmbito das organizações do terceiro setor e é, na atualidade, empregado também no âmbito das organizações governamentais.

Considera-se tecnologia social “todo produto, método, processo ou técnica criado para solucionar algum tipo de problema social e que seja simples, de baixo custo, de fácil aplicabilidade e de impacto comprovado” (Instituto de Tecnologia Social, 2007). Este conceito remete à propostas inovadoras para a melhoria das condições de vida das populações carentes, tendo com premissa a participação ativa destas populações na solução dos problemas que lhes afligem (Dagnino, 2014).

Neste estudo, descrevemos a visão de jovens sobre o Futebol 3 Tempos, uma tecnologia social usada em projetos esportivos para pessoas em situação de vulnerabilidade, na cidade de Porto Alegre, na Região Sul do Brasil.

Futebol 3 Tempos

Desde suas origens nos anos de 1990, em Medellín, na Colômbia, o Futebol 3 Tempos (também conhecido como *Fútbol 3 Tiempos*, *Futebol3* e *Football3*) tem-se desenvolvido ao redor do mundo, podendo ser definido como uma tecnologia social que aborda uma variedade de tópicos, como saúde, educação, igualdade de gênero e cultura de paz, na busca de transformações sociais que contam com a participação das comunidades em que acontecem.

O Futebol 3 Tempos emprega o futebol, esporte com grande apelo popular junto às comunidades mais carentes, como uma ferramenta para o desenvolvimento pessoal e social de crianças e jovens. O objetivo é propiciar um espaço para aprendizagens, principalmente de valores (solidariedade e justiça, entre outros) e de competências relacionais (reconhecimento do outro, respeito às diferenças, convívio em grupo e resolução de conflitos).

A criação do Futebol 3 Tempos está ligada a um trágico acontecimento na Colômbia, logo após a Copa do Mundo de Futebol de 1994, realizada nos Estados Unidos da América, e que marcou a história do futebol mundial. A seleção colombiana foi eliminada ainda na primeira fase da competição, ao perder para a seleção do país sede, com a marcação de um gol contra do jogador Andrés Escobar. Após a eliminação, quando do regresso da seleção colombiana ao seu país, Escobar foi assassinado durante uma discussão com torcedores, em decorrência deste fato (Streetfootballworld, 2016).

O Futebol 3 Tempos procura empoderar jovens para que tenham responsabilidade por suas ações e tratem outras pessoas de maneira justa. Os participantes são estimulados a valorizar a comunicação e o respeito mútuo, dentro e fora do campo, incorporando lições-chave para vida (Streetfootballworld, 2016).

O Futebol 3 Tempos desenvolve-se em três etapas designadas: pré-jogo, jogo e pós-jogo (Associação Cristã de Moços RS, 2019). O tempo de jogo depende das características (por exemplo, idade) e interesses dos participantes. As equipes são mistas (meninas e meninos jogam juntos). As dimensões do campo de jogo variam de acordo com o número de participantes (normalmente de 5 a 11 jogadores por equipe) e as características do local (rua, parque, campo de futebol, quadra esportiva).

No primeiro tempo, os participantes se reúnem para discutir e acordar as regras e os valores a serem trabalhados no jogo (por exemplo, *fair play*, respeito pelos outros). Regras especiais são estabelecidas para tratar de questões consideradas relevantes pelo grupo (por exemplo, regras para inclusão de gênero). Neste momento inicial, os participantes organizam-se por equipes e estabelecem como será feita a pontuação que definirá a equipe vencedora. A discussão é facilitada por um mediador com treinamento para atuar no Futebol 3 Tempos (um professor ou um jovem da comunidade). O mediador utiliza um formulário de jogo para registrar as regras e valores acordados entre as duas equipes.

No segundo tempo, ocorre o jogo propriamente dito. Esse é o momento em que os participantes colocam os acordos em prática. Não há árbitro. Os jogadores são responsáveis pelo andamento do jogo e por respeitar as regras e valores acordados. Os desacordos devem ser resolvidos pelo diálogo. O mediador intervém somente se as equipes não chegarem a uma decisão consensual.

No terceiro tempo, os participantes se reúnem para analisar e discutir os acontecidos do jogo. É o momento em que os jogadores refletem sobre o seu comportamento em campo e sobre o comportamento dos adversários. As equipes podem premiar os adversários com pontos de *fair play*, baseando-se em sua conduta na partida. A equipe vencedora é definida com base nos gols marcados e nos pontos recebidos por respeitar os acordos feitos no pré-jogo.

O diferencial do Futebol 3 Tempos em relação ao futebol “convencional” (que segue as regras oficiais do futebol) é que as condutas dos jogadores, ao longo dos três tempos, definem o vencedor da partida. Assim, o respeito às regras e aos valores definidos no pré-jogo valem tanto ou mais que os próprios gols. Por essas características, o Futebol 3 Tempos se propõe a ser uma atividade acessível a todos,

com uma metodologia que favoreça a participação nas decisões, empoderando os participantes para atuarem na resolução de conflitos.⁴

Os projetos sociais esportivos que utilizam o Futebol 3 Tempos como uma tecnologia social estão vinculados à rede chamada *Streetfootballworld* (SFW), instituição internacional fundada em Berlim, na Alemanha, em 2002, cuja visão de futuro é de um mundo em que os direitos de todas as pessoas sejam respeitados. Um de seus principais objetivos é fortalecer e facilitar uma rede composta por mais de 100 organizações sociais em cerca de 60 países espalhados por todos os continentes (*Streetfootballworld*, 2016). A rede global SFW é impulsionada pela crença de que o futebol pode ser uma ferramenta eficaz para transformar nossas sociedades.⁵

Lócus da Pesquisa

O estudo foi desenvolvido na ACM Morro Santana, uma das três unidades da Área de Desenvolvimento Social da Associação Cristão de Moços do Rio Grande do Sul (ACM-RS). O projeto social da ACM-RS, nesta região de Porto Alegre, atende crianças e jovens das comunidades da Vila Tijuca, Vila Laranjeiras, Pedreira, Vila Estrutural e Residencial Nova Chocolate, que vivem expostos a diversas vulnerabilidades sociais.

O público é atendido no turno inverso ao da escola. As atividades são acompanhadas por uma equipe multidisciplinar composta por profissionais de educação física, pedagogia, artes, informática, nutrição e serviço social. O atendimento ocorre de segunda a sexta-feira, contemplando crianças e jovens de 6 a 17 anos, nos turnos da manhã e da tarde. As oficinas de Futebol 3 Tempos acontecem duas vezes por semana, com duração de 1 hora cada. As turmas são divididas de acordo com a faixa etária: 6 a 8 anos, 9 a 11 anos, 12 a 14 anos e 15 a 17 anos. Atualmente, são atendidas cerca de 180 famílias.

O bairro Morro Santana tem área de 5,745 km² e população de 19.338 habitantes, sendo sua densidade demográfica de 3.366,05 habitantes por km². A taxa de analfabetismo é de 2,04%. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio apontou que 37,4% das famílias têm como pessoa de referência uma mulher (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010).

Anualmente, o Serviço Social da ACM Morro Santana realiza uma pesquisa sobre o perfil socioeconômico do público atendido, que possibilita compreender a realidade das famílias e da comunidade do entorno (Associação Cristã de Moços

⁴ Para mais sobre o Futebol 3 Tempos, ver: Gannett, K. R. (2014). Football with three 'halves': A qualitative exploratory study of the football3 model at the Football for Hope Festival 2010. *Sport Development*, 2, 3, 47-59.

⁵ Vários estudos têm sido realizados sobre o futebol como ferramenta social: Trejo, S. M. (2013). Football experiences to combat social exclusion and a World Cup: what kind of social capital beyond the tournament? Documento de trabajo División de Administración Pública, CIDE, 287, 1-42. Trejo, S. M. (2014). O uso do futebol social como ferramenta internacional. *Ciência e Cultura*, 66, 2, 31-34. Wilpert, R. A. (2005). *O futebol como agente de inclusão e interação social: um estudo de caso sobre as escolinhas de futebol de Florianópolis - SC*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção.

RS, 2018). Em relação ao número de membros, 3,1% das famílias têm até 2 membros; 56,3% têm de 3 a 4; 38,5% têm de 5 a 7; e 2,1% têm acima de 8 membros.

Quanto à renda familiar, 33,3% das famílias têm renda de até um salário mínimo; 47,9% de até dois salários mínimos; 11,5% de até três salários mínimos; 2,1% de até quatro salários mínimos; 2,1% acima de quatro salários mínimos; e 3,1% das não têm nenhuma fonte de renda.

No que diz respeito à situação da habitação, 70,8% das famílias têm casa própria; 15,6% estão em situação de aquisição do imóvel; 4,2% pagam aluguel; e 9,4% residem em moradia cedida. Deste total, 75% das habitações encontram-se em áreas verdes ou de risco.

Os moradores destacaram como pontos positivos do bairro: vizinhos e amigos (20,8%) e acesso a serviços de saúde, educação e assistência social (11,5%). Os pontos negativos foram tráfico e uso de drogas (74%), violência (59,4%), falta de segurança (22,9%), falta de saneamento básico e acúmulo de lixo nas ruas (38,5%) e pobreza e desemprego (14,6%).

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa foi exploratória-descritiva e empregou uma abordagem qualitativa. Para a definição dos participantes do estudo, foram empregados os seguintes critérios: participar do projeto de Futebol 3 Tempos da ACM Morro Santana há pelo menos três anos e ter idade entre 12 e 17 anos. O período de três anos no projeto foi estabelecido de maneira a garantir que os colaboradores tivessem experiência consolidada no Futebol 3 Tempos. A idade foi definida de forma que os participantes compreendessem as perguntas da entrevista, além de maior capacidade de diálogo sobre o tema.

Houve contato prévio com o responsável pelos projetos sociais da ACM-RS a fim de obter autorização para consultar os registros do projeto Futebol 3 Tempos e identificar os potenciais participantes da pesquisa. Dos participantes do projeto, dez atenderam aos critérios estabelecidos. Após esta identificação, foi solicitada autorização para contatar os participantes do projeto para convidá-los a participar da pesquisa. Dos dez jovens identificados, seis aceitaram o convite. Todos os jovens e seus pais ou responsáveis legais, foram esclarecidos sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa e assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando em participar da pesquisa. O quadro 1 apresenta as características dos participantes do estudo. Para proteger a identidade dos mesmos, os seus nomes foram substituídos por nomes fictícios.

Quadro 1. Características dos Participantes do Estudo.

Participante (nome fictício)	Idade (anos)	Etapa Escolar	Tempo de Participação no Futebol 3 Tempos (anos)
Joana	15	Ensino Fundamental (8º ano)	5
Maria	15	Ensino Fundamental (9º ano)	6
Paulo	15	Ensino Médio (1º ano)	6
Márcia	17	Ensino Médio (2º ano)	7
Pedro	13	Ensino Fundamental (8º ano)	5
João	14	Ensino Fundamental (8º ano)	4

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, que abordaram os seguintes aspectos da participação dos jovens no Futebol 3 Tempos: a) compreensão dos objetivos; b) motivos para participação; c) efeitos na vida diária; d) dificuldades na participação; e) aprimoramento da metodologia. A escolha por realizar a entrevista semiestruturada deveu-se ao fato de que essa técnica permite aos entrevistados falarem livremente sobre os temas abordados, não limitando as respostas a alternativas fechadas. No total, foram realizadas seis entrevistas (uma com cada participante). As entrevistas foram realizadas de modo presencial, em dia e horário estabelecidos previamente e em comum acordo com os participantes da pesquisa e com seus pais ou responsáveis legais. As entrevistas foram gravadas, utilizando um gravador de voz digital. Os áudios foram transcritos e o material submetido à técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2004).

Apresentação dos Resultados

a. Compreensão dos objetivos do Futebol 3 Tempos

Os entrevistados apontaram como objetivos do Futebol 3 Tempos: incluir a pessoas; respeitar o próximo; lidar com a diversidade; respeitar regras; agir com base em princípios éticos (fair play, justiça, sinceridade); e utilizar o aprendizado para vida.

Eis alguns trechos das falas a este respeito:

Há muita inclusão... Além de outros princípios também como *fair play* (Joana).

Respeitar os colegas que estão jogando e também o mediador. Aprender que todo mundo tem que saber jogar... Para saber aprender mais, se desenvolver mais (Maria).

A gente aprende a lidar com a diversidade das pessoas. Mas tem outra palavra que é muito do Futebol 3 Tempos, que é inclusão. Tudo que a gente aprende aqui no Futebol 3 Tempos, a gente leva para outras partes da vida (Paulo).

Eu aprendo que o jogo tem que ter umas regras tipo, para deixar o jogo mais justo com os dois times. Uma coisa muito interessante, que a gente aprende a lidar com a diversidade das pessoas (Pedro).

O que faz sentido é... Eu acho que é a ética mesmo. O professor está sempre falando que a ética é mais importante. Sempre falar a verdade (João).

As visões dos jovens acima apresentadas estão em consonância com os objetivos do Futebol 3 Tempos, de promover o desenvolvimento pessoal e social. Este é um dado relevante, uma vez que a falta de compreensão dos objetivos do projeto leva muitas vezes à frustração e ao abandono por parte de jovens que procuram o Futebol 3 Tempos com o propósito de desenvolver habilidades esportivas e jogar futebol. É parte do trabalho dos mediadores esclarecer aos participantes já nos primeiros encontros que, no contexto do Futebol 3 Tempos, o futebol não é um fim, mas uma ferramenta educacional.

b) Motivos para participar do Futebol 3 Tempos

O principal motivo para participar do Futebol 3 Tempos é jogar futebol. Os jovens reconhecem a importância do primeiro e do segundo tempos em sua formação pessoal e social, mas é o segundo tempo, momento em que acontece o jogo, que mais os motiva a participar.

Além deste, são apontados como motivos: aprender a se comunicar em grupo; resolver conflitos sem brigar; aprender a colaborar e a respeitar os outros; e inclusão de gênero.

Ilustramos estas visões nas seguintes falas:

Acho que tem muito da comunicação. É bem importante, em jogo, uma comunicação para não haver brigas, conflitos sem necessidade. Eu não sou muito de brigar, mas quando é para falar, eu falo. E eu gosto de ter voz e poder falar (Joana).

Pra mim os principais motivos para participar são a colaboração, o respeito e a maturidade (Maria).

Essa inclusão que o Futebol 3 Tempos nos traz, para as meninas, acredito que seja o principal motivo (Márcia).

Quando questionados se preferiam o Futebol 3 Tempos ou o futebol “convencional”, e qual o motivo para tal preferência, apenas um participante respondeu que preferia o futebol “convencional”:

Porque o futebol normal (convencional) é mais rápido. A gente pode jogar mais tempo. Eu gosto mais (Pedro).

Os demais participantes, mesmo gostando do futebol “convencional”, preferem o Futebol 3 Tempos, apresentando como motivo que ele proporciona uma maior possibilidade para a inclusão de gênero, como percebemos nos relatos abaixo:

Não gosto de jogar na escola, porque lá os meninos são mais brutos. Eles são bem mais brutos mesmo. Eles sabem que nós queremos jogar, mas somos mais frágeis, mesmo assim chegam forte. Daí, não gosto de jogar assim. Na ACM é diferente, eles respeitam mais. (...) Eu nunca pensei que fosse jogar bola. E ainda mais, jogar com os meninos. Eu não jogava. Se eu jogava, jogava com o meu sobrinho, em casa. Jogava com a minha amiga, com as filhas do meu cunhado. Mas isso me ajudou bastante, o futebol, para mim (Joana).

Eu adoro a prática. Parece que tem algo dentro da prática que faz com que o Futebol 3 Tempos fique mais atrativo. Sabe? Porque na maioria das vezes, as pessoas que jogam, gostam mais do Futebol 3 Tempos, do que propriamente jogar futebol. Eu acho que é por causa desse negócio da inclusão, do aprendizado que temos além do jogo (Paulo).

Eu prefiro jogar o Futebol 3 Tempos aqui na ACM. Na escola, para jogar futebol, eu tinha que discutir com os meus colegas. E as regras eram deles. Eu não tinha voz. E se a gente tinha que discutir com eles só para estar dentro de quadra, imagina para trazer uma nova ideia e um novo conceito de jogo? Eles não aceitariam nunca (Márcia).

c) Efeitos do Futebol 3 Tempos na vida dos participantes

Na visão dos jovens, a participação no projeto Futebol 3 Tempos tem efeitos positivos em suas vidas. Neste sentido, destacam: respeito ao próximo; reconhecimento da igualdade de direitos; respeito às diferenças e à igualdade de gênero; melhora do convívio com a família; aceitação de regras; valorização da sinceridade e da solidariedade; resolução de conflitos através do diálogo; reconhecimento dos próprios erros e tolerância com os erros dos outros; autocontrole; desinibição; e capacidade de liderança, comunicação e escuta.

A seguir, encontram-se trechos das entrevistas que exemplificam alguns dos efeitos acima mencionados:

Eu não falava, era tímida. Eu comecei a me soltar depois, mas era bem tímida. Eu comecei a falar mais abertamente assim, foi pelo futebol (Joana).

Além do fato de se tornar uma pessoa mais extrovertida e comunicativa, Joana destaca o aprendizado do valor de igualdade. Já Maria, jovem que participa do Futebol 3 Tempos desde os 9 anos de idade, refere à inclusão das pessoas.

Porque Futebol 3 Tempos é para todos, igualdade a todos. Eu acho que futebol é bem importante para a nossa vida. Tanto no espaço que tu está jogando, quanto fora. A gente aprende bastante (Joana).

É esse negócio da inclusão. Daí a gente aprende a lidar com as outras pessoas. A gente aprende a incluir. A gente aprende com as outras pessoas. A

gente não gosta de deixar as outras pessoas de fora. A gente acaba não se sentindo bem (Maria).

Para Paulo, o maior benefício é a possibilidade de praticar no seu cotidiano tudo que aprende no Futebol 3 Tempos:

Faz parte da nossa vida, muitas vezes. Porque às vezes tu quer que alguém jogue, tu quer participar desse momento. Tu quer que alguém seja incluso na tua vida, assim. Sabe? Eu acho que é muito fácil de sentir isso. De praticar isso fora da ACM, fora do Futebol 3 Tempos. Vira automático. Vira do cotidiano (Paulo).

Márcia acredita que tenha desenvolvido uma liderança positiva através do Futebol 3 Tempos:

É. Depois que deixei de ser grossa, eu comecei a incentivar sim. Eu vi que eu era uma liderança positiva, que podia fazer aquilo para o bem dos meus colegas e para mim mesma. E aí eu incentivava. Se ia acontecer alguma coisa com uma pessoa muito tímida, eu a incentivava a falar. Tu tem que te expor. Não de uma forma ruim. Mas tem que falar o que sente para que esse jogo realmente tenha sentido. Eu sempre julgava muito as coisas e as pessoas. E sempre avaliava o meu lado e não o dos outros. Os outros que se virem. E eu aprendi que não é assim que funciona. Eu sempre tive uma liderança. Só que antes de começar a jogar o Futebol 3 Tempos, eu usava essa liderança para uma coisa ruim (Márcia).

Márcia referiu também a situações em que aprendeu a desenvolver o autocontrole, a empatia e o respeito com os colegas e com o mediador:

Na verdade, aprendi num primeiro momento a respeitar, a conter minha raiva; porque qualquer palavrão ou desrespeito cometido com um professor (mediador) ou com um colega era descontado. Então, esse foi o principal objetivo que consegui alcançar. Era conter minha raiva do que acontecia no jogo. Ah, e acho que me solidarizar. Porque quando alguém caía, quando alguém entrava em um choque, ou chutava o pé do outro sem querer, o da frente ia lá para ver se a pessoa estava bem. Não pensar só no teu lado. Tipo: eu sentia dor. Mas talvez a pessoa esteja sentindo mais dor do que eu. Eu acho que é a compreensão dos fatos e a solidariedade com as outras pessoas (Márcia).

Além das situações relatadas acima, Márcia destacou a melhora na relação com sua mãe e seus familiares, no momento em que entendeu a importância de escutar as outras pessoas:

E a gente brigava. Porque eu não sabia ouvir ela e ela não sabia me ouvir. E aí eu levei muito disso para casa. E tanto eu quanto ela, a gente conseguiu absorver. Porque era a opinião de todo mundo ali. Que a partir de um certo tempo jogando o Futebol 3 Tempos, tu aprende a dar a palavra para os outros. Tu tem o teu momento de fala e tem o momento que tu tem que escutar o que os outros estão falando (Márcia)

A melhora no relacionamento com os familiares foi relatada também pelo João:

Eu brigava muito. Em casa também, com os meus familiares, agora eu parei (João).

Embora não se possa extrair das falas dos meninos que a participação no Futebol 3 Tempos tenha provocado alguma alteração na forma como eles se relacionam com as meninas em outros espaços fora do projeto, suas falas indicam mudanças de percepção no âmbito específico do jogo.

Eu aprendo que o jogo tem que ter certas regras, tipo: para deixar o jogo mais justo com os dois times. Eu aprendo que não importa se é menino ou menina, pode jogar junto. Porque todo mundo tem as mesmas habilidades. É só desenvolver (Pedro).

Daí eu percebia que não passavam muito a bola para elas. E isso eu acho que foi falta dessa prática. Porque eu sentia falta disso. Entende? Eu sentia falta de as pessoas receberem mais a bola. Essa... essa... como eu posso dizer? Essa inclusão (Paulo).

Eu aprendo a respeitar os outros. Eu também gosto mais de passar para as gurias, que elas não recebem a bola e reclamam. Quando está no meu time eu boto elas em primeiro lugar sempre. Eu passo a bola para elas. Não importa o que aconteça. Se a gente perder ou não (João)

d) Dificuldades enfrentadas na prática do Futebol 3 Tempos

A principal dificuldade enfrentada pelos entrevistados para participação no Futebol 3 Tempos é a inclusão de gênero. Esta dificuldade foi apontada pelas meninas e pelos meninos. Foi também mencionada a dificuldade de incluir colegas (meninos e meninas) considerados por eles com menos habilidade no futebol. Os entrevistados destacaram ainda a dificuldade de, nas etapas iniciais de participação no Futebol 3 Tempos, transferir o que aprenderam para outras situações da vida.

Em relação à inclusão de gênero, existe um descontentamento das meninas com relação ao comportamento dos meninos. Elas não identificam nos mesmos uma vontade genuína de incluí-las no jogo. Suas falas expressam esse sentimento de exclusão, referindo-se à situação da seguinte maneira:

Eu jogo porque eu gosto mesmo. Porque... para eles: ah, é menina. Para eles sempre é assim, sempre foi na base do machismo. Nunca se conscientizaram. A gente não fala para não ter que discutir, coisa assim. Para não ter que entrar em atrito com os gurus. (Joana).

Normalmente eram os meninos que jogavam futebol. Eles escolhiam os times. E o que mais acontecia, é que as meninas ficavam por último para serem escolhidas. Senão, quando uma menina ia jogar, eles a xingavam até ela desistir. Tu não sabe jogar. Poxa, corre. Está no jogo para quê? Para ficar parada? Eram por coisas mínimas, mas que tu percebia que poderia piorar. É isso que eu percebia. (Márcia).

Dificuldades? Eu não me adaptava muito bem com a turma. Sabe? Me desenvolver junto com eles. Porque eles já estavam há mais tempo aqui. Então, eles já sabiam bem mais do que eu. Aí foi isso, sim. Não joga para ela lá. Ela é mulher. Ela vai errar. (Maria).

Paulo, um jovem que participa há 6 anos do Futebol 3 Tempos, reconhece as dificuldades das meninas em participar do jogo, em razão da falta de incentivo dos pais e de oportunidades para aprender e praticar o futebol:

Hoje em dia, as mulheres não são muito valorizadas no futebol. E com isso, não tem muito incentivo dos pais para jogar. Que nem esses dias, eu ouvi uma frase: que os meninos, eles nascem chutando uma bola. Entende? As mulheres não têm esse incentivo, muitas vezes, dos pais, para serem jogadoras. Entendeu? E fica mais difícil de elas conseguirem dominar mais essa área, jogar melhor. Entende? Aí é tudo uma questão de prática. Daí quanto mais prática, melhor elas jogam. Muitas vezes isso aconteceu, por isso que muitas meninas que jogavam com a gente, não jogavam por causa dessa situação. Elas tinham medo, assim, tipo, de ficar e não passavam muito a bola para elas. Porque elas não jogavam tão bem. E eu acho que é isso (Paulo).

Embora ciente dos obstáculos enfrentados pelas meninas, Paulo tem dificuldade em mudar sua atitude. Ele (a exemplo de outros entrevistados) entende que os motivos para a exclusão das meninas são a competição entre os meninos e o desejo que eles têm de vencer. Estes motivos são apontados também para a exclusão de participantes considerados menos habilidosos no futebol.

Eu acho que foi esse negócio da diversidade e da inclusão. Que é difícil, às vezes, porque muitas pessoas não têm certas habilidades de jogar futsal ou futebol. Daí fica difícil a gente, no começo, tentar incluir. Passar mais para ela poder desenvolver. É difícil às vezes. Sabe? Às vezes a gente quer só ganhar. A gente só quer ganhar. Daí, eu acho que essa foi a minha maior dificuldade. Foi ver que as outras pessoas também precisavam jogar. Porque ainda, querendo ou não, a gente é competitivo. A vontade de ganhar, às vezes, é muito maior (Paulo).

Os meninos referem que a superação desta dificuldade exige muitas vezes a intervenção dos mediadores. Assim, a inclusão das meninas parece acontecer mais por uma interferência externa dos mediadores do que por uma disposição interna dos meninos. Abaixo apresentamos um trecho de entrevista sobre o assunto:

As professoras fazem um time e pedem para os gurus passarem a bola. Por isso que a gente sempre tem uma regra: a bola tem que passar por uma guria para fazer o gol. Daí os gurus passam mais a bola por causa dessa regra (Pedro).

No que diz respeito à dificuldade de transferir o que aprendem no Futebol 3 Tempos para outras situações da vida, os entrevistados entendem que isso ocorre nos momentos iniciais da participação no projeto e que com o tempo acontece uma melhora. Márcia, a mais antiga entre os participantes, há 7 anos no projeto, tem a seguinte visão sobre o assunto:

Ah, eu acho que no início todo mundo se comportava dentro da quadra. E aí depois, quando saía se perdia. E aí foi quando começou a ficar um pouco mais rigoroso, digamos assim. Aí se tu não te comportasse em outras aulas, tu não poderia participar do Futebol 3 Tempos. E aí a gente conseguiu ver uma melhora no comportamento das pessoas. Porque era bem difícil. A gente entrava na quadra, participava do Futebol 3 Tempos. E a gente ia para a aula de pedagogia⁶ – que quase ninguém gostava – e aí virava um auê. Tudo que a gente aprendia no Futebol 3 Tempos se perdia em outra sala de aula. E aí eu avalio que demorou, demorou bastante para sair da quadra tudo que a gente aprendia. Mas foi eficaz com o tempo. (Márcia).

e) Aprimoramento na metodologia do Futebol 3 Tempos

Os participantes entendem que são necessários três aprimoramentos na metodologia do Futebol 3 Tempos. O primeiro aprimoramento diz respeito às discussões e acordos sobre as regras e os valores a serem considerados no jogo, que ocorre no primeiro tempo (discussão pré-jogo). Esta parte exige um tempo para que os participantes se posicionem e dialoguem sobre as diferentes visões colocadas no grupo. Alguns entrevistados consideram muito longo este processo. Há também insatisfações com o fato de alguns colegas não participarem deste momento, chegando apenas na hora do jogo. A melhoria proposta é tornar este momento mais rápido e dinâmico e partir logo para o jogo.

Pedro, por exemplo, entende que uma forma de ganhar tempo nas discussões e acordos pré-jogo, é trazer as propostas já prontas de casa. Como um dos pontos principais deste momento inicial é a inclusão das meninas, ele elabora, previamente ao encontro, regras que julga atender aos interesses das meninas.

Eu trouxe a regra das gurias também, aquela que tem que passar uma vez pela guria para poder fazer o gol. Aquela de sair também só com guria. Tudo que eu pensei, tudo que a gente pensou junto ali embaixo é voltado, na maioria das vezes, para as mulheres. Para a gente tentar botar elas mais no jogo (Paulo).

Ainda no que se refere à inclusão das meninas, existem divergências quanto às regras do jogo. Os meninos propõem como regra que os gols marcados pelas meninas tenham valor dobrado (cada gol, vale dois). Há meninas que discordam desta regra. Elas entendem que o valor dos gols deve ser o mesmo para meninas e meninos, pela questão da igualdade de gênero. Para elas, neste tipo de regra, as meninas não são incluídas por suas habilidades no futebol. Outras entendem que os gols marcados pelas meninas devem valer dobrado, para que o meninos passem mais a bola para as meninas e assim elas participem mais ativamente do jogo.

Ah, na verdade, no início era difícil os meninos te escolherem para jogar. E aí, depois de um tempo, eu percebi que não gostava do fato do gol das

⁶ Os participantes da turma de Futebol 3 Tempos, com idades entre 15 e 17 anos, frequentam também atividades de formação educacional, incluindo aulas de pedagogia. Márcia está se referindo à participação nestas aulas.

meninas valerem dois. Que era só por esse motivo que os meninos nos incluíam. Não porque tu tinha habilidade tanto quanto eles ou outros fatores. (Márcia).

O segundo aprimoramento diz respeito à ausência de árbitro. Na visão dos entrevistados, a ausência de árbitro atrapalha o andamento do jogo, uma vez que não há uma pessoa externa que pare o jogo, marque as faltas e advirta os jogadores. Os participantes consideram que alguns colegas se utilizam desta situação para levar vantagem.

Há também necessidade de aprimoramento no processo de elaboração da ata do jogo, que ocorre no terceiro tempo (discussão pós-jogo). Na ata, o mediador registra os acontecimentos do jogo. O documento é elaborado com referência às regras e valores acordados no primeiro tempo (discussão pré-jogo). De acordo com os entrevistados, esse processo é demorado e tedioso e, por falta de interesse, alguns jogadores nem sequer participam. A demora se deve, em parte, à discordância entre os participantes sobre quais eventos devem ser registrados na ata, bem como ao fato de que o registro é o resultado de um processo que requer tempo para diálogo e reflexão por parte dos participantes. Essa necessidade de aprimoramento é exemplificada na fala abaixo:

Porque no terceiro tempo tu se senta e reflete sobre tudo o que aconteceu. Tu pode colocar em ata tudo que ocorreu no jogo... É que uns querem e outros não. E isso se torna demorado e chato para os alunos. (Maria).

Sobre estes aprimoramentos, propostos pelos entrevistados, é necessário considerar que a sua efetivação entraria em conflito com a metodologia do Futebol 3 Tempos. Como já referido, essa metodologia procura criar situações que exijam posicionamento, diálogo e reflexão por parte dos participantes sobre as regras e os valores orientadores do jogo, encontrando soluções para os problemas que emergem em cada encontro. Ao longo dos jogos emergem novas situações-problema, que provocam novas reflexões; ao mesmo tempo que há situações-problema que se repetem, e que exigem reavaliação das soluções propostas pelo grupo. Isso exige que os participantes ajam e reflitam continuamente sobre seus princípios, valores e atitudes tanto em nível individual como coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo evidenciaram que os participantes compreendem os objetivos do F3T de promover o desenvolvimento pessoal e social. Embora os motivos para participar do projeto estejam em consonância com o proposto pelo Futebol 3 Tempos (diálogo e comunicação em grupo, resolução de conflitos de forma pacífica, colaboração e respeito aos outros e inclusão de gênero), jogar futebol é o principal motivo da participação.

Em relação aos efeitos da participação no Futebol 3Tempos na vida diária dos jovens entrevistados, os resultados do estudo indicaram várias contribuições positivas em termos comportamentais como: respeito ao próximo, melhora do relacionamento com a família, desenvolvimento de autocontrole, entre outros.

As dificuldades na participação estão relacionadas principalmente à inclusão de gênero. Os meninos acreditam que têm mais habilidade que as meninas e tendem a criar situações para a exclusão das meninas. O “machismo”, fazendo uso do termo empregado por uma menina, ainda é evidente entre os meninos e o receio de não ganharem uma partida por causa das meninas, faz com que as mesmas sejam deixadas de lado. Nesse sentido, os participantes percebem que os acordos feitos em conjunto não estão sendo cumpridos.

A tentativa de burlar regras ou criar regras que não serão obedecidas é uma evidência que ainda há dificuldades a serem ultrapassadas pelos meninos para que seja realizada a inclusão das meninas no Futebol 3 Tempos. Para a superação desta dificuldade, é importante trabalhar com os participantes a questão das regras e da ausência de árbitro, sendo dos próprios jogadores a responsabilidade para resolver os conflitos que aparecem. Colocando meninos e meninas a jogar juntos, engajados no diálogo, o Futebol 3 Tempos busca transmitir aos jogadores que todos são igualmente importantes, não somente no campo, mas também na vida.

Outra questão a ser levada em conta, é a dificuldade que os participantes têm de aceitarem o erro e lidar com as frustrações. O diálogo, neste caso, é fundamental. Também se mostram importantes as intervenções dos mediadores, instigando e motivando os participantes para que compreendam os objetivos do Futebol 3 Tempos, e não fiquem restritos simplesmente a prática do jogo.

Entretanto, há dificuldades de dialogar em determinadas situações. Isso torna árdua a tarefa dos mediadores, ou seja, há dificuldades para fazer com que todos os passos do Futebol 3 Tempos sejam realizados de forma correta. A este respeito, é fundamental a troca de experiências entre os mediadores, explorando as possibilidades de trabalhar o Futebol 3 Tempos como tecnologia social.

Com relação ao aprimoramento da metodologia, os participantes destacaram a necessidade de tornar o primeiro e o terceiro tempos mais dinâmicos e de pensar em novas regras e possibilidades para que o desenvolvimento dos três tempos do jogo promovesse de fato a participação de todos. Destacaram também a necessidade de repensar a condição do jogo ocorrer sem a presença de árbitro.

A dificuldade em implementar tais aprimoramentos é que eles comprometeriam pontos fundamentais da metodologia do Futebol 3 Tempos. Alguns educandos, por exemplo, se sentem entediados com o primeiro e o terceiro tempos do jogo, no momento de reflexão e avaliação sobre tudo o que ocorreu em quadra. Mas, pelo entendimento da metodologia, este é um passo fundamental para o esclarecimento do que deve ser discutido e como deve ser resolvido. Para melhorar este aspecto e o processo se tornar mais dinâmico, o mediador deve ter habilidades para conduzir e interagir com os participantes, pensando em novas estratégias para que os participantes não se sintam entediados e não se afastem das atividades.

Para concluir, pode-se dizer que, na visão dos jovens entrevistados, a participação no Futebol 3 Tempos lhes trouxe contribuição para o desenvolvimento pessoal e social, embora possa ser melhorado em alguns aspectos.

REFERÊNCIAS

- Associação Cristã de Moços RS. (2018). *Área de Desenvolvimento Social da ACM-RS*. Porto Alegre.
- Associação Cristã de Moços RS. (2019). *Metodologia inovadora introduzida no estado pela ACM-RS*. Porto Alegre.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Brasil. (1988). *Constituição Federal*. Brasília.
- Campello, T. et al. (2018). Faces da desigualdade no Brasil: um olhar sobre os que ficam para trás. *Saúde debate*, 42, 3 (especial), 54-66.
- Dagnino, R. (2014). *Tecnologia social: contribuições conceituais e metodológicas*. Campina Grande: EDUEPB.
- Farah, M. F. (2007). Sete décadas de políticas sociais no Brasil. *Revista do Serviço Público*, 111-122.
- Gannett, K. R. (2014). Football with three ‘halves’: A qualitative exploratory study of the football3 model at the Football for Hope Festival 2010. *Sport Development*, 2, 3, 47-59.
- Gonzáles, F. G.; Darido, S.; Oliveira, A. D. (2014). *Práticas corporais e organização do conhecimento*. Maringá: Eduem, v. 4.
- Hirama, L. F.; Montagner, P. C. (2012) Algo para além de tirar da rua: o ensino do esporte em projeto socioeducativo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 34, 1, 149-164.
- Instituto Ayrton Senna. (2004). *Educação pelo esporte*. São Paulo: Saraiva: Instituto Ayrton Senna.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Pesquisa Nacional por amostra de domicílios – PNAD e Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro.
- Instituto de Tecnologia Social. (2007). *Conhecimento e Cidadania 1. Tecnologia Social*. São Paulo.
- Long, J. (2002). *Count me in: the dimensions of social inclusion through culture & sport*. Leeds, UK: Center for Leisure & Sport Research Leeds Metropolitan University.
- Mello, A. S.; Ferreira Neto, A.; Votre, S. J. (2009). Intervenção da Educação Física em projetos sociais: uma experiência de cidadania e esporte em Vila Velha (ES). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 31, 1, 75-91.
- Sanches, S. M.; Rubio, K. (2011). A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência. *Educação e Pesquisa*, 37, 4, 825-842.
- Ministério do Esporte. (2004). *Projeto Segundo Tempo*. Brasília, DF.
- Murad, M. (2007). *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: FGV.

Oliveira, A. B.; Perim, G. L. (2009). *Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática*. Maringá: Eduem,

Oliveira, A. B. (2016). *Esporte educacional no programa segundo tempo: uma construção coletiva*. Maringá, PR.

Streetfootballworld. *Manual de Futebol3: como utilizar o futebol para mudança social*. 2016.

Thomassim, L. E.; Stigger, M. P. (2009). Super-oferta de projetos sociais esportivos: superando as imagens públicas idealizadas sobre essas ações. In: Seminário Nacional Política & Sociologia. *Anais...* Curitiba: UFPR.

Trejo, S. M. (2013). Football experiences to combat social exclusion and a World Cup: what kind of social capital beyond the tournament?. Documento de trabajo División de Administración Pública, *CIDE*, 287, 1-42.

Trejo, S. M. (2014). O uso do futebol social como ferramenta internacional. *Ciência e Cultura*, 66, 2, 31-34.

Wilpert, R. A. (2005). *O futebol como agente de inclusão e interação social: um estudo de caso sobre as escolinhas de futebol de Florianópolis – SC*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção.

REALIZAÇÃO



APOIO



TRIBUNA DA
ILHA
EDITORA

